

Getulio Bittencourt

À LUZ DO CÉU PROFUNDO

Astrologia e política no Brasil



**À Luz do
Céu Profundo**

Astrologia e política no Brasil

Outros livros de Getulio Bittencourt

A quinta estrela

Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1978

O cardeal do povo – (com Paulo Markun)

Editora Alfa Ômega, São Paulo, 1979

A informação oficial

(Editor) – Secaf-Presidência da República/CEP, Brasília, 1989

Brazil in the euromarket

Gebam/Banco Bamerindus, Nova York, 1993

Edição brasileira: O Brasil no Euromercado,

Banco Bamerindus\Gebam, São Paulo, 1994

O risco Brasil em 1994/1995

Satori Editora/Gebam, São Paulo, 1996

Latin America in the international capital markets

Gabam Editora, Nova York, 1998

Chairman: o novo Brasil e as Multinacionais (no prelo)

O sétimo céu (no prelo)

Outras obras sobre astrologia publicadas pela NOVA ERA:

Astrologia dinâmica: ângulos e aspectos – Paulo Duboc

Astrologia: a evidência científica – Percy Seymour

A luz brilhante do sol – Nezilda Passos

Emissários da Nova Era – Marcelo Baglione

Os doze apóstolos e a astrologia – Jeane Dixon

Astrologia chinesa e os relacionamentos – Theodora Lau

Getulio Bittencourt

À Luz do Céu Profundo

Astrologia e política no Brasil



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bittencourt, Getulio
B5431 À luz do céu profundo: astrologia e política no Brasil /
Getulio Bittencourt. – Rio de Janeiro: Record: Nova
Era, 1998.

ISBN 85-01-05415-1

1. Eleições – Brasil – Aspectos astrológicos. 2.
Astrologia e ciência política. 1. Título.

1376

CDD – 133.583246 98-
CDU – 133.5:324

Copyright © 1998 by Getulio Bittencourt

Direitos desta edição:
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 –Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 585-2000

Impresso no Brasil ISBN 85-01-05415-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



Símbolos

Embora este livro seja ilustrado com horóscopos dos personagens e eventos, *não é necessário qualquer conhecimento do assunto para entender a história*. Quem quiser acompanhar os detalhes dos horóscopos pode referir-se à tabela de símbolos abaixo:

<i>Símbolo</i>	<i>Nome</i>
	Sol
	Lua
	Mercúrio
	Vênus
	Marte
	Júpiter
	Saturno
	Urano
	Netuno
	Plutão
	Nodo Lunar
	Parte da Fortuna
	Áries
	Touro
	Gêmeos
	Câncer
	Leão
	Virgem
	Libra
	Escorpião
	Sagitário
	Capricórnio
	Aquário
	Peixes

Sumário

Capa – Orelha – Contracapa

1

INTRODUÇÃO: UM BANHO DE SANGUE 9

2

TANCREDO: QUEM SABE FAZ A HORA 32

3

SARNEY, O HOMEM QUE VEIO DE LONGE 49

4

COLLOR, O EFEITO DE URANO 79

5

FHC, A COMBINAÇÃO MARTE-JÚPITER 92

6

O MÉTODO COM OS REIS INGLESES 107

7

O MÉTODO COM OS IMPERADORES ROMANOS 143

8

O MÉTODO COM AS ELEIÇÕES ESTRANGEIRAS 158

9

O MÉTODO COM AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS 178

Apêndice

FONTES DOS HORÓSCOPOS 211

INTRODUÇÃO: UM BANHO DE SANGUE

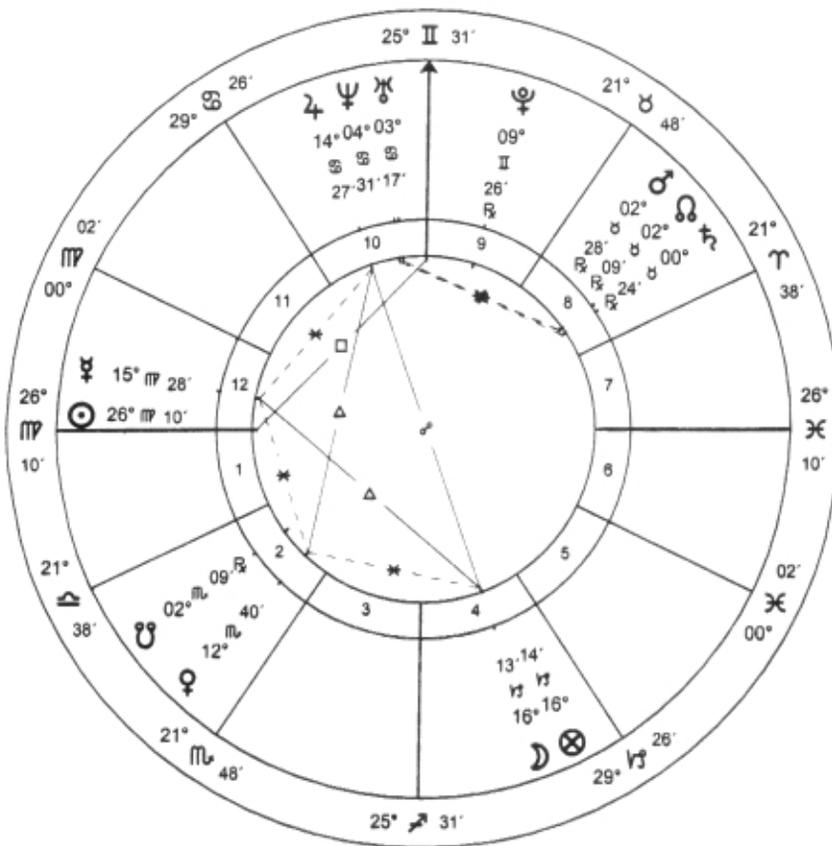
A astrologia nasceu como um assunto para reis e nações. Os registros astronômicos antigos dos acadianos, caldeus, assírios e babilônios na Mesopotâmia interpretam o aparecimento e fases dos planetas no céu em função de eventos que poderiam afetar o reinado e a nação — por exemplo, Marte indicando guerras; e Júpiter, prosperidade. As tábuas mais antigas que sobreviveram datam de cerca de 2300 a.C., na língua acadiana.¹ Mesmo depois que os primeiros horóscopos individuais começaram a surgir, por volta do século IV a.C., a importância da astrologia mundana, que se aplica aos assuntos políticos, continuou inabalada por 500 anos. É somente a partir da segunda metade do século I d.C., com os manuais de Cláudio Ptolomeu, Dorotheus de Sídon e Vettius Valens, que a astrologia natal assume claramente o primeiro plano — embora sem abater o interesse dos imperadores.

A pesquisadora francesa Anne Soprani começa seu livro sobre os reis e a astrologia com o imperador romano Augusto César. Pouco depois de seu nascimento a 22 de setembro de 63 a.C., seu pai biológico, Caio Otávio, consultou o astrólogo Julius Marathus, que lhe previu que a criança seria um imperador.² O horóscopo dado aqui — o primeiro conhecido de um governante — usa as informações do historiador Suetônio em sua *Vida dos dote Césares*, com uma alteração: o nascimento deve ter sido no dia 22, quando a Lua estava em Capricórnio, porque as moedas do tempo do imperador confirmam isso; a data historicamente usada é 23 de setembro, quando a Lua estava em Aquário. Vários imperadores romanos consultaram astrólogos regularmente (veja

¹ Ver Ulla Koch-Westenholz, *Mesopotamian Astrology — An Introduction to Babylonian and Assyrian Celestial Divination*, The Carsten Niebuhr Institute of Near Eastern Studies, Copenhagen, 1995, pág. 19; e Robert Hand, "Historical Introduction", em Hand e Robert Schmidt, *The Astrological Record of the Early Sages in Greece*, The Golden Hind Press, Berkeley Springs, 1995, pág. V.

² Anne Soprani, *Les Rois et leurs Astrologers*, MA Editions, Paris, 1987, pág 12.

tabela I), e pelo menos um deles, Adriano, foi capaz de calcular horóscopos. Alguns deles tinham astrólogos na corte, mas proibiam a prática da astrologia nas ruas. Havia motivos para isso: o costume de astrólogos calcularem a data provável da morte do soberano e sua capacidade de identificar possíveis sucessores. Isto dava aos astrólogos um suposto poder que os imperadores não toleravam.



Augusto César

Carta Natal 1: Roma, 22 de setembro de 63 a.C. (por falta do ano "zero", -62 equivale a 63 a.C.), na aurora (4:58:04 UT)

Augusto ainda não era imperado; e portanto chamava-se Otávio quando consultou com sua mãe o astrólogo Teógenes, na casa deste em Apolônia. Suetônio conta que Teógenes prostrou-se aos pés de Otávio depois de desenhar o horóscopo, e que foi por causa desse encontro que mais tarde, como imperador, Augusto mandou cunhar uma moeda de prata com sua Lua no signo de Capricórnio.³ Seu predecessor Júlio César era antipático ao tema, e exilou o primeiro astrólogo importante nas cortes romanas, o senador e magistrado Publius Nigidius Figulus, autor de vários livros sobre previsões e meteorologia. O nascimento de Augusto (Otávio) coincidiu com o debate do senado romano sobre a conspiração das Catilinárias, e Suetônio conta que Figulus, ao saber a hora do nascimento, previu que a criança seria um imperador.

Como imperador, Augusto consultou astrólogos para escolher o marido de sua filha Júlia quando ela fez dezesseis anos, e a recomendação caiu sobre Marcelo, que para azar dos astrólogos morreu dois anos depois; eles então recomendaram que o imperador convencesse seu amigo Agrippa a divorciar-se para casar com Júlia, e o novo casamento durou onze anos. Mas Augusto expulsou astrólogos e feiticeiros das ruas de Roma logo que assumiu o poder, e teve de fazer o mesmo no ano 12 a.C.

Seu sucessor, Tibério, teve sempre a seu lado um astrólogo e acadêmico, Thrasyllus de Rodes, que é o responsável pela edição das obras de Platão como nos chegaram da antigüidade, e talvez tenha sido o astrólogo mais influente de todos os tempos.⁴ Tácito conta detalhes: Tibério convocou vários astrólogos para testar seus conhecimentos, assistido apenas por um escravo forte. A casa ficava no alto de uma colina elevada, e o escravo conduzia os astrólogos por um caminho sinuoso e periclitante; se Tibério achasse que eram charlatões ou fraudulentos, o escravo os empurrava para a morte no precipício. Thrasyllus foi o único a comentar sobre o perigo contra sua própria vida, e por isso Tiberius o poupou.⁵ O filho de Thrasyllus, Tiberius Claudius Balbillus, e sua neta serviram a vários outros imperadores romanos por décadas.

Thrasyllus participou ativamente das tramas para a sucessão de Tibério, primeiro apoiando Sejano, depois protegendo Nero — e com

³ Gaius Suetonius Tranquillus, *The Twelve Caesars*. Século II. Penguin Books, Londres, 1989, pág. 107.

⁴ Derek e Julia Parker, *A History of Astrology*, Andre Deutsch, Londres, 1983, pág. 56.

⁵ Cornelius Tacitus, *The Annals of Imperial Rome*. Séculos I-II. Penguin Books, Londres, 1996, pág. 210.

isso ajudou a preservar um dos monstros favoritos dos livros de história. O sucessor imediato de Tibério foi Calígula, que repetiria o édito de Augusto César proibindo previsões sobre a morte de imperadores, e no entanto teve sua morte prevista pelo astrólogo egípcio Apolônio. O historiador romano Cássio Dio conta que Calígula trouxe Apolônio a Roma para executá-lo, porém decidiu adiar sua morte por um dia para que ele pudesse ver que a previsão estava errada. O imperador foi assassinado pontualmente na data prevista, 24 de janeiro do ano 41.

Foi a vez de Cláudio subir ao trono, e Balbillus pôde voltar a Roma, porque o novo imperador conhecia seu pai desde criança. Quando Cláudio foi conquistar as ilhas britânicas no ano 43, Balbillus foi com ele, e na volta o imperador concedeu-lhe uma coroa de honra — e o nomeou primeiro sacerdote de Alexandria, além de apontá-lo também reitor da famosa biblioteca da cidade. Se a astrologia ajudava, também incomodava. No ano 52, Cláudio mandou executar Furius Camillus Scribonianus por conspiração, sendo a principal evidência sua posse de uma cópia do horóscopo do imperador. Pouco depois, como tinham feito antes Augusto e Calígula, ele voltou a proibir a prática de astrologia no império romano.

Tabela I

Os Governantes e seus Astrólogos

Exemplos selecionados nos últimos 2.700 anos

<i>Chefe de governa</i>	<i>País</i>	<i>Astrólogo da corte</i>	<i>Período</i>
Esarhaddon	Assíria	Akkullanu/Balasi	século VII a.C.
Assurbanipal	Assíria	Adad-shumusur/Belushezib	século VII a.C.
Hystaspes	Pérsia	El Hakim (Gjamasp)	século VI a.C.
Augusto César	Império Romano	Julius Marathus	século I a.C.
Augusto César	Império Romano	Teógenes	século I a.C.
Tibério	Império Romano	Thrasyllus	século I
Calígula	Império Romano	Balbillus	século I
Cláudio	Império Romano	Balbillus	século I
Nero	Império Romano	Balbillus	século I
Nero	Império Romano	Chaeremon	século I
Oto	Império Romano	Ptolomeu Seleucus	século I
Vespasiano	Império Romano	Balbillus	século 1
Adriano	Império Romano	Adriano (o próprio)	século II
Caracalla	Império Romano	Serapio	século III
Caracalla	Império Romano	Asclezion	século III

Caracalla	Império Romano	Larginus Proculus	século III
Clóvis I	França	Raba	século V
Childebert II	França	Grégoire de Tours	século VI
Carlos Martel	França	Guillaume d'Estemples	século VIII
Almanzor	Iraque	Messahallah	século VIII
Carlos Magno	França/Alemanha	Pierre de Pisa	século IX
Carlos II	França	Jean Scot Erigena	século IX
Nuh ibn Mansur	Afeganistão	Abul-Rayhan Al-Biruni	século XI
Luís VI	França	Jehan de Dijon	século XII
Henrique II	Inglaterra	William of Conchas	século XII
Frederico II	Prússia	Michael Scottus	século XIII
Guido de Montefeltro	Itália	Guido Bonatti	século XIII
Carlos V	França	Carlos V (o próprio)	século XIV
Carlos V	França	Thomas de Pisan	século XIV
Carlos V	França	André de Sully	século XIV
Carlos V	França	Yves de Saint-Brechier	século XIV
Carlos VI	França	Michel Tournero	século XIV
Carlos VI	França	Pierre d'Ailly	século XIV
Luís XI	França	Jehan Collemain	século XV
Luís XI	França	Jacques Loste	século XV
Luís XI	França	Pierre Chomet	século XV
Luís XI	França	Manassès	século XV
Luís XI	França	Pierre de Graville	século XV
Luís XI	França	Angelo Cato	século XV
Luís XI	França	Guillaume Brun	século XV
Carlos VIII	França	Simon de Phares	século XV
Mathias Corvinus	Hungria	Regiomontanus	século XV
Frederico III	Casa Habsburgo	Johann Bindung	século XV
Frederico III	Casa Habsburgo	Gernot	século XV
Frederico III	Casa Habsburgo	Johan Lichtenberger	século XV
Henrique VI	Inglaterra	Master Welch	século XV
Henrique VI	Inglaterra	Richard de Vinderose	século XV
Eduardo IV	Inglaterra	Master Eustache	século XV
Henrique VII	Inglaterra	William Parron	século XV
Francisco I	França	Henry Cornelius Agrippa	século XVI
Francisco I	França	Guillaume Postel	século XVI
Henrique II	França	Guillaume Postel	século XVI
Carlos IX	França	Guillaume Postel	século XVI
Elizabeth I	Inglaterra	John Dee	século XV
Eduardo VI	Inglaterra	Jerome Cardan	século XVI
Henrique VIII	Inglaterra	Nicholas Kratzer	século XVI
Henrique VIII	Inglaterra	John Robyns	século XVI
Maximiliano I	Casa Habsburgo	Joseph Gümpreck	século XVI
Papa Júlio II	Vaticano	Antonio Campanazzo	século XVI
Papa Leão X	Vaticano	Franciscu Priulus	século XVI
Papa Paulo III	Vaticano	Lucas Gauricus	século XVI

Catarina de Médicis	França	Lucas Gauricus	século XVI
Catarina de Médicis	França	Gabriel Siméom	século XVI
Catarina de Médicis	França	Jean Ferrar	século XVI
Catarina de Médicis	França	Michel de Nostradamus	século XVI
Felipe II	Espanha	Matthaeus Delius	século XVI
Rodolfo II	Áustria	Johannes Kepler	século XVII
Carlos I	Inglaterra	William Lilly	século XVII
Maurício de Nassau	Brasil (Pernambuco)	Georg Markgraf	século XVII
Cardeal Richelieu	França	Tommaso Campanella	século XVII
Cardeal Richelieu	França	Jean-Baptiste Morin	século XVII
Luís XIII	França	Jean-Baptiste Morin	século XVII
Luís XIII	França	Tommaso Campanella	século XVII
Luís XV	França	Saint-Germain	século XVIII
Adolf Hitler	Alemanha	Karl Ernst Kraft	século XX
Gabinete Churchill	Inglaterra	Louis de Wohl	século XX
Jânio Quadros	Brasil	Professor Sanakhan	século XX
Juan Domingo Perón	Argentina	José López Rega	século XX
Isabelita Perón	Argentina	José López Rega	século XX
Ronald Reagan	EUA	Joan Quigley	século XX
Tancredo <i>Neves</i>	Brasil	Getulio Bittencourt	século XX
José Sarney	Brasil	Getulio Bittencourt	século XX

Balbillus informara Agripina de que seu filho Nero um dia seria imperador, mas mataria a mãe. Ela não se importou com a segunda parte da previsão, e com a ajuda de astrólogos escolheu o momento adequado para proclamá-lo imperador, no lugar do filho de Cláudio. Balbillus foi premiado pela ajuda com a nomeação para prefeito do Egito, onde ficou até o ano 59. Num momento infeliz da história da astrologia, Suetônio conta que esse astrólogo teria levado Nero à conclusão de que, para preservar a própria vida diante do aparecimento de um cometa nos céus de Roma, teria de massacrar os nobres romanos, o que ele de fato fez. O escritor Sêneca foi um dos sacrificados. Balbillus sobreviveu, apesar do aparecimento de um concorrente, Ptolomeu Seleucus, o astrólogo favorito da imperatriz Popéia; mas decidiu sair de cena depois que Nero matou Popéia, esperando a morte de Nero e os rápidos impérios de Galba, Oto e Vitélio antes de reaparecer em cena.

Vários astrólogos foram mortos nos últimos anos do reino de Nero. Seu sucessor Galba fora informado pelo imperador Tiberius de que um dia seria imperador, com base numa avaliação de seu horóscopo. E o historiador romano Tácito conta que Oto decidiu organizar uma trama para matar o imperador Galba, impulsionado por previsões de Ptolomeu,

o astrólogo da imperatriz Popéia que viajara com ele para a campanha militar na Espanha.⁶ E agiu assim, segundo Tácito, dado que "o caráter do homem sendo tal que sempre vai preferir acreditar em mistérios". Ele assumiu o poder, mas as legiões romanas na Alemanha haviam proclamado Vitélio e, derrotado em combate, Oto suicidou-se. Ptolomeu aliou-se então com Vespasiano, ajudando-o na trama para matar Vitélio, e desta vez teve mais sorte. Balbillus voltou a Roma, pois tinha boas relações com Vespasiano desde o reino de Nem, e foi honrado pelo imperador com jogos em Éfesus, na Grécia, praticados até o século III.

O próximo imperador a interessar-se profundamente por astrologia foi o segundo filho de Vespasiano, Domitian. Ele ficou tão impressionado pela previsão de um astrólogo de que morreria pelo ferro que recusou uma guarda de honra do Senado que o escoltaria com lanças. Suetônio conta que Domitian mandou assassinar Mettius Pompusianus devido à profecia de que este um dia seria imperador, e coletava horóscopos de romanos notáveis, que poderiam sucedê-lo, para matá-los preventivamente.

Pelo menos dois astrólogos previram datas para a morte de Domitian, e Suetônio informa que o imperador ficou cada vez mais nervoso na medida em que a data prevista (a quinta hora de 18 de setembro do ano 96) se aproximava, com a Lua em Aquário. Na véspera, Domitian ordenou a seus servos que separassem algumas maçãs para servi-lo no dia seguinte, caso estivesse vivo para apreciá-las. Chamou depois o condenado astrólogo Asclerarius (Asclation) e indagou se conseguiria profetizar a forma como ia morrer. Asclerarius respondeu que seria comido por cães, e Domitian, para provar que estava errado, ordenou que fosse queimado imediatamente numa fogueira. Assim se fez, mas logo uma chuva apagou o fogo, e cães no final destruíram o corpo semiqueimado do astrólogo. E Domitian foi apunhalado (com lâmina de ferro) por Stephanus e outros conspiradores exatamente na quinta hora do dia 18.

Tibério e Vespasiano eram capazes de ler um horóscopo, mas foi com a ascensão de Adriano em 117 que um astrólogo amador chegou ao poder em Roma. Seu avô Aelius Hadrianus era também astrólogo, e foi o primeiro a antecipar que Adriano seria imperador. Dois outros astrólogos confirmaram a previsão. Ele é o primeiro imperador romano

⁶ Cornélio Tácito, *The Histories*. Séculos I-II. Penguin Books, Londres, 1993, pág. 30.

do qual sobreviveram cópias manuscritas do horóscopo.⁷ A história registra que Adriano levantou seu próprio horóscopo e o consultava regularmente, e que teria antecipado a hora exata de sua própria morte: "Em astrologia, ele se considerava um especialista a ponto de nas calendas de janeiro escrever previsões antecipando o que poderia lhe acontecer durante o ano inteiro. De fato, ele escreveu para o ano em que morreu tudo o que faria até o preciso momento da sua morte."⁸

Como acontece freqüentemente nos cálculos antigos sobre as posições planetárias, as de Adriano são imprecisas quando comparadas com as computações modernas: Júpiter, a Lua e o Ascendente não ficam no começo de Aquário, como se pensava na época, mas no final de Capricórnio. Mesmo os computadores modernos discordam: o professor Otto Neugebauer e sua equipe colocam o planeta Saturno no primeiro grau de Capricórnio, enquanto o programa de computador Nova da Astrolabe o calcula no último grau de Sagitário. Sobre o horóscopo de Adriano, sobreviveu também uma análise quase contemporânea, escrita pelo médico e astrólogo Antígono de Nicéia menos de um século depois de sua morte:

"Ele se tornou imperador por causa da presença de dois planetas no setor horoscópico (*nós hoje diríamos, no signo Ascendente*), e especialmente porque a Lua estava no Ascendente e coincidindo com o setor horoscópico, e porque Júpiter estava a ponto de ascender no Leste dentro de sete dias. E porque os atendentes da Lua (planetas que a envolvem) estavam em suas próprias Casas, Vênus estando na Casa de sua exaltação (*Peixes*); e Marte, em sua própria triplicidade (*na astrologia grega, Marte é o regente da triplicidade dos signos de água*), tendo disposição sobre o grau em que se encontra, enquanto os dois planetas (*Marte e Vênus*) estão bem juntos a ponto de ascender, logo depois da Lua. Além disso, o Sol também é atendente da Lua num

⁷ O horóscopo de Adriano está transcrito em Otto Neugebauer e H. B. Van Hoesen, *Greek Horoscopes*, The American Philosophical Society, Filadélfia, 1987, págs. 90-91. Calculadas por computadores modernos, as posições dos planetas diferem um pouco do registro da época; os métodos antigos sendo mais precários, é provável que os computadores estejam certos. Arthur Blackwell assegura que Neugebauer e Hoesen erraram na hora (o certo seria 7h e não 6h da manhã).

⁸ Aelius Spartianus, "Hadrian", em *Lives of the Later Caesars*. Séculos IV-V. Penguin Books, Londres, 1976, pág. 75.

Severo consultou um astrólogo numa cidade da África, e este, depois de desenhar seu horóscopo, pediu: "Dê-me os dados do seu nascimento, e não o de outra pessoa." Severo jurou que os dados eram seus, e o astrólogo então "previu tudo que iria lhe acontecer".

O imperador levou sua obsessão com o assunto ao extremo de ordenar a morte de vários nobres, sob a acusação de consultarem astrólogos para escolher o melhor momento de iniciar uma conspiração. Cássio Dio, que conheceu Severo pessoalmente, conta que o imperador partiu para sua última campanha nas ilhas britânicas sabendo que não voltaria, conforme indicações de seu horóscopo. Como ele, seu filho e sucessor Caracalla ordenou a morte de vários astrólogos que ousaram prever a morte do imperador. Um deles, o egípcio Serápio, foi atirado aos leões, que no entanto se limitaram a lambê-lo a mão — forçando Caracalla a ordenar que os guardas o matassem.

O historiador Frederick Cramer considera que a astrologia foi de fato "o poder por trás do trono imperial" em Roma, nos 140 anos que vão da morte de Júlio César à de Domitian.⁹ Não por acaso, os astrólogos que serviram à oposição foram freqüentemente assassinados — o imperador Vitélio mandou matar vários no ano 69, por exemplo. A despeito das perseguições, a astrologia enraizou-se no mundo greco-romano, fomentada pela convicção dos filósofos estoicos de que o destino está dado às pessoas, que podem fazer o melhor da vida aceitando-o, e mais adiante pelos filósofos neoplatônicos.

Mesmo o grande Plotino (século III), que é considerado o fundador do neoplatonismo e descrito — na biografia que lhe dedicou seu discípulo Porfírio, o Fenício — como adversário dos horóscopos, escreveu um texto extraordinário sobre o assunto nas *Enéades*, ao discutir a influência causal das estrelas sobre eventos na Terra. Nele, Plotino parte da premissa de que o universo é vivo, da mesma forma que o corpo humano é vivo; e assim como um médico pode identificar uma doença em outra parte do corpo por seu reflexo nos olhos do paciente, também se pode ler uma coisa dentro da outra no universo inteiro. "Tudo é símbolo", diz o filósofo, "e sábio é aquele que consegue ler em tudo."¹⁰

⁹ Frederick H. Cramer, *Astrology in Roman Law and Politics*, American Philosophical Society, Filadélfia, 1954, pág. 81.

¹⁰ Plotinus, *The Enneads*, terceiro tratado da segunda *Enéade*. "São as estrelas causas?". Tradução de Stephen MacKenna (comparada). Larson Publications, Burdett, 1992, pág. 109.

Por volta do século VIII, a astrologia árabe também florescia nas cortes, por exemplo, do califa de Bagdá, Almanzor. Ele convocou dois astrólogos, o famoso judeu Messahallah e seu mais obscuro colega Naubajta, para escolher a hora de fundação da moderna cidade de Bagdá.¹¹ A data de fundação registrada pelo astrólogo americano Marc Penfield em sua coleção eletrônica de horóscopos mundanos, lançada pela Matrix Software, é 2 de agosto do ano 762, às 9:40, com o horário provavelmente retificado por Penfield. Nesse dia Marte faz uma exata oposição com Júpiter, indicando uma enorme energia, mas também o impulso para fazer mais do que se pode; e o Sol está em trígono com Júpiter, um aspecto particularmente benéfico, desde que haja esforço. A combinação é ótima. No século seguinte, o mais famoso astrólogo árabe, Albumassar, seria particularmente influenciado pelas obras de Messahallah.

Além das dificuldades políticas criadas pelas previsões sobre a sucessão de imperadores, a astrologia conquistou outro adversário perigoso: a religião. Santo Agostinho e santo Isidoro de Sevilha, por exemplo, escreveram contra a astrologia na antigüidade (particularmente no que se refere a previsões), premidos pela doutrina católica da livre vontade. Mesmo entre os muçulmanos, a astrologia teve talvez tantos combatentes quanto defensores. Mas alguns defensores árabes foram importantes, como Albumassar (século IX), que aplicou fundamentos aristotélicos à teoria astrológica, e Moyhiddin Ibn Arab (século XI), que enquadrou a astrologia islâmica dentro de parâmetros teológicos. Algo similar fez santo Tomás de Aquino (século XII) no mundo cristão, reconhecendo que a astrologia influencia os corpos, mas não a alma.

O século XII teve dois astrólogos particularmente influentes: Michael Scot, que serviu na corte de Roma como tutor do imperador Frederico II, e o grande Guido Bonatti, que serviu na corte de Guido de Montefeltro. Eles são os dois únicos astrólogos mencionados na *Divina comédia* de Dante Alleghieri (1265-1321), que num acesso de preconceito religioso colocou os dois condenados com a cabeça virada para trás, no inferno, porque em vida ousaram olhar para o futuro.¹² Junto com

¹¹ Jacques Halbronn, *Le Monde Juif et l'Astrologie*. Archè, Milão, 1985, pág. 124. Repetido por Demetrio Santos, no prefácio a Messahallah-Abraham Ben Ezra, *Textos Astrológicos Medievales*. Editorial Barath, Madri, 1981, pág 10.

¹² Dante Alleghieri, *The Divine Comedy, I: The Hell*. Tradução para o inglês de Dorothy L. Sayers. Penguin Books, Londres, 1949, Canto XX, pág 198.

eles, Dante incluiu o cego grego Tírésias, também capaz de profecias, considerando todas estas "almas que afundaram no abismo". O poeta italiano, contudo, trata a astrologia mais favoravelmente nos cantos do purgatório e do paraíso, reconhecendo afinal que o céu também foi criado por Deus.

O livro de introdução à astrologia que Scot escreveu lhe atribui o título de "astrólogo imperial", mas sua fama cresceu pelos séculos mais como um mago do que como filósofo (ele traduziu *Avicena* do árabe para o latim), alquimista, médico ou astrólogo. Numa biografia do século XVIII, repete-se a história de que Scot morreu com uma pedrada na cabeça, exatamente como e na data que ele próprio antecipara. Uma demonstração famosa de seus conhecimentos de ótica, matemática e geometria vem da história — anotada pelo cronista Salimbene — de que Frederico II certa vez lhe pediu que calculasse a altura de um teto no palácio. Depois que Scot respondeu, o imperador enviou-o para uma longa viagem, e enquanto isso mandou alterar a altura desse teto. Na volta de Scot, Frederico II repetiu-lhe a mesma pergunta, e o sábio respondeu sem pestanejar que a construção fora modificada em sua ausência.¹³

Das várias histórias contadas sobre Bonatti, uma das mais impressionantes descreve o seu trabalho na preparação da marcha do exército do conde de Montefeltro, que a história reconhece como um general competente. Filippo Villani, historiador contemporâneo, garante que Montefeltro venceu várias batalhas seguindo os conselhos de Bonatti. O astrólogo armava seus instrumentos no topo da igreja na praça para medir o avanço do sol com precisão, e tocava um sino para a colocação das armaduras; um segundo sino, para que cavalaria montasse; e um terceiro sino, para o começo da marcha. Bonatti também viajou extensivamente pela Europa, dando conferências na França e na Inglaterra.

No século XVI surgiram vários astrólogos de renome, a começar pelo italiano Jerome Cardan, que serviu a reis, nobres e cardeais em vários países europeus. Ele conta em sua autobiografia que recusou vários convites — por exemplo, do cardeal Morone no verão de 1546; do príncipe d'Iston, que foi seu patrono por algum tempo; do rei da Dinamarca, que lhe ofereceu 800 coroas de ouro por ano, mais despesas; e do rei da França. Seus motivos para recusar ofertas variavam: o frio e a

¹³ J. Wood Brown, *An Enquiry into The Life and Legend of Michael Scot*, David Douglas, Edimburgo, 1897, pág. 144.

religião na Dinamarca, o incerto futuro político do cardeal, a guerra entre a França e a casa dos Césares. Quando aceitou uma oferta para passar 311 dias no reino da Escócia, recebeu 500 coroas de ouro francesas na partida, e mais 1.200 na volta; e se aceitasse ficar naquele país, "receberia uma soma ainda maior." ¹⁴

Outro destaque do século XVI é certamente o dr. John Dee (1527-1608), uma combinação renascentista de mago, filósofo, matemático, antiquário, dentista, professor, alquimista, médico, astrólogo, místico e espião a serviço da rainha Elizabeth I. Era dele a maior biblioteca do século XVI na Inglaterra, queimada por vizinhos supersticiosos no final da sua vida; a matemática, considerada sinônimo de filosofia, ainda era vista como "magia negra" na época. Vários trechos do diário pessoal de Dee mencionam seus encontros com Elizabeth I:

"1577, 22 de novembro, eu fui a Windsor para Sua Majestade a Rainha. 25 de novembro, eu falei com a Rainha na quinta hora. 28 de novembro, eu falei com a Rainha na quinta hora; eu falei com o sr. secretário Walsingham. Eu declarei para a Rainha os títulos dela sobre a Groenlândia, Estetiland e Friseland. (...) 1580, 6 de setembro: Sua Majestade a Rainha veio a Richemond (*a casa de Dee*)" (...) 17 de setembro: Sua Majestade a Rainha veio para Richemond em sua carruagem, pelo caminho alto do campo de Mortlak, e quando esta se dirigia defronte para a igreja, virou para a direita rumo à minha casa e quando ela chegou no meu jardim, ficou lá por um bom tempo, e depois veio pela rua até o grande portão, de onde me observou na porta fazendo obediência a Sua Majestade; ela me estendeu sua mão; eu me aproximei da carruagem, e ela rapidamente tirou a luva e deu-me sua mão para beijar; e para encurtar, pediu-me que retornasse a sua corte, e para dizer-lhe quando poderia estar lá." ¹⁵

Ainda no final do século XVI, Johannes Kepler (1571-1630) publicou quatro almanaques anuais com previsões astrológicas na corte de Graz. Logo no primeiro, previu temperaturas muito frias e uma invasão dos turcos; as duas previsões confirmaram-se, e embora preferisse se dedicar mais à astronomia, nunca mais pôde evitar suas obrigações como

¹⁴ Jerome Cardan, *The Book of My Life* (De Vita Propila Liber). Traduzido do latim por Jean Stoner, Nova York, 1929, pág. 16.

¹⁵ James Orchard Halliwell (org.), *The Private Diary of Dr. John Dee*. The Camden Society, Londres, 1842, pág. 9.

astrólogo. Seu biógrafo moderno Gérard Simon — que corretamente abordou os dois aspectos do gênio alemão — registra que a inacreditável comunidade científica atual considera "um escândalo" que um dos criadores da astronomia contemporânea fosse também um astrólogo convicto.¹⁶

A essa altura, mesmo a Igreja Católica Romana usava astrólogos ao nível do comando supremo. O papa Júlio II teve o dia e a hora de sua coroação escolhidos por um astrólogo no começo do século XVI; a história observa também que ele certa vez se recusou a viajar de Bolonha para Roma até que um momento propício fosse escolhido por seu astrólogo; da mesma forma, usou astrologia para decidir a melhor data para deitar a pedra de fundação do castelo de Galliera, e para erigir sua própria estátua em Bolonha. Entre os papas que usaram astrologia, Paulo III é conhecido porque se recusava a iniciar um consistório até que a hora determinada por seu astrólogo chegasse. Há vários outros.

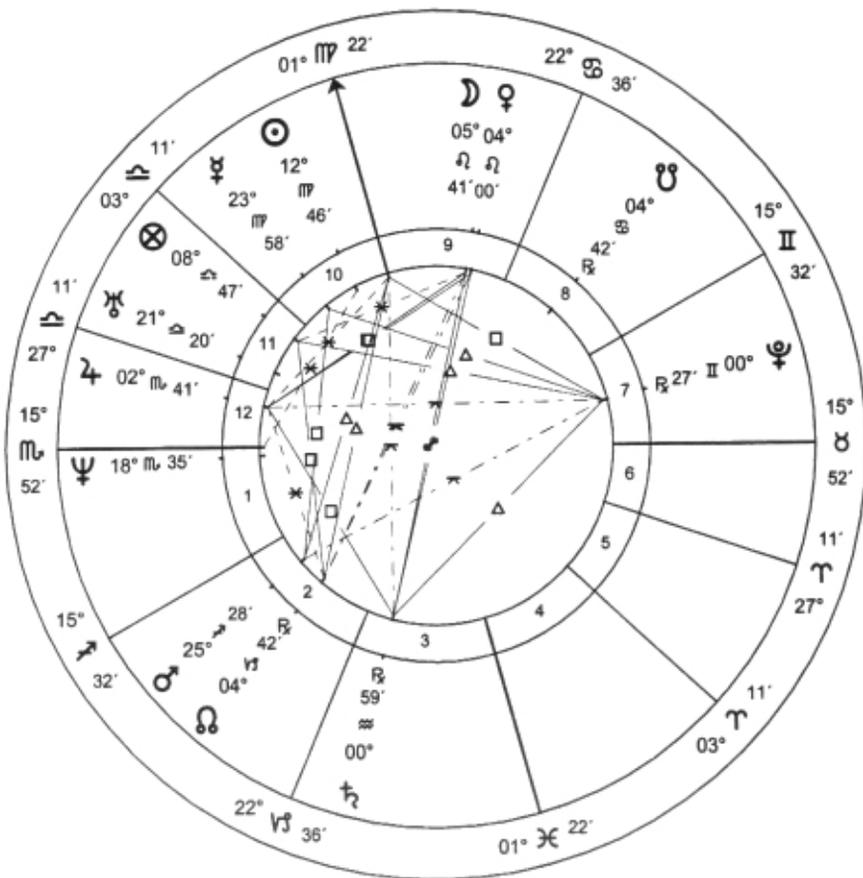
As duas grandes figuras astrológicas do século XVII foram sem dúvida o francês Jean-Baptiste Morin, o último astrólogo real da França, e o inglês William Lilly. Os trechos da *Astrologia gálica* de Morin já traduzidos para o inglês e o francês são brilhantes. Num estudo sobre as revoluções solares (previsões para o ano pessoal do indivíduo, feitas com o horóscopo do momento em que o Sol retorna ao grau em que estava na hora do nascimento) de sua própria vida, Morin previu com exatidão o momento e a forma de sua própria morte. Ele serviu ao rei Luís XIII, aos cardeais Richelieu e Mazarin, e a Maria de Médicis. O rei francês mandou Morin esconder-se atrás das cortinas para assistir ao parto do herdeiro do trono, e registrar o momento preciso do choro inicial de Luís XIV, para fazer seu horóscopo."

Com Lilly, grande especialista em astrologia horária (o ramo que estuda respostas com base no horóscopo do momento em que a pergunta é feita), um mesmo astrólogo consegue ao mesmo tempo atender à situação e à oposição política do seu tempo. Em sua autobiografia, repleta de conversas com os nobres ingleses, Lilly trata com simpatia o rei Carlos I, que seria destronado e morto por Oliver Cromwell; anos

¹⁶ Gérard Simon, *Kepler astronome astrologue*, Éditions Gallimard, Paris, 1979, pág. 29.

¹⁷ Ellen McCaffery, *Astrology and its Influence on the Western World*, Samuel Weiser Inc, Nova York, 1970, pág. 285. O horóscopo de Luís XIV foi publicado pelo próprio Jean-Baptiste Morin, *Remarques Astrologiques sur le Commentaire du Centiloque de Ptolémée par Nicolas de Bourdin*. Século XVII. Retz, Paris, 1975, pág. 58.

depois, Cromwell intercedeu para colocar o astrólogo em liberdade. Lilly também reproduz um diálogo que o rei teve a seu respeito com William Allen, durante uma caminhada no castelo de Windsor. Carlos I comentou que estava lendo um almanaque com previsões do capitão Wharton, e seu interlocutor indagou se estava a par das previsões do concorrente William Lilly. "Lilly não me interessa", disse o rei, "ele sempre foi contra mim." Allen então defendeu o astrólogo, que a seu ver "só escreve o



Luis XIV da França
 Carta Natal 3: Saint-Germain-en-Laye,
 5 de setembro de 1638, 11:15

que a sua arte lhe informa", e o rei concedeu: "É, acredito nisso, e também que Lilly entende de astrologia tão bem quanto qualquer homem na Europa."¹⁸

Os astrólogos continuaram influenciando as cortes européias até o século XVIII, quando a astrologia foi expulsa das universidades, devido à combinação de resistências políticas e religiosas, acrescidas de objeções científicas. A nova astronomia de Galileu Galilei, Tycho Brahe, Johannes Kepler e Nicolau Copérnico (todos igualmente astrólogos) havia demonstrado que o Sol não gira em torno da Terra, mas sim o contrário. Toda a base do raciocínio astrológico era geocêntrica; e se os fundamentos estavam errados, tudo o mais deveria estar errado também. Pelo menos foi o que se pensava então, e é o que a academia continua pensando no final do século XX.

Desde então, a astrologia floresceu à margem da comunidade científica, graças à curiosidade das mulheres, das pessoas sem formação universitária e de alguns gênios capazes de raciocinar sem preconceitos (Albert Einstein e Carl Gustav Jung são dois exemplos ilustres do século XX). O fato é que, embora seja possível desenvolver uma astrologia heliocêntrica, como ficou demonstrado por astrólogos europeus e americanos no século XX, a astrologia geocêntrica não está desclassificada porque a Terra gira em torno do Sol. A astrologia é geocêntrica por acidente; ela estuda a posição relativa dos astros em relação ao ponto do espaço em que nasce cada homem, cada mulher e cada evento. Por acaso, esse ponto no espaço é o planeta Terra, mas poderia ser qualquer outro. A Terra é levada em conta por ser o centro do universo do homem e dos eventos, que são o objeto de estudo da astrologia — e isso ela continua a ser, mesmo girando em torno do Sol.

É provável, contudo, que a falta de cooperação da comunidade científica tenha atrasado consideravelmente o desenvolvimento da astrologia nos últimos 300 anos. Só na última década do século XX, por exemplo, a comunidade astrológica americana — a mais rica do mundo — começou um esforço sério para recuperar a literatura astrológica grega e medieval na qual se baseia a astrologia contemporânea. A questão das eleições dos governantes, que no mundo contemporâneo deixou de ser perigosamente resolvida em golpes palacianos, é apenas um dos temas

¹⁸ William Lilly, *William Lilly's History of his Life and Times, From the Year 1602 to 1681*. Século XVII. Republicado em fac-símile para Charles Baldwin, Londres, 1715, págs. 144-145.

que merecem um estudo com metodologia científica, do qual a astrologia pode se beneficiar muito, como pretendo demonstrar nos capítulos seguintes.

Usando os próprios critérios astrológicos, a eleição é um evento que começa numa determinada hora. No entanto, muitos astrólogos nos EUA usam simplesmente o horóscopo do Sol ao meio-dia ou no começo do dia para estudar o resultado.¹⁹ Isso sugere que a eleição é vista por eles como um trânsito sobre a carta natal dos candidatos, e não como um evento em si mesmo. Mas isso é inconsistente com a teoria astrológica. O evento que tem uma hora conhecida para o início tem ele próprio um grau Ascendente, um Meio-Céu, uma posição exata da Lua, e precisas localizações dos planetas nas Casas, que fornecem informações decisivas para as comparações com as cartas natais.

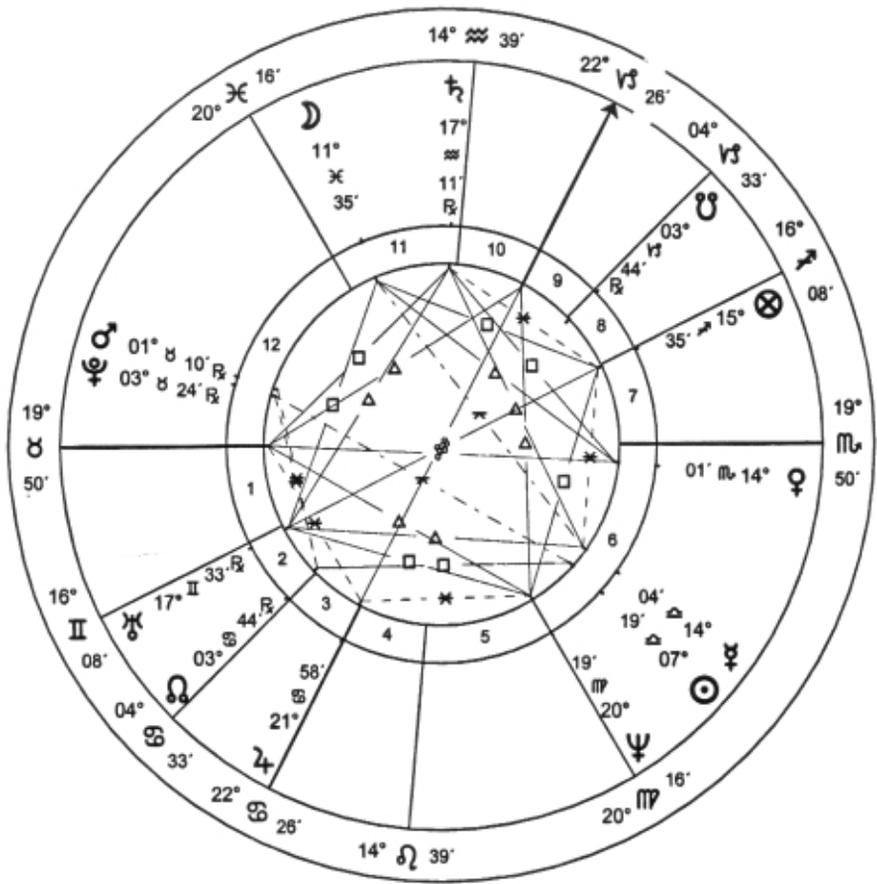
A astróloga americana Sylvia De Long disputa o raciocínio comum na comunidade astrológica de que o candidato com os "melhores" aspectos vence. Seu ponto é que o candidato que vence com os "melhores" aspectos simplesmente será mais feliz no exercício do poder. Mas a história está repleta de governantes infelizes. A alternativa que De Long propõe para antecipar o vencedor, baseada nos partidos políticos em vez dos candidatos, consegue mostrar o resultado de muitas eleições presidenciais americanas, mas não de todas. E as previsões eleitorais de três sucessões presidenciais por astrólogos americanos, que testemunhei vivendo aqui por uma década, exibem praticamente tantos erros quanto acertos.

Não é que faltem idéias interessantes. A falecida Barbara Watters, por exemplo, sugeriu que o horóscopo decisivo não é o da hora da eleição, mas sim o do momento em que cada candidato aceita formalmente a candidatura. Watters acrescenta que o candidato representado por um planeta retrógrado (ou seja, aparentemente andando para trás no Zodíaco quando visto da Terra) sempre perde.²⁰ Apliquei essa tese com sucesso em algumas eleições no Brasil, particularmente na vitória

¹⁹ Um exemplo é o livro de Sylvia De Long, *Charting Presidential Elections*, AFA, Tempe, 1982. Ela desenvolve uma interessante teoria pela qual a carta do momento em que o Sol emerge no dia da eleição mostra o partido vencedor — com Saturno representando o Partido Democrata; e Júpiter, o Partido Republicano — vencendo o que estiver mais elevado no céu.

²⁰ Barbara H. Watters, *Horary Astrology and the Judgement of Events*, Valhalla Paperbacks, Washington, 1973, pág. 198.

de Jânio Quadros sobre Fernando Henrique Cardoso na disputa pela prefeitura de São Paulo em 1985; mas encontrei um ponto falho na eleição para o governo de São Paulo em 1986, que acabou disputada sobretudo por Orestes Quércia (PMDB) e Antônio Ermírio de Moraes (PTB). O problema é que os planetas representando todos os principais candidatos ao governo estadual estavam retrógrados; segundo a tese de Watters, todos os candidatos deveriam perder a eleição que Quércia



Georg Markgraf

Carta Natal 4: Liebstadt, Alemanha, 20 de setembro de 1610
no estilo antigo (30 de setembro de 1610 no novo), 19:00

ganhou. Visto *a posteriori*, sem o filtro da astróloga americana, o horóscopo da candidatura de Quércia tinha uma assinatura vencedora: ele fez o discurso de aceitação por volta das 23:00, com uma conjunção do Sol (o poder) com a Lua (o eleitorado) na Quarta Casa, que é um dos quatro ângulos ou pontos mais proeminentes de qualquer horóscopo — e também a Casa que indica como as coisas terminam.

A astrologia faz parte da política brasileira pelo menos desde a chegada do astrônomo, cartógrafo e astrólogo alemão Georg Markgraf (1610-1644) na delegação do príncipe alemão Johann Mauritius Van Nassau-Siegen (1604-1679), que comandou o Brasil holandês a partir de Pernambuco durante mais de duas décadas. Astrônomos holandeses deram nomes a estrelas no hemisfério sul já no século XVI, o que significa que Markgraf teve antecessores na região; mas são dele os primeiros horóscopos conhecidos que foram levantados em território brasileiro, e estão depositados com seus manuscritos na Universidade de Leiden. Infelizmente, não sobreviveu nenhum horóscopo de Maurício de Nassau nesses papéis. Eles incluem uma coleção de cerca de 22 horóscopos (inclusive o do próprio Markgraf), dos quais pelo menos dois foram levantados no Brasil — um deles para uma criança, Fitiola Helde, nascida na ilha de Antônio Vaz, que morreu em 1639.

O horóscopo de Markgraf, reproduzido num ensaio do historiador John D. North, difere ligeiramente do publicado aqui.²¹ As posições dos planetas são parecidas, o Ascendente nos dois casos fica em Touro, mas há uma diferença de 5 graus a menos na versão manuscrita, devida provavelmente a imperfeições nas tábuas de Casas do século XVI. A posição da Lua é bastante precisa no cálculo de Markgraf (11,15 graus de Aquário, muito perto dos 11,35 graus estabelecidos por um computador moderno); seu cálculo de Saturno, o último planeta visível a olho nu na época, erra por 1,45 grau de arco, o mesmo ocorrendo com Mercúrio.

Mas é possível dizer que a astrologia faz parte da história européia do Brasil desde o primeiro dia, ou seja, desde a posse formal da Baía Cabralia pela esquadra do almirante português Pedro Álvares Cabral a

²¹ Ver John D. North, "Georg Markgraf, an astronomer in the New World", em E. van den Boogaart (org.), *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679 — Essays on the occasion of the tercentenary of his death*, The Johan Maurits van Nassau Stichting, The Hague, 1979, pág. 421.

22 de abril de 1500. O rei Manuel, o Venturoso ordenou a presença, numa das naves de Cabral, do astrólogo mestre João de Castilha, que era também seu médico e cirurgião particular. Segundo os historiadores Luís de Albuquerque e Max Justo Guedes, mestre João veio ao Brasil com Cabral para mostrar o valor do uso do astrolábio, que os portugueses obtiveram principalmente dos astrólogos árabes no século XV, assim como para explicar as Tábuas da Índia que Vasco da Gama encontrara nas mãos de pilotos asiáticos.²²

A astrologia retomou à arena política no século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, mas aparentemente para uma tarefa menor. O governo nazista de Adolf Hitler empregou vários astrólogos, sendo o suíço Karl Ernst Kraft de maior renome entre eles; e o Gabinete de Guerra de Winston Churchill teve em sua folha de pagamentos um astrólogo, Louis de Wohl. Pesquisadores como Eric Russell, que deixa evidente sua antipatia pelos astrólogos e sua arte, sugerem que os governantes dos dois lados não levavam o assunto a sério, mas usaram a astrologia como propaganda política para minar a moral dos adversários, aproveitando a crença popular no assunto. Mesmo gente como Russell é forçada a admitir, porém, que Kraft avisou Heinrich Himmler com antecedência de meses de que a vida de Hitler correria perigo em novembro de 1939. Nesse mês, o ditador alemão escapou por um triz de um atentado a bomba em Munique, escondendo-se num depósito de cerveja. Kraft terminou a vida num campo de concentração.²³

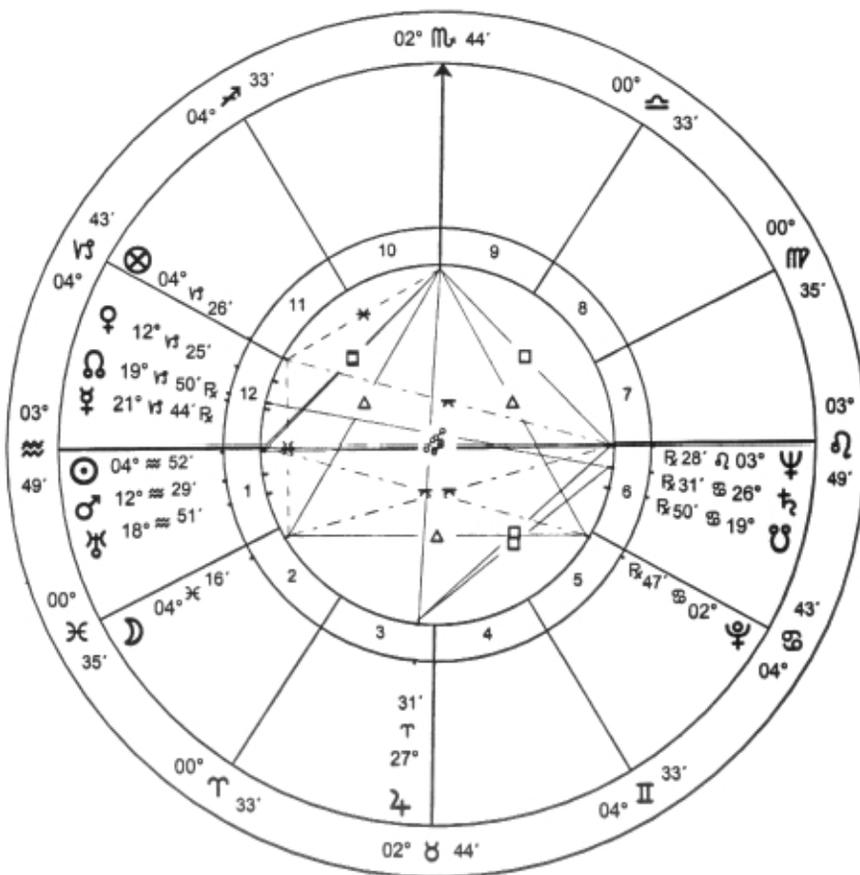
Depois de Markgraf, o mais conhecido astrólogo brasileiro foi o professor Sanakhan, que tinha também talento especial para ler o futuro nas mãos das pessoas. Ele teria encontrado Jânio Quadros, ainda estudante de direito, no escritório do professor Vicente Ráo, que foi ministro da Justiça do Governo Getúlio Vargas, na década de 1940. Sanakhan previu que Jânio seria eleito vereador, prefeito de São Paulo, governador do Estado e presidente da República; que renunciaria, e depois seria eleito presidente outra vez.

Perguntei ao presidente Jânio Quadros, nos bastidores de uma entrevista que ele concedeu ao programa "Crítica & Autocrítica" na TV

²² Luís de Albuquerque, "The Art of Astronomical Navigation", em *Portugal-Brazil; the Age of Atlantic Discoveries*, Catálogo da exposição de junho-setembro de 1990 na New York Public Library, Bertrand Editora, Lisboa, 1990, pág. 58.

²³ Eric Russell, *Astrology and Prediction*. B. T. Basford, Londres, 1972, págs. 115-118.

Bandeirantes em meados da década de 1980, se a história era verdadeira. Ele confirmou, embora não se mostrasse muito impressionado com a previsão. De fato, Sanakhan acertou tudo até a renúncia; depois disso, Jânio reelegeu-se prefeito de São Paulo, mas nem chegou a disputar a presidência da República outra vez. Na mesma conversa comigo, Jânio confirmou a hora de seu nascimento "entre 5:00 e 6:00".



Jânio da Silva Quadros
 Carta Natal 5: Cuiabá (MT), 25 de janeiro de 1917, 5:30

Sanakhan acertou previsões sobre muitos outros políticos. Por exemplo, a Murillo Macedo, então jovem e promissor banqueiro no Banco Nacional de Minas Gerais dos Magalhães Pinto, ele previu na década de 1950 uma carreira notável que o levaria a ministro de Estado. Macedo me confirmou essa previsão em 1980, em Brasília, quando já era o ministro do Trabalho do Governo João Figueiredo, depois de ter sido secretário da Fazenda do estado de São Paulo e presidente do Banespa.

A associação entre política e astrologia é expressiva também na vizinha Argentina. O astrólogo José Lopez Rega, chamado pejorativamente de "mago" pela imprensa argentina e internacional, serviu nos governos de Juan Domingo Perón e sua mulher Isabelita, na década de 1970. E o interesse continua. O guia turístico da fábrica italiana de pneus Pirelli para a Argentina de 1995 diz que o horóscopo desse país, "embora não se admita publicamente, é consultado com certa assiduidade pelos líderes políticos nacionais do final do século XX, para saber em que momento suas iniciativas têm maior probabilidade de êxito".²⁴

Mas a astrologia política do século XX não serviu apenas como propaganda de guerra, nem deu frutos apenas nos países emergentes. O mais popular presidente americano desde John Kennedy foi o ex-ator Ronald Reagan, que usou os serviços da astróloga Joan Quigley durante sete dos seus oito anos na Casa Branca. A história veio a público primeiro quando o ex-secretário do Tesouro e ex-executivo da Merrill Lynch & Co., Donald Regan, a "denunciou" para desacreditar o presidente que o havia exonerado. A primeira-dama Nancy Reagan confirmou as conversas com Quigley, em lágrimas, numa entrevista coletiva.

A presença de Quigley por trás das cenas na Casa Branca apenas continuou uma longa história, muito brevemente resumida até aqui. Ela escolheu as horas para o presidente Reagan começar suas árduas negociações com Mikhail Gorbachev, que levariam ao fim da Guerra Fria e ao colapso do regime comunista, assim como o momento para as entrevistas coletivas. Quando o táxi espacial Challenger explodiu às 11:39 de 28 de janeiro de 1986, por exemplo, Nancy ligou para Joan dizendo que o presidente planejava uma investigação e queria a opinião astrológica dela. A astróloga fez os mapas astrais do início da viagem e da explosão, e concluiu que havia indícios ou de sabotagem ou de sérias falhas no

²⁴ Diego Bigongiari e outros, *La Guía Pirelli Argentina*, Editorial Planeta, Buenos Aires, 1995, pág. 611.

programa. Reagan ordenou a investigação, que descobriu sérias falhas nos táxis espaciais da Nasa.²⁵ Mesmo o descrente ex-secretário Regan reconhece que Quigley fez todo esse trabalho apenas porque acreditava no que estava fazendo, sem intenções secundárias.

Este livro conta minha participação pessoal na escolha da hora da eleição do presidente Tancredo Neves no colégio eleitoral, e esporádicas análises astrológicas no Governo José Sarney, nos dois capítulos seguintes. E depois segue demonstrando a teoria de análise astrológica de eleições que desenvolvi, com base em escolhas e eleições de reis, papas e políticos ao longo de quase dois milênios, para concluir com uma breve projeção sobre as eleições brasileiras de 1998.

O que me parece faltar no estudo astrológico das eleições é um método. Procurei desenvolver um pesquisando vários tipos de disputas por anos: jogos de futebol, lutas de boxe, corridas de cavalos. Os princípios são semelhantes aos de uma eleição, porque se trata no fundo de sinastrias — estudos sobre a interação de dois horóscopos — entre três momentos no tempo: o da eleição e o horóscopo dos dois candidatos. Mas meus estudos estatísticos usando os antigos programas M-65 e depois Compact Data da Matrix Software não produziram resultados significativos. Sem conseguir nada que me convencesse, decidi começar a pesquisa de novo a partir da sua base: a comparação dois a dois do horóscopo da eleição com o dos candidatos, buscando algum tipo de padrão que se repetisse. E acho que encontrei.

²⁵ Joan Quigley, *What Does Joan Say? My Seven Years as White House Astrologer to Nancy and Ronald Regan*, Birch Lane Press, 1990, pág. 72.

TANCREDO: QUEM SABE FAZ A HORA

I — A eleição indireta

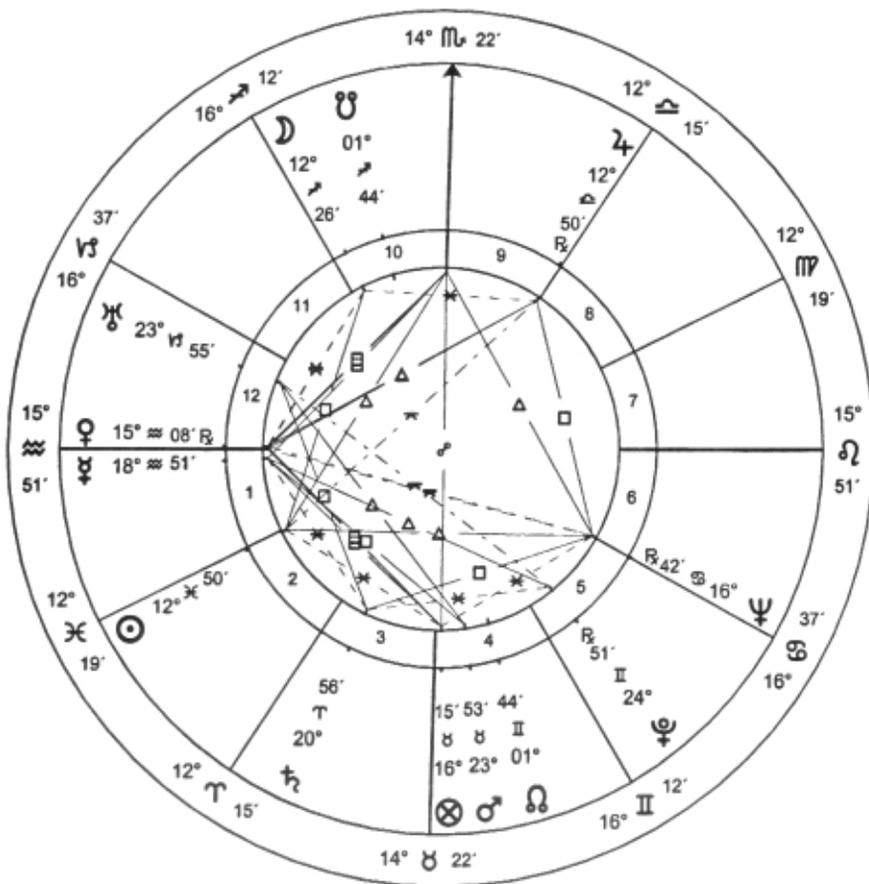
Encontrei o então deputado federal Tancredo de Almeida Neves (MDB-MG) pela primeira vez no início de junho de 1978, quando o Brasil estava estupefato com a entrevista que o futuro presidente João Figueiredo concedera a meu colega Haroldo Cerqueira Lima e a mim.¹ Fui entrevistá-lo para repercutir a entrevista, e começamos uma relação que continuou pelos sete anos seguintes, através de minhas passagens pela revista *Veja*, pelo diário de negócios *Gazeta Mercantil* e pelo programa de televisão "Crítica & Autocrítica" na TV Bandeirantes.

Tínhamos também um amigo comum, o ex-deputado federal Thales Bezerra de Albuquerque Ramalho, especialista em articulações de bastidores que se tomou uma das pessoas mais influentes da política brasileira durante os governos Ernesto Geisel (1974-1978) e João Figueiredo (1978-1985). Fui apresentado a Thales pelo jornalista Elio Gaspari, então diretor adjunto da revista *Veja*, e serei sempre grato por essa introdução. Durante o governo Figueiredo, Thales estava articulando um sonho: a candidatura presidencial de um civil, o ministro da Justiça Petrônio Portella, para encerrar o ciclo da ditadura militar. Petrônio era também nordestino como ele, e um político extremamente habilidoso; mas Petrônio morreu prematuramente. A nova esperança de Thales passou a ser Tancredo, que se elegeu governador de Minas Gerais em 1982.

No final de 1984, fui visitar o dr. Thales em seu apartamento de Brasília, como sempre fazia, para conversar enquanto almoçávamos um

¹ Getúlio Bittencourt e Haroldo Cerqueira Lima, "Fala Figueiredo", *Folha de S. Paulo*, 3 e 4 de junho de 1978.

delicioso caranguejo desfiado com arroz que d. Helena supervisionara. Eu havia feito o horóscopo de d. Helena e de Thales, e nesse dia contei a ele algumas pesquisas que fiz sobre a eleição presidencial indireta no colégio eleitoral, que seria disputada por Trancredo Neves e Paulo Maluf. Thales havia retornado de uma viagem à Inglaterra, onde consultara um astrólogo inglês especialista em eleições, e não havia recebido uma avaliação decisiva sobre o quadro brasileiro.



Trancredo Neves

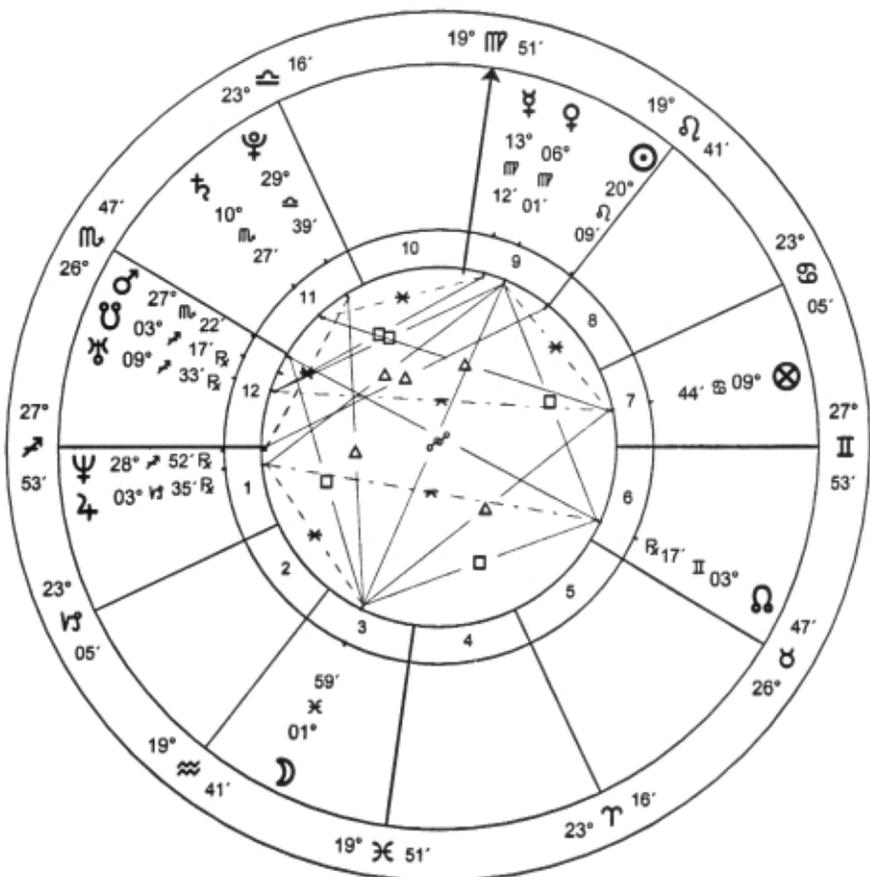
Carta Natal 6: São João del Rey (MG), 4 de março de 1910, 4:00

Minha inspiração veio de um livro de Stan Baker sobre a passagem do planeta Netuno pelos signos, marcando reviravoltas na história dos EUA.² Netuno, que é co-regente do signo de Peixes com Júpiter, estava entrando no signo de Capricórnio, que significa controle e poder. Era portanto apropriado que a eleição presidencial no Brasil fosse disputada entre Tancredo, que nasceu com o Sol em Peixes, e Paulo Salina Maluf, que nasceu com o Sol no signo oposto (Virgem). O próprio Thales havia perguntado a Tancredo seu horário de nascimento, a meu pedido; Tancredo telefonou para uma irmã em Minas, e a resposta foi "por volta de 4:00". Mais tarde, observei que o diário da família Neves registra o nascimento de Tancredo às 3:20, uma diferença de 40 minutos que neste caso felizmente não alterou a estrutura do mapa: o Ascendente continua em Aquário (6°17'), o Meio-Céu em Escorpião (3°22'), e todos os planetas nas mesmas casas. O mapa apresentado aqui usa o horário dado pelo presidente, porque foi o que usei na época. Aproveitei uma das entrevistas que fiz com Paulo Maluf, anos antes, para indagar a hora de seu nascimento, e ele disse que foi às 14:00 — acrescentando que não acreditava em astrologia. Com Tancredo ou com Maluf, um civil chegaria ao poder no Brasil pela primeira vez em uma geração; mas com Tancredo a virada seria mais completa, porque representava a oposição — e a democracia é o regime caracterizado pela alternância no poder.

O simbolismo do horóscopo de Tancredo me pareceu apropriado. Ele tem Saturno na terceira casa, o que significa uma pessoa preparada para ensinar os outros porque sabe como é difícil aprender; que continua aprendendo mesmo com uma idade avançada; que exige grande precisão no uso das palavras; e que acha preferível sempre falar pouco que demais. Acompanhei pela *Gazeta Mercantil* a viagem de Tancredo à Europa, aos EUA e à Argentina como candidato favorito à presidência da República, no final de 1984 e início de 1985, e testemunhei sua alegria quando ele aprendeu uma palavra nova em Portugal, "concertar", um verbo usado para descrever alianças políticas entre partidos de ideologias diferentes. Como um dos sábios veteranos do MDB durante os anos da ditadura militar, ele costumava ser a última palavra na divulgação de notas oficiais do partido, contendo a ousadia dos jovens "autênticos". Certa vez o deputado baiano Francisco Pinto foi acordá-lo de

² Stan Baker, *The Signs of the Times — The Neptune Factor and America's Destiny*, Llewellyn Publications, Saint Paul, 1984.

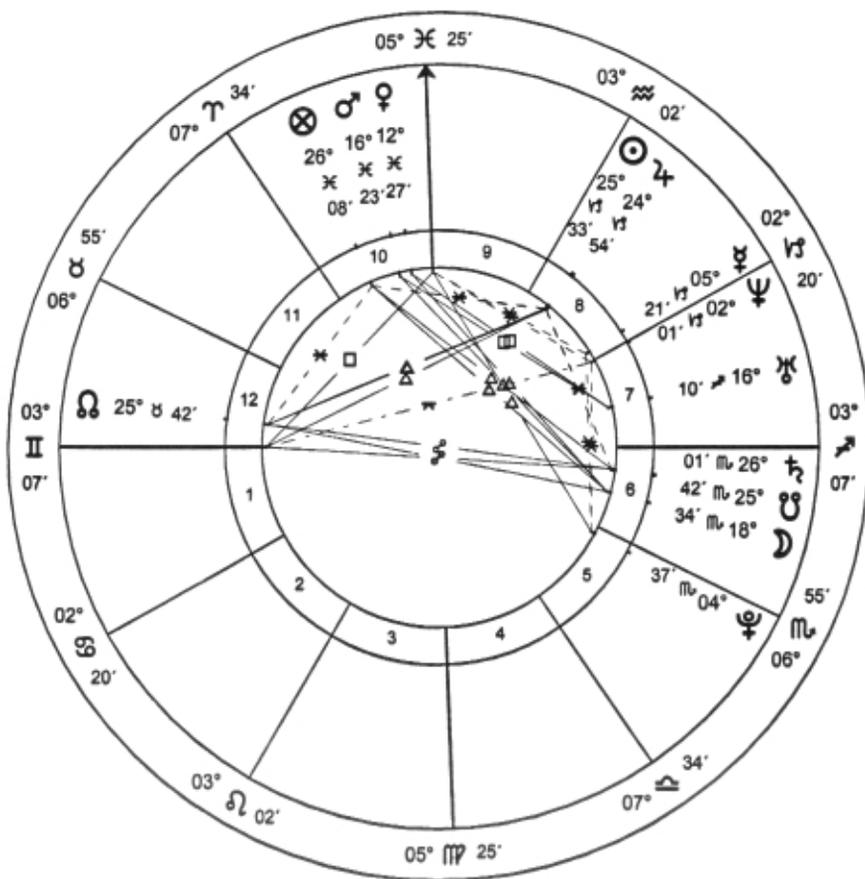
pode "ouvir" o que os outros pensam. Quando dirigi a sucursal de Brasília da revista *Veja*, entre 1980 e 1981, eu costumava convidá-lo para conversar sobre política durante almoços com meus editores-assistentes no restaurante *La Chaumière*, do chefe Severino, onde seu prato favorito era *o coq au vin* (frango ao molho de vinho), que ele chamava de "um frango ao molho pardo metido a besta". Quando começava a ficar evidente que o então senador Tancredo ia disputar o governo mineiro em 1982,



Tancredo Neves

Carta 8: Início do discurso de aceitação da candidatura presidencial pelo PMDB — Brasília, 12 de agosto de 1984, 14:09

aproveitei um desses almoços para perguntar-lhe, e ele negou que fosse candidato. Perguntei a mesma coisa de outro ângulo, ele negou outra vez. Admito que pensei comigo mesmo: "Não é possível, por que será que ele está mentindo?" Tancredo imediatamente começou a falar sobre José Maria Alkmin, outro lendário político mineiro, observando que Alkmin raramente falava a verdade. "Eu não sou assim, mas ele era", explicou — e contou vários episódios divertidos da carreira de Alkmin.



Colégio Eleitoral

Carta 9: Horário inicialmente previsto para o começo da votação em Brasília, 15 de janeiro de 1985, 15:00

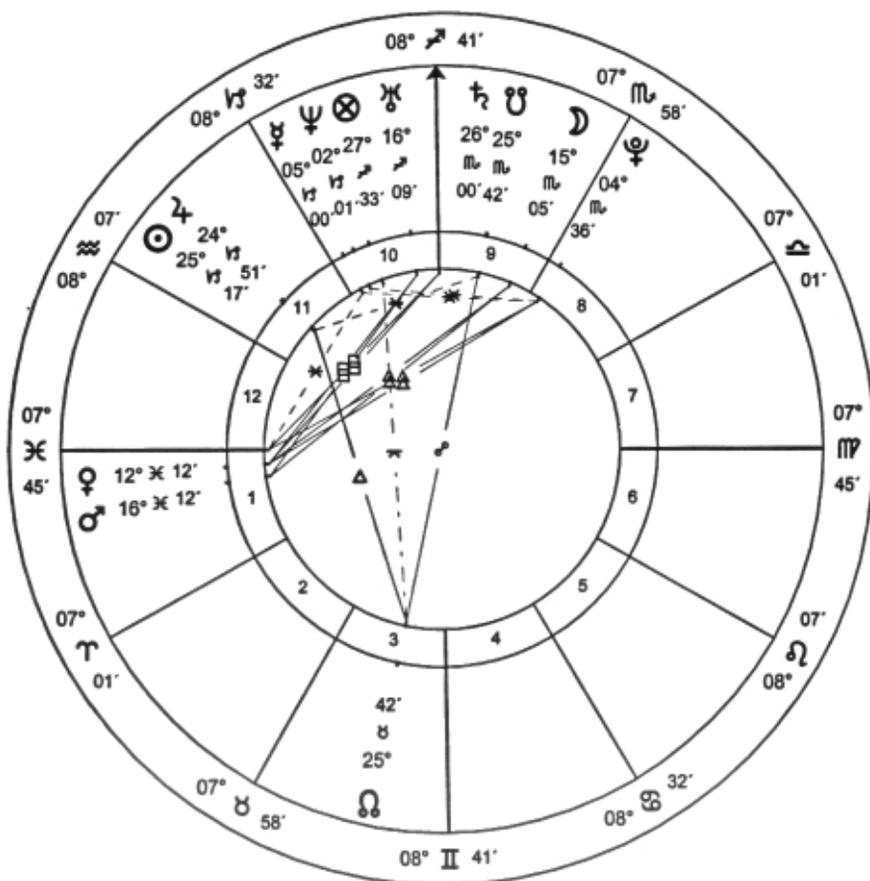
Outro político brasileiro famoso que tem esse mesmo aspecto e portanto capacidade telepática é o senador baiano Antônio Carlos Magalhães; as conversas entre ambos tinham essa facilidade em que um podia antecipar o que o outro estava pensando.

Que o horário do nascimento de Tancredo deve ser em torno de 3:30 a 4:00 fica evidente também porque nesse período o planeta Júpiter está na casa nove no horóscopo. Júpiter rege o nono signo (Sagitário), e portanto tem afinidade natural com a Casa Nove: ele está aí no que podemos considerar sua própria Casa. O sentido dessa combinação é uma extraordinária capacidade de intuir o futuro, de perceber o rumo que os acontecimentos estão tornando. E Tancredo exibiu essa capacidade de intuir tendências importantes várias vezes em sua longa e honrada trajetória política. Com Saturno na Terceira Casa, ele também não acreditava muito em sua intuição, e buscava evidências concretas que as confirmassem antes de embarcar nos rumos previstos.

O horóscopo de Paulo Maluf também me pareceu preciso. Ele tem duas características marcantes. A primeira é o planeta Saturno em conjunção com o Ascendente. Isso sugere que a pessoa tem uma crise de identidade, que ela sabe como são os outros, mas não sabe como é. Gente assim tem dificuldade para mentir, porque sentem que são transparentes, e que todo mundo vai perceber suas mentiras; ficam portanto particularmente vulneráveis quando mentem. É também uma posição característica de atores, porque corresponde a uma capacidade de imitação impressionante. O problema com as pessoas que têm Saturno na Casa Um mas não são atores é que podem dar a impressão de estar interpretando algum papel. Sempre que ouvi críticas de adversários políticos de Maluf, um traço ressaltado é o de que ele parece insincero. A segunda característica desse horóscopo é uma grande quadratura (quatro planetas vinculados por separações sucessivas de 90 graus cada), um aspecto de excepcional dinamismo, que induz a pessoa a continuar agindo mesmo quando deveria ficar parada.

Comecei a conversa com Thales dizendo que algumas coisas me incomodavam no horóscopo da sua candidatura presidencial. Numa carta desse tipo, a Décima Casa representa o candidato, e ela está no 19º grau do signo de Virgem, que é o signo de Maluf. O regente de Virgem, Mercúrio, está fortíssimo no seu próprio signo, que é também o signo de sua exaltação. Confesso que as pesquisas de Barbara Watters me deixaram confuso: será que isso beneficia Tancredo, porque o seu símbolo está muito forte, ou Maluf, porque o signo que representa Tancredo é

também o signo natal de seu adversário? O mais provável é que representasse o fato de que seguidores de Maluf (e seu partido, o PDS) acabariam se identificando com a candidatura de Tancredo. Mas havia outro sinal perturbador nessa carta da candidatura, pelo que continha de positivo e negativo: a Quarta Casa representa a oposição em horóscopos políticos, e seus dois regentes (Júpiter e Netuno) estão retrógrados na Primeira Casa.



Colégio Eleitoral

Carta 10: Horário modificado para o começo da votação em Brasília, 15 de janeiro de 1985, 9:00

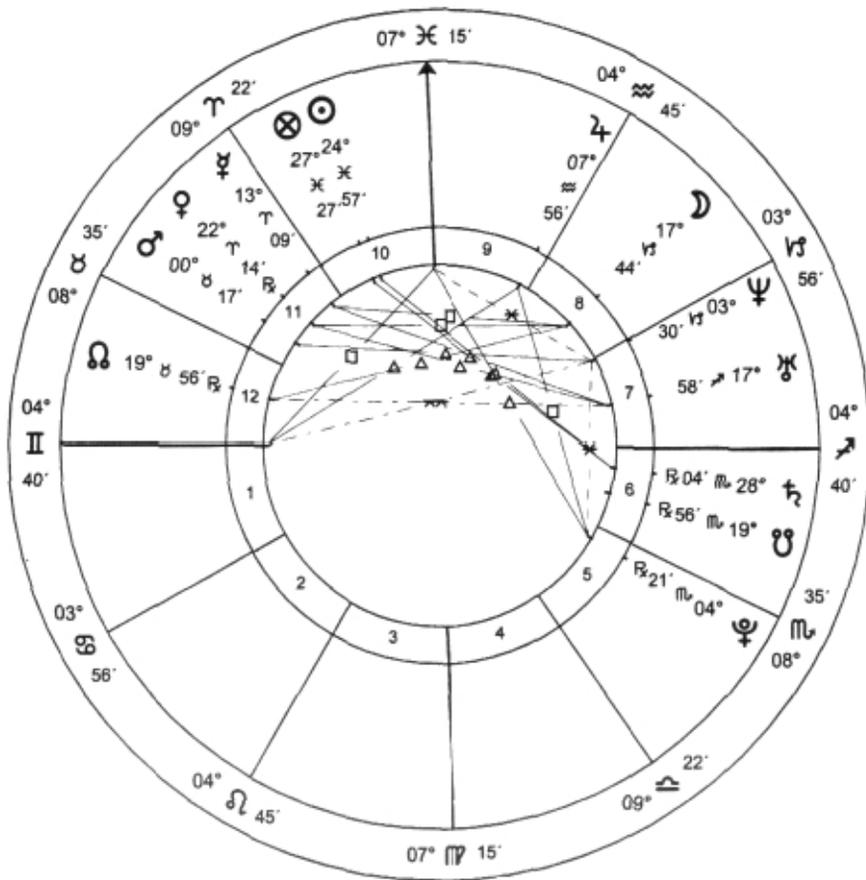
Uma leitura possível é a de que a oposição chega ao poder: Netuno faz um trígono com o Sol, que simboliza o poder. Mas Júpiter e Netuno estão retrógrados, o que sugere algo como "ganha mas não leva". Eu disse ao dr. Thales que esses dois planetas também significavam uma enorme (Júpiter) decepção (Netuno) popular (a Primeira Casa rege a população em horóscopos políticos), e ele reagiu energeticamente a essa observação: "O Governo Tancredo não vai provocar decepção no país, isso eu posso lhe garantir." O futuro mostrou, contudo, que estávamos falando de coisas diferentes: a decepção que o mapa sugeria viria com a morte de Tancredo, e não com o seu governo.

Thales não teve muita paciência com minhas dúvidas, porque ele estava convencido da vitória de Tancredo sobre Maluf no colégio eleitoral composto por senadores e deputados. Mas eu lhe mostrei então o horóscopo para a hora prevista do início da votação no colégio eleitoral. Nele, Maluf é representado pela Décima Casa no signo de Peixes, porque a Décima Casa representa o partido da situação, ainda que esse seja também o signo natal de Tancredo; e este é representado por Virgem na Quarta Casa, embora Virgem seja também o signo natal de Maluf. O problema que eu via nesse horóscopo é que os planetas representando Maluf — Júpiter, em conjunção com o Sol — são superiores (no sentido de que estão acima) aos que representam Tancredo (Mercúrio, que rege Virgem, em conjunção com Netuno). Isso poderia significar derrota, se levássemos a sério a pesquisa já mencionada da astróloga americana Sylvia De Long, que dá grande ênfase à superioridade de planetas representando candidatos. O planeta simbolizando Tancredo nesse horóscopo, Mercúrio, rege também o Ascendente, o que lhe dá maior popularidade; mas está bem no começo da Oitava Casa, que significa perdas.

Caso a eleição fosse marcada para o período entre as 9:00 e as 11:00 do mesmo dia, contudo, a situação ficaria invertida e claramente favorável a Tancredo. Agora a Quarta Casa (que representa a oposição) é regida por Gêmeos, o outro signo regido por Mercúrio, e Mercúrio está na Décima Casa, que representa a situação e o poder: pode-se interpretar isso como a oposição conquistando a situação, ou a oposição no poder. Maluf e a situação estão representados por Júpiter no signo de seu detrimento, Capricórnio, na Casa Onze. A casa dez ou Meio-Céu é mais forte por ser um dos quatro ângulos do horóscopo, e por representar especificamente o poder que se procura.

Embora não entenda de astrologia, o dr. Thales é um homem de grande espiritualidade, e resolveu levar meus argumentos a sério.

Depois de explicar a situação a Tancredo, ele foi autorizado a negociar informalmente com a mesa diretora do Colégio Eleitoral, presidida pelo senador Moacyr Dalla (PDS-ES), um pedido para mudar a hora da eleição. Mas faltava um dos votos da mesa para assegurar a mudança no horário. Depois de uma fascinante série de negociações, cujos detalhes poucas pessoas conhecem, o horário da eleição foi finalmente mudado para as 10:00.



Colégio Eleitoral

Carta 11: Horário estimado para o discurso da posse de Tancredo Neves como presidente da República, 15 de março de 1985, 11:15

Cerca de dois anos depois, o jornalista Elio Gaspari, então diretor adjunto da revista *Veja* e principal autor da coluna "Radar", ouviu ecos desses acontecimentos de alguma fonte, e publicou uma nota que continha várias incorreções — confundia, por exemplo, a escolha da hora da eleição com a hora da posse.³

Eis a nota:

"O jornalista Getulio Bittencourt, que assume nesta semana a Secretaria de Comunicação do governo Sarney, é fiel depositário de um segredo nacional: foi ele quem determinou a mudança da hora da posse de Tancredo Neves, em março de 1985. Através de um amigo comum, Tancredo enviou a Getulio — astrólogo dileitante — os dados necessários para a composição de seu mapa astral e nele o jornalista viu que de janeiro a abril de 1985 Tancredo entraria numa área denominada de inferno zodiacal, repleto de maus fluidos. Nesse inferno, porém, Getulio viu um período de trégua que ia dos primeiros dias de janeiro às 12:00 do dia 15. A posse de Tancredo foi a marcada pela Mesa do Senado para as 15:00, mas o presidente eleito, por recomendação de Getulio, fez com que fosse transferida para as 10:00. Essa história, narrada ao presidente José Sarney, deixou-o perplexo."

Bem, qualquer pessoa que se aprofunde um pouco no estudo de astrologia sabe que "inferno zodiacal" é o período de trinta dias que antecede o aniversário da pessoa. Considero esse termo infeliz porque o simbolismo que acontece nesse período é o da entrada do Sol na décima Segunda Casa em relação à posição natal; o sentido é o da conclusão de um ciclo, um período para se terminar em vez de começar coisas, com as dificuldades inerentes — mas é só, não é necessariamente um inferno. E a eleição de Tancredo aconteceu em janeiro, enquanto seu assim chamado "inferno zodiacal" foi de 4 de fevereiro a 3 de março de 1985.

Tancredo nunca tratou do assunto da eleição diretamente comigo; nosso intermediário sempre foi o dr. Thales. Durante sua viagem ao exterior, em fevereiro de 1985, já como presidente eleito, tive oportunidade de tocar uma vez no assunto da astrologia com ele, e Tancredo disse apenas que "me falam bastante também na astrologia chinesa". Mas

³ "O inferno zodiacal de Tancredo", em "Radar", *Veja*, São Paulo, 21 de janeiro de 1987.

logo outras pessoas aproximaram-se, e mudamos de assunto. Ele no entanto começou sua conversa com o presidente americano Ronald Reagan no salão oval da Casa Branca tratando exatamente desse tema, segundo o testemunho do embaixador Rubens Ricupero, que assistiu ao diálogo: "Eu sou de Aquário", informou Reagan. "Eu sou de Peixes", replicou Tancredo.

A questão da hora da posse de Tancredo Neves realmente me preocupou, e acabou provocando dois meses de separação entre mim e o dr. Thales, que me deixaram bastante triste, embora eu compreenda os motivos naturalmente emocionais que o afastaram. Com o candidato da Aliança Democrática já eleito, fiz então o horóscopo da hora prevista para a posse, uma figura que me deixou realmente abalado. Fui outra vez explorar a hospitalidade de d. Helena, e narrei minhas especulações ao dr. Thales. "De acordo com esse mapa", afirmei, "o presidente Tancredo não vai tomar posse no dia 15 de março. Nesse dia, ele vai estar num hospital ou preso." Eu deveria talvez ter medido minhas palavras. Meu interlocutor ficou furioso. "Tancredo vai tomar posse, sim", garantiu Thales. É possível que ele tenha interpretado o que eu disse como alguma reação militar (prisão) ou algum atentado (hospital) contra o presidente eleito, um homem tão querido pelo povo brasileiro e tão respeitado pelos militares que tornava essa previsão tão agourenta quanto improvável. Por causa disso, ficamos sem nos falar até o dia 15 de março de 1985, quando se confirmou que minha leitura daquele horóscopo infeliz fora precisa.

Estimei o início do discurso de posse de Tancredo na presidência da República — que marcaria efetivamente o começo do seu governo — para as 11:15 do dia 15 de março de 1985. Nessa hora, o Meio-Céu estava no oitavo grau de Peixes, e o co-regente desse signo, Netuno, no quarto grau de Capricórnio, exatamente no início da Oitava Casa, que tem vários significados — cirurgia e morte, dentre eles. Netuno significa, entre outras coisas, prisão e doenças em geral, mas infecções em particular.

O vice-presidente em exercício e futuro presidente José Sarney acabou lendo o discurso que Tancredo preparou para a posse no Congresso às 10:25 de 15 de março. Nessa hora, o Ascendente ou Primeira Casa estava no vigésimo terceiro grau de Touro (o signo solar de Sarney), e o regente do signo, Vênus, estava retrógrado no vigésimo terceiro grau de Áries — indicando um acontecimento que teria que ser refeito. Planetas retrógrados sempre simbolizam ações que terão que ser feitas outra vez,

ou a retomada de ações já iniciadas anteriormente. O Meio-Céu ou Décima Casa desse horóscopo está em Aquário, e o co-regente desse signo, Saturno, está também retrógrado no signo de Escorpião, que é associado a transformações de toda espécie (a morte sendo uma delas); o Meio-Céu ou Décima Casa, por sua vez, representa o poder — no caso, o presidente da República. O simbolismo geral continuava aí, agora modificado para representar a realidade da posse do vice-presidente Sarney no impedimento do presidente eleito.

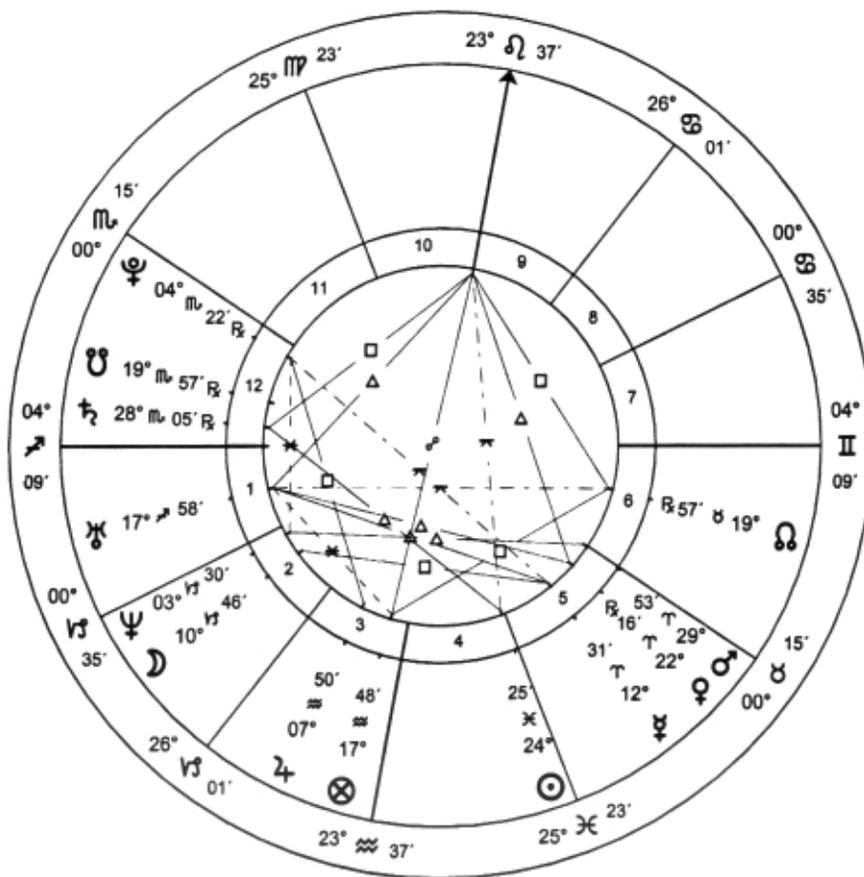
II — A eternidade para descansar

No início de março de 1985, recebi um telegrama de Mauro Bento Dias Sanes, o publicitário que assessorava Tancredo, convidando-me para uma conversa com o presidente eleito em Brasília, poucos dias antes da posse, junto com um grupo selecionado de jornalistas. Na véspera desse encontro, outro telegrama de Mauro cancelava a conversa, devido a um "resfriado" do presidente eleito. O jornalista Dirceu Brisola, que leu o telegrama comigo a caminho do elevador da *Gazeta Mercantil*, não se conteve e manifestou seu prático Saturno na Sétima Casa: "Presidente não fica resfriado. Quando o presidente está resfriado, ninguém fala nada. Mas se dizem que está resfriado, é porque deve estar com câncer."

Fui a Brasília no dia 14 de março para assistir à missa de consagração do novo governo, e consegui um lugar próximo às cordas que protegiam a passagem do presidente eleito. Minha esperança era conseguir trocar umas palavras com ele para escrever um artigo mais interessante sobre a posse no dia seguinte; Tancredo sempre brincava comigo quando me via. Na viagem ao exterior como candidato, por exemplo, ele veio até a classe econômica onde viajávamos os jornalistas, no avião comercial da Varig, e quando me viu deu uma risada e disse: "Getúlio, então a policia deixou você entrar?" Mas que nada. Ele passou rápido e direto a caminho da igreja, sem olhar para os lados, com um olhar que me pareceu lacrimojante, e nem tomou conhecimento de quem estava dos lados. Decepcionado, recolhi a minha típica vaidade de jornalista e pensei que a vida era assim mesmo: presidentes da República são outro tipo de gente, e não olham mais para os lados. O presidente eleito, de fato, já sentia uma dor profunda, provocada talvez pela crise de diverticulite que lhe diagnosticaram quando deu entrada no Hospital de

Base de Brasília, às 22:25 daquela mesma noite de 14 de março. O que admira não é que ele não olhasse para os lados, mas simplesmente que caminhasse, e depressa.

O Brasil inteiro sofreu repetidos choques emocionais com a série de operações a que Tancredo foi submetido nas cinco semanas seguintes. Ninguém queria perder a esperança na sua recuperação, ainda acompanhando um dos lemas de sua brilhante campanha eleitoral: "Não vamos



Tancredo Neves
Carta 12: Momento da sua internação no Hospital de Base, Brasília,
14 de março de 1985, 22:25

nos dispersar." Fui seguindo aquela tragédia longa, uma agonia que aquele homem bom e inteligente não merecia, triste como os outros brasileiros. Mas Deus tem lá os seus caminhos, não é? A paixão de Tancredo consolidou o regime democrático no Brasil, silenciando até os seus adversários mais impenitentes.

O horóscopo de Tancredo contém três aspectos geralmente associados com acontecimentos cuja exata compreensão nos escapa: um quincúncio (150 graus de separação) envolvendo os planetas Vênus e Netuno, outro quincúncio envolvendo o Sol e Júpiter, e mais outro quincúncio envolvendo Urano e Plutão. Minha interpretação para a tríplice repetição desses quincúncios na vida de Tancredo é sua associação com reviravoltas que o forçaram a deixar importantes obras inacabadas. Essa peculiaridade foi usada por integrantes da candidatura Maluf para tentar desacreditá-lo durante a campanha eleitoral indireta para a presidência. Entre outros eventos desse tipo, Tancredo deixou o posto de chefe de governo (como primeiro-ministro do Governo João Goulart, durante o regime parlamentarista) para disputar o governo de Minas, e perdeu inesperadamente a eleição para Magalhães Pinto; e depois deixou o governo de Minas para disputar e vencer a eleição presidencial indireta, mas morreu sem tomar posse.

Acho que ninguém ousava pensar que Tancredo ia morrer, durante as semanas de internação hospitalar. O horóscopo de sua entrada no Hospital de Base, porém, não oferecia muito alento. A Quarta Casa, que rege como as coisas terminam, está no signo de Aquário, e o co-regente desse signo, Saturno, está na décima Segunda Casa (que simboliza doenças, hospitalizações), retrógrado (indicando que o que está sendo feito será refeito), em conjunção com o Ascendente (e portanto angular, importante), e no signo de Escorpião (transformações em geral, entre elas a morte). A Oitava Casa, que indica as circunstâncias da morte, se houver morte, está no primeiro grau de Câncer, e a Lua, que rege Câncer entre os signos e o estômago entre as partes do corpo, está em frágil situação no signo oposto de Capricórnio, em conjunção com Netuno, o planeta associado com infecções.

Todas as cirurgias a que Tancredo foi submetido, em Brasília e depois no Hospital do Coração em São Paulo, aconteceram com símbolos retrógrados em posição proeminente nos horóscopos, indicando que outra cirurgia teria que acontecer. Quando a quarta operação foi marcada pelo dr. Henrique Pinotti e sua equipe, o então vice-presidente executivo da *Gazeta Mercantil*, Roberto Müller Filho, cedeu à curiosidade e me

pediu que fizesse um horóscopo para responder à pergunta se Tancredo conseguiria escapar com vida de tudo isso. Essa é uma pergunta terrível, como já ficou demonstrado no primeiro capítulo. Certamente, como regra geral, é melhor não tentar respondê-la. Um motivo óbvio vem da imperfeição que caracteriza o ser humano, o que significa que um astrólogo sempre pode errar em sua avaliação da figura; outro deriva do fato de que mesmo quando o astrólogo acerta na resposta a esse tipo de pergunta, nenhuma satisfação acompanha o acerto.

Talvez por acaso, Deus permitiu que minha avaliação fosse correta neste caso. Visto *a posteriori*, parecia óbvio: Tancredo tinha 75 anos; havia feito recentemente um esforço enorme, recusando pausas na campanha e na formação do governo porque tinha "toda a eternidade para descansar"; e já havia sido submetido a três operações desesperadas, com uma quarta a caminho. São raros os casos como este em que as circunstâncias parecem inexoráveis. Normalmente é difícil responder a uma questão terminal assim com astrologia porque a linguagem astrológica é simbólica. Isso quer dizer que quando uma pessoa se transforma profundamente (por exemplo, Tancredo deixando de ser governador para ser presidente — ou qualquer pessoa mudando radicalmente de profissão), ou quando ela morre fisicamente, o simbolismo astrológico pode ser muito semelhante.

Outros fatores que levei em consideração no julgamento da pergunta vieram do horóscopo do presidente eleito. Com o Ascendente em Aquário, a Oitava Casa, que indica as circunstâncias da morte, está no signo de Virgem, que representa os intestinos entre as partes do corpo (diverticulite é a putrefação de um segmento do intestino). A Quarta Casa, que indica o fim da vida, contém o planeta Marte (cirurgias, danos) em quadratura com o Ascendente e Mercúrio na Primeira Casa (ambos representam o corpo).

Mas antes de responder à pergunta de Müller, conferi também os aspectos que os planetas no céu faziam em relação ao horóscopo natal de Tancredo. Júpiter em trânsito fazia conjunção com Vênus; essa é a mais benéfica das conjunções, e se nem isso conseguia extrair boas notícias da equipe médica, é porque a melhor notícia possível seria a de que Tancredo finalmente poderia descansar. Observei também que algumas semanas depois, na noite de 21 de abril de 1985, o planeta Marte em trânsito fazia uma oposição exata com Saturno em trânsito — e a oposição desses dois planetas disputa o título de mais destrutivo dos aspectos. Além disso, Marte no céu estava em trânsito pela Quarta Casa

de Tancredo, que continha assim esse planeta duas vezes (o Marte natal e o Marte em trânsito). Saturno em trânsito no céu, portanto, fazia oposição simultaneamente ao Marte natal de Tancredo e ao Marte em trânsito — uma assinatura celestial duplamente mortífera. Concluí que se ele conseguisse sobreviver a tudo isso, nada mais poderia matá-lo. Foi a data que informei a Roberto Müller como a do provável passamento de Tancredo Neves.

O dia 21 de abril de 1985 caiu num domingo, e a edição de segunda-feira do jornal ficou aberta na expectativa de alguma notícia fúnebre. Eu avisei ao diretor de redação da *Gazeta Mercantil*, Sidnei Basile, no final da tarde de domingo, que mantivesse o jornal aberto o mais que pudesse, confirmando minha previsão de que a morte aconteceria nesse dia. "E se ele não morrer?", indagou Sidnei. "Se ele passar de hoje, talvez viva por muitos anos, mas acho que ele não tem chance", insisti. Mas Sidnei tinha que tomar uma decisão prática: ordenar a impressão do jornal, na época feita na gráfica de *O Estado de S. Paulo*, antes da entrada do *Jornal da Tarde* às 19:00, para evitar um grande atraso da *Gazeta Mercantil*. E foi o que ele fez.

Enviado pela *Gazeta Mercantil*, segui o emocionante velório do presidente em Belo Horizonte com meu colega José Casado, e fomos acompanhá-lo em sua última jornada até o cemitério atrás da belíssima Igreja de São Francisco da Penitência, com a fachada desenhada pelo gênio do Aleijadinho, em São João del Rey — uma das cidades que os mineiros construíram no alto dos morros, segundo Tancredo, para ficarem mais perto de Deus. Depois de escrevermos a matéria, fomos jantar. Consegui um prato com o último frango ao molho pardo do restaurante, para despedir-me do presidente em grande estilo.

SARNEY, O HOMEM QUE VEIO DE LONGE

Eu já ouvira falar muito de José Sarney em meados da década de 1970, através das primorosas colunas políticas de Carlos Castello Branco no *Jornal do Brasil*. Mas ele cruzou minha carreira de jornalista pela primeira vez em janeiro de 1977, quando o diretor de redação da *Folha de S. Paulo*, Cláudio Abramo, me enviou a São Luís do Maranhão para cobrir a crise política que quase culminou na cassação do governador Oswaldo Nunes Freire, sob acusações de corrupção. As acusações vinham da oposição, isto é, de Sarney.

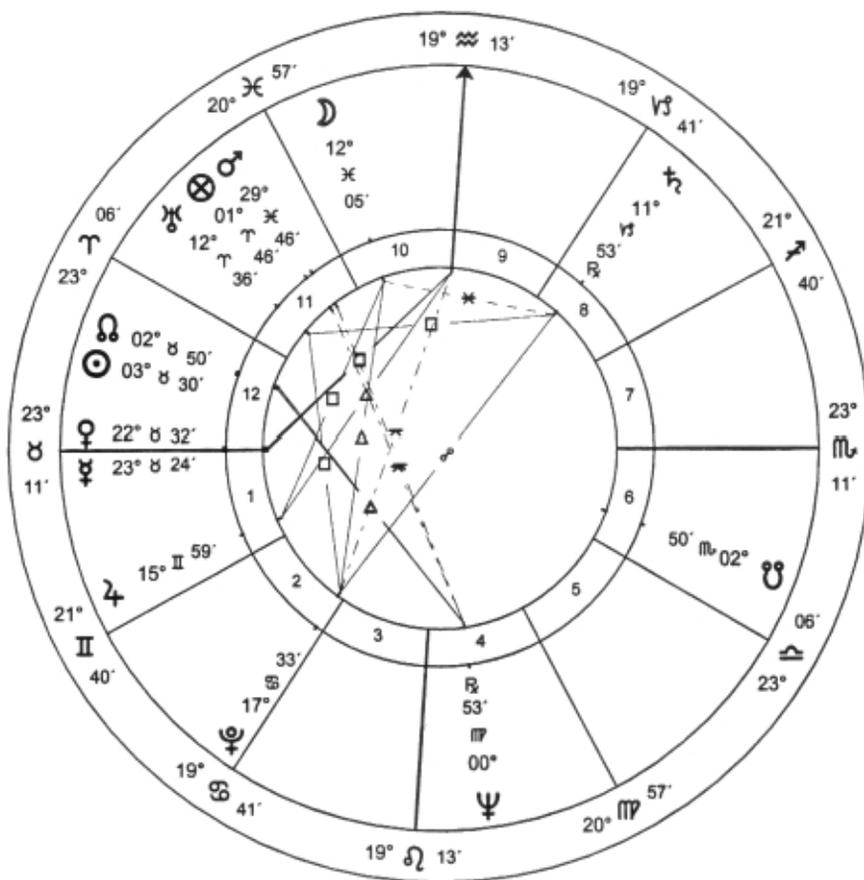
Exceto pelo excelente cozido dos restaurantes locais, capaz de rivalizar com a versão muito mais cara do elegante Hotel Ca d'Oro em São Paulo, aproveitei muito pouco da tranqüila paisagem da capital maranhense, fundada por franceses no século XVII. Estava tenso porque Cláudio Abramo não escondia sua irritação com a pobreza da cobertura da crise maranhense. E não era para menos. Nunes Freire estava viajando, e ninguém no Palácio dos Leões parecia saber para onde. Sarney estava em Brasília. Eu não sabia onde estava Victorino Freire, o outro pivô da crise, e nem o conhecia: se descobrisse seu esconderijo, era improvável que falasse comigo. Tudo parecia perdido, inclusive o meu emprego no jornal da família Frias.

De repente, sem ter o que fazer em São Luís, lembrei-me de uma série de artigos sobre as eleições maranhenses na *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, da Universidade Federal de Minas Gerais, escritos por um professor da Universidade Federal do Maranhão chamado José Ribamar de Chaves Caldeira. Foi a minha salvação. Marquei uma conversa e fui entrevistá-lo em seu gabinete de trabalho. O resultado foi um painel da política maranhense no pós-guerra, que o jornal publicou em uma página inteira, com chamada na capa.¹ A certa altura, Caldeira

¹ Getulio Bittencourt, "Para entender a crise do Maranhão", *Folha de S. Paulo*, 16 de janeiro de 1977, 14 Caderno, pág. 8.

observou que o Maranhão não tem propriamente uma classe média, e está dividido entre os ricos e os pobres. Num Estado assim, médicos terminam ricos, e segundo ele, Sarney ascendeu socialmente casando-se com a filha de um médico, d. Marly.

Algumas semanas depois, numa passagem por Brasília a serviço do jornal, fui convidado pelo jornalista Ruy Lopes para ir a uma festa em que estava o casal Sarney. Sorridente, o líder político maranhense virou-se



José Sarney

Carta Natal 13: Pinheiro (MA), 24 de abril de 1930, 7:30

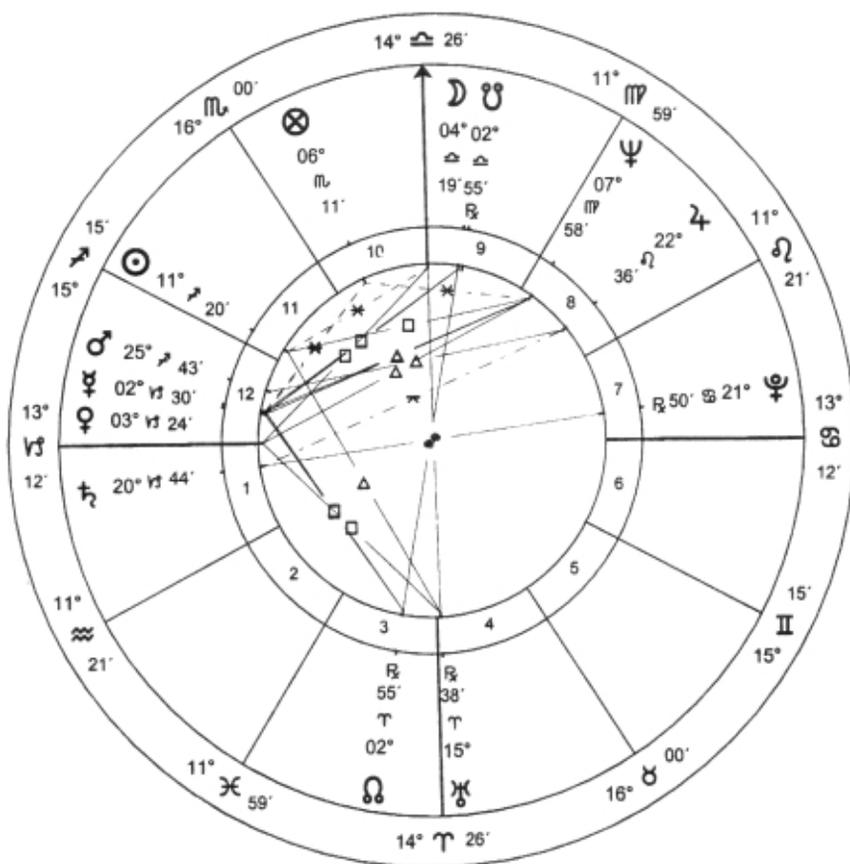
se para mim e queixou-se: "Então foi você quem disse que eu subi na vida dando o golpe do baú." Eu tentei explicar que a declaração de fato era do sociólogo Chaves Caldeira, mas d. Marly me interrompeu e respondeu no meu lugar: "Mas é a pura verdade, José!" Começamos aí um relacionamento de jornalista e fonte que se aprofundou entre 1980 e 1981, quando chefei a sucursal da *Veja* em Brasília. Devido à necessidade da revista de dispor de material inédito, introduzi o hábito americano de marcar desjejuns, almoços e jantares com os principais líderes políticos do país. Era também uma forma de tirá-los do telefone do escritório, uma invenção que interrompe entrevistas seguidamente.

Sarney preferia conversar durante o café da manhã em seu próprio apartamento, com deliciosos produtos do Nordeste, e nossas entrevistas eram freqüentemente testemunhadas por sua filha Roseana. Meu objetivo era convencê-lo a se tornar para mim uma fonte tão boa quanto era para Carlos Castello Branco. Um projeto ambicioso, considerando que Castellinho era o jornalista político mais influente do país, e conhecia Sarney fazia mais de vinte anos. Não consegui. O senador Sarney, também presidente do PDS, raramente me dava uma notícia. Por duas vezes, me deu quadros (uma garça, um sobrado de São Luís), resultado de suas horas de lazer, e foi sempre muito simpático; mas nada de notícias.

Em 1984, durante a campanha presidencial indireta da Aliança Democrática, convidei Sarney — candidato à vice-presidência na chapa de Tancredo — para dar uma entrevista no programa de televisão "Crítica & Autocrítica". Já havíamos entrevistado os dois candidatos, Tancredo e Maluf, e ele aceitou. O resultado foi um desastre. Meu colega Dirceu Brisola — o mesmo que tem Saturno na Sétima Casa, e desconfia que presidentes não ficam gripados — fez uma pergunta sobre a construção de uma ponte em São Luís quando Sarney era governador, sugerindo que houve furto do erário. O candidato de Tancredo à vice-presidência ficou desconcertado. Mais tarde, numa kombi que nos levou a todos para jantar no restaurante Rodeio, ele não escondia sua irritação. Virou-se para mim, que o havia convidado a dar a entrevista, e fuzilou: "Como é que vocês fizeram isso comigo no ar, uma coisa que não fizeram nem com o Maluf?"

Logo depois da pergunta de Brisola, pedi a palavra ao moderador Roberto Müller Filho e coloquei uma longa questão para Sarney, que a meu ver estava sendo vítima de rejeição pelo PMDB de Tancredo — uma rejeição perigosa, porque punha em risco o equilíbrio e a eficácia

da Aliança Democrática que competia com Maluf no colégio eleitoral. "Senador", comecei, "pouca gente sabe disso, mas o senhor salvou políticos da oposição ameaçados pela ditadura militar, escondendo-os em seu automóvel para levá-los a uma embaixada amiga; o senhor colocou como diretor do seu jornal um poeta comunista, Bandeira Tribuzzi; e o senhor ajudou a financiar o filme de Glauber Rocha – *Terra em Transe* (1967) –, contratando-o para fazer um documentário sobre o Maranhão.



Marly Sarney

Carta Natal 14: São Luís (MA), 4 de dezembro de 1931, 8:00

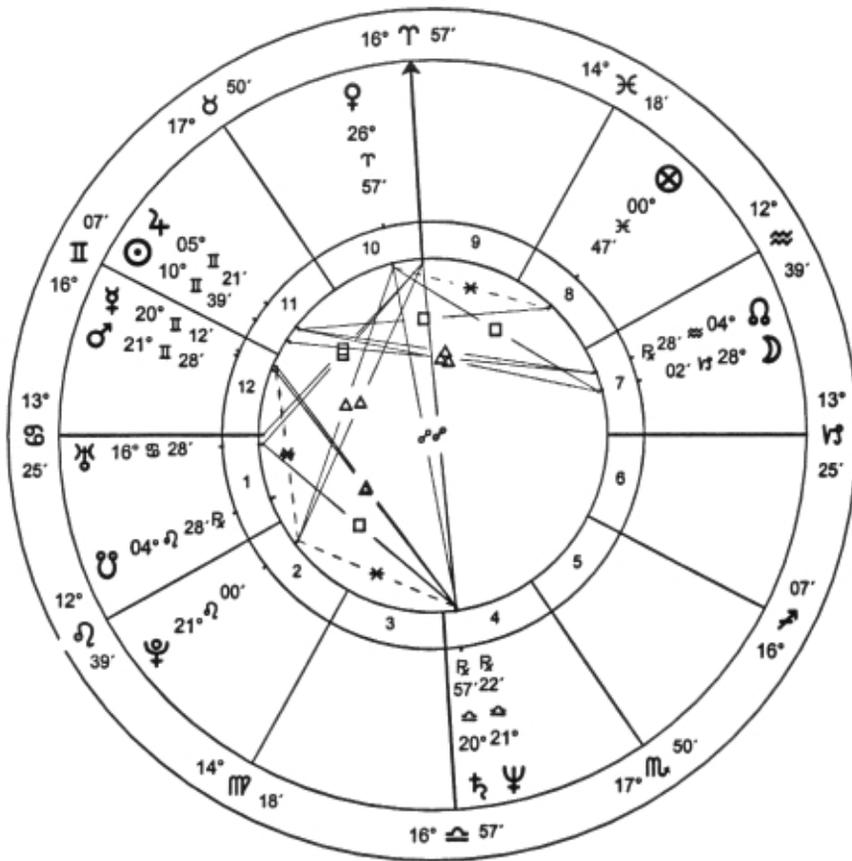
Como é que se sente agora, sendo rejeitado pela esquerda sem memória no Brasil?" Estou citando de memória, mas o sentido geral era esse. Sarney ficou um pouco mais aliviado. O resultado geral foi uma entrevista interessante.

Pouco depois, Sarney me convidou para participar de um pequeno grupo que estava reunindo para assessorá-lo. Eu agradeci, mas recusei: achava que poderia ajudar mais o meu país do lado de fora. Numa de suas visitas a Tancredo no Hospital do Coração, como presidente em exercício, ele repetiu o convite. Eu continuei resistindo: o trabalho de jornalista é muito mais atraente. E como presidente da República, Sarney foi uma excelente fonte. Agora ninguém tinha mais notícias do que ele, e às vezes ele as dava. Três dias antes de anunciar o Plano Cruzado, por exemplo, ele me deu uma entrevista que deixaria o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, furioso – porque se tratava de um segredo de Estado. O título da manchete da *Gazeta Mercantil* para a reportagem foi profético: "Podem vir medidas drásticas." Com o plano, Sarney tornou-se de repente o presidente mais popular da história do país, desde que esse tipo de pesquisa começou a ser feito na segunda metade da década de 1950. Depois da eleição de 1986 e do fim do congelamento de preços, porém, a popularidade do presidente caiu. Então eu achei que estava na hora de dar uma contribuição: telefonei para o presidente no final de dezembro, e assumi a secretaria especial de Comunicação Social que ele criou para mim em janeiro.

Conversei poucas vezes com o presidente Sarney sobre astrologia. Meu ponto é que ele me convidara para assessorá-lo como jornalista; decidi que se ele fizesse perguntas sobre astrologia, responderia com todo prazer, mas não me pareceu ético tomar a iniciativa. E como se pode deduzir do horóscopo do presidente, ele tomar a iniciativa é algo que dificilmente aconteceria. No entanto, fiz uma leitura detalhada dessa carta natal para ele, que em geral concordou com a descrição. O leitor talvez possa concordar também.

No horóscopo de Sarney, o Meio-Céu ou Décima Casa (que representa o poder) está no signo de Aquário, e o regente tradicional desse signo, o planeta Saturno, está em seu segundo signo (Capricórnio), na Oitava Casa (que simboliza todas as transformações, inclusive a morte), e retrógrado, ou aparentemente movendo-se para trás visto da Terra. Isso pode ser interpretado como uma pessoa que herda o poder (Meio-Céu) através da morte (Oitava Casa); herda igualmente um poder que já está exercendo (Saturno está retrógrado, um indício de volta ao passado –

que no caso simboliza o poder que Sarney já estava temporariamente exercendo). O signo de Aquário na Décima Casa representa enfim uma pessoa capaz de exercer um poder coletivo (Sarney teve que dividir o poder com o PMDB), e cujas relações com o poder passam de um extremo a outro (ele foi tanto o mais popular quanto um dos mais impopulares presidentes brasileiros). Além disso, a Lua está na Casa Dez, sugerindo popularidade e um papel importante da mãe na sua vida (eu a vi



Roseana Sarney
 Carta Natal 15: São Luís (MA), 1 de junho de 1953, 8:20

muitas vezes no Palácio do Alvorada, tratada como uma rainha pelo presidente); mas a Lua está também no signo de Peixes, algo que pode tornar o poder uma prisão da qual ele gostaria de escapar.

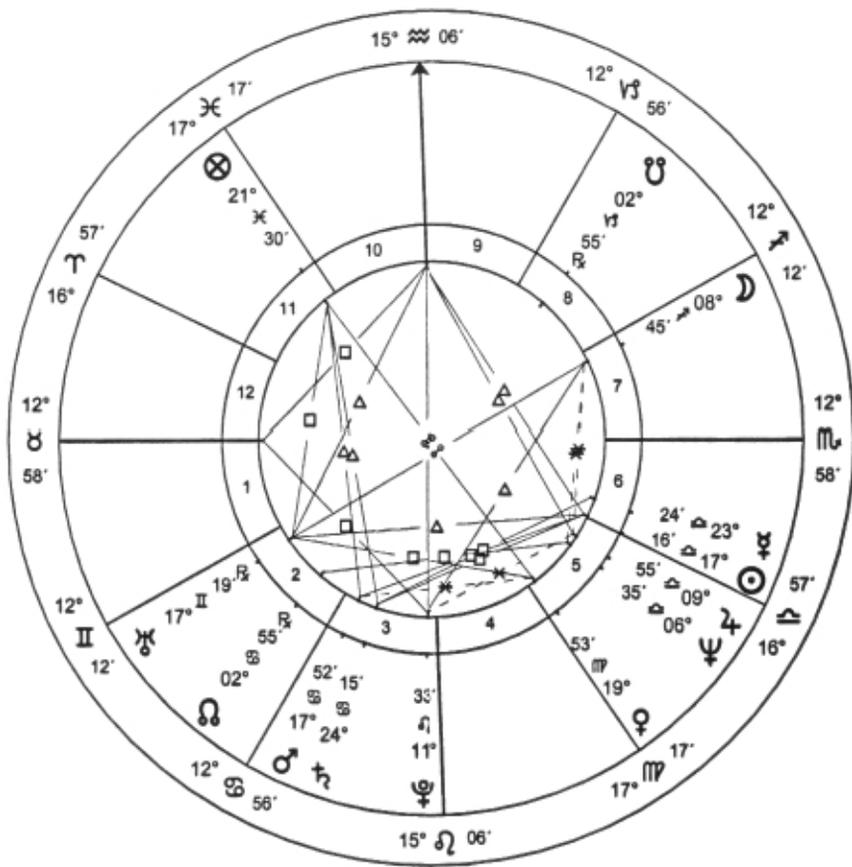
O Ascendente, o Sol, Mercúrio, o Nodo Lunar e Vênus estão em Touro. A ênfase no signo fixo do elemento terra sugere um homem prático (a primeira coisa que me perguntava quando eu lhe trazia pesquisas de opinião pública era: "Para que serve isso?"), cauteloso, capaz de continuar fazendo coisas até o limite mas não de começá-las, preocupado com a forma e a aparência. Alguém que gosta de ver as coisas tomando forma antes de agir. Visto como uma qualidade, trata-se de uma pessoa cuidadosa; visto como um defeito, trata-se de uma pessoa lenta. Os outros tendem a vê-lo como uma pessoa lenta, mas talvez não sejam tão cuidadosos quanto ele. Mercúrio no Ascendente indica uma extrema curiosidade, e facilidade de comunicação; Vênus aí acrescenta um certo charme e vaidade, e transforma Sarney num espelho: ele percebe a iniciativa como uma coisa externa. Tudo o que faz é sempre reagir, responder ao estímulo exterior. Isso explica um pouco a admiração dele pelos homens de ação.

O Sol está na Casa Doze, indicando uma pessoa que se sente um pouco deslocada onde quer que esteja, e que pode sentir-se tão estrangeiro no seu Maranhão natal (ele depois se elegeu senador por Roraima) quanto em Brasília ou Nova York. "Esse é um sentimento comum na minha vida", concordou Sarney. E Saturno na Oitava Casa corresponde a uma vida marcada por crises sucessivas: a pessoa aprende principalmente com as crises, e por isso, quando não há crise alguma, ela mesma cria uma. Sarney riu, significando que estava de acordo. Saturno aí também corresponde a uma resistência a mudanças. Mudar fica parecido com morrer. Mas quando a pessoa enfrenta essa resistência e resolve implementar mudanças, pode fazê-las a um nível histórico. Sarney primeiro mudou a si mesmo (inclusive seu próprio nome), e depois mudou o país com os nove meses de sucesso do Plano Cruzado.

Usei idéias extraídas desse perfil astrológico em artigos que escrevi para a imprensa quando secretário de Comunicações da Presidência da República. Meu diagnóstico básico sobre o Governo Sarney é o de que ele ficou preso na estratégia eleitoral de Tancredo Neves. Entre os dois candidatos indiretos à presidência da República em 1985, Paulo Maluf tinha um programa de governo; Tancredo, não. "Em meu governo, só vou fazer o que for consensual; o que não for consensual eu não vou poder fazer", disse-me Tancredo durante a campanha. Mas tudo que

era consensual, e fora prometido no "Compromisso com a Nação" de 7 de agosto de 1984, também foi rapidamente cumprido. Logo o governo ficou sem bandeiras, sem a popularidade que o Plano Cruzado fornecera, e submetido aos superpoderes da Assembléia Nacional Constituinte de 1987.

O primeiro aspecto que procurei ressaltar no perfil de Sarney é o da sua receptividade. Por uma geração, o Brasil fora governado ditatorialmente



João Sayad

Carta Natal 16: São Paulo, 10 de outubro de 1945, 20:00

por generais presidentes. Generais são treinados para dar ordens. E nas ditaduras, a ênfase está na decisão que vem de cima. No começo, ninguém as discute; no final, todos as discutem, e é por isso que as ditaduras caem. Com o regime democrático, a ênfase passa para a discussão: primeiro se discute, depois se decide. Meu ponto é que Sarney, com a paciência que lhe dão o Ascendente e o Sol em Touro, era o presidente ideal para a transição democrática, porque comparado com os generais presidentes ele parecia um antipresidente: alguém que por natureza e formação ouve — e muito — antes de decidir. Mas na cabeça da população, o perfil do presidente continuava a ser o de um general; o que o Brasil precisava não era o que o Brasil queria.

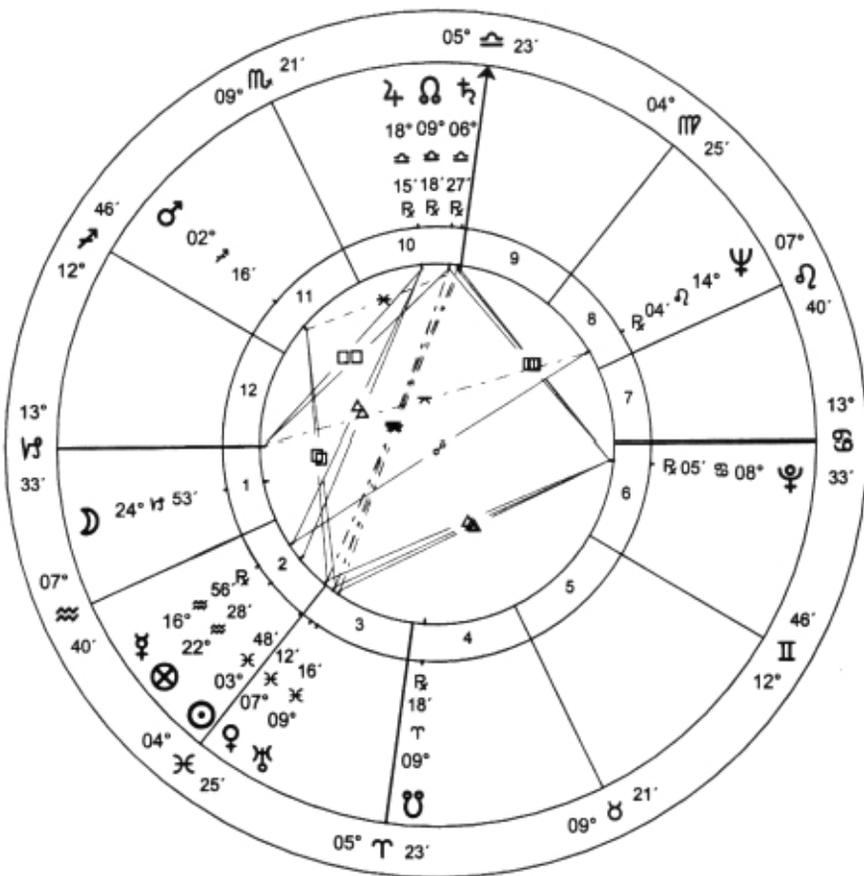
A imobilização do Governo Sarney pela Constituinte era previsível. Tancredo me dissera durante a campanha presidencial indireta que não convocaria uma Constituinte; apenas faria reformas na Constituição vigente, como o presidente Raúl Alfonsín fizera na Argentina. Mas Tancredo vinha da oposição. A população que fora às ruas pedir eleições diretas ficaria satisfeita com ele, porque Tancredo representava mudança — e mudança era o que a maioria realmente desejava. Sarney vinha de uma recente dissidência da situação. A ele faltava a legitimidade de Tancredo, e por isso teve que convocar a Constituinte, para dar legitimidade ao processo político como um todo.

Isso ficou visível para mim quando disse ao presidente Sarney, certa vez, que no horóscopo do Brasil o maior problema é a educação do povo. Quando d. Pedro deu o grito do Ipiranga, no qual se comemora a independência do Brasil, o planeta Saturno (que representa lentidão e dificuldades) estava na Terceira Casa (educação primária, comunicações), e fazia oposição — ou 180 graus de separação, um aspecto tenso e difícil — com o planeta Marte (que simboliza militares, guerras, violência). O presidente respondeu que sabia disso: "O Japão progrediu depois da restauração Meiji na segunda metade do século passado, que educou o povo japonês. Aqui não podemos fazer isso, porque a elite brasileira não quer", disse Sarney.

Escrevi um livro — que continua inédito — sobre o Governo Sarney, e por isso não vou repetir aqui as considerações que estão lá, e sim fazer breves digressões de "pequena História" que tenham a ver com astrologia, ou possam ser iluminadas por esse tipo de informação. Tive curiosidade, por exemplo, de pedir os dados de nascimento de vários ministros do governo, e alguns me pediram um horóscopo comentado de presente. Foi o caso de João Sayad, ministro do Planejamento, que me

procurou no Palácio do Planalto às vésperas de sua saída do governo Sarney. Eu o conhecia desde sua passagem pela secretaria de Planejamento do governo Montoro em São Paulo. Ele queria saber, por curiosidade, "o que as estrelas diziam".

O que chamou imediatamente minha atenção, ao examinar os trânsitos correntes sobre o horóscopo do ministro, foi a presença de Saturno pela Oitava Casa (mudanças, transformações e perdas). O planeta já



Ivan de Souza Mendes
 Carta Natal 17: Cordeiro (RJ), 23 de fevereiro de 1922, 2:00

estava ali por alguns meses, e permaneceria por mais dois anos. É um trânsito que provoca crises na vida da pessoa, que resiste a mudanças durante esse período, o que só agrava as dificuldades. O outro trânsito importante era o de Plutão quase em conjunção com a Sétima Casa, indicando mudanças nos relacionamentos pessoais. Mas Sayad de fato já havia decidido enfrentar as resistências de Saturno e sair do Ministério. Meses depois ele fundaria um banco em sociedade com o Manufacturers Hanover, o Banco SRL, atual Banco Inter American Express.

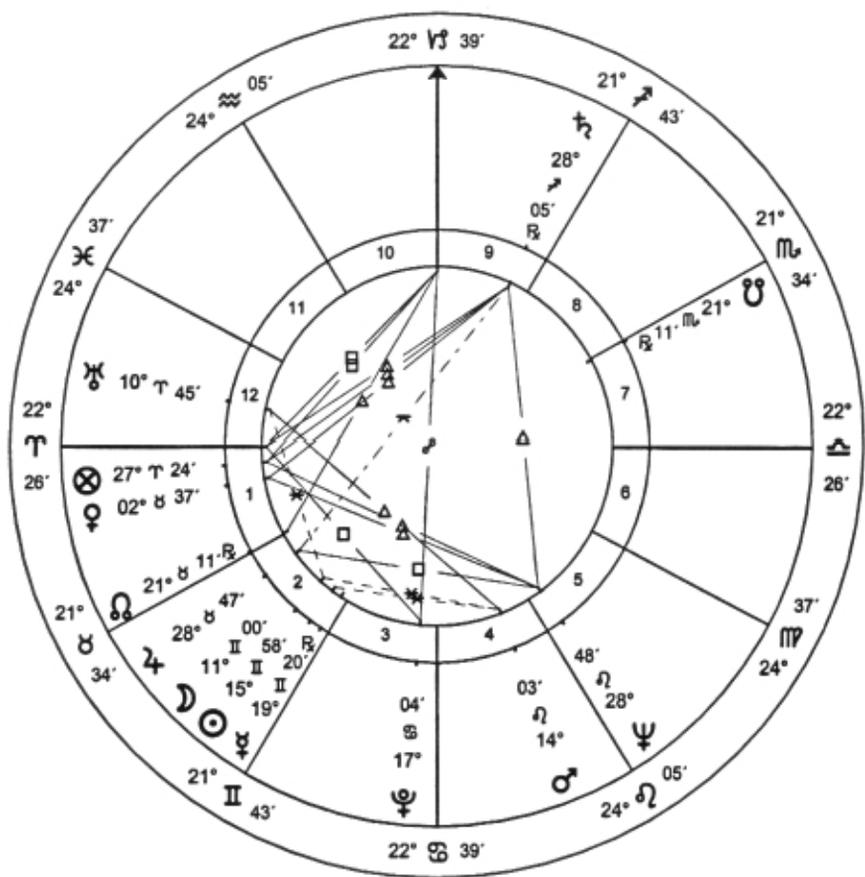
Um dado interessante para mim é que Sayad nasceu com uma conjunção de Marte e Saturno no signo de Câncer, na Terceira Casa (comunicações). Essa é uma conjunção dura e difícil, comum nos horóscopos de pessoas que literalmente quebraram (Marte) os ossos (Saturno), ou que figurativamente são capazes de enorme esforço no trabalho. Por estar na Terceira Casa, a conjunção deve criar dificuldades para a pessoa falar ou escrever — ou seja, comunicar-se. A primeira parte, eu poderia confirmar mais tarde: Sayad muito raramente dá entrevistas como banqueiro. Mas ele escreve regularmente às segundas-feiras artigos para a *Folha de S. Paulo* que dão a impressão de serem escritos com facilidade, num estilo solto, elegante e pessoal. Talvez a impressão seja enganosa.

O horóscopo do general-de-exército Ivan de Souza Mendes, o chefe do serviço secreto (SNI) dos governos de Sarney e Tancredo, tem apropriadamente ênfase no signo de Peixes, que rege tudo o que está escondido. E a tríplice conjunção do Sol, Vênus e Urano em Peixes fica na Terceira Casa do general, sugerindo uma extrema facilidade para obter informações (Casa Três) sobre o que está escondido (Peixes), usando uma combinação de intuição (Sol), charme nas relações pessoais (Vênus) e novas tecnologias ou rede de amigos (Urano). A excepcional intuição de Peixes é contrabalançada por Mercúrio (a mente) no racional signo de Aquário, mas sugere também que nem o general acredita em tudo que pode perceber. Essa contradição é ressaltada pela oposição natal entre Mercúrio (a mente racional) e Netuno (a percepção de outros estados da consciência).

Confesso que uma das razões que levaram a servir o governo Sarney veio da minha convicção de que os generais deveriam ir embora para os quartéis, porque estavam governando meu país sem os votos da população. Tendo passado minha vida adulta desejando que isso acontecesse, era minha obrigação dar uma contribuição para mostrar que os civis poderiam perfeitamente administrar o Brasil. Reconheço que eu pessoalmente não tinha o treino apropriado, como a maioria dos civis, e é

claro que os militares têm sua parcela de culpa nisso, porque não houve treino dos civis justamente por causa da ditadura militar. Mas o fato é que as partes do Palácio do Planalto que funcionavam melhor, no ano que passei por lá, estavam sob administração dos militares.

Uma das melhores sugestões que recebi na Secaf (Secretaria Especial de Comunicação Social da Administração Federal) veio justamente do general Ivan — mais especificamente, ao seu lado de Peixes, um signo



Rubens Bayma Dennys
 Carta Natal 18: Rio de Janeiro (RJ), 7 de junho de 1929, 3:00

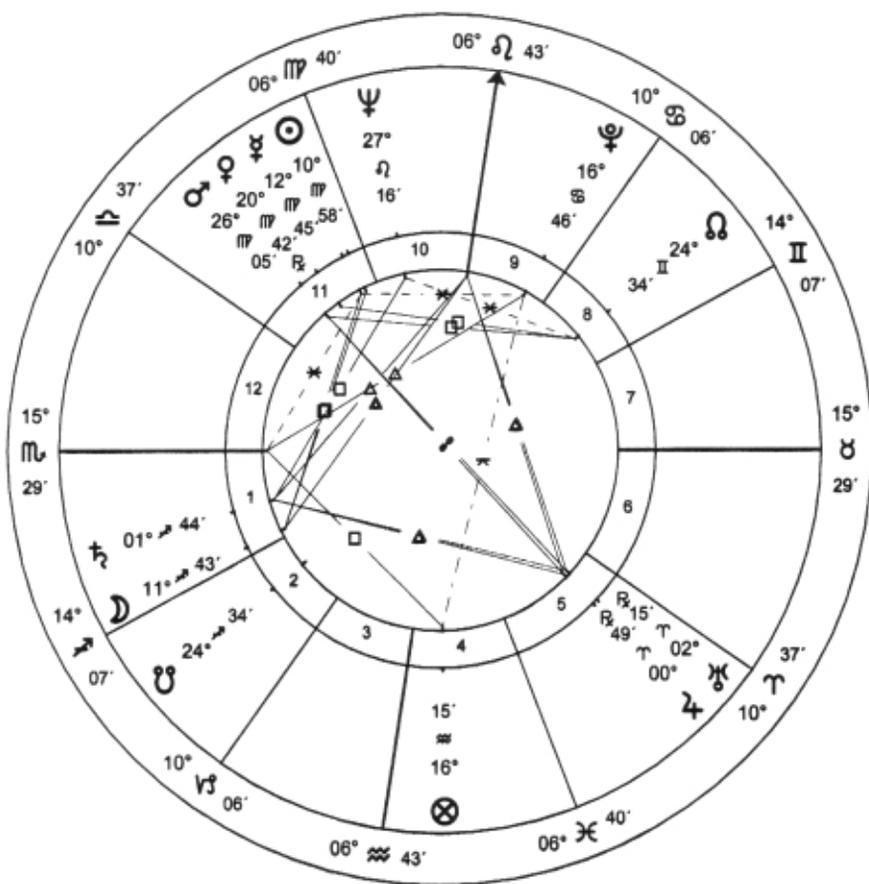
muito sensível ao sofrimento humano. Encontrei-o um dia na ante-sala do presidente da República, e ele intimou: "Como é, rapaz, quando é que vocês vão levar o presidente a Goiânia?" A cidade estava virtualmente isolada do resto do país, com medo de contaminação, depois que restos nucleares de uma agência do governo foram descuidadamente jogados numa lata de lixo, matando lentamente as pessoas que tiveram contato com os resíduos. A situação estava crítica, e a presença do presidente em Goiânia, visitando doentes no hospital e passando pela região contaminada, ajudaria a restabelecer a normalidade. Foi o que aconteceu, porque o presidente concordou imediatamente.

O general Ivan está inocente na segunda parte da sugestão que fiz ao presidente naquele dia. É que além de reabilitar Goiânia perante o resto do país, algo que a excelente cobertura de televisão à visita facilitou muito, parecia-me importante que o governo ordenasse uma investigação em regra do acidente nuclear. Eu disse também ao presidente que ele não podia permitir que nesse caso a culpa fosse atribuída nem ao mordomo nem ao faxineiro, e que a investigação deveria ir até o fim. Sarney ouviu sem dizer nada, mas sei que ele ordenou uma investigação profunda. Isso deixou o chefe do Gabinete Militar, general Rubens Bayma Dennys, furioso comigo. Um palácio presidencial é assim mesmo: cada centímetro quadrado tem poder, e você tem que prestar atenção onde está pisando.

Soube da investigação alguns dias depois, pelo próprio general Dennys, que me convidou para uma conversa em seu gabinete. Ele estava realmente indignado: "Eu não me meto na sua área, como é que você se mete na minha?", indagou. O programa nuclear brasileiro estava em risco, e era responsabilidade dele, não minha. É verdade. Mas tentei acalmar o general usando um argumento militar: ao sugerir a investigação ao presidente, estava agindo como um "advogado do diabo", uma figura que os militares usam e permite aos subordinados discutir as hipóteses de ação com seus superiores, até que a decisão seja tomada. Depois da decisão, o militar supostamente não deve mais discutir a ordem do chefe. Mas no caso do acidente nuclear de Goiânia, não havia ainda uma decisão, e sugerir a investigação me parecia o curso adequado de ação do ponto de vista da comunicação social. Era o governo dando satisfações à sociedade a respeito de um erro doloroso.

Olhando para o horóscopo do general Dennys – se os dados que ele me deu estiverem corretos – é fácil observar por que estava tão nervoso. A segunda parte da nossa conversa foi sobre o mapa dele, e o general

tem Saturno na Casa Nove. Isso quer dizer que nada o aborrece mais do que alguém sugerir que ele não agiu direito. Mas também sugere que pode ser demasiado implacável ou perfeccionista quando julga os outros. Com uma enorme concentração de planetas e pontos no segundo signo (Touro: três) e na Segunda Casa (quatro), o mapa enfatiza muito a possessividade, mesmo no que se refere a políticas públicas ("o programa nuclear é da minha área"). Embora reconheça que este é provavelmente o mapa de um homem correto, não pude concordar com ele.



Antônio Carlos Magalhães
 Carta Natal 19: Salvador (BA), 4 de setembro de 1927, 9:20

Uma ilustração de como o conhecimento da carta natal pode ser usado construtivamente, sem intenções secundárias, apareceu numa violenta discussão verbal que mantive com o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, na ante-sala do presidente, onde ambos aguardávamos uma audiência. Mas antes de chegar a esse ponto, é útil recapitular em poucas palavras as circunstâncias anteriores. Eu conheci o ministro em 1977, quando ele presidia a Eletrobrás (Centrais Elétricas Brasileiras) no Governo Geisel, e estava envolvido até o pescoço na articulação da candidatura presidencial do general João Figueiredo. Durante o regime militar, o acesso a algumas pessoas significava acesso à informação política, e Antônio Carlos era uma dessas poucas pessoas que sabiam o que estava acontecendo.

De uma conversa de 20 minutos que tive com ele no Rio, da qual nem pude tomar notas, o resultado foi uma história de meia página sobre a sucessão presidencial na *Folha de S. Paulo*. No ano seguinte, quando o general Figueiredo entrou em crise devido à repercussão da entrevista que concedera a Haroldo Cerqueira Lima e a mim, e chegou a pensar em desistir da candidatura presidencial, Antônio Carlos insistiu com ele para que desmentisse. "Desminta. Eu conheço um daqueles rapazes. Ele tem uma memória muito boa, não está nada gravado", argumentou. Mas Figueiredo não quis correr o risco. Antônio Carlos, no entanto, tinha razão: se Figueiredo desmentisse, de fato, eu ficaria numa péssima situação, porque realmente reconstituí a conversa de memória, enquanto Haroldo (o Leleco) revisava; não havia gravação alguma.

Antônio Carlos (o ACM) fez uma carreira política impressionante, tornando-se amigo pessoal de praticamente todos os presidentes da República desde o general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). "Eu posso ficar amigo de quem quiser", disse-me ele certa vez. E é verdade: ACM nasceu com quatro planetas e luminárias (Sol, Mercúrio, Vênus e Marte) em Virgem, o signo do serviço, na Casa Onze que representa os amigos; trata-se de alguém que sabe servir os seus amigos, e faz isso com uma combinação imbatível de autoridade (Sol), inteligência (Mercúrio), charme (Vênus) e iniciativa (Marte). Já vimos antes que nasceu também com a quadratura de Saturno e Netuno, que lhe dá certa capacidade telepática.

Ele é um dos diversos políticos brasileiros que nasceram com Saturno na Primeira Casa. Os outros exemplos notáveis são Juscelino Kubitschek de Oliveira e Paulo Maluf, e os três têm o Sol em Virgem. Admiradores de Maluf costumam compará-lo a Juscelino; astrologicamente, a base

para essa comparação vem de Saturno na Casa Um, e do fato de ambos terem o Sol em Virgem na Casa Nove. Mas o horóscopo de Maluf tem Saturno envolvido numa grande quadratura, que o distingue porque o força a agir mesmo quando deveria estar parado. O dado interessante sobre Saturno na Casa Um aqui, contudo, é que essa posição identifica um ator. Alguém que consegue imitar os outros com perfeição. Uma pessoa que sente que é vazia, e que lê emoções nos olhos das outras e acha que se puder engulir-las, não se sentirá mais vazia. Trata-se igualmente de pessoas que se expressam enfaticamente, e são em geral capazes de convencer as outras, mas não a si mesmas. O conhecimento desse perfil – apenas pincelado superficialmente aqui – evitou que minha conflagração palaciana com Antônio Carlos virasse uma tragédia.

Eu também conhecia razoavelmente a biografia dele. Com o ascendente em Escorpião, ele é um homem de coragem, capaz de ir a extremos. Quando governador da Bahia durante o governo Médici, tornou-se o único político civil brasileiro a esbofetear um general-de-exército, que o desacatam no elevador do Palácio de Ondina em Salvador, em plena ditadura militar. O fato de ser um excelente observador da natureza humana permite a ACM identificar o medo nos olhos dos outros, e por isso ele tratava com desprezo seu adversário na política baiana, o deputado Prisco Viana, chamando-o de "palhaço". Sua fina percepção do gênero humano permitiu-lhe, por exemplo, identificar três tipos de jornalistas: "Há jornalistas que querem notícia, jornalistas que querem dinheiro e jornalistas que querem empregos. E você não pode confundi-los, oferecendo dinheiro ao que quer notícia, emprego ao que quer dinheiro, ou notícia ao que quer emprego, porque dá a maior confusão."

Muito bem. Eis a conflagração, narrada numa nota que escrevi mais tarde ao presidente da República:

"A cena deu-se na ante-sala do presidente da República. Era o final da tarde de quarta-feira, 10 de junho de 1987. Eu estou sentado, só, no sofá, esperando para falar com V. Exa. Entra o ministro Antônio Carlos para seu despacho. Ele fica de pé, perto da porta, a cerca de dois metros de mim.

O diálogo foi mais ou menos como segue:

Antônio Carlos: Você está nas páginas, hein?

Getúlio: Por que, ministro? Bati em algum amigo seu?

Antônio Carlos: Não. Mas acho que em ministro você não deve bater.

Aliás, quero dizer a você que considero um desrespeito você atacar um ministro.

Getulio: Pois eu queria dizer ao senhor que considero um desrespeito pior um ministro não obedecer ao presidente da República. Antônio Carlos (exaltado): Mas não cabe a você julgar!

Ele diz isso e caminha dois ou três metros para o lado, aproximando-se mais da mesa onde o capitão Ornellas (o ajudante-de-ordens naquela tarde) está sentado, lívido.

Antônio Carlos: E é bom você saber o seguinte: se você fizesse isso comigo (ele se referia ao debate com o ministro Paulo Brossard sobre a Empresa Brasileira de Notícias), eu mandaria você à puta que o pariu (o tom de voz saiu suave).

Getulio: Não faça isso, ministro, porque eu mandaria o senhor à puta que o pariu também.

Antônio Carlos (de novo exaltado): Pois se você fizer isso, eu quebro a sua cara.

Getulio: Não tente fazer isso, ministro, porque eu quebro a sua cara antes.

O ministro aproxima-se de mim até uma distância de meio metro, aponta o dedo para o meu nariz e afirma:

Antônio Carlos: Eu quebro mesmo (a voz voltou a ser mais suave). Eu afastei o dedo dele com a mão direita e enquanto ele virava as costas, respondi: Getulio: Quebra nada. O senhor não sabe jiu-jitsu, não sabe tai chi chuan, não sabe caratê.

O ministro voltou a ficar à minha direita, mais perto da mesa do ajudante-de-ordens, e disse:

Antônio Carlos: E de hoje em diante eu não dou mais liberdade para o senhor falar comigo dessa maneira.

Getulio: Eu acho que isso não é maneira de o senhor me tratar, ministro.

Antônio Carlos: E não lhe dou mais confiança, rapaz, porque você não é igual a mim. Eu sou ministro e você não é (tom exaltado).

Em seguida, o ministro entrou para seu despacho. Quando saiu, foi a minha vez de entrar. V. Exa. estava de pé, tendo Jorge Murad à sua direita, e me recebeu com uma pergunta:

Presidente: Getulio, você está brigando, não é?

Getulio: Já entendi. É para parar, não é? Já parei. É que tinha muito inimigo atirando, e eu resolvi responder uma vez.

No dia seguinte, 11 de junho de 1987, telefonei para o ministro Antônio Carlos Magalhães.

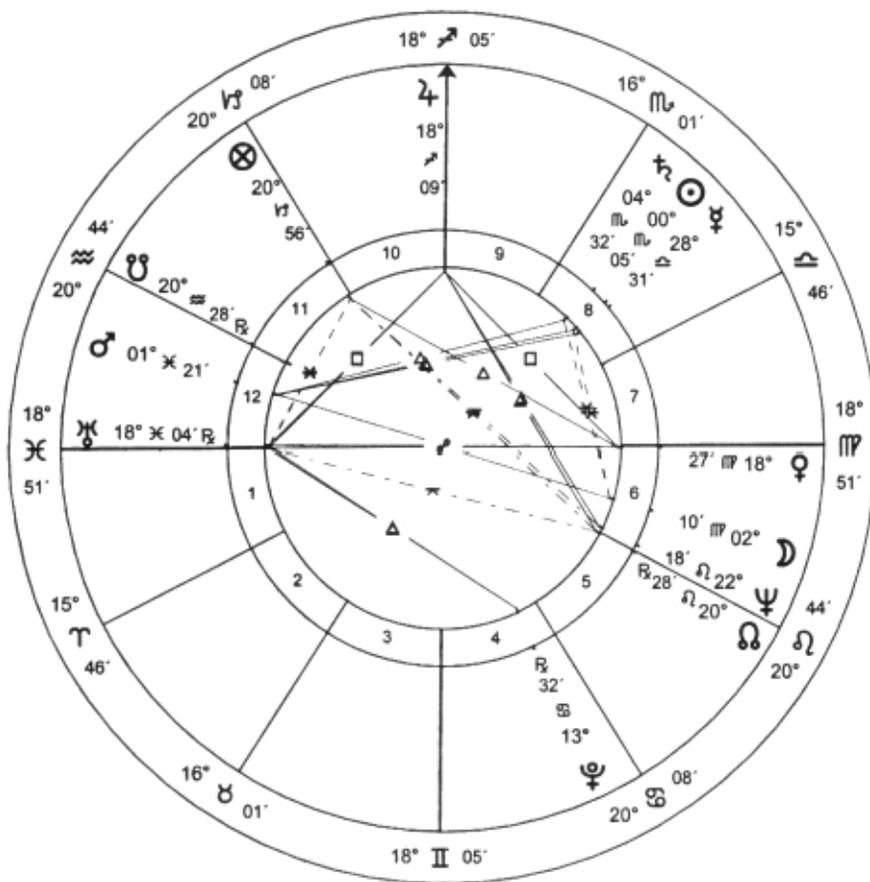
Antônio Carlos: Sim.

Getulio: Ministro, estou lhe telefonando por duas razões. Em primeiro lugar, para lhe pedir desculpas. Em segundo lugar, para lhe dizer que não estou disposto a jogar uma amizade de dez anos no lixo por causa de uma discussão.

Antônio Carlos: Sou grato a você por ter telefonado.

Getulio: Não, era minha obrigação, como subordinado.

Antônio Carlos: Mas nós dois vamos sair daqui um dia, e eu vou



Paulo Brossard

Carta Natal 20: Bagé (RS), 23 de outubro de 1924, 15:00 (LMT)

precisar mais de você que você de mim. Sobre aquela questão do Brossard, você sabe inclusive que eu tenho dificuldades com ele.

Getúlio: Sei. Nós já conversamos antes sobre isso.

Antônio Carlos: Mas o problema é que se vocês humilham os ministros, os ministros fracos não podem ajudar o presidente. E outro dia você fez uma coisa comigo que eu sinceramente não gosto. Você disse, na frente do presidente da República, que mais malvado que o Jânio sou eu. Na frente dos outros, eu não gosto. Pessoalmente, só nós dois, eu não me importo, porque temos intimidade para isso. Mas na frente dos outros, realmente fica chato. Na frente do presidente, fica mais chato ainda.

Getúlio: É verdade, o senhor tem razão, e peço desculpas. Mas eu preciso lhe dizer algumas coisas ainda. Primeiro, nesse dia em que eu disse isso, quando almoçamos com o presidente e sua família, eu sei que o senhor não precisa de mim para ir ao Palácio da Alvorada...

Antônio Carlos: É verdade.

Getúlio: Mas naquele dia o senhor foi porque eu pedi ao presidente que o convidasse.

Antônio Carlos: É verdade. E se não fosse você, eu não iria.

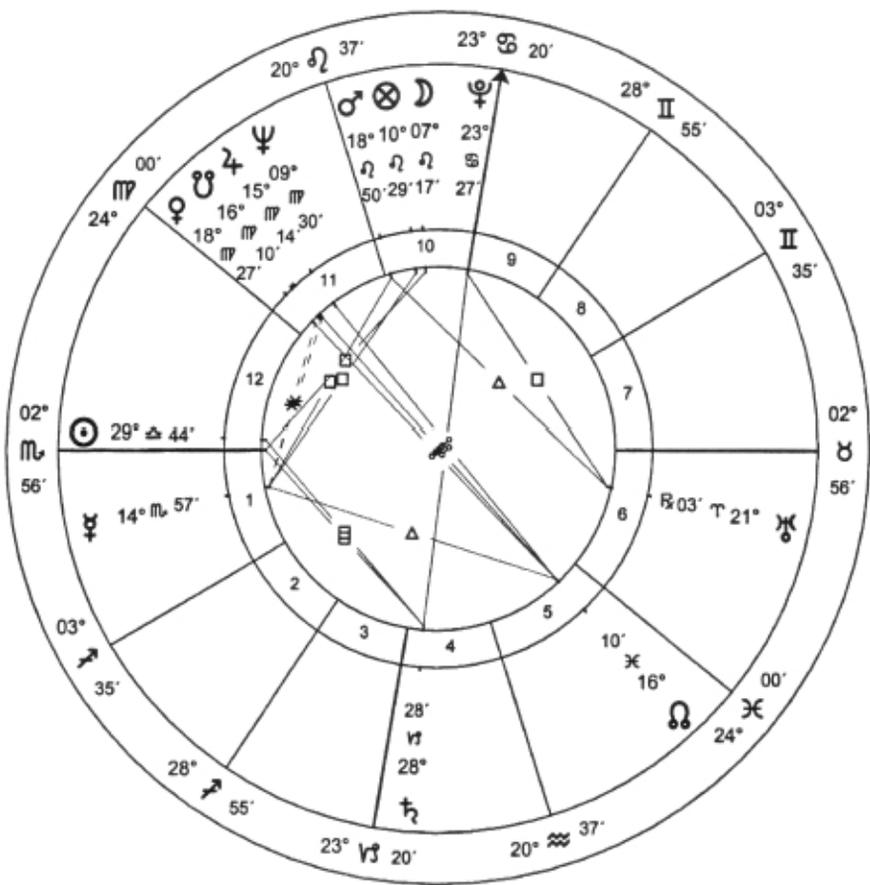
Getúlio: Eu sei. A outra coisa, ministro, é que embora eu reconheça que estava errado, na discussão de ontem, a verdade é que não lhe respondi como subordinado do presidente, de secretário para ministro, e sim de cidadão para cidadão. E eu tenho certeza de que, se alguém disser que quebra a sua cara, o senhor responde na mesma altura, por isso sei que o senhor compreende a minha reação.

Antônio Carlos: Vamos esquecer isso. Mas não se esqueça de que a nossa conversa mais espontânea é só quando estivermos sozinhos. Getúlio: Eu queria lhe dizer também, ministro, que reconheço que subordinados do presidente não podem criticar ministros, porque isso dá uma impressão de bagunça horrível. O que aconteceu no caso da entrevista que o senhor leu na *Folha de S. Paulo* é que dei a entrevista a um amigo meu, Márcio Chaer, mas o texto infelizmente não foi publicado na forma de perguntas e respostas, conforme combinado. Eu inclusive dizia expressamente na entrevista, que está gravada, que sou um simples secretário do presidente, e que secretário é muito menos que ministro de Estado. E portanto que o ministro Brossard tinha todo o direito de tratar dos assuntos de sua pasta diretamente com o presidente da República. Eu deixei isso muito claro.

Antônio Carlos: Está bem, então vamos apagar esse episódio."

Esclarecido o conflito, o aspecto negativo dele é que a pessoa com

Saturno na Casa Um jamais esquece uma emoção profunda. Isso quer dizer que toda vez que me vê, Antônio Carlos se lembra daquela discussão na ante-sala presidencial. Mas os anos foram passando, e posso testemunhar que ele fez um esforço. Em abril de 1992 nos encontramos brevemente em Nova York, onde ele foi dar uma palestra para empresários como governador da Bahia. Dias depois, o governador teve a gentileza de me enviar este fax afirmando: "Fiquei feliz de vê-lo em Nova



Dilson Funaro
 Carta Natal 21: São Paulo, 23 de outubro de 1932,
 6:45 (horário de verão)

York e acompanhar o seu trabalho na *Gazeta Mercantil*. Espero revê-lo primeiro aqui, depois outra vez aí. Afetuoso abraço, Antônio Carlos

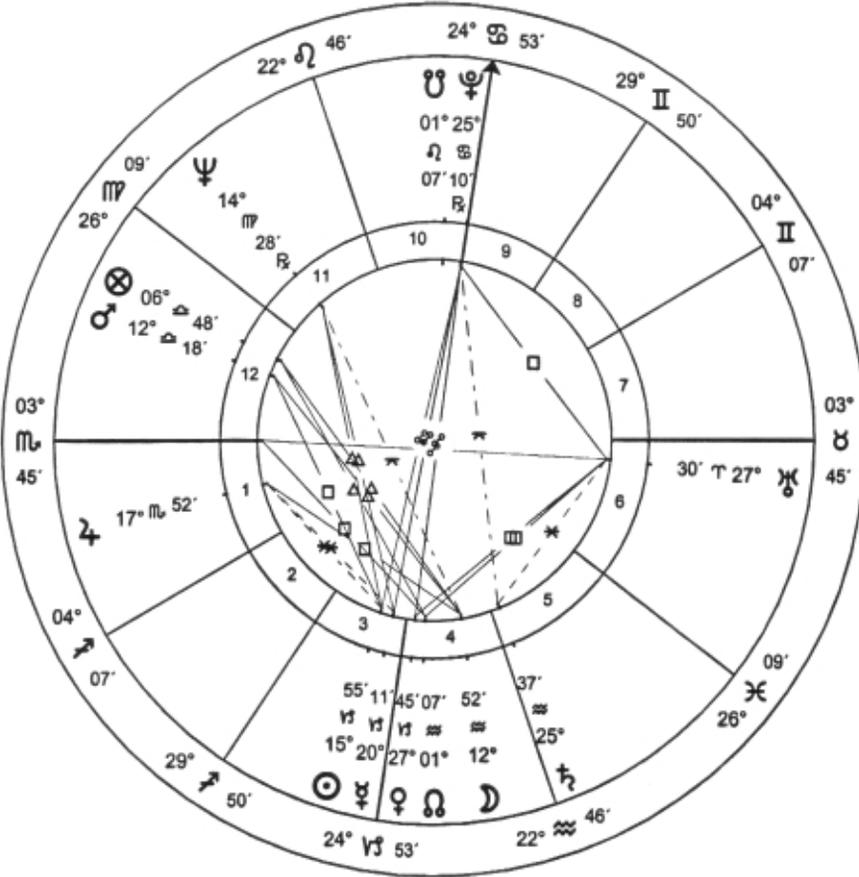
O incidente com o ministro Brossard foi lamentável, porque a *Folha de S. Paulo*, por razões editoriais, não publicou a íntegra das minhas declarações. O repórter do jornal, Márcio Chaer, a meu pedido, teve a gentileza de encaminhar ao ministro uma cópia da entrevista gravada, para que ele pudesse ouvir os argumentos no contexto, mas o dano em público já estava feito. A questão era em torno da EBN. Por um decreto do presidente da República, a agência de notícias ficava sob minha orientação, num esforço para uniformizar a comunicação do governo; mas administrativamente respondia ao Ministério da Justiça.

Meu atrito com o ministro da Justiça surgiu porque Brossard não aceitava minha ingerência na EBN, determinada pelo decreto presidencial. Nenhum ministro gosta de perder sua área de influência. Na minha interpretação, eu estava obedecendo uma diretriz geral do presidente da República, e não criticando qualquer ministro de Estado. Brossard, por sinal, fora um dos meus ídolos durante o regime militar: um político liberal e honrado, e um grande orador, capaz de empolgar o Congresso durante os anos em que era preciso ter coragem para dizer desarmado o que se pensava. Encontramos muitas vezes no passado nos cafés da manhã e almoços da *Veja*, em festa de embaixada, e mesmo em livrarias. Somos ambos clientes da Livraria Francesa em São Paulo, onde ele certa vez foi adquirir um exemplar da biografia em três volumes que Jean Lacouture escreveu sobre o general Charles de Gaulle. Chegando na loja da rua Barão de Itapetininga, encontrou os volumes perto do caixa, mas não pôde adquiri-los: desapontado, soube que já estavam reservados para mim.

Quando entrei para o governo Sarney, a estrela de Dílson Funaro no ministério da Fazenda já estava em baixa. Depois de uma série de professores durante o regime militar, ele foi o primeiro ministro da economia brasileiro que vinha do setor privado, e sabia negociar com seus pares. A doença (câncer) que o consumia ajudou a dar-lhe um sentido de missão, e ele tanto sabia o que os empresários poderiam dar para o país como estava disposto a tudo para consegui-lo.

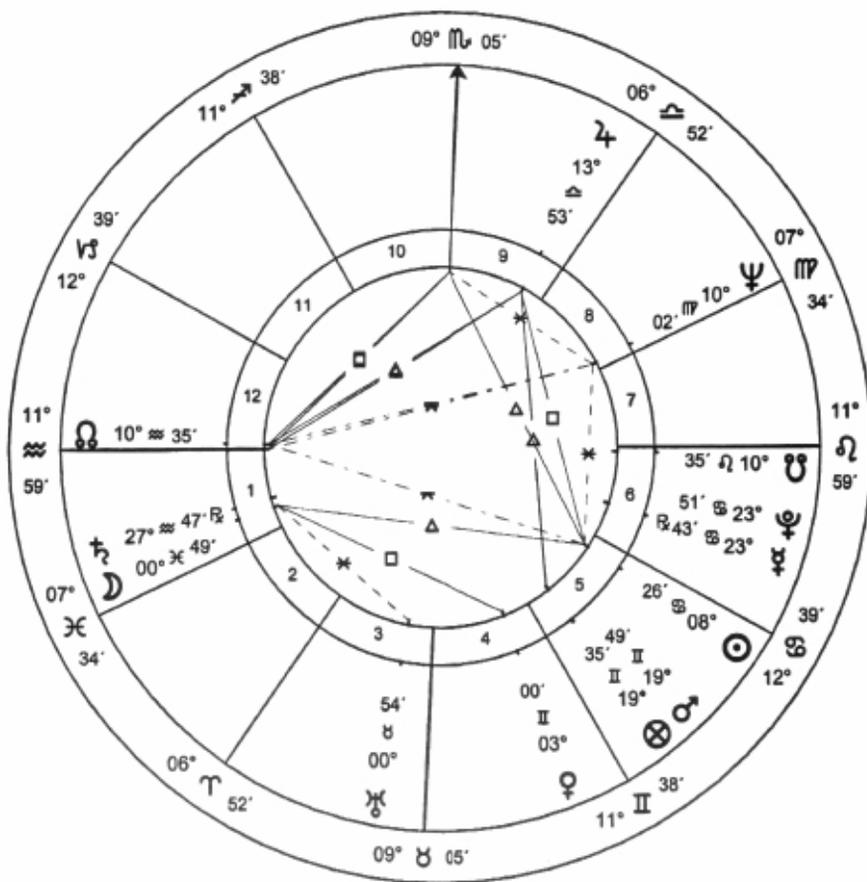
Se o horóscopo que ele próprio me deu está correto (chequei com ele uma versão diferente que apareceu na imprensa, e ouvi dele a garantia de que minha versão era a correta), a oposição entre Saturno e Plutão em dois ângulos (Saturno na Quarta Casa, Plutão na Décima) dominou

sua vida. Ela significa um conflito entre a pressão por mudanças vindas do mundo externo quando a pessoa quer permanecer como está, ou vice-versa — um exemplo de vice-versa (a pessoa pressiona para mudar um mundo que quer ficar como está) sendo o Plano Cruzado. Funaro saiu do Ministério da Fazenda no dia 29 de abril de 1987, quando uma exata oposição Sol-Plutão no céu estava em trânsito pelos outros dois ângulos (Casa Um e Casa Sete) de seu horóscopo. O Sol simboliza poder; Plutão, mudanças; e a oposição, conflitos.



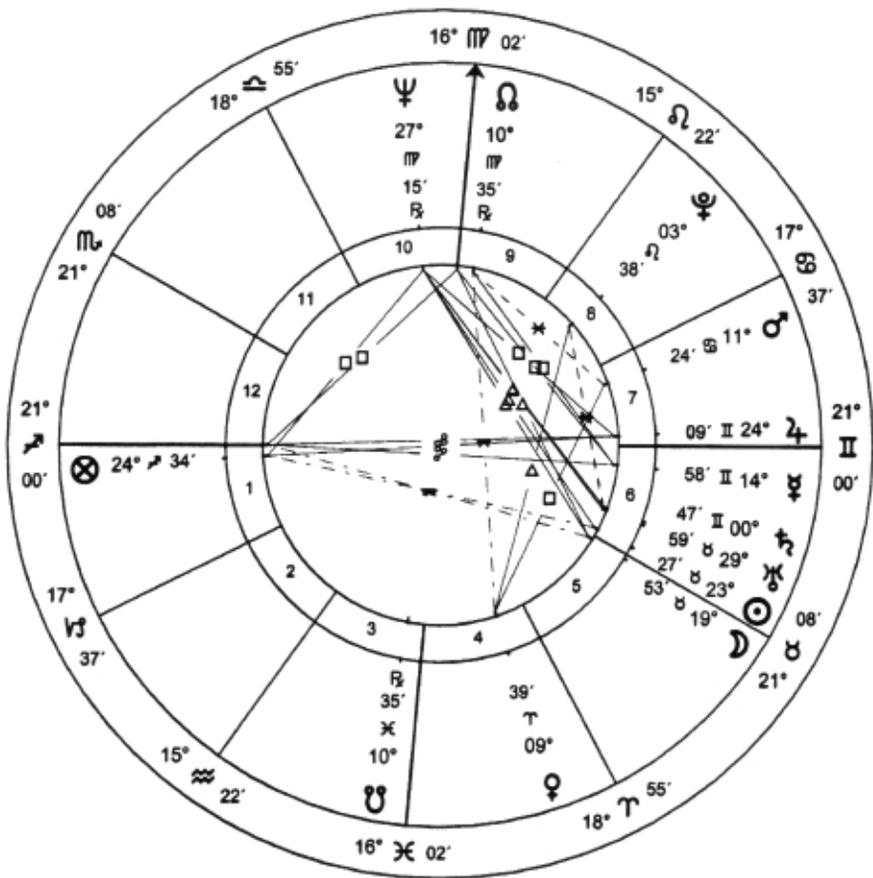
Francisco Dornelles
 Carta Natal 22: Belo Horizonte (MG), 7 de janeiro de 1935, 00:40

Como seu antecessor no posto, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, o sobrinho de Tancredo, Funaro tinha Ascendente em Escorpião e Plutão em Câncer na Casa Dez. Isso sugere que Tancredo e Sarney pretendiam usar as energias do ministro da Fazenda da mesma forma, para introduzir controles (Plutão) e mudanças (Escorpião) profundas na economia. Com os governos civis, o poder econômico migrou do Ministério do Planejamento (que decidia como gastar nos regimes militares) para o Ministério da Fazenda (cujo ministro assina os cheques do governo).



Luiz Carlos Bresser Pereira
 Carta Natal 23: São Paulo, 30 de junho de 1934, 20:00

Apesar de terem horóscopos com a mesma estrutura, os dois exibiam também importantes diferenças: por exemplo, Funaro tinha uma fé cega em seus amigos (Júpiter conjunção Netuno na Casa Onze dos amigos), e Dornelles uma enorme fé em si mesmo (o planeta da fé, Júpiter, na Casa Um, que mostra a própria pessoa).



Mailson da Nóbrega
 Carta Natal 24: Cruz do Espírito Santo (PB),
 14 de maio de 1942, 19:00

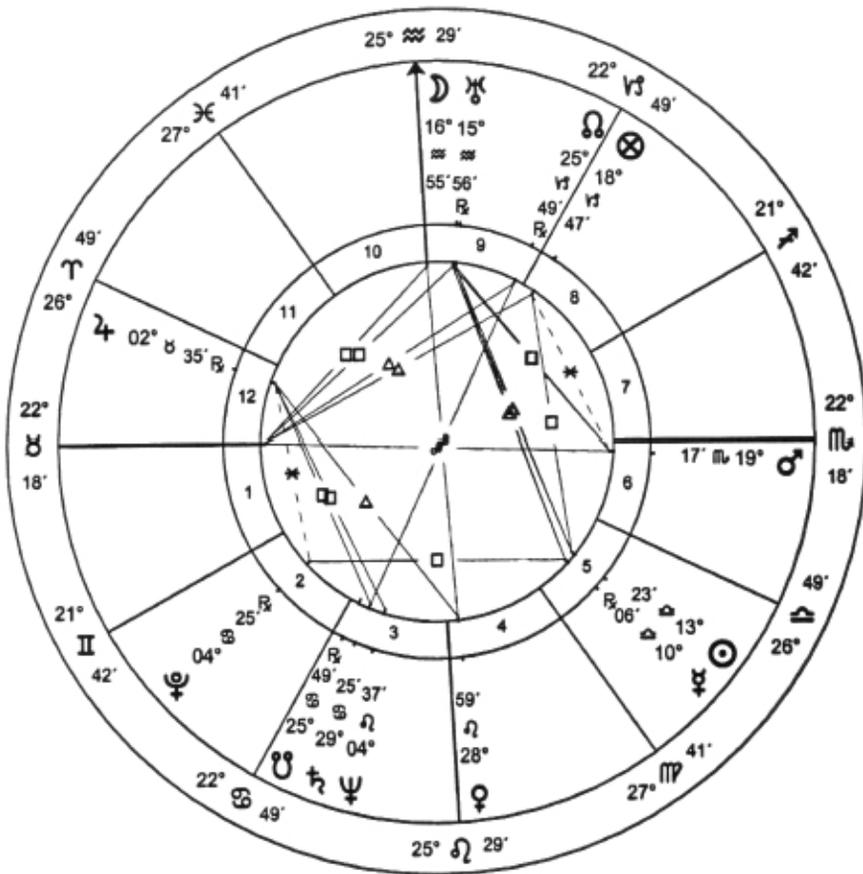
Depois de Funaro, o presidente Sarney decidiu trazer de São Paulo o novo ministro da Fazenda. Eu sugeri a ele que escolhesse José Serra, porque testemunhara o papel que Serra desempenhara no governo Franco Montoro em São Paulo. O presidente já se preparava para virar quando voltou-se para mim e disse: "Não, espere, você é de lá. Me diga." Ponderei que Serra era um excelente administrador, apesar de ter a Lua solta (a Lua não faz aspectos com nenhum outro planeta no horóscopo dele), e por isso não assustaria a comunidade financeira e empresarial, apesar de sua linhagem esquerdista. Com ele, o governo poderia ter um pouco do que é bom nesses dois mundos: maior apoio da esquerda e colaboração empresarial.

Mas o presidente estava provavelmente em busca de apoio político, e escolheu um dos secretários de Estado do governo Orestes Quéricia: Bresser Pereira, um intelectual que havia se preparado a vida inteira para ser ministro da Fazenda. Com isso, além do talento de Bresser, ele acoplava algum apoio político do governador Quéricia, que talvez disputasse a candidatura do PMDB — junto com o presidente do partido, Ulysses Guimarães — na sucessão de Sarney. O horóscopo de Bresser tem um grande trígono entre o Ascendente, Marte e Júpiter, indicando que ele tem um perfeito sentido do tempo, e que sabe agir na hora certa. Mas depois do fim do Plano Cruzado, parece que nada mais que o governo Sarney pudesse fazer conseguiria um impacto positivo na economia e no país. Bresser acabou deixando o posto antes de ser — como se dizia então — "fritado" pelas circunstâncias.

Na sucessão de Bresser, voltei a dar uma sugestão ao presidente: por que não colocar uma mulher no Ministério da Fazenda? Já que não era possível reanimar a economia a curto ou médio prazo, quem sabe uma mulher passasse uma imagem diferente para a população, a imagem de alguém que se importa com o povo porque é mãe e mulher. Sugeri o primeiro nome que me ocorreu: Beatriz Larragoiti, a presidenta da seguradora Sul América. Eu não a conheço, e admito que fiz a sugestão baseado no sexo, na indústria (seguros) e no posto que ela ocupava. Soube depois que o presidente levou a sugestão a sério, e mandou seu secretário particular, Jorge Murad, levantar um perfil dela. "Então foi você quem deu essa idéia?", queixou-se Jorginho. "Mas ela não dá, não, porque não é ela quem toca o grupo, ela não tem experiência administrativa nenhuma."

Sarney pensou então em trazer o governador do Ceará, Tasso Jereissati, uma atraente combinação de político e empresário (*o shopping*

Iguatemi de São Paulo pertence à família) de sucesso. Mas ele disse honestamente que não tinha preparo para assumir o Ministério da Fazenda. A escolha recaiu então sobre um tecnocrata da casa, Maílson da Nóbrega, um homem cuja vida gira em torno de suas sociedades e parcerias, porque nasceu com uma conjunção de Mercúrio e Júpiter na Sétima Casa (casamentos, sociedades), e esses dois planetas regem os quatro ângulos do horóscopo (Sagitário na Casa Um e Peixes na Casa Quatro, Júpiter; Gêmeos na Casa Sete e Virgem na Casa Dez, Mercúrio).



Ulysses Guimarães

Carta Natal 25: Rio Claro (SP), 6 de outubro de 1916, 21:00

A curiosidade das pessoas com astrologia é grande. Eu conhecia havia muitos anos o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e certo dia informei a ele que conseguira o horário exato de seu nascimento no Cartório do Registro Civil de Rio Claro. Ele me pediu uma análise do horóscopo como presente de aniversário, e depois de avisar ao presidente Sarney, fui visitá-lo em seu gabinete no Congresso, no dia 5 de outubro de 1987. Fiz uma exposição dos principais dados da carta natal, começando pelo planeta Saturno na Terceira Casa (igual ao de Tancredo Neves): uma pessoa séria e precisa com as palavras. Lembro-me de Ulysses queixar-se das complexidades da língua inglesa, onde a palavra *take* significa pegar, mas bastava adicionar *off* para mudar completamente o sentido: *take off* quer dizer 'decolar'. Ele também guardava na memória as dificuldades dos estrangeiros com a língua portuguesa, onde palavras tão próximas como 'palito' e 'paletó' significam coisas tão diferentes. E manteve até o fim sua paixão pela língua francesa, todas indicações de Saturno (limites, dificuldades) na Terceira Casa (comunicações, linguagem).

O planeta mais angular do horóscopo é Marte em conjunção com o Descendente (a Sétima Casa), indicando que para Ulysses a vida era uma luta permanente (ele concordou). É o mapa de um guerreiro (Marte angular), de posições firmes, teimosas e inquebrantáveis, pois signos fixos — Touro, Escorpião, Leão e Aquário — ocupam os quatro ângulos.

Depois da astrologia, conversamos um pouco sobre política, e prometi a ele que levaria suas observações ao presidente. Eis a nota que escrevi a Sarney a propósito desta conversa, naquele mesmo dia:

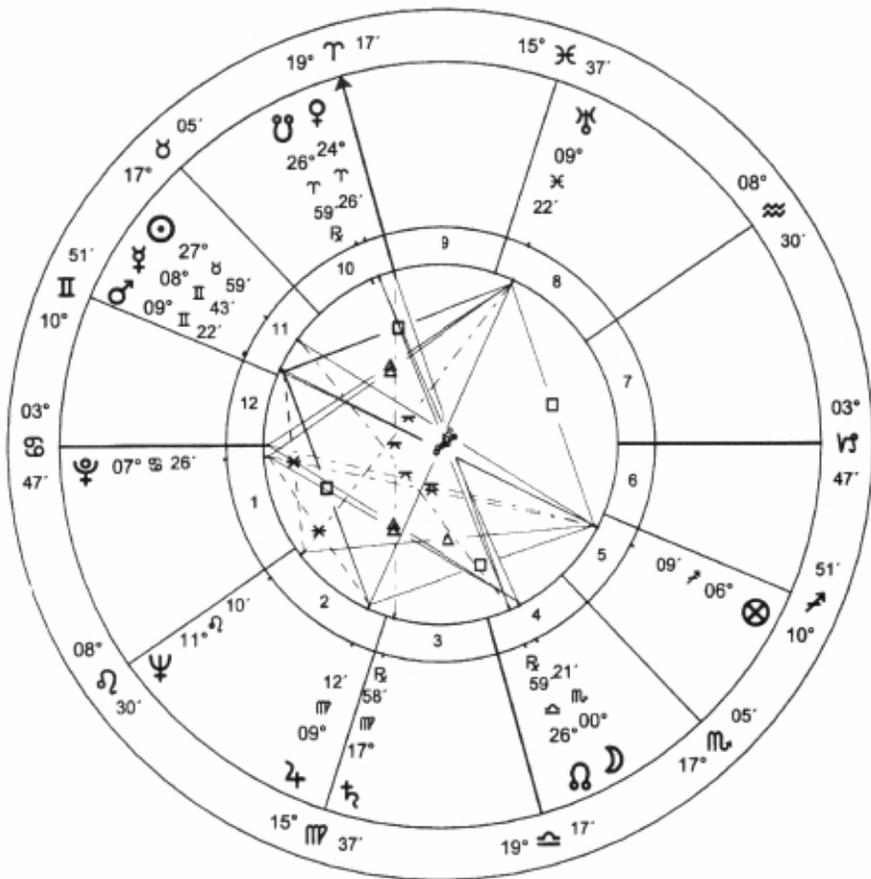
"Assunto: dr. Ulysses

Fui lá dar meu presente de aniversário ao nosso multipresidente (presidente do PMDB e da Constituinte). Eis aí os nossos dez minutos de conversa, logo depois dos cumprimentos & agradecimentos: Getúlio: O presidente me disse que está enfrentando dificuldades muito grandes, que não são visíveis para quem não está dentro da administração. Neste momento, por exemplo, ele começa a enfrentar a volta do problema da panfletagem dentro do Exército, por causa dos baixos soldos. Ele se queixa de não encontrar apoio entre os políticos, mas pede que deixe claro que não se trata de nada pessoal com o senhor, por quem ele tem muito respeito e admiração.

Ulysses: Não, eu sei. Agora ele está lá preparando esse documento, não é?

Getúlio: Sim. Ele deve chamar o senhor logo para conversar, mas pediu que não falemos sobre isso com a imprensa ainda.

Ulysses: Será hoje. Ele me ligou, perguntando se eu poderia ir jantar hoje, e eu disse que tudo bem. Vamos ver se o documento não toca em pontos polêmicos, como o sistema de governo, porque isso facilita a aprovação.
 Getulio: Um documento como esse tem que ser a favor de coisas genéricas como a água encanada e a luz elétrica, não é?



Leônidas Pires Gonçalves
 Carta Natal 26: Cruz Alta (RS), 19 de maio de 1921, 10:00

Ulysses: Em princípio, o presidente deve falar sobre sistema de governo no seu discurso, e sobre a duração do mandato no documento. Porque se ele falar sobre sistema de governo no documento, será muito difícil conseguir assinaturas dos parlamentaristas nele.

Getulio: Com a sua experiência, como o senhor está vendo a questão do parlamentarismo? Sua aprovação parece irreversível?

Ulysses: Na comissão de sistematização, sim. No plenário da Constituinte, depende. Eu hoje mesmo almocei com três parlamentaristas, e sinto que eles estão muito firmes nessa posição. O que aliás me surpreende, sabe, eu não esperava que isso se espalhasse tanto. Mas em relação ao plenário, não me parece que está definido. Existem os parlamentaristas por convicção, como o Afonso Arinos, o Nelson Carneiro. Existe depois um grupo que prefere o parlamentarismo porque acha que é o único jeito de conseguirem mais prestígio. Com o parlamentarismo, de fato, conseguem. Eles não dizem com essas palavras, mas é disso que se trata. E finalmente há um grupo que é a favor do parlamentarismo porque é contra o Sarney.

Getulio: E a situação política hoje, como é que o senhor está vendo? Ulysses: Eu sinto que perto do presidente tem muita gente que é contra o PMDB.

Getulio: Mas isso é fruto da circunstância, que não é confortável para ninguém. Na verdade, é menos pelo fato das pessoas serem contra o PMDB, e mais pelo fato de sentirem que o PMDB é contra Sarney. Tem pessoas no partido que não absorvem o presidente porque ele veio do PDS. E o próprio presidente não convive bem com a idéia de não ser aceito. Mas eu não sinto animosidade com o PMDB, sinto esse desconforto vindo do passado e para os dois lados. Ao mesmo tempo, existe lá muita gente que diz para o presidente: O senhor tem que governar com o PMDB. O general Ivan é uma delas.

Ulysses: Eu sei. O Leônidas (Pires Gonçalves, ministro do Exército) também.

Getulio: Também. E o senhor, está preocupado?

Ulysses: Estou preocupado com a Constituinte. Acho que a prioridade deve ser terminar logo a Constituinte. Porque enquanto ela existe, é da natureza dela, ela tem uma força que extravasa o Poder Legislativo. Ela pode acabar com o Poder Executivo, pode restabelecer a monarquia. Pelo menos em teoria, pode, não é? Já a Câmara dos Deputados e o Senado não podem, e aí a vida se normaliza.

Getulio: A Constituinte tem superpoderes.

Ulysses: É.

Getulio: Como é que o senhor vê a preocupação do presidente de ter mais de um partido de sustentação?

Ulysses: Eu acho que o PMDB sozinho poderia fazê-lo, porque tem maioria, mas compreendo. O que está difícil para nós é a convivência com o PFL. Essas acusações, essas coisas, está muito radicalizada a situação aqui. Eles cometeram um erro, primeiro na eleição dos prefeitos das capitais, depois na eleição dos governadores, quando não quiseram se aliar a nós. Então eles teriam vice-governadores, fariam secretários de Estado, e nós estaríamos levando tudo para a frente. Agora ficou muito difícil. O Marco Maciel não deveria ter feito isso (ter candidatos próprios pelo PFL), deixou o presidente numa situação muito difícil. O Sarney, coitado, tem problemas de fato muito difíceis. Tudo isto atrapalha o andamento das coisas aqui, e a Constituinte acaba demorando mais, quando o ideal é que pudéssemos terminar logo a nova Carta. O PFL quer ficar, você sabe?

Getulio: O Marco Maciel está fazendo declarações muito duras. O Antônio Carlos não quer sair, mas ele não é PFL, ele é Antônio Carlos. Ulysses: É, o Antônio Carlos é Antônio Carlos."

O horóscopo do general-de-exército Leônidas Pires Gonçalves revela talvez uma das marcas do gênio político de Tancredo Neves, que o escolheu para ministro do Exército, posição em que foi confirmado pelo presidente José Sarney. Não foi à toa que o Ulysses citou o general como uma das vozes que diziam ao presidente Sarney que governasse com o PMDB. O horóscopo de Leônidas Pires Gonçalves, mais que o de um general, traz a marca de um pacificador, com o planeta da paz (Vênus) em conjunção com o Meio-Céu ou Casa Dez, e no signo da guerra (Áries) — descrevendo perfeitamente um pacificador entre militares.

COLLOR, O EFEITO DE URANO

Paulo César Farias, o polêmico caixa da campanha presidencial de Fernando Collor de Mello, sentou-se para conversar com o ex-deputado e governador alagoano Geraldo Bulhões e um banqueiro do Morgan Stanley & Co., numa sala refrigerada do Rio de Janeiro, em 1994. Depois de alguns diálogos preliminares, PC comentou o duro período que antecedeu o *impeachment* do presidente Collor, e contou a seguinte história:

"O presidente não estava normal naqueles dias, estava paralisado. O que aconteceu é que quando ele tinha dezesseis anos, foi com a namorada visitar um astrólogo em Maceió. O homem primeiro disse que eles não iam se casar, como de fato não se casaram. Depois, disse que Collor seria eleito presidente da República, mas seria assassinado no cargo. Durante a discussão do *impeachment*, o presidente lembrou-se dessa história e ficou achando que algum fanático do PT ia matá-lo."

Apenas parte da profecia concretizou-se: não foi Collor quem morreu, mas a sua presidência. Para mim, a vitória de Fernando Collor de Mello na eleição presidencial de 1989 ficou clara no começo do ano, quando comparei seu horóscopo e o dos concorrentes com a carta da hora do início da eleição. Seu Urano natal fazia uma oposição quase exata com o Urano da eleição (orbe de separação de apenas $0^{\circ}28'$), no ângulo horizontal (Casa Um - Casa Sete) do mapa da eleição. A mesma oposição Urano-Urano fora a assinatura na eleição presidencial de Jânio Quadros em 1960, com uma orbe de separação maior ($5^{\circ}27'$).

Muitos outros políticos venceram eleições para o Poder Executivo na esteira da oposição Urano-Urano. Foi o caso de Adhemar de Barros ao eleger-se governador de São Paulo em 1947 (orbe de $1^{\circ}52'$), de Jorge Bornhausen ao eleger-se governador de Santa Catarina em 1978 (orbe de $4^{\circ}08'$), e de Wellington Moreira Franco ao eleger-se governador do Rio de Janeiro em 1986 (orbe de $8^{\circ}05'$). E nada menos que 60 constituintes de 1986 foram eleitos com a oposição Urano-Urano (veja tabela II). Isso requer uma explicação.

Tabela II

A bancada de Urano oposto Urano na Constituinte de 1986

<i>Eleito</i>	<i>Partido Estado Orbe da oposição</i>		
Acival Gomes	PMDB	SE	2°25'
Alceni Guerra	PFL	PR	5°30'
Aloysio Teixeira	PMDB	RJ	7°49'
Átila Lira	PFL	PI	2°23'
Álvaro Dias	PMDB	PR	9°54'
Arnaldo F. de Sá	PTB	SP	6°20'
Bento Gama	PFL	BA	9°06'
Carlos Alberto	PTB	RN	6°11'
Carrel Benevides	PMDB	AM	7°43'
César Maia	PDT	RJ	6°46'
Chagas Neto	PMDB	RO	5°40'
Chico Humberto	PDT	MG	7°13'
Domingos Leonelli	PMDB	BA	7°02'
Érico Pegoraro	PFL	RS	1°29'
Francisco Rossi	PTB	SP	2°38'
Gonzaga Patriota	PMDB	BA	5°
Iram Saraiva	PMDB	GO	7°54'
Ivo Lech	PMDB	RS	3°47'
João Hermann	PMDB	SP	7°19'
Joaquim Francisco	PFL	PE	2°
Jonival Lucas	PFL	BA	3°25'
José Agripino Maia	PFL	RN	8°45'
José Carlos Martinez	PMDB	PR	3°20'
José Fogaça	PMDB	RS	2°20'
José Genoíno	PT	SP	5°24'
José Jorge	PFL	PE	9°06'
José Thomaz Nonô	PFL	AL	4°
Júlio Campos	PFL	MT	1°02'
Lúcia Vana	PMDB	GO	8°
Marcelo Cordeiro	PMDB	BA	6°17'
Marcos Lima	PMDB	MG	2°29'
Marcos Queiroz	PMDB	PE	0°10'
Maria de Lourdes Abadia	PFL	DF	8°13'
Mário de Oliveira	PMDB	MG	4°05'

Manos Leão	PMDB	PR	1°47'
Max Rosenmann	PMDB	PR	9°11'
Mendes Thame	PFL	SP	3°01'
Miro Teixeira	PMDB	RJ	8°04'
Moema Santiago	PDT	CE	1°47'
Narciso Mendes	PDS	AC	1°03'
Nelson Jobim	PMDB	RS	6°20'
Nelton Friedrich	PMDB	PR	5°20'
Orlando Pacheco	PFL	SC	8°30'
Paulo Marques	PFL	PE	6°11'
Paulo Ramos	PMDB	RJ	8°04'
Paulo Roberto	PMDB	PA	9°17'
Pimenta da Veiga	PMDB	MG	2°11'
Ralph Biasi	PMDB	SP	5°17'
Renato Vianna	PMDB	SC	9°17'
Ronaldo Aragão	PMDB	RO	5°52'
Ronaldo Cezar Coelho	PMDB	RJ	2°40'
Ruderval Pilotto	PDS	SC	2°55'
Sigmaringa Seixas	PMDB	DF	8°
Sílvio Abreu	PMDB	RJ	1°53'
Tadeu França	PMDB	PR	5°56'
Tidei de Lima	PMDB	SE	5°40'
Valmir Campelo	PFL	DF	8°10'
Vladimir Palmeira	PT	RJ	8°50'
Waideck Ornellas	PFL	BA	5°45'
Ziza Valadares	PMDB	MG	5°45'

A tese que vai se desenvolver ao longo deste livro é a de que uma eleição pode ser entendida como a sinastria (comparação de dois horóscopos) entre o momento em que o voto começa e os horóscopos dos candidatos. Como acontece entre as pessoas, onde os opostos se atraem, o mesmo se repete nas comparações entre momentos do tempo e pessoas. Afinal, a sinastria entre os horóscopos de duas pessoas é igualmente unia comparação entre dois momentos do tempo. A noção de que "os opostos se atraem" é traduzida astrologicamente entre pares de planetas que são associados com signos opostos. O tipo de "atração" mais simples é definido pela conjunção de pares opostos — por exemplo, Marte-Vênus, porque Marte rege Áries, o signo oposto a Libra, regido por Vênus.

Tabela III

Polaridades simples no Zodíaco

<i>Signos opostos</i>	<i>Planetas (luminárias) regentes</i>
Áries-Libra	Marte-Vênus
Touro-Escorpião	Vênus-Marte/Plutão
Gêmeos-Sagitário	Mercúrio Júpiter
Câncer-Capricórnio	Lua-Saturno
Leão-Aquário	Sol-Saturno/Urano
Virgem-Peixes	Mercúrio Júpiter/Netuno

Nesses casos de polaridades simples, trata-se de conjunções entre planetas ou luminárias de polaridades opostas. Mas um efeito similar de atração ocorre com a inversão dos dados dessa equação primária: no caso de Urano em trânsito oposto ao Urano natal, por exemplo, trata-se da oposição entre princípios similares. No caso de Marte conjunção Vênus, dois princípios opostos estão no mesmo lugar, e no de Urano oposto a Urano, dois princípios semelhantes estão em lugares opostos. A polaridade acontece nos dois casos.

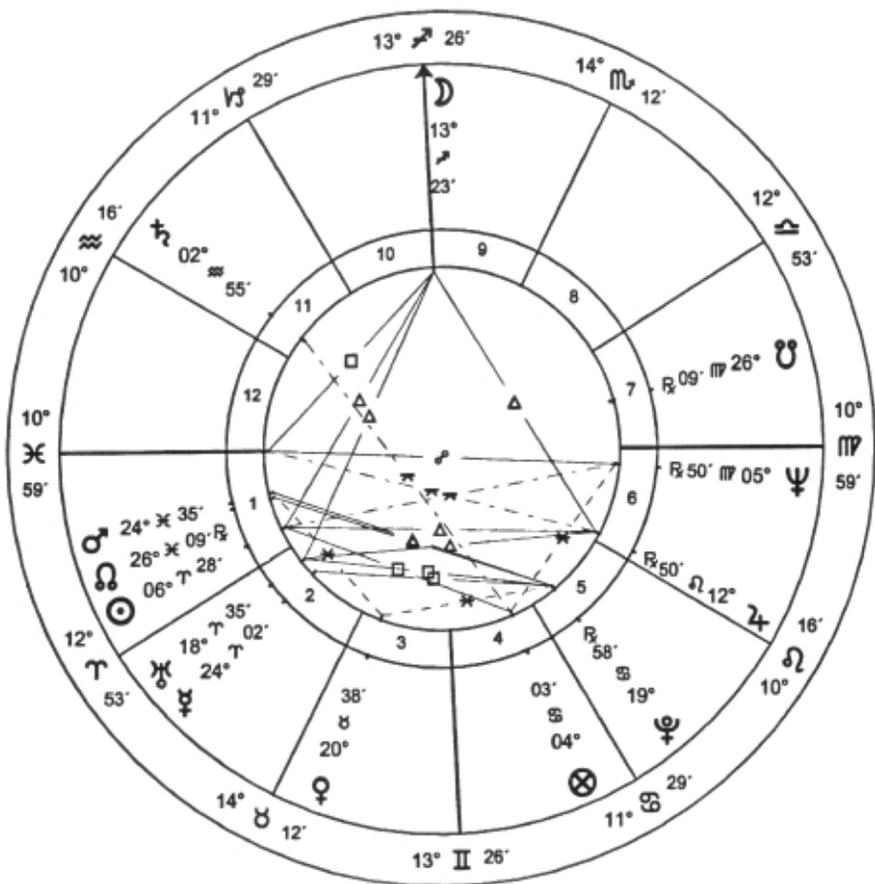
É interessante notar que a polaridade Urano-oposto-Urano ressalta as peculiaridades desse planeta, que é associado com o lado moderno do signo de Aquário e com eventos inesperados, ciclóticos, radicais, revolucionários, instáveis. Os dois presidentes brasileiros eleitos sob essa oposição não chegaram até o final do mandato: Jânio Quadros, que nasceu sob o signo de Aquário, renunciou em agosto de 1961; e Fernando Collor de Mello, que nasceu sob o signo oposto de Leão, foi afastado do cargo pelo Congresso.

Não se conhece a hora do nascimento do presidente Collor. A informação que ele me transmitiu através de sua ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, é de que os dados originais foram destruídos com o incêndio no hospital em que nasceu no Rio de Janeiro. Há várias cartas especulativas sobre ele, e eu mesmo sugeri uma com o Ascendente em Câncer, baseado na premissa de que o planeta Urano deve ser angular no seu horóscopo.

A professora Zélia, que servira comigo no Governo Sarney como assessora do ministro Funaro, acabou realizando no governo seguinte o meu sonho de ver uma mulher no Ministério da Fazenda. Nós conversamos sobre suas possibilidades durante o período em que o presidente Collor estava montando o Ministério, e eu disse a ela que suas chances

de ser ministra da Fazenda cresciam com o tempo: quanto mais o presidente demorasse para escolher, mais forte ela ficaria. Isso significa que o melhor para ela era não pressionar, porque o posto seria seu por exclusão. Foi como ela agiu, e assim aconteceu.

O horóscopo dela, com ênfase no sexto signo (Virgem), continuou uma tradição da Nova República, de escolher ministros da Fazenda com ênfase nas características desse signo: capacidade analítica, trabalho,



Bernardo Cabral
Carta Natal 28: Manaus (AM), 27 de março de 1932,
5:30 (horário de verão)

perfeccionismo, subordinação. Vinha do governo Sarney, onde a Sexta Casa (o reflexo terrestre do sexto signo) era ressaltada nos horóscopos de ministros da área econômica como João Sayad, Luiz Carlos Bresser Pereira e Mailson da Nóbrega.

O Ministério do presidente Collor trouxe ao poder três pessoas marcadas pela quadratura — aspecto com 90 graus de separação — de Urano e Netuno que aconteceu em meados da década de 1950, num governo instalado durante a fase de conjunção entre esses dois planetas: Zélia, João Mellão (Trabalho) e João Santana (Infra-Estrutura). Aqui temos um terceiro tipo de polaridade, que é criada pelo ciclo sinódico dos planetas. Pode-se visualizar melhor essa idéia com uma seqüência histórica. O homem que formulou a idéia do comunismo (Karl Marx) nasceu durante uma conjunção (zero grau de separação) entre Urano e Netuno; o homem que tentou colocar a idéia em prática (Vladimir Lenin) nasceu durante a quadratura (90 graus) dos dois planetas; e a Revolução Russa eclodiu durante a oposição (180 graus). A seqüência continua com a nova quadratura na década de 1950, com os desafios da Guerra Fria à expansão comunista; e com a queda do Muro de Berlim em 1989, durante a nova fase de conjunção (zero grau) entre Urano e Netuno, que simboliza o colapso da União Soviética.

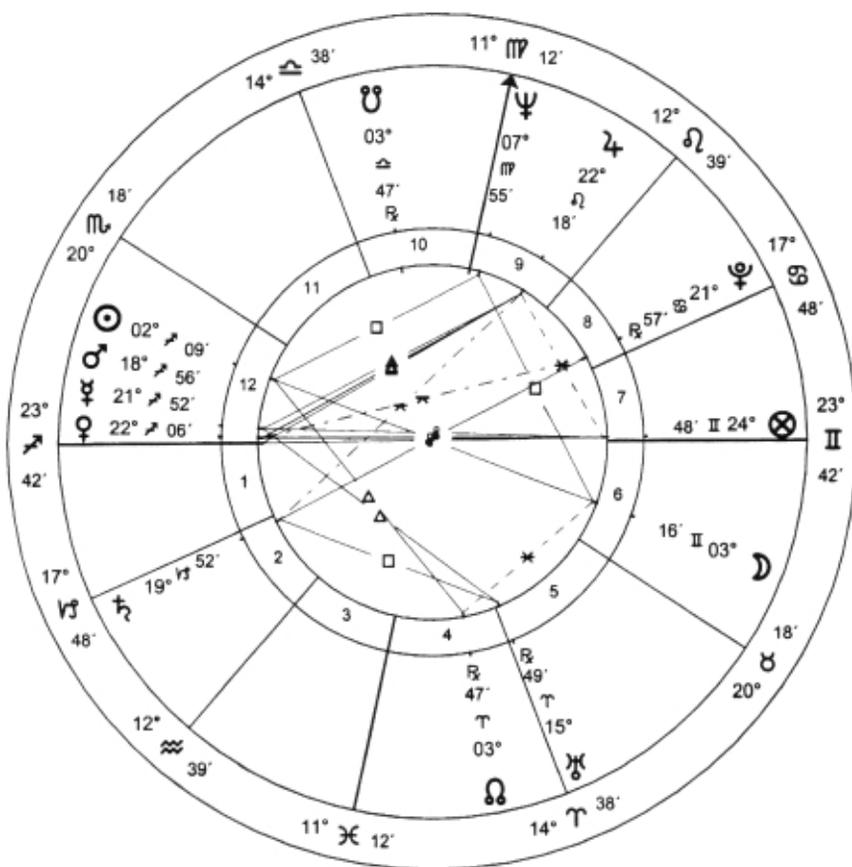
A polaridade cíclica nasce da atração entre fases diferentes do ciclo entre quaisquer planetas. No caso de casais com nove a onze anos de diferença entre o homem e a mulher, por exemplo, em geral temos uma pessoa que nasceu sob a conjunção Júpiter-Saturno, e outra que nasceu durante a fase de oposição entre Júpiter e Saturno.

Quando fiz a revolução solar (mapa do momento em que o Sol volta ao ponto em que estava quando a pessoa nasceu, que permite antecipar as tendências na vida da pessoa para o ano seguinte) da ministra Zélia para o período de setembro de 1990 a setembro de 1991, ela estava particularmente interessada em saber se havia indicações sobre a sua vida amorosa. O Sol está na Sétima Casa dessa revolução solar; e Vênus, em conjunção quase exata com o Descendente (o outro nome da Sétima Casa). Mas Mercúrio rege a Quarta Casa em Gêmeos; a Quarta Casa indica como as coisas terminam, e neste caso, porque Mercúrio faz uma quadratura com Marte, terminaria em brigas e discussões. Júpiter rege o Ascendente (Casa Um) e Mercúrio a Sétima Casa dessa revolução solar, mas os dois planetas não fazem aspecto entre si; isto indicava que nenhum relacionamento duradouro apareceria nesse ano.

Ela não se convenceu. Estava apaixonada pelo ministro da Justiça,

Bernardo Cabral. Meses mais tarde, quando a ministra me deu os dados natais de Cabral para comparação, concluí que era uma relação muito interessante, mas de curto prazo, que poderia resultar num grande escândalo (Netuno, o planeta que rege escândalos, é o mais angular dos planetas na carta composta do casal Zélia-Bernardo).

A sinastría das cartas natais de Zélia e Cabral mostra algumas polaridades cíclicas de baixa intensidade, porque envolvem aspectos suaves



Marcílio Marques Moreira
 Carta Natal 29: Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1931,
 7:30 (horário de verão)

como sextil e trígonos. Cabral nasceu durante um trígono entre Sol e Júpiter; Zélia, durante a quadratura desses dois planetas. Ambos nasceram durante trígonos entre Júpiter e Urano. Zélia nasceu durante uma conjunção entre Vênus e Júpiter; Cabral, durante uma quadratura entre esses dois planetas. As combinações das fases distintas do ciclo produzem atração. A presença do mesmo aspecto (Júpiter trígono Urano) nos dois horóscopos, seguindo a mesma linha de raciocínio, produz rejeição. Neste caso duas atrações superaram uma rejeição, mas de fato as duas coisas aconteceram: primeiro a atração, depois a rejeição.

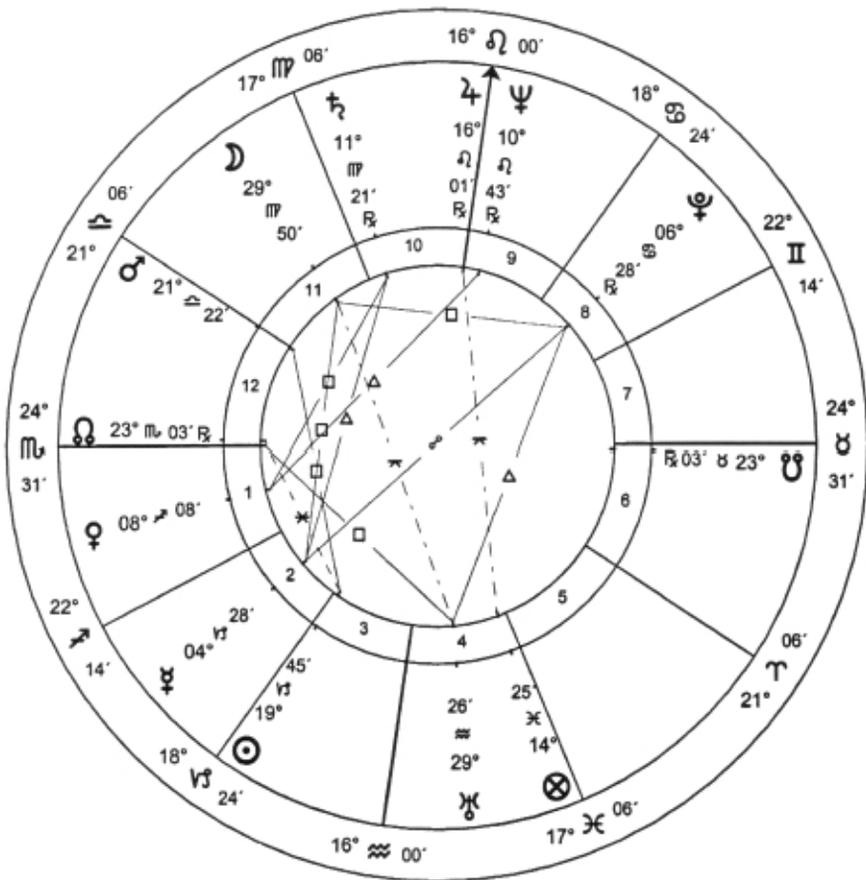
Zélia foi substituída no Ministério da Fazenda pelo embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, com quem eu também servira no Governo Sarney. Conversamos uma vez sobre o horóscopo dele, durante uma viagem de trem que fizemos entre Nova York e Washington, mas infelizmente eu cometem um erro no cálculo. O ano em que o ministro nasceu, 1931, teve horário de verão, e o banco de dados de meu programa de computador não incluía essa informação. Então, a análise dos aspectos e dos planetas nos signos estava certa, mas a dos planetas nas Casas, completamente errada. "É curioso como a astrologia, no meu caso, foi capaz de acertar profundamente em alguns casos, e errar totalmente em outros", disse-me ele, corretamente, no final.

Cabral também foi substituído. O novo ministro da Justiça, Jarbas Gonçalves Passarinho, era um coronel reformado do Exército que começou sua carreira política como governador do Pará, e bateu o recorde como o brasileiro que mais serviu como ministro em governos diferentes da República: foi ministro do Trabalho no Governo Costa e Silva, ministro da Educação no Governo Médici, ministro da Previdência no Governo Figueiredo. Durante o governo Figueiredo, ele também presidiu o Senado Federal, e nesse período eu costumava aborrecê-lo constantemente na sucursal da *Veja* em Brasília.

Quando confia no interlocutor, Passarinho é uma fonte notável. Tem boa memória, e o treino de escritor, pois é autor de romances. Isso significa que tem bom ouvido para diálogos, e sabe reconstituí-los. Outros políticos de sua geração envolveram-se direta ou indiretamente com literatura, como José Sarney, Thales Ramalho ou Petrônio Portella. Mas Sarney não tem muita paciência para reconstituir conversas. O forte de Thales Ramalho (Sol em Câncer) é um extraordinário talento para compreender situações a partir de detalhes. Ele ia com sua cadeira de rodas para a lista de cumprimentos presidenciais no fim do ano, e embora

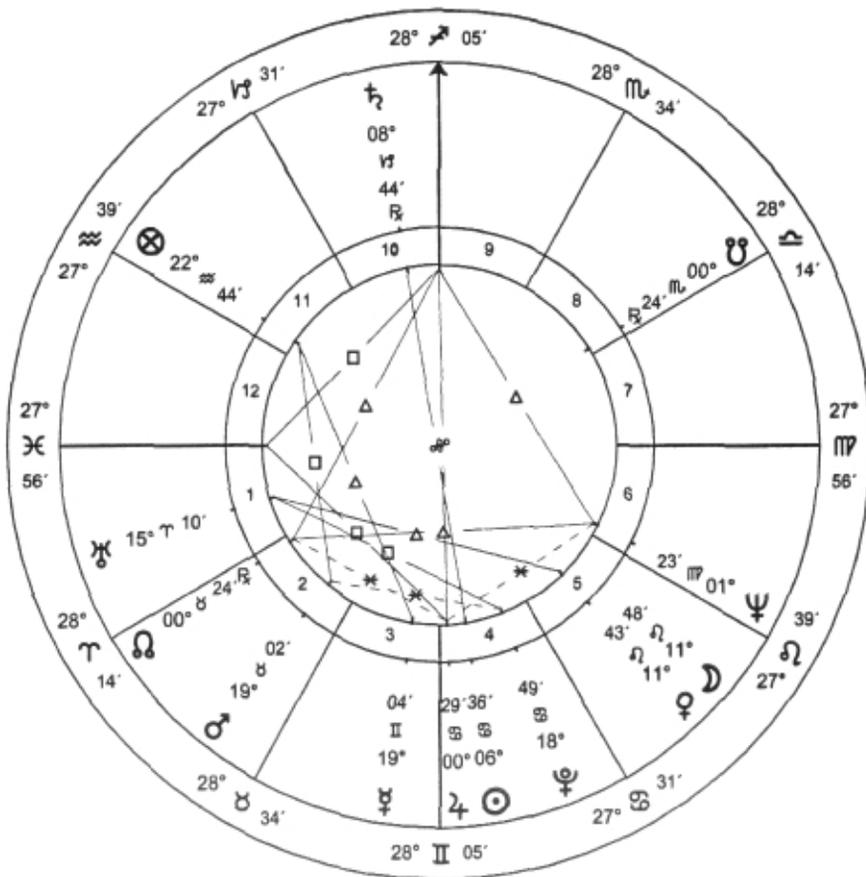
pudesse ir para os primeiros lugares na fila, fazia questão de ficar em último; dali, pela distância que o presidente estabelecia ao cumprimentar os ministros e parlamentares, ele sabia quem estava forte (o presidente encurtava a distância, abraçava) e quem estava fraco (o presidente estendia o braço para longe, aumentava a distância).

Embora poucas pessoas saibam disso, Passarinho articulou nos bastidores um encontro secreto do então senador Tancredo Neves, que



Jarbas Passarinho
Carta Natal 30: Xapuri (AC), 11 de janeiro de 1920,1:30

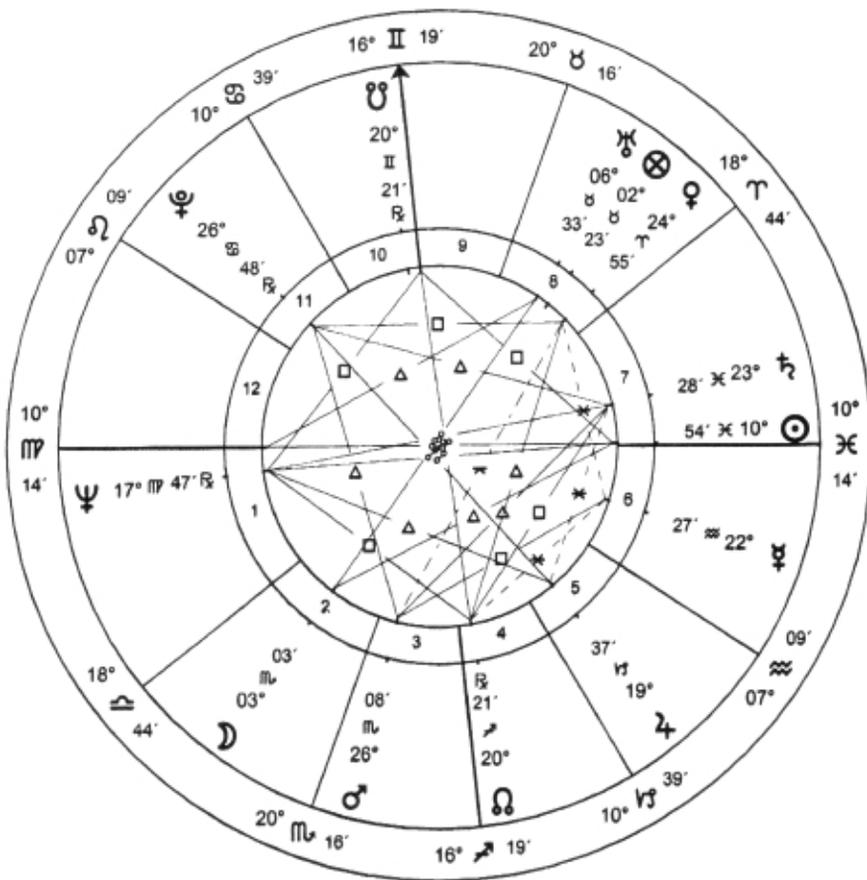
presidia o Partido Popular (PP), com o presidente João Figueiredo. No encontro, Tancredo avisou que se o governo reintroduzisse na legislação eleitoral a figura da sublegenda, ele não teria alternativa exceto voltar para o PMDB. Figueiredo resolveu apostar na sublegenda, e Tancredo voltou ao PMDB. Na mesma ocasião, determinou a seu secretário geral Thales Ramalho que entrasse para o PDS, com o objetivo de aglutinar apoios à candidatura presidencial de Tancredo mais adiante. Deu certo, não é?



Itamar Franco

Carta Natal 31: baía de Salvador (BA), 28 de junho de 1930, 23:00

O presidente Collor foi substituído no poder por seu vice-presidente Itamar Franco, político que começou uma carreira nacional em 1974, depois de deixar a prefeitura de Juiz de Fora e eleger-se senador pelo MDB. Lembro-me de Afonso Arinos de Mello Franco dar uma conferência na Universidade de São Paulo sobre as eleições, e declarar-se confuso: "A política brasileira não é mais a mesma. Minas acabou de eleger um baiano para o Senado da República." De fato, Itamar é filho de pais



Rubens Ricupero
 Carta Natal 32: São Paulo (SP), 1° de março de 1937, 18:30

mineiros, e nasceu acidentalmente dentro do navio que trazia sua mãe de volta para Minas, ainda na baía da cidade de Salvador.

Itamar continuou a tradição uraniana inaugurada pelo antecessor. Seu horóscopo, divulgado pela sua astróloga pessoal no programa "Fantástico", da Rede Globo, mostra Urano angular na Primeira Casa, no signo de Áries. O presidente sempre foi descrito como um homem excêntrico, radical e instável — três qualidades associadas com o planeta Urano. Ele nasceu também com a Lua em conjunção com a Vênus, um indicador de popularidade; e durante uma conjunção de Júpiter com Sol, um dos indicadores clássicos de sucesso.

Durante seu mandato, houve vários ministros da Fazenda: o pernambucano Gustavo Krause, os mineiros Eliseu Rezende e Paulo Haddad, Fernando Henrique Cardoso e Ciro Gomes (que, por serem candidatos à presidência da República em 1998, serão discutidos adiante), e o embaixador Rubens Ricupero, que ficou apenas cinco meses no posto.

Mas Ricupero merecia uma conclusão melhor para sua passagem pelo posto. Ele caiu como resultado da transmissão ao vivo de sua conversa nos bastidores com um apresentador de televisão, em plena campanha eleitoral (o embaixador tem Marte em Escorpião na Casa Três: o que ele diz em público pode eventualmente ferir as pessoas). Trabalhei ao lado do embaixador Ricupero no terceiro andar do Palácio do Planalto, onde ele foi assessor especial do presidente Sarney. Já o admirava antes por suas múltiplas qualidades — um servidor público como poucos o Brasil teve neste século, um cristão, um homem de bem.

Defeitos, todos nós temos. Mas entre suas qualidades pessoais, para mim destaca-se a facilidade de comunicação, que ele provavelmente desenvolveu como professor, e uma memória realmente excepcional. Curioso é que seu sonho não era ser ministro da Fazenda, mas sim ministro das Relações Exteriores, o que permitiria uma justa conclusão para sua brilhante carreira.

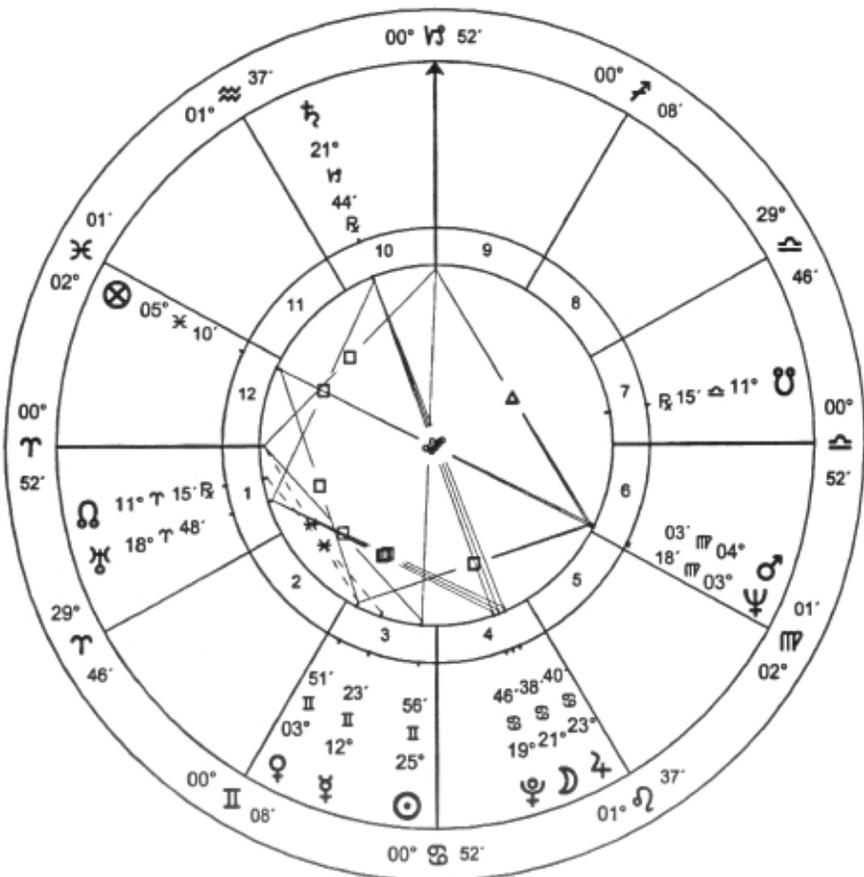
FHC, A COMBINAÇÃO MARTE JÚPITER

Pedi a data e horário de nascimento de Fernando Henrique Cardoso a ele mesmo, no intervalo de gravação de uma entrevista com o então senador do PMDB no programa "Crítica & Autocrítica", feito pela *Gazeta Mercantil* na Rede Bandeirantes. Não me ocorria então que ele pudesse chegar à presidência da República. O vício de jornalista provavelmente me fazia vê-lo pelos olhos da disputa eleitoral que teve com Jânio Quadros pela prefeitura de São Paulo, vencida por Jânio como previ, ainda usando o mapa astral ou horóscopo do momento do anúncio das candidaturas. Foi a segunda vez que insisti com o diretor de uma redação para esperar pelo resultado — desta vez com Mário de Almeida, da *IstoÉ*, a quem eu prometera um artigo sobre a vitória de Jânio.

Os resultados começaram a sair, e Fernando Henrique estava na frente. Mário foi ficando impaciente, e acabou me pedindo que invertesse a tônica do texto, apostando na derrota de Jânio. Eu hesitava (sou incapaz de escrever sobre o que não acredito), quando enfim apareceram as primeiras pesquisas de boca de urna. Com Jânio na frente.

A carta natal de FHC é extraordinária por vários motivos. Primeiro, porque os quatro ângulos (Casas Um/Ascendente, Quatro, Sete e Dez/Meio-Céu) estão marcados pelos signos cardeais correspondentes: a Casa Um começa no primeiro signo (Áries), a Quarta Casa no quarto signo (Câncer), a Sétima Casa no sétimo signo (Libra) e a Décima Casa no décimo signo (Capricórnio). Isso por um lado simplifica a visão de mundo da pessoa: a manifestação interna e externa é a mesma, e torna sua percepção do mundo ao mesmo tempo simples e intensa. Por outro lado, o Ascendente ou casa um começa no primeiro grau de Áries, que é um símbolo com potencial para produzir fama universal. No caso de FHC, a fama global veio primeiro como professor (o "príncipe" dos sociólogos), e depois como o Estadista que conseguiu debelar a hiperinflação brasileira.

Saturno nas Casas Dez e Onze é associado com política e sociologia. No caso de FHC, Saturno está na Casa Dez como no horóscopo do presidente João Figueiredo; ao contrário do horóscopo do general Figueiredo, porém o Saturno de FHC não está afligido por uma grande quadratura (quatro planetas interligados a cerca de 90 graus de separação), e está em seu próprio signo (Capricórnio), portanto não é tão maléfico. Mas faz parte do dinamismo considerável da quadratura em "I" (dois planetas a 180 graus de separação em quadratura simultânea



Fernando Henrique Cardoso
 Carta Natal 33: Rio de Janeiro, 18 de junho de 1931, 00:15

com um terceiro), envolvendo a oposição de Saturno e Lua em quadratura com Urano na Primeira Casa.

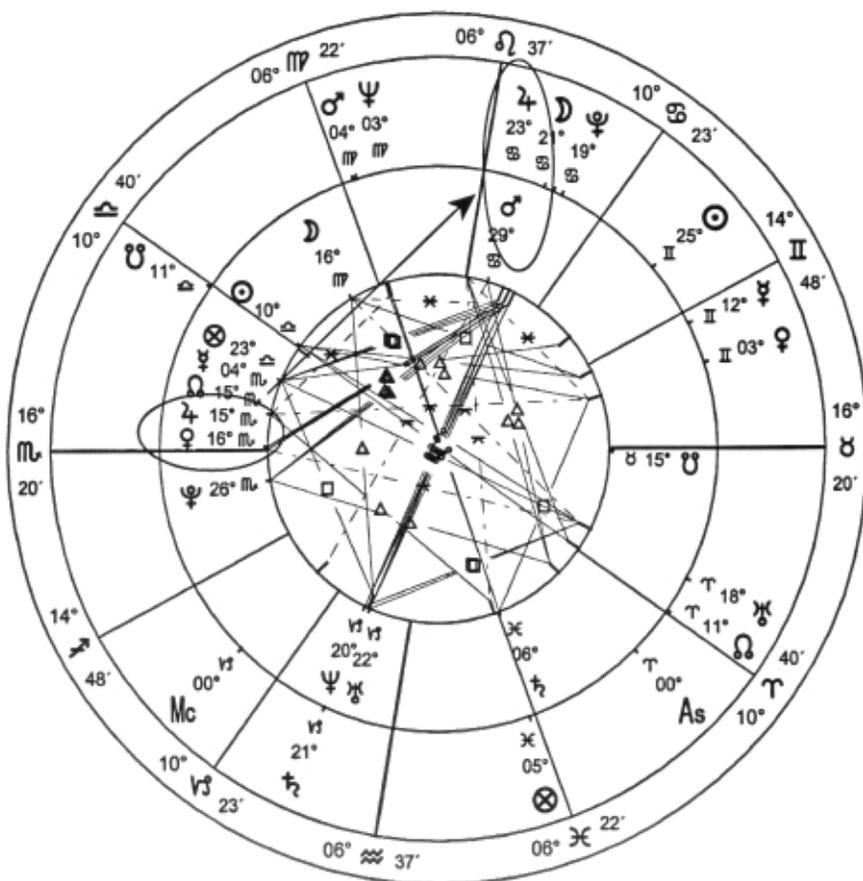
O simbolismo geral de Saturno na Décima Casa é o da insegurança em relação aos objetivos na vida em geral, e ao uso do poder em particular. A pessoa fica destituída de intuição quando tem poder, e limitada a usar apenas a razão, o que pode induzir a erros consideráveis. Mas há um padrão que aconteceu tanto com Figueiredo como com FHC, e já acontecera antes com o presidente americano John Kennedy, outro Saturno na Casa Dez: o aspecto positivo da insegurança, que leva a pessoa a se esforçar mais que as outras, e por isso a subir. A ascensão produz mais insegurança, que leva a pessoa a se esforçar ainda mais, até subir outra vez. Nessa toada, quem se esforça o suficiente sobe até o teto, ou seja, até a presidência da República. Aí chega a hora da vertigem. No topo do poder, o mais comum é que a pessoa com Saturno na Casa Dez procure a assessoria de gente mais velha ou mais jovem, com idade diferente da sua. No caso de Figueiredo, com o Sol em Capricórnio (cujo regente, Saturno, rege os velhos) predominaram as pessoas mais velhas: Golbery do Couto e Silva e João Leitão de Abreu, seus dois chefes do Gabinete Civil. No caso de FHC, com o Sol em Gêmeos (seu regente Mercúrio rege os jovens), gente mais jovem: economistas brilhantes como André Lara Rezende, Gustavo Franco ou Pêrsio Arida, entre outros.

O outro fator que impressiona na carta natal de Fernando Henrique Cardoso é a conjunção da Lua com Júpiter em Câncer. O Brasil se tornou independente no Grito do Ipiranga, quando a Lua fazia uma conjunção com Júpiter em Câncer. Isso quer dizer que FHC tem a mesma postura generosa e otimista do povo brasileiro (Júpiter e Lua), uma identidade particularmente útil na profissão política.

Como ministro da Fazenda e favorito do presidente Itamar Franco para a sucessão, Fernando Henrique estava em Nova York com dona Ruth às vésperas de anunciar publicamente sua candidatura. Defronte à loja de lembranças e jornais, na entrada para os elevadores do hotel Intercontinental, ele se virou para mim, de saída para o aeroporto, e brincou: "Agora você podia fazer o meu mapa." Eu fiz. Mas com ele em campanha pelo Brasil afora, nunca tive oportunidade de lhe mostrar.

A comparação da carta natal de FHC com o da eleição presidencial de 1994 resulta numa polaridade "acidental". Haverá vários exemplos desse tipo de polaridade nos capítulos adiante. Ela acontece quando pares de planetas que normalmente nada têm a ver um com o outro

polarizam acidentalmente, porque não essencialmente. "Essencial" é a polaridade entre planetas que regem signos opostos, como Marte-Vênus ou Saturno-Lua. O evento aqui foi a conjunção de Marte no início da eleição com o Meio-Céu da carta da eleição e simultaneamente com o Júpiter natal de FHC; ao mesmo tempo, a eleição começou durante uma conjunção de Júpiter e Vênus com o Ascendente. Júpiter tornou-se



Eleição de 1994

Carta Natal 34: Brasília, 3 de outubro de 1994, 8:00

(planetas internos e Casas externas), com o horóscopo de Fernando Henrique Cardoso (planetas externos), mostrando a polaridade Júpiter-Vênus (♃ - ♀) e Júpiter-Marte (♃ - ♄)

se assim uma espécie de "canalizador", polarizando a conjunção Júpiter-Vênus da eleição com a conjunção Júpiter-Marte de FHC com a eleição. Júpiter é o fator comum, e Marte-Vênus uma polaridade natural. Ainda mais poderoso no caso de uma eleição, as duas conjunções de Júpiter tocavam os dois ângulos mais proeminentes da eleição: o Ascendente (Casa Um) e o Meio-Céu (Casa Dez). Os ângulos são sempre as Casas mais visíveis, representam as quatro direções do espaço (Norte, Sul, Leste, Oeste), e por isso revelam os contatos mais importantes.

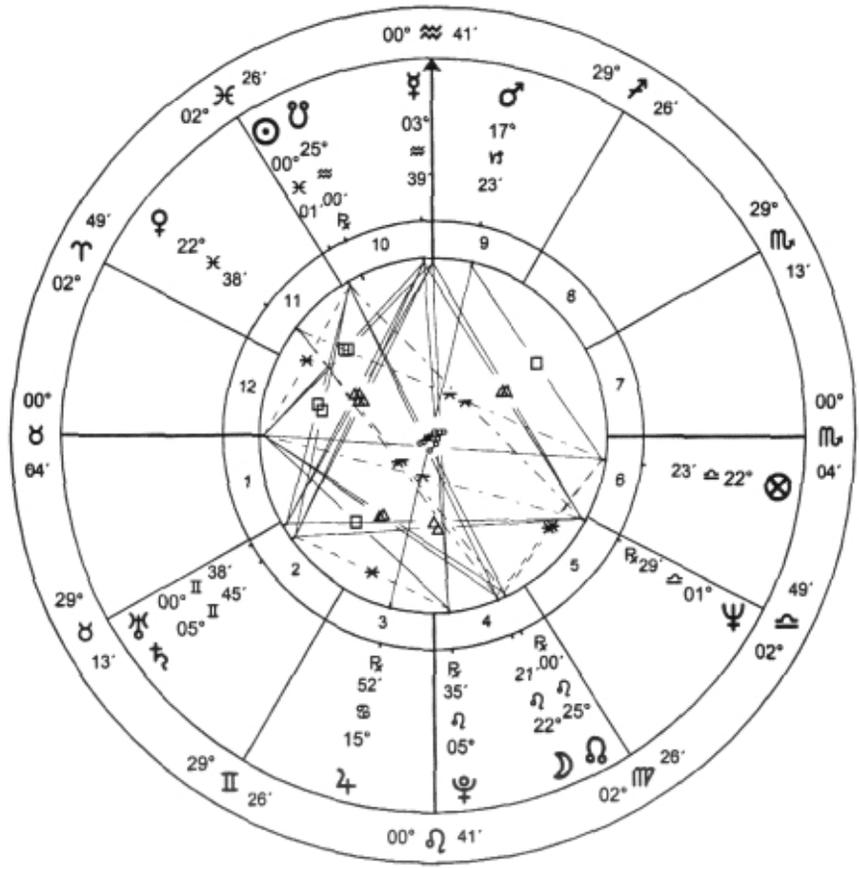
Marte e Vênus são planetas particularmente importantes naquele momento do tempo, porque regiam o Ascendente em Escorpião (Marte) e o Descendente ou Casa Sete em Touro (Vênus) — ou seja, o eixo dos ângulos horizontais no horóscopo da eleição. O horóscopo de FHC faz também uma segunda polaridade com o horóscopo da eleição: seu planeta Marte faz oposição ao Saturno da Eleição, enquanto o Marte da Eleição faz oposição ao Saturno de FHC. Isso também conecta o horóscopo de FHC com dois ângulos da eleição: Escorpião na Casa Um (Marte, como já vimos), e Aquário na Casa Quatro (Saturno é co-regente do signo). Marte e Saturno não formam uma polaridade simples ou essencial porque regem signos que estão separados por 90 graus, e não opostos (180 graus). A polaridade acidental entre FHC e a eleição emerge porque os dois Martes aspectam simultaneamente os dois Saturnos.

Em geral, os aspectos entre Marte e Saturno (♄) são destrutivos. Mas numa eleição política, o que se tem visto é que suas polaridades funcionam tão bem quanto outras. A polaridade entre Marte-Saturno é também acidental, porque esses planetas não estão naturalmente opostos. Sua criação aqui deriva do fato de que acontecem nos dois sentidos dos dois horóscopos (o de FHC e o da eleição). Mas polaridades acidentais também funcionam, especialmente quando envolvem os ângulos da carta natal da eleição.

FHC teve o talento de reunir uma brilhante equipe de colaboradores na área econômica. Seu ministro da Fazenda, Pedro Malan, descendente de generais como ele, tem os quatro ângulos do horóscopo no primeiro grau dos signos fixos, com Ascendente em Touro (♉). A teoria astrológica sugere que os signos cardeais têm a iniciativa, mas são os signos fixos que levam as iniciativas até a conclusão. Malan nasceu com Mercúrio (☿) em Aquário (♒), poderoso em conjunção com o Meio-Céu (Casa Dez), o que explica por que ele considera que cada novidade é apenas uma peça dentro de um mosaico — ou, para usar suas próprias palavras, apenas um passo numa longa caminhada. Enquanto Mercúrio

está em Aquário, signo co-regido por Urano (♅), Urano está em Gêmeos (♊), signo regido por Mercúrio – o que coloca ambos em mútua recepção, e torna os dois planetas particularmente fortes. Isso corresponde a uma mente criativa mas persistente, original mas consciente do contexto em que se insere.

Malan presidia o Banco Central quando o Plano Real entrou em funcionamento, no primeiro minuto de 1º de julho de 1994. Com ele trabalharam na montagem do plano — que ancorou a nova moeda



Pedro Sampaio Malan
 Carta Natal 35: Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1943, 10:10

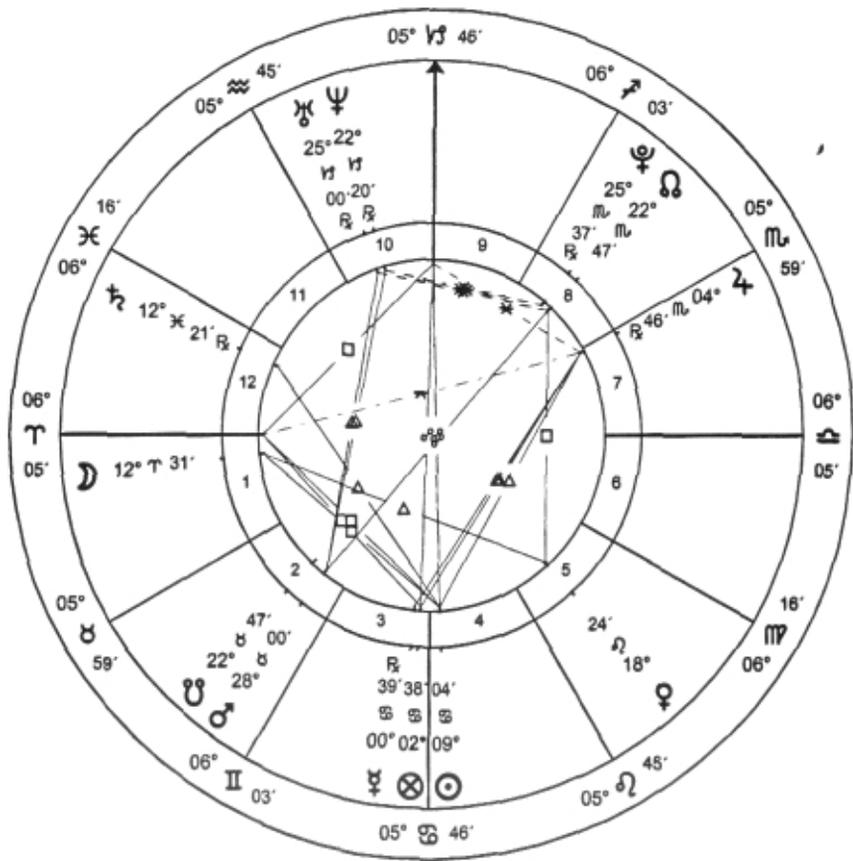
brasileira no câmbio e com isso controlou a hiperinflação – economistas como Gustavo Franco e Francisco Lopes, e outros que já haviam colaborado na montagem do Plano Cruzado durante o Governo Sarney, como Pêrsio Arida e André Lara Resende.

O horóscopo da implantação legal do Real é notável por conter a Quarta Casa em Câncer (♋) e seu regente, a Lua (☾), em conjunção com o Ascendente na Primeira Casa. A Lua rege a população, e a Quarta Casa mostra como as coisas terminam: no caso, terminam com uma total identificação popular com o programa. A Lua forma também um trígono com Vênus, regente da Segunda Casa dos ganhos, indicando que a população beneficia-se com o plano. Júpiter está em Escorpião (♏), muito perto da Oitava Casa, indicando transformações positivas ou expansão (Júpiter) através das perdas (Escorpião e Oitava Casa) – o que pode ser traduzido como um benefício para a classe dominante produzido pela redistribuição da renda. Saturno no signo de Peixes (♓) e na Casa Doze assinala o fim de um ciclo de hiperinflação (inflação é associada com os regentes de Peixes, Júpiter e Netuno); mas o fato de estar retrógrado ainda sugere alguma ameaça de volta da inflação no futuro. Saturno faz no entanto um trígono com Júpiter, o que leva a crer que até onde depende da consciência das pessoas dentro do país, a inflação pode ser debelada.

A estrutura do horóscopo do Plano Real é muito similar à do Plano Cruzado, no sentido de que ambos foram implementados com o Ascendente no signo de Áries (♈), e portanto a estrutura das doze Casas e dos doze signos coincide, num testemunho da surpreendente simplicidade do desenho dos dois programas. Mas o Cruzado tinha a Lua, regendo a Quarta Casa, na Sétima Casa – sugerindo que no final a população ficaria contra o plano, embora fosse igualmente um sinal de enorme visibilidade. A Lua do Plano Cruzado estava também no último grau da Libra (♎), e não fazia nenhum aspecto antes de deixar esse signo – uma indicação de que pouco de efetivo viria daí. Marte, que rege o Ascendente em Áries do Cruzado, está na Casa Nove em Sagitário (♐) formando uma difícil, bloqueadora, conjunção com Saturno. Ao mapa do Cruzado faltam planetas abaixo da linha do horizonte, mostrando que o plano não tinha raízes profundas.

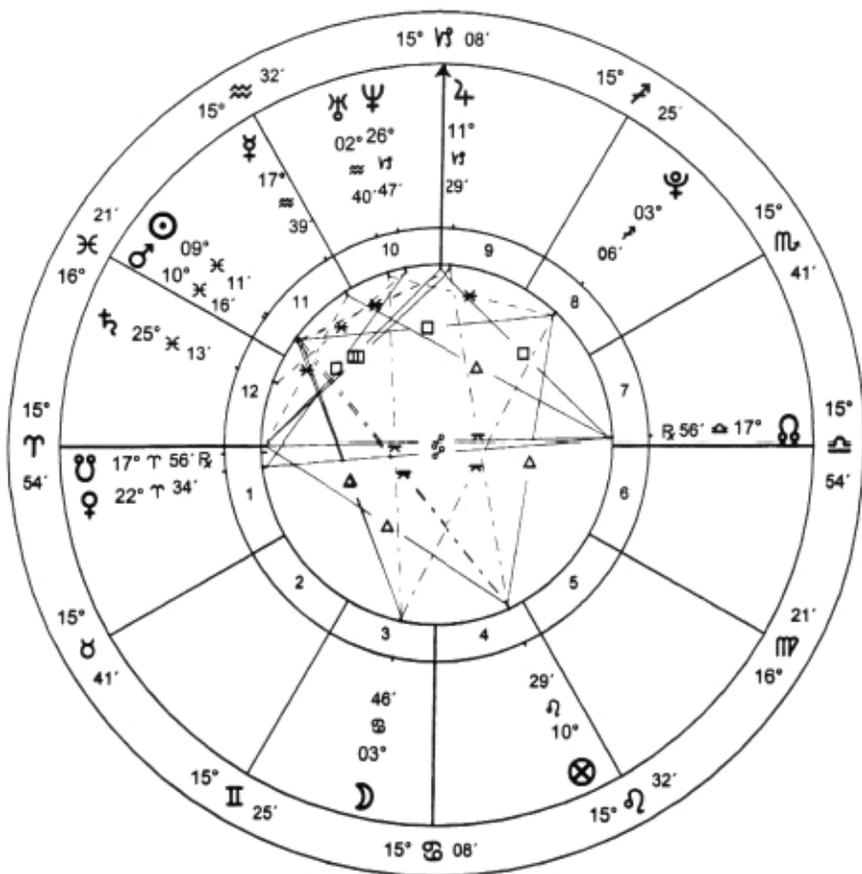
Por contraste, no mapa do Plano Real, Marte rege igualmente o Ascendente em Áries e está no signo de Touro, onde seu funcionamento é cuidadoso, mas onde também perde sua maior força, a capacidade de iniciativa. Mas a seqüência felizmente não pára aí: Vênus, que rege

Touro, está no signo de Leão (♌); o Sol (♁), que rege Leão, está em Câncer; e a Lua, que rege Câncer, está em Áries, voltando ao ponto em que começamos. Isso mostra uma complexa mas positiva interligação entre todos esses fatores. A energia de um planeta ou luminária vai sendo transmitida para outro, como num círculo. A despeito da interligação, contudo, Vênus em Leão sugere também que os ganhos percebidos com o Plano Real são maiores que os ganhos concretizados. Leão não mente, mas sempre funciona como uma lente de aumento.



Plano Real
 Carta Natal 36: Brasília, 1° de julho de 1994, 00:01

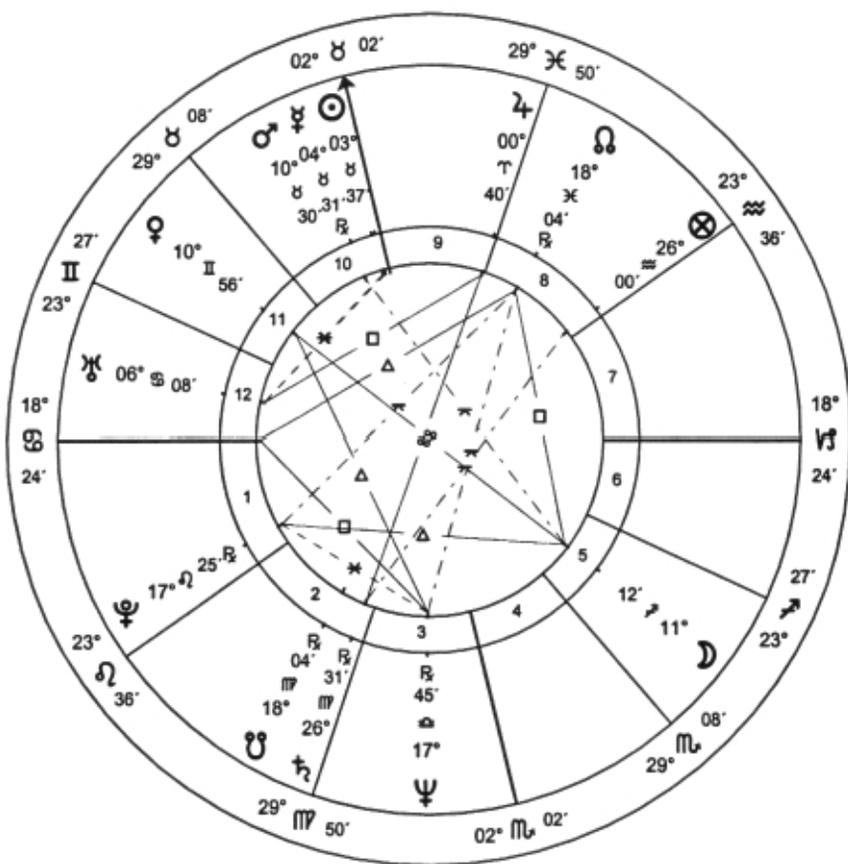
Entre os economistas que participaram da montagem dos dois planos, os horóscopos de Pêrsio Arida e André Lara Resende são muito interessantes. Arida nasceu com Ascendente em Câncer e uma concentração de planetas, luminárias e pontos em Peixes – dois signos do elemento água, associados com sensibilidade, intuição, emoção. Mas ele tem igualmente Saturno na terceira casa da comunicação, indicando alguém que dá a impressão de ser profundamente racional e metódico quando fala. O que ele diz faz sentido, mas não é parecido com o que



Plano Cruzado
 Carta Natal 37: Brasília (DF), 28 de fevereiro de 1986,
 9:45 (horário de verão)

Ascendente. Às vezes é mais fácil identificar gênios pelos seus defeitos, e Urano no Ascendente em geral corresponde a um temperamento excêntrico, nervoso e instável, com baixa tolerância a pressões dos outros — especialmente se as pressões vêm dos amigos.

O horóscopo de Lara Resende partilha algo da intuição de Arida, com o Ascendente em Câncer e Netuno na Terceira Casa, e Júpiter na Casa Nove (que dá uma capacidade especial para prever corretamente as tendências do futuro). Mas o que se destaca mais nele é a tríplice

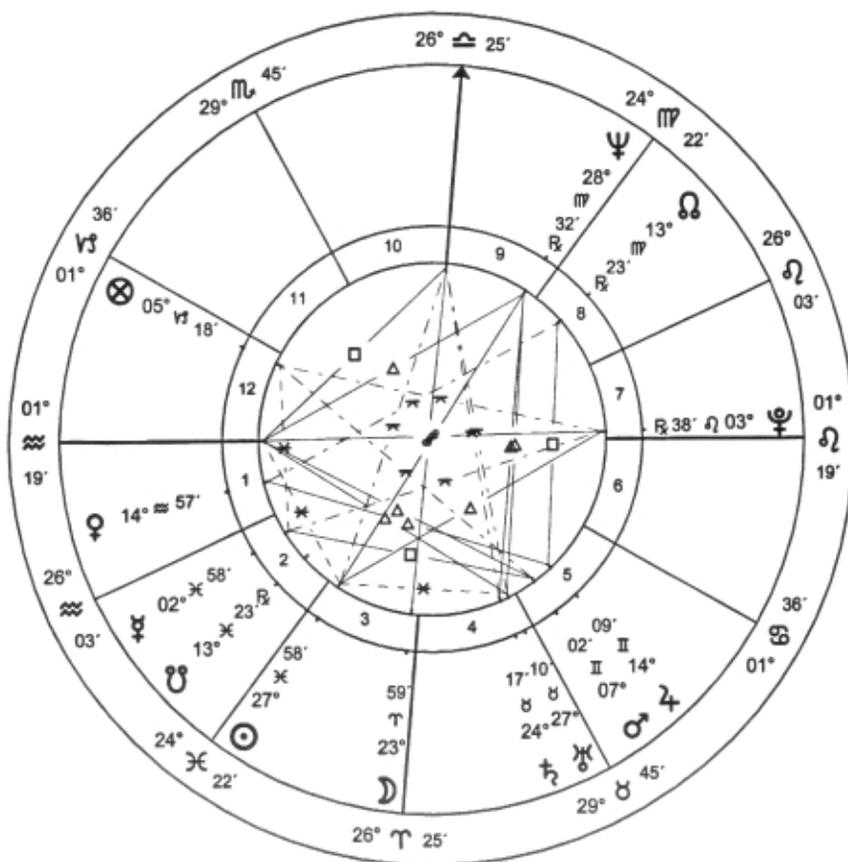


André Lara Resende

Carta Natal 39: Rio de Janeiro, 24 de abril de 1951, 11:45

conjunção de Sol, Mercúrio e Marte com o Meio-Céu ou Casa Dez em Touro. Este é um homem prático, que sabe para que servem as pessoas e as coisas, e que detesta ser usado — a menos que alguém saiba usá-lo tão bem quanto ele próprio se usaria.

Ele ficou rico com sua sociedade no Banco Matrix depois de sair do governo, exibindo a capacidade de gerar e conservar riqueza associada com o signo de Touro. O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu confiar a Lara Resende o projeto para seu segundo mandato (caso



José Serra

Carta Natal 40: São Paulo, 19 de março de 1942, 2:00

consiga se reeleger). Esta é sem dúvida uma forma prática de usar o talento do economista para perceber para onde os caminhos de hoje estão levando o país, assim como sua capacidade de dar forma às coisas (o signo de Touro rege também formas em geral).

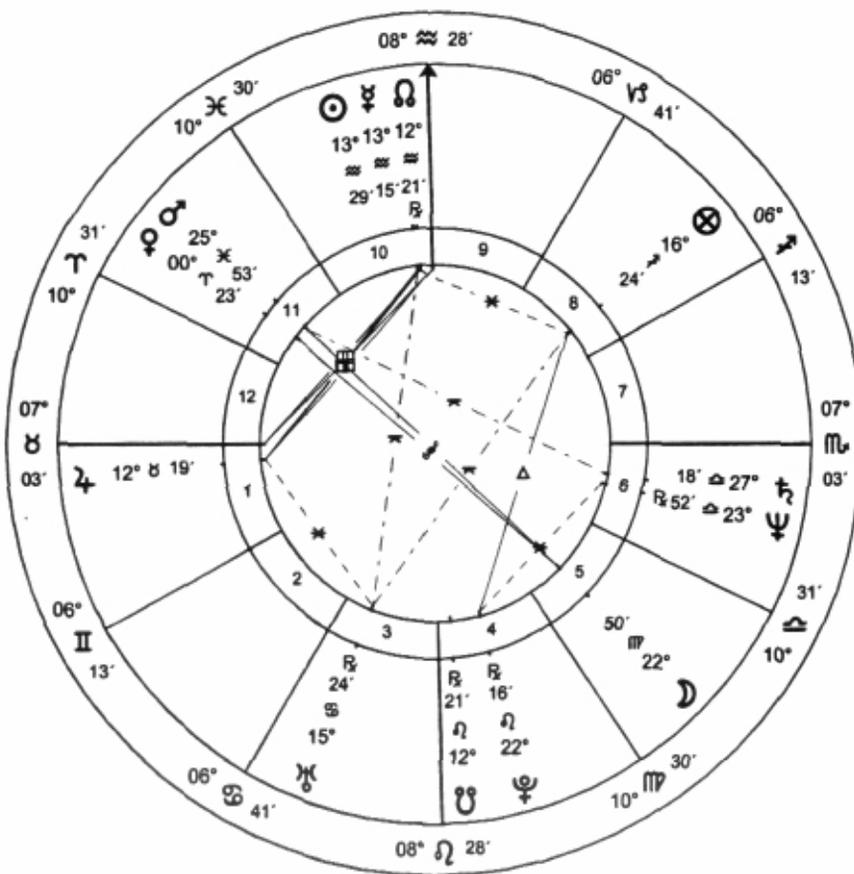
Se Arida e Resende são tão espertos, como é que seus nomes ficaram associados ao Plano Cruzado, que acabou dando tão errado? Aqui é preciso levar em conta que os autores daquele plano não pretendiam manter o congelamento de preços de fevereiro até a eleição de 15 de novembro de 1986. O congelamento deveria funcionar durante um curto período de transição, de talvez três meses, o suficiente para cortar a memória da inflação inercial. O problema é que o congelamento tornou-se mais popular que os candidatos a governador do PMDB. E foi o PMDB quem não permitiu sua suspensão antes das eleições. A decisão foi política.

Outros dois economistas com papel de destaque no Governo Fernando Henrique Cardoso são José Serra e Antônio Kandir, que ocuparam o Ministério do Planejamento. Serra é parte do grupo intuitivo de Peixes nesse governo, junto com Malan e Arida, e nasceu durante uma oposição quase exata entre o Sol e Netuno (Υ), o co-regente do signo, ressaltando ainda mais suas características. Já me referi, no capítulo sobre o governo Sarney, ao fato de a Lua de Serra não fazer qualquer aspecto maior com os outros planetas e luminárias, indicando que é preciso em geral combinar tudo duas vezes com ele: uma com Serra em geral, outra com a Lua de Serra em particular. Fiz essa descrição para ele mesmo quando Serra ainda era secretário no Governo Montoro em São Paulo, e ele discordou vigorosamente. Mas algo me diz que é uma descrição correta (sempre que lhe pedia uma entrevista, eu pedia duas vezes), e não o impede de ser eficiente. Às vezes o astrólogo também erra, como qualquer ser humano; mas às vezes também não estamos preparados para nos dizer algumas coisas.

O que ressalta no mapa de Serra, porém, não é a Lua "solta", mas um extraordinário apetite para o poder. Plutão ($\♇$) é o planeta mais angular do horóscopo, em conjunção com o Descendente em Leão, e em trígono com Mercúrio em Peixes na Segunda Casa. Ele dá valor ao poder, e tem a capacidade de empregá-lo para produzir transformações (Plutão rege mudança em geral), quer os outros queiram, ou não. Por isso, talvez, assuste.

Perguntei os dados de nascimento do futuro deputado federal Antônio Kandir quando ele renegociava a dívida externa brasileira na

equipe de Zélia Cardoso de Mello, durante a fase inicial do Governo Collor. Como Lara Resende, ele tem o Sol na Casa Dez, indício de que sabe usar as pessoas e as coisas — e se não é tão prático como seu colega carioca, é mais racional. O que acontece com esses dois economistas é que ambos têm o Sol (a melhor qualidade) onde o presidente Fernando Henrique tem Saturno (a maior dificuldade), na Décima Casa do poder, e por isso funcionam como excelente complemento para ele. Ambos intuem



Antônio Kandir
 Carta Natal 41: São Paulo, 2 de fevereiro de 1953,
 13:00 (horário de verão)

imediatamente o que Fernando Henrique leva tempo para descobrir raciocinando.

Acompanhei o Governo Cardoso do exterior, trabalhando como correspondente do diário de negócios *Gazeta Mercantil* em Nova York. Mas isso, se me tornou menos íntimo dos eventos no Brasil, me permite fazer um paralelo entre Fernando Henrique Cardoso e outro presidente do signo de Gêmeos — o americano George Bush. A lenda de Gêmeos é a de Cosme e Damião, dois irmãos que se amavam como amigos. Um dia, o amor dos irmãos acabou aborrecendo uma deusa mal-humorada do panteão grego, e ela fez com que um matasse o outro. Revoltados, os outros deuses pediram a intervenção de Zeus (Júpiter) contra essa maldade. Ele não podia mais devolver a vida ao irmão que morreu, mas fez com que virasse uma estrela no céu, e de vez em quando trocasse de lugar com o irmão vivo.

A dualidade é o que melhor me parece explicar Gêmeos. No caso de FHC, é uma dualidade mais contínua, porque ele tem o Ascendente em Áries, um signo que representa unidade. O relato a seguir talvez explique isso melhor. Certa vez lhe perguntei — ele ainda era senador da República — por que dava a impressão de concordar com seus interlocutores, quando na verdade discordava deles. FHC respondeu que se tratava de uma técnica que desenvolvera como professor: "Faço isso como uma tática para, aos poucos, trazer a outra pessoa para a minha posição?" Temos aí duas idéias diferentes (a de FHC e a do interlocutor, representando Gêmeos), expressas como se fossem uma só (o Ascendente em Áries simboliza unidade).

George Bush nasceu com o Sol em Gêmeos e o Ascendente em Virgem, dois signos regidos pelo planeta Mercúrio. Aqui entramos no terreno da dualidade pura. A capa que a revista *Time* lhe dedicou como Homem do Ano mostrava adequadamente dois rostos de George Bush no mesmo desenho, representando o George Bush brilhante na política externa e o George Bush criticado na política interna.¹ A vantagem de Fernando Henrique Cardoso, durante os anos de glória do Plano Real, é que ele pode ser elogiado pelas duas faces.

¹ George J. Church, "The Two George Bushes", *Time*, Man of the Year 1990. Texto reproduzido no CD-Rom *Time Almanac 1992*, Time Warner, Nova York, 1992.

O MÉTODO COM OS REIS INGLESES

A relação entre os planetas *e os* governantes é visível também do ângulo histórico, onde as polaridades parecem "atrair" personagens em certos momentos do tempo, como se fossem um ímã. Vamos examiná-la agora no tocante à história da monarquia inglesa, usando uma data diferente — a da coroação, empregada aqui em geral como sinônimo da data da ascensão ao poder, em vez da eleição — para levar em conta a diferença básica entre um presidente ou primeiro-ministro atuais, que são eleitos pela população em geral, e os reis, que são coroados por tradição familiar ou vitória em batalhas contra inimigos.

Na esperança de que a exposição seja clara, vamos recapitular os diferentes tipos de polaridade — criada por princípios opostos e por isso mesmo complementares — entre os ângulos, planetas e luminárias natais de uma pessoa, e seus aspectos com os ângulos, planetas e luminárias de um evento:

- Polaridade simples. Acontece numa conjunção de pares opostos, porque regem signos que distam 180 graus um do outro, como Marte (Áries) e Vênus (Libra): *dois princípios opostos estão juntos*, ou porque o mesmo princípio está em oposição ao compararmos os dois horóscopos — por exemplo, Marte no horóscopo natal da pessoa está a cerca de 180 graus do Marte na hora do acontecimento: aqui *dois princípios semelhantes estão opostos*.
- Polaridade sinódica. Deriva do ciclo sinódico, ou seja, a seqüência de separações que vai de conjunção a conjunção entre dois planetas ou luminárias quaisquer. Aqui dois pares de planetas ou luminárias que normalmente não formam polaridades, porque não regem planetas a 180 graus de separação, estabelecem aspectos recíprocos e inversos nos dois horóscopos — o da pessoa e o do evento. Trata-se, digamos, da conjunção do Marte da pessoa com o Netuno do

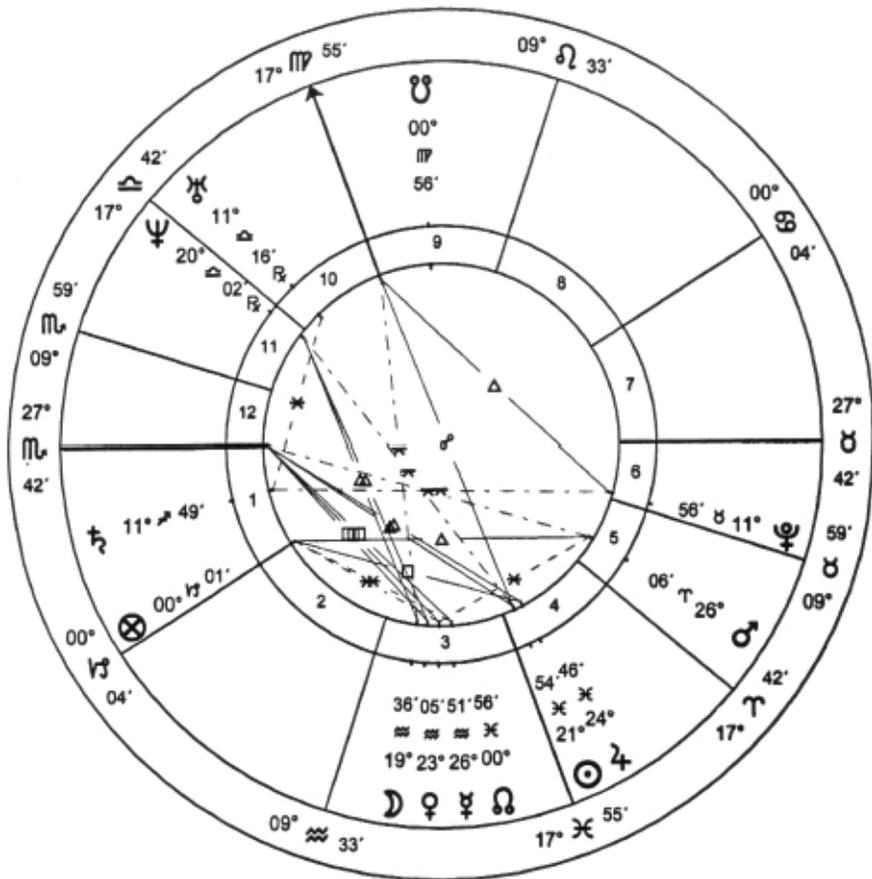
evento, e simultaneamente de uma oposição entre o Netuno da pessoa e o Marte do evento. Aqui os *dois princípios iguais (Marte-Netuno) formam aspectos opostos*. Uma variante da polaridade sinódica acontece internamente nos horóscopos: a pessoa nasceu com Marte-Netuno em conjunção, e o evento acontece quanto Marte-Netuno estão opostos: mesmo sem interligação, essas combinações formam polaridades vigorosas. Nestes casos o contraste é dado mais pelos aspectos que pelos planetas, pois *a conjunção é o contrário da oposição*.

- Polaridade acidental. Dois pares de planetas ou luminárias que normalmente não fazem polaridades formam idênticos aspectos recíprocos, e com isso estabelecem acidentalmente uma relação. Por exemplo, o Marte da pessoa faz oposição ao Netuno do evento, e o Marte do evento faz oposição ao Netuno da pessoa. Então os *dois princípios iguais estão opostos*. A segunda variante dessa mesma idéia é quando o Marte da pessoa faz conjunção com Netuno do evento, e o Marte do evento faz conjunção com o Netuno da pessoa. Então *dois princípios diferentes estão juntos*.
- Polaridade transmitida. Aqui dois princípios opostos estão interligados ao mesmo terceiro planeta nos dois horóscopos. Por exemplo, Marte no horóscopo da pessoa está conjunto ao Sol do evento, enquanto Vênus no horóscopo do evento está conjunto ao Sol da pessoa. Dois princípios opostos (Marte-Vênus) ficam interligados porque aspectam um planeta idêntico (neste exemplo, o Sol) nos dois sentidos. *A polaridade entre os dois princípios diferentes é transmitida por um terceiro princípio igual*. Neste caso também pode haver polaridade na comparação interna entre os dois horóscopos: a pessoa nasceu com Marte conjunção Sol; e o evento, com Vênus conjunção Sol. Uma variante mais complexa deste grupo acontece quando dois pares de opostos se interligam com dois pares de opostos: Marte no horóscopo da pessoa faz conjunção com o Sol do evento, enquanto o Saturno do evento faz conjunção com o Vênus da pessoa. Aqui dois pares opostos (Marte-Vênus, Sol-Saturno) transmitem polaridades através de aspectos cruzados. Marte-Vênus colocam a polaridade entre os signos marciais Áries-Escorpião e os signos venusianos Touro-Libra; e o Sol rege Leão, enquanto Saturno é co-regente do signo oposto (Aquário). Enfim, outro tipo de polaridade transmitida acontece em combinações parciais: o evento acontece com uma conjunção Vênus Júpiter, enquanto o Júpiter da pessoa faz conjunção com o Marte do evento ou vice-versa. Combinações assim são

tão poderosas quanto as outras, caso sejam angulares: veja-se a eleição presidencial de Fernando Henrique Cardoso em 1994.

- Polaridade alinhada. Este é um tipo mais sutil e mais raro, em que uma seqüência de planetas e luminárias no horóscopo da pessoa — por exemplo, uma em que o Sol vem depois de Mercúrio, que vem depois de Vênus, que vem depois de Júpiter, que vem depois de Urano, na seqüência dos graus e signos — alinha-se simetricamente com uma seqüência parecida ou invertida no horóscopo do evento. Às vezes todos os planetas nos dois horóscopos são idênticos, e a polaridade nasce do fato de que *o conjunto de princípios similares está oposto*; e às vezes um ou mais planetas num grupo são naturalmente opostos aos do outro, criando um segundo nível de polaridade. Também existe uma variante neste caso, criada quando a pessoa nasceu com um grande número de planetas num mesmo signo ou signos adjacentes, e um planeta desse grupo faz conjunção com qualquer ângulo do evento: o "peso" da quantidade prevalece. Nesta variante, freqüentemente o ângulo oposto no horóscopo do evento está "vazio", sem planetas, criando *a polaridade entre uma enorme concentração de energias num ângulo e nenhuma no ângulo oposto*.
- Polaridade angular. Dois planetas idênticos estão em oposição, ou dois planetas opostos estão em conjunção com os mesmos ângulos nos dois horóscopos comparados. Por exemplo, o Meio-Céu ou Casa Dez da pessoa está em conjunção com o Marte do evento, enquanto Vênus do evento está em conjunção com o Meio-Céu da pessoa. Ou o Marte da pessoa está em conjunção com o Ascendente do evento, enquanto o Marte do evento está em oposição ao Ascendente da pessoa. Variantes igualmente poderosas incluem a conjunção entre o Meio-Céu da pessoa e o Fundo do Céu do evento (a Décima Casa de um é igual à Quarta Casa do outro) ou vice-versa, e a conjunção entre o Ascendente de um e o Descendente do outro (a Primeira Casa da pessoa é igual à Sétima Casa do evento) ou vice-versa. Aqui *os ângulos nos horóscopos opostos estão ativados por princípios iguais*. Outro tipo de polaridade angular concentra-se apenas nos quatro ângulos do evento. Assim, Marte no horóscopo da pessoa faz conjunção com o Meio-Céu do horóscopo do evento, e o Marte do evento está em conjunção com o Fundo do Céu do horóscopo do evento ou vice-versa; ou a Vênus da pessoa está em conjunção com o Ascendente do evento, enquanto a Vênus do evento está em conjunção com o Descendente do evento. Nesses casos *ângulos apostos*

estão ativados pelos mesmos princípios. Pertence a este grupo também um tipo de polaridade um pouco mais fraca, que considera apenas as quatro Casas angulares independentemente dos signos, na qual *planetas opostos ocupam o mesmo ângulo, ou planetas idênticos ocupam ângulos opostos.* Exemplos seriam o de uma sinastría em que a pessoa nasceu com Marte na Primeira Casa, e o evento ocorre com Vênus na Primeira Casa; ou do evento em que o Sol está na Décima Casa, enquanto a pessoa nasceu com o Sol na Quarta Casa.



Henrique II da Inglaterra
 Carta Natal 42: Le Mans, França, 5 de março de 1133, 23:55 (LMT)

O primeiro rei inglês para o qual temos a data completa de nascimento é Henrique II, que nasceu a 5 de março de 1133 e foi coroado a 19 de dezembro de 1154.¹ O marido de Eleanor de Aquitânia nasceu durante uma oposição de Marte e Netuno; como em geral os reis ingleses são coroados perto do meio-dia, essa oposição natal cai exatamente sobre os ângulos horizontais (Casa Um-Casa Sete) do horóscopo da coroação. Ao mesmo tempo, a coroação aconteceu durante uma conjunção entre Marte e Netuno.

Já tratamos desse tipo de *polaridade* antes, que tem a ver com o ciclo *sinódico* entre dois planetas quaisquer – neste caso, Marte e Netuno. Num caso eles estão em conjunção (zero grau de separação), e no outro em oposição (180 graus de separação). A polaridade aqui é do tipo sinódica, vem da combinação dos dois pares semelhantes (Marte-Netuno) nos aspectos que se opõem (conjunção e oposição).

Há outras polaridades a considerar entre Henrique II e sua coroação. Por exemplo, o rei nasceu durante uma conjunção do Sol com Júpiter, e foi coroado numa conjunção entre o Sol e Mercúrio. Agora o Sol faz o papel do elemento comum que associa um par de planetas opostos, Mercúrio e Júpiter. Mercúrio rege o signo de Gêmeos; e Júpiter, o signo oposto de Sagitário; Júpiter co-rege o signo de Peixes, e Mercúrio rege o signo oposto de Virgem. Essa *polaridade transmitida* é ressaltada também porque, enquanto Henrique II nasceu durante uma conjunção entre Vênus e Mercúrio, sua coroação aconteceu durante uma conjunção de Júpiter com Vênus. Vênus age como um segundo elemento comum, induzindo outra vez à polaridade Júpiter-Mercúrio.

As polarizações ajudam também a compreender melhor os períodos históricos e seus atores. A insistente polarização Júpiter-Mercúrio entre a carta natal de Henrique II e seu reinado sugere uma ênfase em educação, porque Mercúrio rege a mente; e Júpiter, a intuição; Mercúrio é associado com aprender e o ensino primário, e Júpiter com saber e educação superior. Geraldo de Gales conta que Henrique II "foi um príncipe de grande eloqüência e, o que era notável naqueles dias, versado nas letras". Mesmo a grande tragédia moral de seu reinado, o assassinato de Thomas Becket tão lamentado pelo poeta T. S. Elliot (na peça *Murder in the Cathedral*, que inspirou o filme *Becket*, com Richard Burton

¹ Todas as datas usadas nas comparações foram extraídas do livro de John Cannon & Ralph Griffiths, *The Oxford Illustrated History of the British Monarchy*, Oxford University Press, Oxford, 1988.

no papel do líder religioso, e Peter O'Toole interpretando o rei), pode ser vista até certo ponto como uma disputa sobre idéias (Mercúrio rege pensamentos, e Júpiter rege conceitos, além de religião).

Talvez ainda mais impressionante seja a assinatura celestial na comparação entre o horóscopo e a coroação de seu filho e sucessor, Ricardo Coração de Leão (o Ricardo Coração de Leão da lenda de Robin Hood). Ricardo I nasceu a 8 de setembro de 1157, durante uma oposição entre a Lua e Júpiter; e foi coroado a 3 de setembro de 1189, igualmente durante uma oposição entre a Lua e Júpiter. Num horóscopo nacional, a Lua simboliza a população e o território físico; Júpiter simboliza o que é estrangeiro, a Justiça e as universidades.

As biografias de Ricardo Coração de Leão começam dizendo que ele é o rei que passou menos tempo na Inglaterra entre todos os seus antecessores. A dupla oposição da Lua com Júpiter em seu horóscopo e no da coroação indicavam não apenas sua *polarização acidental* com aquele momento no tempo, mas também o fato de que passaria muito tempo do seu reinado no exterior (a Lua, o território físico do seu país, em oposição a Júpiter, o exterior).

O sucessor de Ricardo Coração de Leão foi seu irmão e freqüentemente adversário, João I, o famigerado príncipe "João Sem Terra" das histórias de Robin Hood. Que João ficasse "sem terra", desde que nasceu até tornar-se rei da Irlanda em 1177, poderia ser antecipado porque, no dia em que nasceu (24 de dezembro de 1167), Marte fazia oposição com a Lua. Marte estava em seu próprio signo de Escorpião, e enquanto Marte é associado com cortes, Escorpião rege perdas em geral; já a Lua estava em Touro, o signo de sua exaltação — e os dois símbolos são associados com terra. A combinação pode ser "traduzida" como "perda de terra", ou "falta de terra".

O João I da história é parecido com o da lenda: o rei nos dois casos é descrito como notoriamente cruel, suspeito e violento. Foi coroado quando a posição de seu planeta Plutão natal (co-regente do signo de Escorpião, e associado com extrema crueldade) estava na Casa Dez da coroação (a Décima Casa ou Meio-Céu reputação), em conjunção com a Lua da coroação. Ao mesmo tempo, a Lua natal do rei estava perto de uma conjunção com a Vênus da coroação — e a Lua, como elemento comum, induzia a uma *polaridade transmitida* entre Vênus (regente de Touro) e Plutão (co-regente do signo oposto de Escorpião).

As polaridades entre João I e sua coroação são fracas porque a segunda ponta, em três dos quatro casos, é um aspecto inexato (com mais

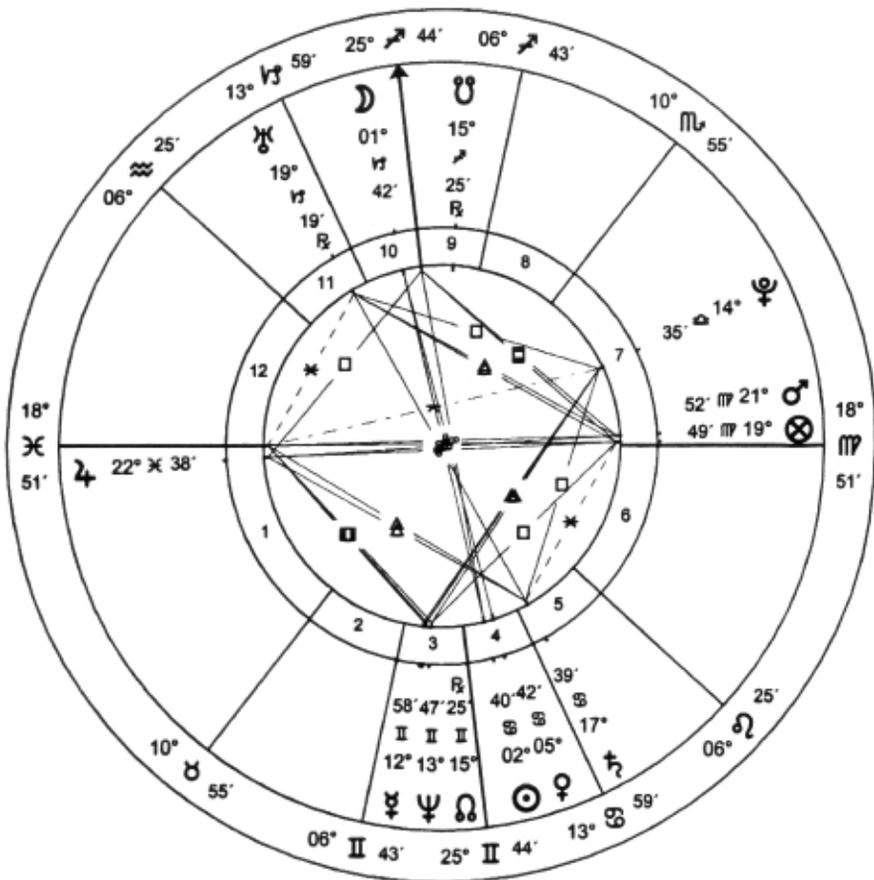
de dez graus de separação). Talvez isso represente a noção de que foi um soberano ineficaz. Ele foi coroado durante uma conjunção de Urano e Plutão, e nasceu quando Vênus se aproximava de uma conjunção com Urano – com o planeta Urano sendo condutor para a nova *polaridade transmitida* entre Vênus e Plutão. Além disso, enquanto o Plutão natal do rei faz conjunção com a Lua da coroação, como já vimos, o Saturno natal do rei faz oposição ao Plutão da coroação. Agora Plutão funciona como o elemento comum que associa em outra *polaridade transmitida* dois planetas naturalmente opostos, a Lua (regente de Câncer) e Saturno (regente do signo oposto, Capricórnio). Enfim, já registramos que João I nasceu quando a Lua e Marte estavam opostos; pois ele foi coroado um dia antes da Lua avançar rumo a uma conjunção com Marte, formando uma *polaridade sinódica* entre os dois planetas.

João Sem Terra teve como sucessor seu filho Henrique III, que nasceu em Winchester a 1º de outubro de 1207, e foi coroado com apenas nove anos de idade a 28 de outubro de 1216. O novo rei nascera com uma oposição quase exata entre a Lua e Júpiter, como seu tio Ricardo Coração de Leão, e foi coroado durante uma oposição entre Júpiter e Saturno. Júpiter operou como elemento comum para colocar em contato a dupla de opostos Saturno-Lua e formar uma *polaridade transmitida*. A oposição Lua Júpiter Henrique III atravessa o ângulo vertical (Casa Um-Casa Sete) do horóscopo de sua coroação, ressaltando como sempre a importância das Casas angulares. Enquanto Henrique III nasceu durante a oposição Lua Júpiter, ele foi coroado durante uma oposição entre a Lua e Mercúrio. Agora a Lua funciona como elemento comum para criar outra *polaridade transmitida*, desta vez com o par de opostos Mercúrio-Júpiter. A oposição Lua-Mercúrio corta o eixo dos ângulos verticais (Casa Quatro-Casa Dez) no horóscopo da coroação.

Outros dois contatos iluminam alguns pontos do longo (24 anos) reinado de Henrique III. O Sol do rei faz conjunção com o Urano da coroação, na Oitava Casa das crises e transformações, se usarmos o horóscopo da coroação como referência. Sol-Urano formam uma *polaridade simples e forte*, com o Sol regendo o signo de Leão e Urano co-regendo o signo oposto de Aquário. Embora a polaridade Sol-Urano seja uma que provoca forte atração a curto prazo, suas energias são muito poderosas e difíceis de manter sem explosões a médio e longo prazos. De um modo geral, expressam uma tremenda vontade (Sol) revolucionária (Urano). Além disso, o Urano da carta natal do rei faz uma conjunção com o Plutão na carta da coroação, enquanto a carta da

coroação inclui uma quádrupla conjunção de planetas no signo da Libra – dois deles sendo Urano e Vênus. Isso cria mais uma *polaridade transmitida*, com Urano funcionando como o condutor da polaridade Vênus-Plutão — Vênus porque rege Touro, e Plutão porque é co-regente do signo oposto (Escorpião).

A *Enciclopédia Britânica* descreve Henrique III como um rei que teve "tanta indiferença pelas tradições, que os barões finalmente o forçaram



Eduardo I Longshanks da Inglaterra
 Carta Natal 43: Londres, 17 de junho de 1239, 23:30 (LMT)

a concordar com uma série de grandes reformas, as Provisões de Oxford". Elas criavam um conselho de 15 membros para assessorar o rei, estabelecendo algo perto de um governo colegiado, um governo de equipe (Urano, tão proeminente nas sinergias entre o horóscopo do rei e da coroação, rege tanto equipes quanto a hostilidade a tradições).

Henrique III foi sucedido por seu filho mais velho, Eduardo I, ou Eduardo Longshanks – o mesmo que ordena a morte por esquartejamento do herói escocês no filme *William Wallace*, de Mel Gibson. Ele nasceu na noite de 17 para 18 de junho de 1239, durante uma oposição quase exata entre Marte e Júpiter, e foi coroado a 20 de novembro de 1272, ainda com uma oposição entre Júpiter e Vênus no céu. *A polaridade transmitida* tem aqui Júpiter como elemento comum reunindo o par de opostos Marte-Vênus. Além disso, no eixo dos ângulos verticais (Casa Quatro-Casa Dez) do horóscopo da coroação, o Mercúrio do rei fez oposição ao Mercúrio da coroação, criando adicionalmente uma *polaridade simples* com a oposição entre princípios semelhantes.

As biografias de Eduardo I informam que o rei foi cruel com seus próprios filhos. Câncer rege a Casa Cinco dos filhos em seu horóscopo, e a Lua, regente do signo, está na Casa Dez da reputação, em conjunção com Urano (indicando um pai errático) – e ambos estão opostos a Saturno. A oposição de Saturno e Lua indica separação emocional, mostrando que o rei era destituído de emoções e movido apenas pela racionalidade na relação com os filhos; e Saturno oposto a Urano mostra uma tensão extraordinária, que pode resvalar para a crueldade, indicando que ele oscilava entre o pesado reconhecimento de seus deveres como pai e uma enorme vontade de livrar-se desse peso.

Seu sucessor Eduardo II nasceu a 25 de abril de 1307, e ascendeu ao trono em 8 de julho de 1307. Nesse dia, o planeta Urano na carta natal do rei está em conjunção com o Sol da hora da coroação, e ambos estão também em conjunção com o Meio-Céu (Casa Dez). Além disso, o Marte do rei e o Mercúrio da coroação estão em conjunção mundana (ou seja, fora da orbe máxima de 10 graus, mas dentro do mesmo signo de Leão), enquanto o Marte da coroação está conjunto ao Júpiter do rei. A conjunção Sol-Urano é uma *polaridade simples*, e Marte possibilita uma *polaridade transmitida* ao aspectar o par de opostos Mercúrio Júpiter.

Eduardo II é descrito como um rei incompetente sem interesse pelo poder. Ele expressa talvez a difícil combinação entre os signos fixos de Leão, que simboliza o centro, o coração e os reis, e o signo oposto de Aquário, que simboliza a periferia, as veias e os iguais. O Sol rege Leão,

e Urano é co-regente de Aquário; ambos estavam em conjunção no Meio-Céu da coroação, e formam o par mais visível nesse reinado. Aquário rege também amigos e colegiados. Um amigo de Eduardo II, o cavaleiro gascão Piers Gaveston, foi primeiro expulso da Inglaterra pelo rei Eduardo I, que o considerava má influência sobre o príncipe. Após a morte de Longshanks, Eduardo II chamou Gaveston de volta, e de acabou criando-lhe problemas com os barões ingleses. Isso levou os barões primeiro a seqüestrar e executar Gaveston, e depois a submeter o rei à supervisão de um colegiado de 21 nobres e prelados. Eduardo II acabou deposto por um exército levantado por sua mulher francesa Isabella, e depois assassinado.

Seu filho com Isabella e sucessor Eduardo III nasceu a 13 de novembro de 1312, e foi coroado na explosiva data de 25 de janeiro de 1327, quando o Sol e Urano estavam conjuntos no signo de Aquário — e ambos opostos a Júpiter. Essa poderosa combinação ocupava o eixo dos ângulos verticais no horóscopo da coroação. A primeira polaridade emerge acidentalmente porque o rei nasceu também durante uma oposição entre o Sol e Júpiter, com o Sol e Urano igualmente em conjunção (*polaridade acidental*). A posição de Saturno na carta natal do rei está oposta à do Saturno da coroação; e a posição de Marte na coroação, oposta à do Marte natal do rei, adicionando mais duas polaridades simples. Enfim, há também uma *polaridade alinhada*: seis planetas do rei (Mercúrio, Urano, Sol, Netuno, Vênus e Marte) estão alinhados em conjunção nessa ordem, enquanto Mercúrio faz conjunção com o Descendente (*Casa Sete*) no eixo horizontal do horóscopo da coroação. Isso coloca um enorme feixe de energias pressionando a Sétima Casa, enquanto a Primeira Casa (ou seja, a Casa oposta) do horóscopo da coroação está vazia.

Elevado ao poder numa data tão explosiva (a combinação Sol-Urano é instável e errática, e a oposição de Júpiter serve para amplificá-la), Eduardo III iniciaria a longa Guerra dos 100 Anos entre a Inglaterra e a França, que terminaria empatada. Ele assumiu o controle do governo em 1330, através de um golpe palaciano que acabou com a regência controlada por Isabella, e imediatamente começou uma série de guerras. Invadiu a Escócia dividida por uma guerra civil em 1333, e em 1337 a França alinhou-se com a Escócia.

O sucessor de Eduardo III foi seu neto Ricardo II, que nasceu a 6 de janeiro de 1367, quando Júpiter e Vênus formavam uma conjunção no signo de Sagitário, e foi coroado a 22 de junho de 1377, quando o Marte natal do rei fazia conjunção angular com o Júpiter da coroação,

na Casa Um ou Ascendente da carta da coroação. Isso cria uma *polaridade transmitida*, com Júpiter operando como o elemento comum que aciona o par de opostos Marte-Vênus. Ao mesmo tempo, o Urano do rei faz uma conjunção angular com o Sol da coroação, no Meio-Céu ou Casa Dez do horóscopo da coroação, recriando a explosiva *polaridade simples* entre os regentes dos signos opostos Leão-Aquário.

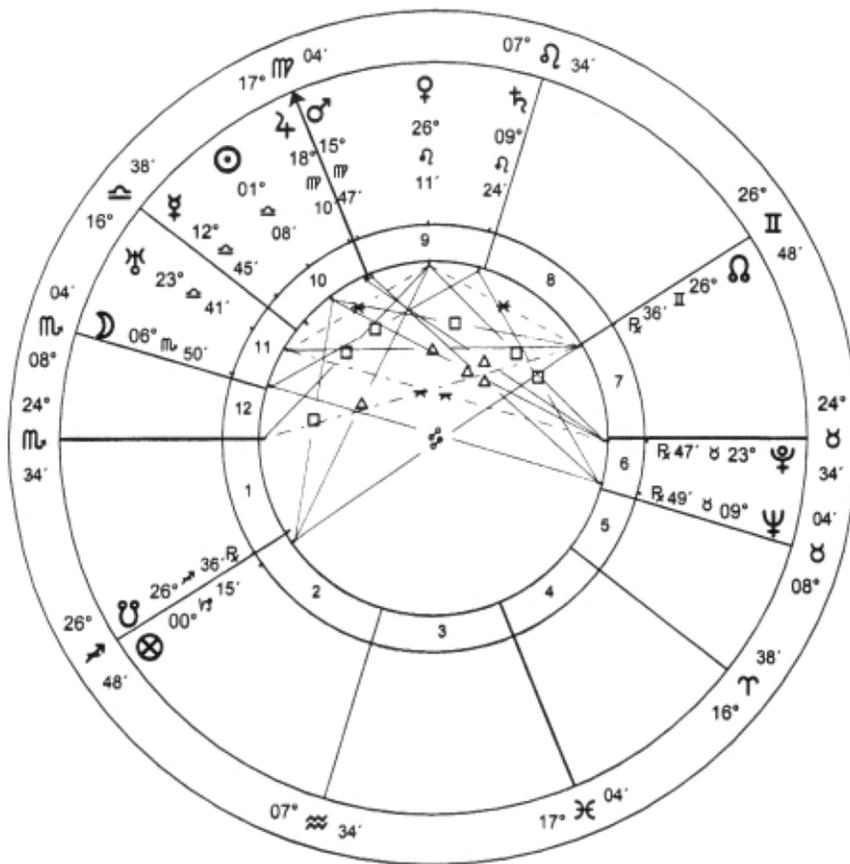
Os signos que marcam o eixo vertical no mapa da coroação de Ricardo II são Câncer (Casa Dez) e Capricórnio (Casa Quatro). Isso tornou particularmente importante a conjunção entre a Lua (que rege Câncer) do rei e o Saturno (que rege Capricórnio) da coroação. Essa conjunção acontece na Casa Seis da coroação, e já é naturalmente relevante por criar uma *polaridade simples* entre um par de opostos (Lua-Saturno), mas estava prejudicada por se encontrar numa Casa cadente, sem maior expressão. Como os dois planetas regem os ângulos verticais da coroação, no entanto, a conjunção dos planetas partilha dessa qualidade angular dos signos. Tudo que está nos ângulos (Casa Um, Casa Quatro, Casa Sete, Casa Dez) é mais visível, produz maior impacto, e por isso é mais importante que tudo que está nas outras Casas. Mesmo os ângulos seguem uma hierarquia, com a Casa Dez (Meio-Céu) e a Casa Um (Ascendente) disputando o primeiro lugar, seguidos pela Casa Sete (Descendente) e Casa Quatro (Fundo do Céu).

A combinação Sol-Urano sugere que o reino de Ricardo II refletiria pela terceira vez conflito entre o centro (o rei) e a periferia (no caso, os nobres no papel de "iguais") do poder. Os barões controlavam o parlamento e haviam ampliado seu controle sobre o governo durante os últimos anos do reino de Eduardo III, que estava senil. Ricardo II venceu o conflito com os nobres, porém se voltou contra seus amigos e inimigos, e banuiu o filho (Henry Bolingbroke) de seu principal aliado, John de Gaunt. Henry Bolingbroke voltou à Inglaterra comandando um exército, derrotou e depôs Ricardo II, e foi eleito rei pelo parlamento a 30 de setembro de 1399.

Henry Bolingbroke nasceu a 3 de abril de 1367. No dia da coroação, seu Júpiter natal estava em conjunção com o Marte da coroação, na Casa Um (ou Ascendente) do horóscopo da coroação; e seu Marte estava em conjunção com o Meio-Céu (ou Casa Dez) da coroação, e havia passado a orbe de conjunção com o Júpiter da coroação por apenas 28 minutos de arco. Dado que ele se tornou o rei Henrique IV nesse dia, para mim isso significa que a *polaridade accidental* Marte Júpiter funcionou. No entanto, embora existam horóscopos modernos que incluem até uma hora

de nascimento para Henrique IV, as biografias oficiais indicam dúvida sobre a data exata de seu nascimento, que é apenas tentativamente indicada como abril (sem o dia) de 1367. Se o nascimento foi no dia 5 de abril, por exemplo, o Marte do rei (retrógrado) estaria dentro da orbe de conjunção (10 graus) com o Júpiter da coroação.

Mas é possível que a polaridade tinha sido criada, ainda que imperfeita, com a segunda ponta fora de orbe (e portanto mais fraca),



Henrique V da Inglaterra

Carta Natal 44: Monmouth, 16 de setembro de 1387, 11:00 (LMT)

simplesmente para refletir imperfeições no nosso mundo manifesto. Se o horóscopo que lhe atribuem está correto, Henrique IV nasceu com o Sol na Décima Casa, um simbolismo perfeitamente adequado a sua descrição como "um mestre da política", alguém que sabia usar as pessoas e as coisas. E a ponta incompleta ou parcial da polaridade acidental Marte Júpiter simbolizaria o sentimento de culpa do rei por ter deposto seu soberano, Ricardo II, e as dúvidas legais sobre sua ascensão ao trono inglês.

Seu filho e sucessor Henrique V nasceu a 16 de setembro de 1387 em Monmouth, e foi coroado a 21 de março de 1413. O Sol da carta natal do rei faz oposição angular ao Sol da coroação, e o Mercúrio natal do rei faz oposição angular ao Mercúrio da coroação, no eixo vertical Casa Quatro-Casa Dez do horóscopo da coroação, criando duas *polaridades simples*. Além disso, esses dois pares formam também uma *polaridade acidental*, porque o Sol do rei está oposto ao Mercúrio da coroação, enquanto o Sol da coroação está oposto ao Mercúrio do rei. A Vênus natal do rei cria ainda uma terceira *polaridade simples* em oposição à Vênus da coroação, no eixo fixo Casa Dois-Casa Oito.

A comparação desses dois horóscopos mostra ainda uma vigorosa *polaridade alinhada*, porque a Casa Dez da coroação inclui os planetas Mercúrio-Sol-Marte em conjunção; e seis planetas do rei agrupam suas energias em torno da Casa oposta (a quatro, ou Fundo do Céu) no horóscopo da coroação: Marte, Júpiter, Sol, Mercúrio, Urano e Lua. Embora nem todos esses planetas alinhados do rei estejam em orbe de conjunção, estão interconectados ao eixo vertical do horóscopo da coroação, porque o ponto médio separando os planetas extremos no alinhamento (Marte e Lua) é igual à longitude do Sol do rei, que está em conjunção com a Quarta Casa da coroação. Isso interliga o feixe de energia dos seis planetas naquele ponto. Este é um caso de polaridade alinhada em que as duas pontas do eixo angular estão ocupadas, e os três planetas da coroação na Casa Dez (Marte-Sol-Mercúrio) repetem-se entre os seis planetas do rei conectados na ponta oposta.

Henrique V é considerado um rei de sucesso, vitorioso em suas campanhas contra a França, contra a casa de Sir Henry Percy na Inglaterra, e contra a revolta galesa de Owen Glendower. Seu enorme alinhamento de planetas com o eixo vertical do horóscopo da coroação parece permitir uma concentração de energias no exercício do poder, mas não necessariamente o seu abuso. Henrique V restabeleceu as terras e títulos do herdeiro de Sir Henry Percy, por exemplo; e ordenou um enterro

real apropriado na Abadia de Westminster para o rei Ricardo II, que fora deposto por seu pai Henrique IV e morreu na prisão.

Filho de Henrique V com a rainha Catherine de Valois, Henrique VI nasceu em Windsor a 6 de dezembro de 1421, e foi coroado pela primeira vez a 12 de setembro de 1422. O Marte da carta natal do rei está em conjunção com o Ascendente (Casa Um) da coroação, enquanto o Marte da hora da coroação está em conjunção com o Descendente (Casa Sete) da coroação, produzindo uma *polaridade angular*, ambos formam também uma oposição no eixo vertical do horóscopo da coroação, uma forte *polaridade simples*.

Esta combinação produziu também uma *polaridade sinódica*, porque a coroação aconteceu durante uma conjunção entre Vênus e Netuno, enquanto Henrique VI nasceu durante a fase de oposição entre esses dois planetas. É uma segunda *polaridade angular*, mais fraca, mas ocupando os quatro ângulos, porque a coroação aconteceu com uma oposição entre o Sol e a Lua no eixo vertical do horóscopo da coroação, enquanto a Lua do rei faz conjunção com o Descendente (Casa Sete) e o Sol do rei está no Ascendente (Casa Um), ocupando ambos o eixo horizontal do horóscopo da coroação. O Sol e a Lua do rei, contudo, não estão em oposição, o que torna essa polaridade mais fraca, porque a segunda perna é incompleta. Há uma *polaridade transmitida* também porque o rei nasceu com uma conjunção Sol-Mercúrio, e foi coroado durante uma conjunção mundana de Sol Júpiter: o Sol intermedeia assim o par de opostos Júpiter-Mercúrio. Esta polaridade é também mais fraca porque na conjunção mundana, embora os planetas estejam no mesmo signo, ficam separados além da orbe de conjunção de 10 graus. A regra geral é a de que quanto mais exato, mais forte fica o aspecto entre planetas e luminárias.

Isso tudo sugere um reino repleto de disputas (Marte rege guerras, disputas, discórdias) e incompleto, inacabado (Henrique VI teve que ser coroado duas vezes, em 1422 e 1470 – nesta segunda vez, já incapacitado por insanidade). De fato, o reino de Henrique VI foi marcado pela competição entre as facções aristocráticas dos York e dos Lancaster, que culminaria em 1455 na Guerra das Rosas liderada por essas duas casas. O rei terminou venerado por muitos ingleses como um santo por sua piedade, refletindo a polaridade sinódica Vênus-Netuno em sua coroação: venerado (Vênus rege veneração e amor) por sua santidade (Netuno rege os místicos em geral e a santidade em particular). Quando Henrique VI foi coroado pela segunda vez, Júpiter e Plutão formavam

uma conjunção mundana no signo de Virgem, e Plutão e Mercúrio formavam uma oposição mundana no eixo Sagitário-Gêmeos, que marcava também o eixo horizontal do horóscopo dessa segunda coroação. A característica apenas mundana (os planetas nos mesmos signos, mas fora da orbe de aspecto) das polaridades parece indicar a fragilidade dessa reentronização, porque Henrique VI foi destronado de novo no ano seguinte.

O homem que o destronou fora exilado por ele durante a Guerra das Rosas, e reinou como Eduardo IV, o primeiro rei da casa de York. Eduardo IV nasceu em Rouen, na França, a 28 de abril de 1442, e foi coroado a 4 de março de 1461. Este é um caso de *polaridade alinhada*. Na data da coroação, estão alinhados no horóscopo da coroação os planetas e luminárias Júpiter, Lua, Saturno, Vênus, Mercúrio e Sol, cruzando a Sétima Casa no eixo vertical desse mapa. O ponto médio entre os planetas em pontos extremos no alinhamento (Júpiter e Sol) fica a menos de três graus da posição de Saturno, que está angular na Sétima Casa do horóscopo da coroação. O rei tem igualmente um grupo de seis planetas alinhado em seu horóscopo natal, que inclui pela ordem Júpiter, Vênus, Sol, Saturno, Mercúrio e Urano. Note que este feixe de energias está contido entre Júpiter e Urano nos pontos extremos; os pontos extremos do alinhamento na carta da coroação estão dados por Júpiter e pelo Sol. Suponho que se possa considerar também uma *polaridade transmitida* aqui, com Júpiter funcionando como o denominador comum interligando o par de opostos Sol-Urano.

Além disso, havia outra *polaridade transmitida*: o rei nasceu durante uma conjunção de Urano e Mercúrio, enquanto o seu Netuno natal faz conjunção com o Urano da coroação. Urano opera então como o fator comum que vincula o par de opostos Mercúrio (regente de Virgem) e Netuno (co-regente do signo oposto de Peixes).

Eduardo IV teve que ser coroado duas vezes. Na segunda, a 11 de abril de 1471, formaram-se quatro polaridades. A mais forte é uma *polaridade alinhada*, em que dois dos planetas alinhados no feixe entre Júpiter e Urano do horóscopo do rei (Júpiter e Vênus) estão conjuntos ao Meio-Céu da coroação, e os outros quatro espalham-se dentro da Décima Casa da coroação. O último deles, Urano, ainda está em conjunção com o Meio-Céu da carta da coroação, e forma assim uma *polaridade angular* com o Urano da coroação, que está conjunto ao Fundo do Céu (ou Quarta Casa) da coroação. Houve ainda uma *polaridade simples*, porque o Júpiter do rei está em conjunção com o Mercúrio da coroação, e enfim

uma *polaridade transmitida*, dado que o rei nasceu numa conjunção Júpiter-Vênus, e foi coroado numa conjunção mundana de Júpiter-Plutão – com Júpiter unindo o par de opostos Vênus-Plutão.

Eduardo IV reinou por mais 17 anos após essa segunda coroação. Seu filho Eduardo V nascido a 2 de novembro de 1470, tornou-se rei aos 12 anos no dia seguinte à sua morte, 9 de abril de 1483. Havia polaridades, mas indicando problemas difíceis de resolver por um rei tão jovem. Primeiro, três polaridades simples: o Saturno do rei em conjunção à Lua do início de seu reinado, na Décima Casa da carta do reinado; a Vênus do rei em oposição à Vênus do começo de seu reino, uma polaridade simples que raramente ajuda em disputas, por ser demasiado passiva; e a Vênus do rei em conjunção com o Plutão do início do reinado.

A marca mais espetacular da sinastria para esse breve reinado é no entanto uma complexa associação de planetas e luminárias que envolve simultaneamente três diferentes tipos de polaridade, porque o rei nasceu durante uma tripla conjunção de Netuno-Marte-Sol, e foi coroado com uma conjunção Urano-Netuno em oposição a Marte. A conjunção Netuno-Marte do rei e a oposição Marte-Netuno do início do governo representam *a polaridade sinódica*, numa combinação de energias que envolve violência (Marte) e intrigas (Netuno). A conjunção Netuno-Sol do rei e a conjunção Netuno-Urano do início do governo representa uma *polaridade transmitida*, com Netuno conectando o par de opostos Sol-Urano. E enfim o trio Netuno-Marte-Sol conjunto no horóscopo do rei, combinado com a oposição de Marte a Urano e Netuno no horóscopo do início do governo, formam um tipo original de *polaridade alinhada*.

Eduardo V foi encarcerado com seu irmão na torre de Londres em junho de 1483, e nunca mais visto em público. Seu tio paterno, o duque de Gloucester, que nasceu a 2 de outubro de 1452, usurpou o trono dos sobrinhos (suspeita-se que tenha matado ambos), e foi coroado como Ricardo III a 26 de junho de 1483. A combinação entre sua carta natal e a carta da coroação trás várias assinaturas de violência, a começar pela conjunção entre o Urano natal do rei e o Marte da coroação, na Décima Casa do horóscopo da coroação, e a oposição Sol-Marte no horóscopo natal do rei, que ocupa o eixo horizontal (Casa Um-Casa Sete) do horóscopo da coroação. Isso forma uma agressiva *polaridade transmitida*, com Marte agindo como elemento de ligação para interligar o par de opostos Sol-Urano.

Uma segunda *polaridade transmitida* ocorre porque a Lua e Plutão

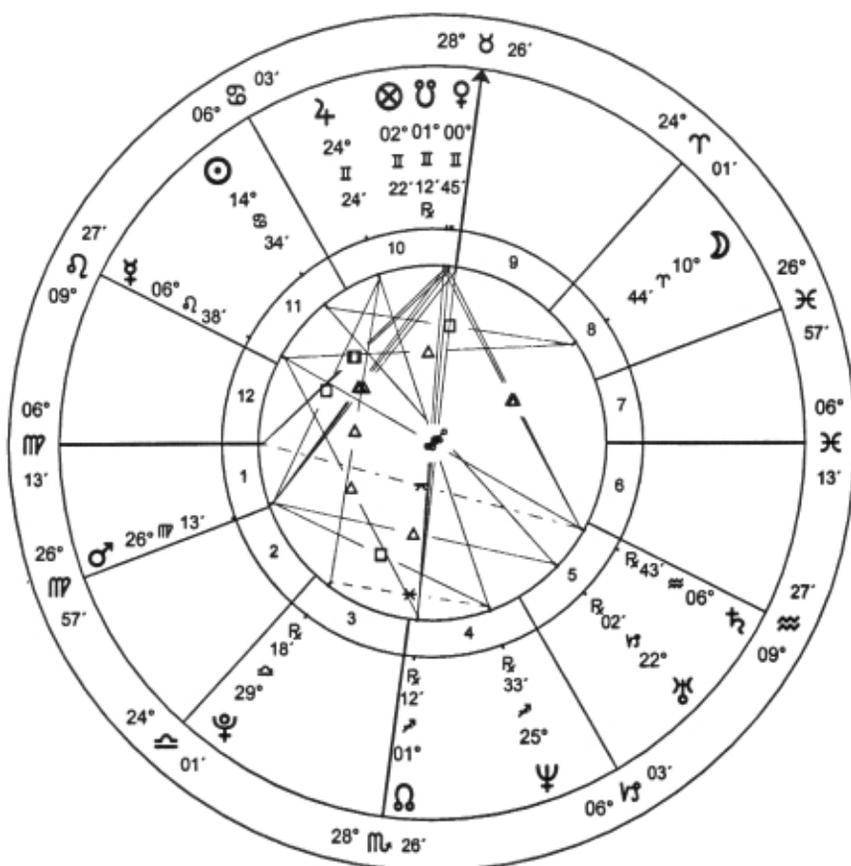
estão opostos na carta da coroação, igualmente no eixo vertical Casa Um-Casa Sete, enquanto a Lua do rei está conjunta à Vênus da coroação. A Lua é o elemento comum que aspecta o par de opostos Vênus-Plutão. Esta mesma dupla recebe outra *polaridade transmitida*, porque o Netuno do rei está conjunto ao Plutão da coroação, e a Vênus do rei conjunta ao Netuno da coroação: agora Netuno funciona como segundo condutor para conectar a dupla Vênus-Plutão. Netuno é o denominador de uma quarta *polaridade transmitida*, porque o rei nasceu durante uma conjunção mundana de Sol-Netuno, e foi coroado durante uma conjunção Urano-Netuno – interligando pela segunda vez o par de opostos Sol-Urano. Há ainda uma *polaridade simples*, com a Vênus do rei oposta à Vênus da coroação (o mesmo aspecto da coroação de seu sobrinho assassinado, Eduardo V).

Ricardo III foi um rei de certa popularidade. Historiadores contemporâneos reconhecem que ele usurpou o trono, mas geralmente consideram que William Shakespeare exagerou ao descrever a baixeza do rei na peça *Ricardo III*. Tendo ascendido ao trono com o encarceramento e a morte dos sobrinhos, saiu dele na ponta da espada como o último rei da casa de York, batido e morto numa batalha com Henrique de Tudor, filho do conde de Richmond, que se tornaria seu sucessor.

Nascido a 28 de janeiro de 1457, o primeiro rei da casa de Tudor foi coroado como Henrique VII a 22 de agosto de 1485. Numa assinatura que se repete pela terceira vez consecutiva, a Vênus natal do rei está oposta à Vênus da coroação – só que agora numa dupla polaridade e, talvez por isso, mais dinâmica. A primeira é uma *polaridade simples*, com Vênus oposta a Vênus, dois princípios iguais em oposição; a segunda é uma polaridade angular, porque a Vênus da coroação está conjunta ao Meio-Céu (Casa Dez) da coroação, e a Vênus do rei, conjunta ao Fundo do Céu (Casa Quatro) da coroação. Mas essa combinação em geral indica pacifismo, e o reino de Henrique VII marcou a unificação da Inglaterra: ele casou-se em 1486 com Elizabeth, a herdeira da casa de York, encerrando a Guerra das Rosas.

A comparação do horóscopo de Henrique VII com o de sua coroação revela outras atrações entre os dois momentos do tempo. O Urano do rei está conjunto ao Mercúrio da coroação, enquanto a coroação ocorre durante uma conjunção mundana de Netuno e Urano. Assim, Urano serve como o condutor para uma *polaridade transmitida* que junta o par de opostos Mercúrio (Virgem)-Netuno (Peixes). A coroação acontece ainda com um alinhamento de quatro planetas (Saturno Júpiter-Netuno-Urano),

dos quais os três primeiros estão na Primeira Casa ou Ascendente do horóscopo da coroação, enquanto o rei nasceu com um alinhamento de Netuno-Saturno-Mercúrio-Sol, cujas energias também cruzam a Primeira Casa do horóscopo da coroação. Note que dois dos planetas nesses dois alinhamentos são idênticos (Netuno, Saturno), enquanto os outros dois são pares opostos (Sol-Urano, Mercúrio Júpiter) — criando mais duas *polaridades transmitidas* neste poderoso complexo.



Henrique VIII da Inglaterra
 Carta Natal 45: Greenwich, 28 de junho de 1491, 8:45 (LMT)

Seis casamentos tornariam famoso Henrique VIII, o filho e sucessor de Henrique VII, que nasceu a 28 de junho de 1491 e ascendeu ao trono inglês a 22 de abril de 1509. O primeiro desses casamentos foi com a viúva de seu irmão, Catarina de Aragão. Henrique VIII foi coroado com uma conjunção de Sol e Marte no Meio-Céu ou Décima Casa da coroação, ao mesmo tempo em que o Marte do rei faz conjunção com o Saturno da coroação. Marte é o elemento comum de uma *polaridade transmitida* que une o par de opostos Sol (regente de Leão)-Saturno (co-regente do signo oposto de Aquário). A sinastría inclui ainda uma *polarização accidental*, com a Lua do rei em conjunção com a Vênus da coroação, e a Vênus do rei em conjunção mundana com a Lua da coroação — unindo duplamente os dois signos mais femininos da astrologia, para ressaltar a importância da esposa nesse reinado; e uma *polarização simples*, com o Júpiter da carta natal do rei oposto ao Júpiter do horóscopo da coroação. Júpiter é o regente de religiões, e Henrique VIII, por divergências legais entre seus divórcios e o papado, acabou se autonomando chefe da Igreja Anglicana.

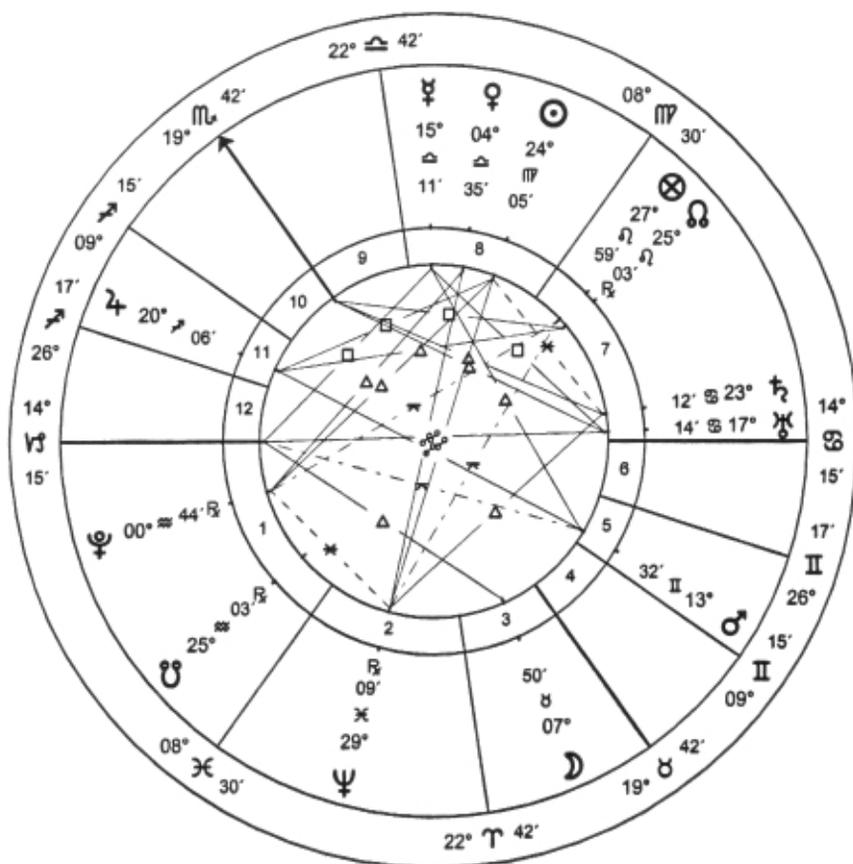
A comparação entre os dois momentos no tempo (o nascimento e o começo do reinado) mostra também duas *polaridades sinódicas*, porque enquanto o rei nasceu com uma oposição entre a Lua e Marte, a coroação deu-se durante uma conjunção mundana da Lua e Marte no signo de Touro; e enquanto o rei nasceu com uma oposição entre Mercúrio e Júpiter, a coroação aconteceu durante uma conjunção entre Mercúrio e Júpiter. Dos filhos de Henrique VIII, a Inglaterra teve um rei e duas rainhas.

Ele foi sucedido primeiro por seu único filho homem, Eduardo VI, que veio com sua terceira esposa, Jane Seymour, a 12 de outubro de 1537. O novo rei assumiu o trono na data da morte de Henrique VIII, 28 de janeiro de 1547. O Meio-Céu da carta da coroação está no ponto médio das posições (no signo de Aquário) da Lua na carta natal do rei e de Júpiter na carta da coroação, fortalecendo com um contato angular o que seria de resto apenas uma conjunção mundana; na outra ponta, o Júpiter natal do rei está em conjunção com a Lua da coroação, criando uma *polaridade accidental* entre os quatro fatores nas duas cartas.

A comparação da carta natal de Eduardo VI com a da coroação mostra ainda duas *polaridades sinódicas* — que reúne, como sabemos, dois pares iguais em aspectos opostos. O rei nasceu com uma oposição entre a Lua e Marte, e foi coroado durante uma conjunção mundana entre a Lua e Marte; e enquanto o Mercúrio do rei está oposto à Lua da

coroação, a Lua do rei e o Mercúrio da coroação fazem uma conjunção mundana em Aquário. As polaridades sinódicas em geral representam enormes manifestações de energia, difíceis de manejar por um menino de dez anos, e o rei morreu de tuberculose aos 16 anos.

Após 13 dias de disputas legais, sua irmã mais velha, Maria Tudor, foi coroada como Maria I a 19 de julho de 1553. Filha de Henrique VIII com Catarina de Aragão, Maria I nascera a 18 de fevereiro de 1516. Seu



Elizabeth I da Inglaterra
 Carta Natal 46: Greenwich, 7 de setembro de 1533, 15:25 (LMT)

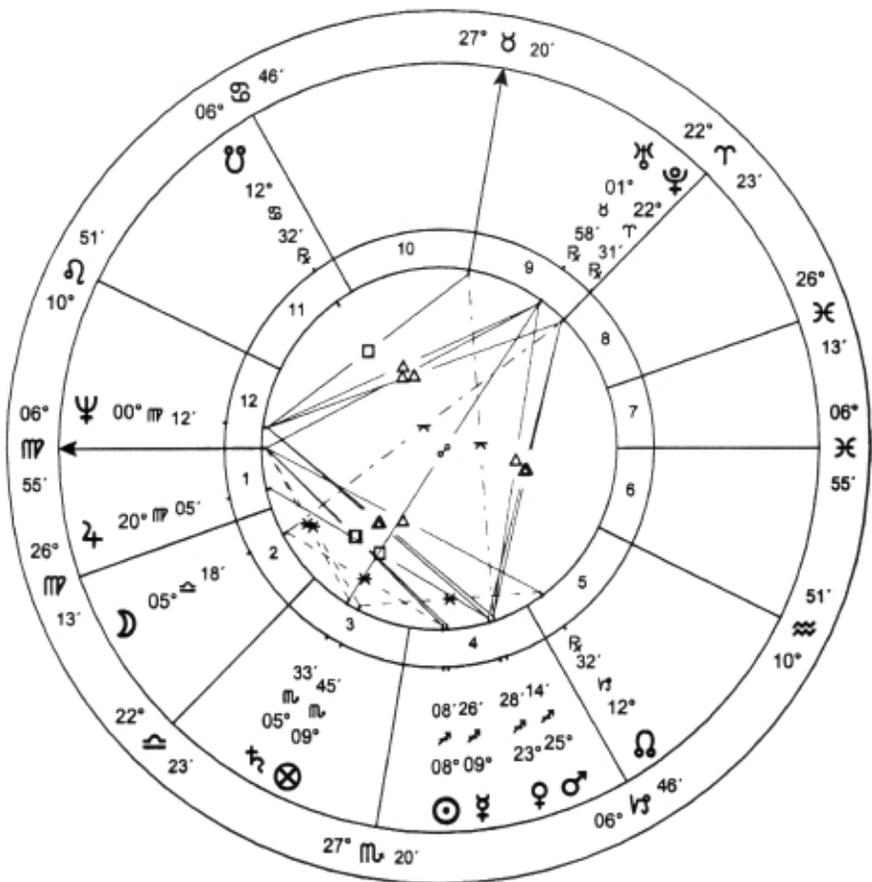
Júpiter natal está em conjunção com o Mercúrio da coroação, criando uma *polaridade simples* entre esse par de opostos. Naquele dia, havia também uma *polaridade angular*, com o Urano da rainha em conjunção com o Descendente ou Sétima Casa da coroação, e o Urano da coroação em conjunção mundana com o Ascendente ou Casa Um da coroação. É uma *polaridade transmitida*, porque o Marte da rainha está oposto ao Mercúrio da coroação, enquanto o Mercúrio da rainha opõe-se à Vênus da coroação: Mercúrio funciona então como o condutor para conectar o par de opostos Marte-Vênus.

As combinações deram também a tônica do reinado de Maria I, que ficou conhecida como "Bloody Mary" (Maria Sangrenta) devido às violentas perseguições (Marte-Vênus) religiosas Júpiter) que promoveu, com quase 300 pessoas condenadas à morte em processos por heresia. Ela também se casou com o rei católico da Espanha, Filipe II, um ato detestado numa Inglaterra que estava aderindo ao protestantismo.

A sucessora da católica Maria I foi sua meia-irmã protestante, Elizabeth I, filha de Henrique VIU com sua segunda esposa, Ana Bolena. Nascida em Londres a 7 de setembro de 1533, e conhecida como a "Rainha Virgem" (nunca se casou e nasceu sob o signo da Virgem), Elizabeth I começou um dos maiores reinos da história inglesa a 17 de novembro de 1558. Sob ela floresceu, como já vimos no primeiro capítulo, o talento de John Dee. Sua primeira polaridade com a data da coroação é uma conjunção entre sua Vênus natal e o Marte da coroação, formando uma *polaridade simples*. Esta conjunção provoca atrações (Vênus) violentas (Marte), mas neste caso acontece no signo de Libra, regido por Vênus, e assim fortalece mais o pacifismo de Vênus que a violência de Marte.

Mas isso é pouco como assinatura celestial para identificar um reino que marcou época. É certamente mais importante a *polaridade sinódica* criada porque a rainha nasceu durante uma conjunção de Saturno e Urano, e foi coroada durante a fase de oposição entre Saturno e Urano. Estes são dois planetas "exteriores" que marcam mais os eventos gerais, em oposição aos planetas e luminárias "interiores" (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte), que marcam mais os acontecimentos pessoais. Urano funciona também como elemento comum para criar uma *polaridade transmitida* entre o par de opostos Saturno-Lua, porque a rainha nasceu durante a conjunção de Saturno e Urano, como vimos, e a Lua da rainha está em oposição mundana ao Urano da coroação. A Lua reaparece para agir como transmissora de energias em outra *polaridade transmitida*,

porque a coroação ocorreu durante uma conjunção da Lua com Plutão, e a Lua da rainha está oposta à Vênus da coroação, interligando o par de opostos Vênus-Plutão. Enfim, há outra poderosa *polaridade transmitida*, porque a rainha nasceu com Plutão oposto à conjunção Saturno-Urano, e foi coroada com Saturno oposto à conjunção Urano-Vênus. Note que desses seis planetas quatro se repetem (Saturno e Urano, duas vezes cada) e funcionam como transmissores de energia para os



Carlos I da Inglaterra
 Carta Natal 47: Dunfermline, 29 de novembro de 1600, 23:18 (UT)

outros dois, que são pares opostos (Vênus-Plutão) já acionados antes através da Lua.

Não é incrível essa insistente linguagem celestial? Aí está também o simbolismo do longo reinado elizabetano. Nele a Inglaterra montou as bases do sistema capitalista contemporâneo, particularmente através do estímulo ao comércio além (Urano) dos limites (Saturno) de seu território. A questão religiosa foi acalmada e a guerra com a França concluída pelo tratado de Cateau-Cambresis (Marte-Vênus conjuntos em Libra, o signo da paz). A vitória contra a Esquadra Espanhola em 1558 permitiu o estabelecimento de uma paz inglesa e protestante no mundo da época. Houve transformações profundas (Plutão) no sistema de valores (Vênus), inclusive a implantação do padrão para cunhagem de moedas. Elizabeth ainda reinou sobre a maior era da literatura inglesa, pois sob ela floresceram Edmund Spenser, Christopher Marlowe e William Shakespeare; o reflexo disso provavelmente é uma dupla *polaridade transmitida* não mencionada antes, dado que a Vênus da rainha está oposta ao Júpiter da coroação, enquanto ela foi coroada durante uma conjunção entre Mercúrio (o oposto de Júpiter) e Plutão (o oposto de Vênus), vinculando os pares de opostos Mercúrio Júpiter, que regem a grande (Júpiter) literatura (Mercúrio), e novamente Vênus-Plutão. Rumo ao fim do seu reinado em 1603, havia também abusos (Plutão) nos gastos (Vênus) públicos.

O sucessor de Elizabeth 1, seu primo Jaime I, que era o rei da Escócia, nasceu a 19 de junho de 1566, e foi coroado como o primeiro rei inglês da casa Stuart a 24 de março de 1603. Duas polaridades mostram por que ele foi escolhido naquele momento do tempo: o Saturno natal do rei está em conjunção com a Lua da data da coroação, formando uma *polaridade simples*, mas particularmente poderosa, porque o eixo vertical do horóscopo da coroação tem Câncer (o signo lunar) no Ascendente ou Casa Um e Capricórnio (signo de Saturno) do Descendente ou Casa Sete. Isso faz a polaridade *simples*, que já é poderosa em si mesma, partilhar também da qualidade angular. A segunda atração vem de uma *polaridade transmitida*: o Júpiter do rei está em oposição ao Sol da coroação (no ângulo vertical Casa Quatro-Casa Dez do horóscopo da coroação), enquanto a coroação acontece durante uma oposição mundana de Júpiter-Urano. Júpiter faz assim o papel de interligação para o par de opostos Sol-Urano. A terceira, de uma *polaridade sinódica*: o rei nasceu durante a oposição entre Urano e Netuno, e foi coroado durante a quadratura entre Urano e Netuno. No caso dos planetas exteriores, cujos

aspectos acontecem a intervalos mais longos, justifica-se o emprego também das quadraturas (90 graus de separação, um aspecto a meio caminho entre a conjunção e a oposição).

A proeminência de Urano nessas polaridades sugere que Jaime I enfrentaria problemas com os "iguais", ou seja, com o parlamento (Aquário, signo co-regido por Urano, simboliza os parlamentos). De fato, seus conflitos com os parlamentares derivaram de sua crença no "direito divino" da realeza. A coroação ocorreu não por acaso com Urano (parlamento) em quadratura (disputas) com Netuno (religião e divindade). Ele também tentou sem sucesso pacificar as divergências religiosas na Europa do seu tempo, dividida entre católicos e protestantes, como sugere o duro ciclo de Urano (posições extremas) e Netuno (religiões) que engolfou seu reino, em meio a aspectos que significam disputas (a quadratura entre os dois planetas na coroação) e conflitos (a oposição entre os mesmos planetas no nascimento de Jaime I).

O sucessor de Jaime I foi seu filho Carlos I, que nasceu a 19 de novembro de 1600 (data no estilo antigo, que corresponde a 29 de novembro do calendário atual) em Dunfermline, na Escócia. Ele ascendeu ao trono em 27 de março de 1625. A combinação entre a carta natal do rei e a do início do reino é tão desastrosa quanto possível, pois há magnetismos para o bem e para o mal. A Lua do rei faz oposição à Lua da ascensão ao trono, criando uma *polaridade simples*, com os dois símbolos iguais em posições opostas. O Saturno do rei está em conjunção mundana com a Lua da ascensão ao trono, produzindo outra *polaridade simples*, com dois símbolos opostos no mesmo signo. Há uma *polaridade sinódica* inversa à de Elizabeth I, porque o rei nasceu durante a oposição entre Saturno-Urano, e foi coroado durante a conjunção de Saturno-Urano. No caso de Elizabeth I era o contrário: a rainha nasceu durante a conjunção, o aspecto que marca o começo do ciclo, e foi coroada durante a oposição, o período que marca o pico do ciclo. Elizabeth I foi uma rainha eficaz e marcou uma era; exibindo a inversão na seqüência dos aspectos, Carlos I foi marcado pela era em que viveu, já que Oliver Cromwell e o parlamento inglês literalmente cortaram sua cabeça. Assim como a realeza britânica sobe ao pico com Elizabeth I, desce ao vale com Carlos I— e nunca mais será a mesma.

Depois da revolução inglesa, o trono foi restaurado com Carlos II, o filho que Carlos I teve com sua rainha francesa Henriette a 29 de maio de 1630. Carlos II foi coroado pela primeira vez a 30 de junho de 1649. Naquele dia seu Sol natal estava em conjunção com Saturno, criando

uma *polaridade simples*. Saturno está sobre o Ascendente da coroação, vinculando a conjunção ao eixo dos ângulos horizontais Casa Um-Casa Sete; e os dois planetas regem os signos (Leão e Aquário) que ocupam o eixo vertical Casa Quatro-Casa Dez, vinculando essa polaridade a três dos quatro ângulos daquele momento no tempo. Os dois planetas – o Sol do rei e o Saturno daquela hora – estão em conjunção com o Ascendente do evento, criando também uma *polaridade angular*.

Outras duas polaridades importantes marcavam o momento. O rei nasceu durante a conjunção de Saturno-Netuno, e ascendeu ao trono durante a fase da oposição Saturno-Netuno – uma *polaridade sinódica*. A outra é uma *polaridade transmitida*, porque enquanto o Marte do rei está oposto ao Sol do evento (no ângulo vertical do horóscopo do evento), o Urano do rei está em conjunção com o Marte do evento. Marte serve como elemento de ligação conectando o par de opostos Sol-Urano, e de novo ressalta os signos Leão (regido pelo Sol) e Aquário (co-regido por Urano), que ocupam como vimos acima o eixo vertical no horóscopo da ascensão de Carlos II ao poder. A proclamação de Carlos II como rei foi aceita na Escócia e partes da Irlanda e da Inglaterra, então ainda governada por Oliver Cromwell. A presença de Marte (guerra) como condutor da polaridade Sol-Urano explica por que ele invadiu a Inglaterra em 1651. Derrotado por Cromwell, o rei fugiu para a França, onde seria chamado pelo parlamento, dez anos depois, para assumir o trono inglês.

Ele foi coroado uma segunda vez – agora pelo parlamento – a 23 de abril de 1661. Quando se compara os horóscopos do nascimento e da coroação, há duas óbvias polaridades. Uma *polaridade transmitida*, porque o rei nasceu durante uma conjunção entre Saturno e Netuno, e foi coroado quando Saturno estava oposto a Mercúrio: Saturno é o elo de ligação entre o par Mercúrio (regente de Virgem) e Netuno (co-regente do signo oposto de Peixes). E uma *polaridade alinhada*, porque o rei nasceu com a seqüência de planetas e luminárias Vênus-Plutão-Mercúrio-Sol-Nodo Lunar Norte, com Saturno oposto ao primeiro planeta alinhado, Vênus; e a coroação se dá com o alinhamento de Vênus-Nodo Lunar Sul-Sol-Mercúrio-Plutão, com Saturno oposto ao planeta no meio desse alinhamento, Mercúrio. Os símbolos repetem-se nos dois alinhamentos, invertendo-se apenas os nodos lunares.

A luta do monarca com o parlamento continuou durante o reino de Carlos II, que conseguiu dissolver o parlamento com financiamento de seus aliados franceses em 1681. O fato de Saturno estar envolvido nas

polaridades que existiam quando chegou ao poder sugere que seu reino sofreu severas limitações. Saturno rege autocontrole, limitações e austeridade. Carlos II passou o reino todo gastando muito, e sempre precisando de mais dinheiro.

Seu sucessor no trono foi Jaime II, o segundo filho sobrevivente de Carlos I, que nasceu em Londres a 14 de outubro de 1633, e ascendeu ao poder em 6 de fevereiro de 1685. Uma assinatura celestial similar marca o início do reino desses dois irmãos: o Marte natal de Jaime II faz oposição ao Sol do início do reinado, enquanto o início do reinado se dá durante uma oposição mundana entre Marte e Urano. Ao aspectar simultaneamente o par de opostos Sol-Urano nessas duas cartas, Marte propicia uma *polaridade transmitida*. Ao mesmo tempo, o Plutão do rei faz oposição ao Marte do início do reinado, enquanto o reinado começa com uma oposição Vênus-Plutão. Agora é Plutão quem cria uma segunda *polaridade transmitida*, servindo como condutor para a polaridade Marte-Vênus entre essas duas cartas. A história continua: a junção de Marte e Vênus corresponde a paixões, que nesse reino são religiosas porque Jaime II era católico num país protestante; Sol-Urano indica um convívio atraente mas instável e difícil entre o rei (Sol) e o parlamento (Urano); e Plutão como condutor de uma polaridade pode simbolizar derrotas esmagadoras (o rei perdeu uma batalha e o trono para seu genro holandês, Guilherme de Orange, em 1688).

Guilherme III foi proclamado governante conjunto com a rainha Maria II, a filha protestante de Jaime II, a 13 de fevereiro de 1689. O horóscopo de ambos exibe polaridades com o do início do reinado. No caso de Maria II, o Marte natal da rainha faz conjunção com o Plutão da proclamação conjunta, enquanto o Plutão da rainha está oposto ao Marte da proclamação conjunta (e esta oposição ocupa o eixo horizontal Casa Um-Casa Sete da carta da proclamação conjunta). Isso cria uma *polaridade sinódica* que ocupa dois dos quatro ângulos da carta da proclamação conjunta. Além disso, o Saturno da rainha está em conjunção com a Lua da proclamação conjunta, produzindo uma *polaridade simples*. E enquanto a rainha nasceu durante uma oposição Sol Júpiter, o Urano da rainha faz conjunção com o Júpiter da proclamação conjunta; Júpiter funciona portanto como o elo comum que junta o par de opostos Sol-Urano numa *polaridade transmitida*.

No caso de Guilherme III, há duas polaridades. A Vênus natal do rei está em conjunção com o Marte da proclamação conjunta (*polaridade simples*), na Sétima Casa da carta da proclamação conjunta, mostrando

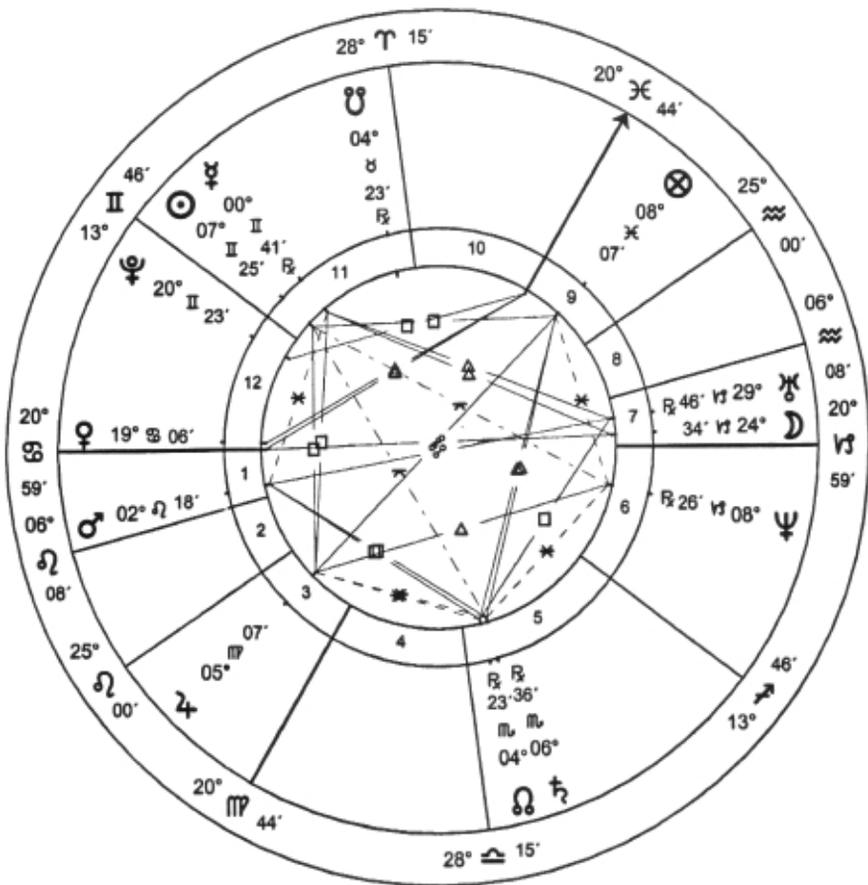
que ele ascendeu ao poder através do casamento (a Sétima Casa simboliza casamentos, Marte representa homens, e Vênus, mulheres). Além disso, há uma *polaridade transmitida* que junta em aspectos diferentes os mesmos atores já vistos na sinaetria de Maria II, porque, enquanto o Júpiter de Guilherme III está oposto ao Urano da proclamação conjunta, Júpiter e o Sol fazem uma conjunção mundana na carta da proclamação conjunta. Então, novamente Júpiter serve como condutor para o par de opostos Sol-Urano.

Após a morte de Maria II em 1694, Guilherme III continuou governando sozinho. Como sugere a forte mas instável polaridade Sol-Urano, ele esteve em freqüente desacordo com o parlamento inglês. Mas Júpiter é o condutor dessa polaridade, e durante o reinado de Guilherme III, basicamente por força do parlamento, nasceram a Bill of Rights (Lei dos direitos do cidadão), o Banco de Londres, a introdução de responsabilidades ministeriais no governo e o reconhecimento da liberdade de imprensa.

A segunda filha protestante do católico Jaime II, Ana, tornou-se rainha da Inglaterra depois da morte de seu cunhado Guilherme III. Nascida a 6 de fevereiro de 1665, ela chegou ao poder a 8 de março de 1702. A sinaetria ou comparação entre essas duas datas mostra que o Marte natal da rainha está em oposição mundana (ou seja, em signos opostos) com o Plutão da ascensão ao poder, enquanto o Plutão da rainha faz oposição ao Marte da ascensão. Isso cria uma *polaridade accidental* entre os quatro fatores. Além disso, temos uma *polaridade alinhada*. a rainha nasceu com a seqüência de planetas Saturno-Netuno-Júpiter-Urano-Sol-Marte-Mercúrio-Vênus, com Netuno na cúspide ou começo da Sétima Casa da carta da ascensão ao poder; e a ascensão ao poder ocorre com o alinhamento de Sol-Júpiter-Saturno-Mercúrio-Netuno-Vênus, com o Sol sobre a cúspide da Décima Casa da carta da ascensão. A presença de Marte-Plutão acidentalmente em polaridade, os dois regentes do signo que simboliza a morte e transformações (Escorpião), parece adequada para indicar que Ana foi a última soberana da casa de Stuart. Ela seria sucedida por Jorge I, seu primo alemão.

Ao falecer sem filhos, Ana deixou o trono para Jorge I, o eleitor de Hanôver, que nasceu a 28 de maio de 1660 e ascendeu ao trono inglês em 1º de agosto de 1714. A comparação das duas datas mostra primeiro uma *polaridade simples*, com a Vênus natal do rei em conjunção com o Marte da ascensão ao trono. Os dois planetas são particularmente importantes porque regem o eixo horizontal (Casa Um na Libra, Casa

Sete em Áries) do horóscopo da ascensão ao poder. Depois, duas *polaridades transmitidas*. Enquanto o Urano natal do rei está oposto ao Sol da carta de ascensão ao poder, no eixo vertical (Casa Quatro-Casa Dez) da carta da ascensão ao poder, Urano está conjunto a Saturno na carta da ascensão ao poder: Urano funciona como o condutor da polaridade Sol-Saturno ao aspectar os dois símbolos. E enquanto o Júpiter natal do rei está conjunto ao Saturno da ascensão ao poder, Júpiter e a Lua estão



Jorge I da Inglaterra
 Carta Natal 48: Osnabrück, 28 de maio de 1660, 7:00 (LMT)

em conjunção na Sétima Casa ou Descendente da carta da ascensão ao poder: agora Júpiter (que rege estrangeiros) serve como condutor para o par de opostos Saturno-Lua. Jorge I nunca aprendeu inglês, mas foi capaz de governar efetivamente, delegando os assuntos internos a seus assessores locais, e cuidando da política externa – sem ser popular. A combinação Saturno-Lua atrai como qualquer outra polaridade, mas não é agradável.

Tanto Jorge I como seu filho e sucessor Jorge II deram mais relevância ao principado que tinham em Hanôver que ao reino da Inglaterra. Jorge II nasceu em Hanôver a 10 de novembro de 1683, e ascendeu ao poder com a morte do pai a 11 de junho de 1727. Entre as duas datas, há primeiro duas *polaridades simples*: o Plutão do rei está em conjunção com a Vênus da ascensão ao poder, juntando um par de planetas que regem signos opostos (Plutão-Escorpião, Vênus-Touro); e o Mercúrio do rei está oposto ao Mercúrio da coroação, colocando dois princípios iguais em oposição. Segue-se uma *dupla polaridade simples*, porque o Marte da carta natal do rei está oposto à Vênus da ascensão ao poder, enquanto a Vênus da carta natal do rei está oposta ao Marte da ascensão ao poder. Há também uma *polaridade transmitida*, dado que a Lua do rei está conjunta à Vênus da ascensão ao poder, enquanto a Lua da ascensão ao poder está em conjunção com o Descendente (Casa Sete) da ascensão ao poder, e o Plutão da ascensão ao poder está na Casa Um ou Ascendente do horóscopo dessa ascensão. Na segunda ponta, as Casas ocupadas pela Lua e Plutão são opostas, mas os dois planetas não estão em orbe de oposição, o que enfraquece – mas não elimina – a polarização. Esta é criada pela Lua, que está relacionada simultaneamente ao par de opostos Vênus-Plutão.

A oposição Marte-Vênus geralmente simboliza ódios; o fato de ser dupla neste caso sugere que teria que ser absorvida de alguma forma, porque as energias são muito fortes, e potencialmente destrutivas. Jorge II não foi um rei popular, mas conseguiu a admiração de seus súditos ingleses com suas vitórias (Vênus rege ganhos) militares (Marte) na Europa continental. E embora detestasse (Marte oposto a Vênus) inicialmente a William Pitt, o Velho, acabou aproveitando o grande orador inglês na parte final de seu reinado

Seu neto e sucessor Jorge III nasceu em Londres a 4 de junho de 1738, e ascendeu ao trono a 25 de outubro de 1760. As polaridades significativas estão lá. O Marte natal do rei está em conjunção com o Urano da ascensão ao poder, enquanto o Sol natal do rei faz oposição

mundana ao Marte da ascensão: Marte intermedia assim uma *polarização transmitida* entre o par de opostos Sol-Urano. Outra *polarização transmitida* ocorre porque o Plutão natal do rei está em conjunção com o Sol da ascensão, enquanto o Saturno natal do rei está oposto ao Plutão da ascensão: Plutão vincula assim o par de opostos Sol-Saturno.

Enquanto o rei nasceu durante uma oposição entre Saturno e Urano, sua ascensão ao poder ocorre durante a conjunção Saturno-Urano, produzindo também uma *polarização sinódica*. Por sinal, a mesma de seu antecessor Carlos I, que seguia a ordem decrescente do ciclo Urano-Netuno. Isso indica que os tempos tenderiam a agir sobre George III, mais do que ele agir sobre os tempos, porque a ordem decrescente do ciclo vai do pico para um novo começo. Sob Jorge III os EUA se tornaram independentes da Inglaterra.

Os historiadores lembram que Jorge III é o primeiro rei inglês da dinastia alemã de Hanôver a nascer na Inglaterra e a ser educado como um local. Ele é descrito como um articulador astuto e habilidoso, que foi capaz de reconquistar os poderes abarcados pelos ministros durante os reinados dos primeiros dois Jorges. Isso corresponde ao forte simbolismo de Plutão (manipulação, poder) nas polarizações da sua ascensão ao poder. O mesmo Plutão reflete também as políticas manipulativas de Jorge III que levaram à revolução americana em 1776, e suas guerras com a França, que ajudaram a eclosão da Revolução Francesa. Não se deve brincar com as energias de Plutão. Jorge III terminou seu reinado em 1820 cego e demente.

Seu filho mais velho e sucessor Jorge IV nasceu em Londres a 12 de agosto de 1762, e tornou-se rei aos 58 anos em 29 de janeiro de 1820, embora já fosse príncipe regente desde 1811. Na data do início do reinado, a Lua estava em conjunção com Marte, e o rei nasceu durante uma oposição entre a Lua e Marte: isso cria uma *polarização sinódica*. Mas esses dois símbolos participam de uma configuração astrológica mais complexa. O rei de fato nasceu durante uma oposição de Marte à conjunção Lua Júpiter; e ascendeu ao trono quando seu Mercúrio estava conjunto à união Lua-Marte da carta da ascensão. Temos aqui então, ao mesmo tempo, uma vigorosa *polarização transmitida*, em que a Lua e Marte transferem as energias que vinculam o par de opostos Júpiter-Mercúrio.

A outra assinatura celestial no início do reinado de Jorge IV é a oposição mundana da Vênus do rei com a Vênus da ascensão, uma *polaridade simples*. A Vênus do rei faz também uma oposição direta ao Plutão da ascensão, criando igualmente uma segunda polaridade sinódica,

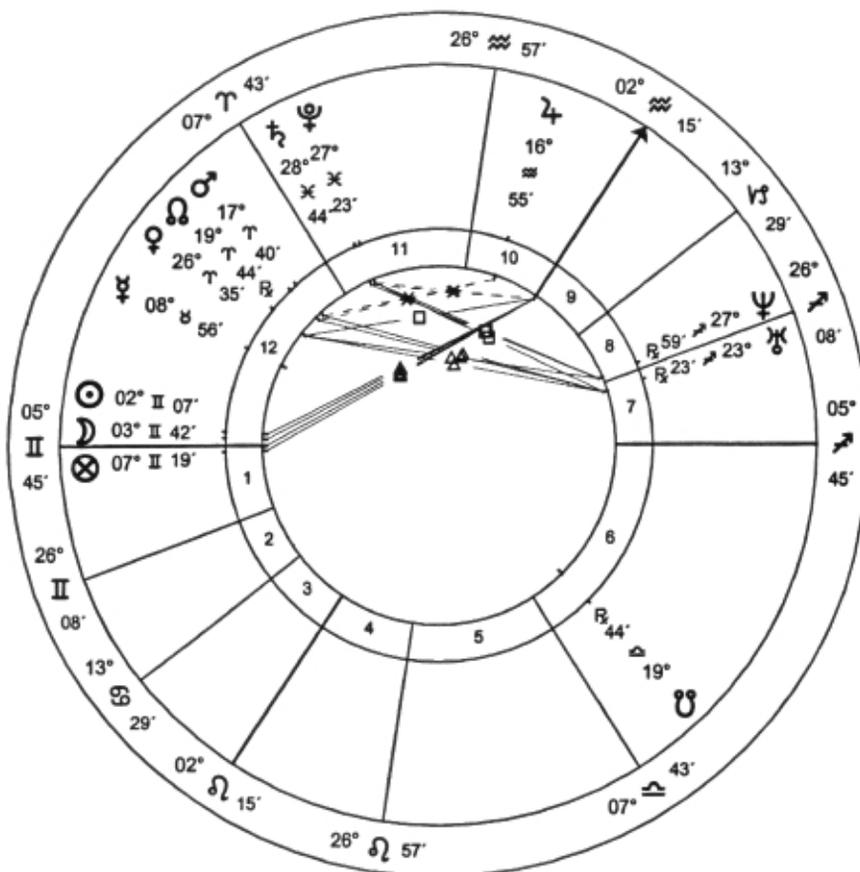
porque Vênus-Plutão estão em conjunção mundana no céu da ascensão. A junção desses dois planetas tem vários significados, a começar por ganhos (Vênus) e perdas (Plutão). A Vênus do rei oposta ao Plutão da hora da ascensão descreve dívidas (porque os ganhos estão em discordância com as perdas), e Jorge IV passou a vida perseguido por seus débitos.

Seu irmão mais jovem e sucessor Guilherme IV nasceu em Londres a 21 de agosto de 1765, e ascendeu ao trono em 26 de junho de 1830. Naquele dia o Plutão do novo rei faz oposição ao Sol da hora da ascensão, enquanto o Urano do rei está em conjunção mundana com o Plutão da ascensão. Isso cria uma primeira *polaridade transmitida*, em que Plutão aspecta ao mesmo tempo o par de opostos Sol-Urano. Outra *polaridade transmitida* acontece porque o rei nasceu durante uma oposição Lua-Urano, e a ascensão ao trono, durante uma oposição Urano-Saturno: agora é Urano quem aspecta simultaneamente e ativa o par de opostos Lua-Saturno. Enfim, uma terceira *polaridade transmitida* emerge, porque o Marte natal do rei está conjunto ao Saturno da ascensão, enquanto a ascensão acontece durante uma oposição Lua-Marte: desta vez, o planeta Marte age como catalisador para conectar de novo o par de opostos Lua-Saturno.

Guilherme IV é descrito pela história como bem-intencionado mas excêntrico (Sol-Urano, e Urano como um dos catalisadores da polaridade Lua-Saturno: porque Aquário, signo de Urano, rege excêntricos). O principal acontecimento de seu reinado foi a lei da reforma de 1832, que foi acompanhada da abolição da escravatura colonial no ano seguinte (Plutão, o planeta das grandes transformações, como catalisador da polaridade Sol-Urano).

Como o rei não teve filhos, foi sucedido por sua sobrinha Vitória, que nasceu em Londres a 24 de maio de 1819, e ascendeu ao trono em 30 de junho de 1837. Caberia a ela exercer o mais longo reinado da história inglesa, pelos 63 anos seguintes. No momento da sucessão, o Júpiter natal da rainha está em oposição quase exata ao Júpiter da ascensão ao trono, marcando uma *polaridade simples*. Além disso, o Marte natal da rainha está conjunto ao Plutão da ascensão, enquanto o Plutão da rainha está em oposição mundana ao Marte da ascensão, o que gera uma *polaridade cíclica*. E enquanto a rainha nasceu durante uma conjunção de Saturno e Plutão, ascendeu ao trono durante uma conjunção mundana entre o Sol e Vênus, interligando uma dupla *polaridade simples* (Sol-Saturno, Vênus-Plutão).

Vitória foi uma soberana profundamente estimada por seu exemplo de honestidade, patriotismo e devoção à vida familiar. Seu reinado assistiu à emergência da classe média, um moralismo que raiou as bordas da hipocrisia, e forte nacionalismo. Atribuo o lado positivo dessa imagem à polarização de Júpiter; como se verá adiante, o presidente brasileiro que os outros presidentes civis têm como modelo é Juscelino Kubitschek, que foi eleito com essa mesma polaridade jupiteriana.



Vitória da Inglaterra
 Carta Natal 49: Londres, 24 de maio de 1819, 4:15 (UT)

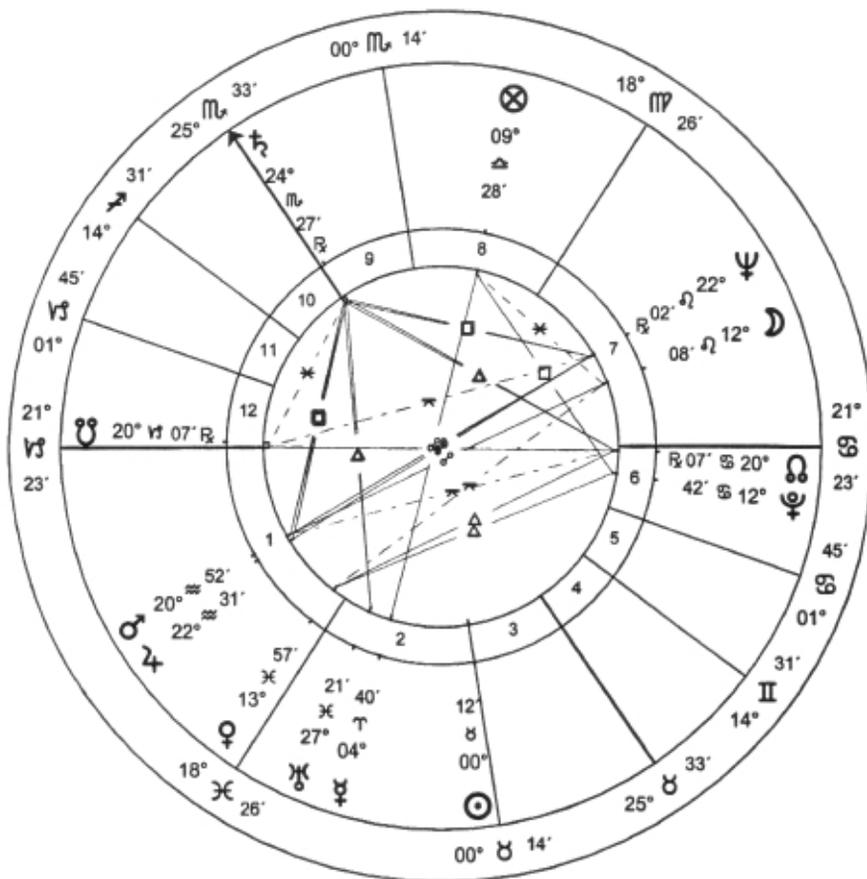
A rainha foi sucedida por seu filho mais velho, Eduardo VII, que nasceu em Londres a 9 de novembro de 1841, e ascendeu ao trono com a morte da mãe a 22 de janeiro de 1901. O Marte natal do novo rei está em conjunção com a Vênus da ascensão, criando imediatamente uma *polaridade simples*. O Júpiter do rei está em conjunção com o Urano da ascensão, enquanto ele sobe ao trono durante uma conjunção Sol-Mercúrio: isso conecta uma dupla *polaridade simples* (Júpiter-Mercúrio, Sol-Urano). Há também duas *polaridades transmitidas*, porque o Júpiter do rei está oposto ao Plutão da ascensão, enquanto a ascensão acontece durante uma conjunção Júpiter-Vênus: Júpiter opera como catalisador para ligar o par de opostos Vênus-Plutão; e enquanto o Saturno do rei está oposto ao Netuno da ascensão, a Lua da ascensão está em conjunção mundana com o Netuno do rei: assim, Netuno é agora o catalisador que liga o par de opostos Lua-Saturno. E enfim uma *polaridade acidental*, dado que o Nodo Lunar Norte do rei está em conjunção com o Mercúrio da ascensão, e o Nodo Lunar da ascensão em conjunção com o Mercúrio do rei.

Seu reino durou apenas nove anos, numa Europa conturbada. Eduardo VII dedicou seus esforços à busca da paz (foi coroado com a conjunção Júpiter-Vênus no céu, a assinatura da paz), talvez porque percebesse com clareza os conflitos à sua volta (seu Júpiter natal oposto ao Plutão da ascensão ao trono, aspecto que pode simbolizar conflitos de enormes proporções: o presidente iraquiano Saddam Hussein, por exemplo, nasceu durante essa oposição).

Eduardo VII foi sucedido por seu segundo filho, Jorge V, o "príncipe marinheiro", que nasceu em Londres a 3 de junho de 1865, e foi proclamado monarca a 6 de maio de 1910. Naquele dia, o Mercúrio natal do rei estava conjunto ao Sol da proclamação, enquanto o Mercúrio da proclamação estava conjunto ao Sol natal do rei, criando uma *polaridade acidental*. Além disso, o Plutão natal do rei estava em conjunção com o Sol da proclamação, enquanto o Urano natal do rei estava conjunto ao Plutão da proclamação: Plutão age como a conexão para uma *polaridade transmitida* entre o par de opostos Sol-Urano. Outra *polaridade transmitida* é igualmente conectada via Plutão, porque o rei nasceu com uma conjunção Vênus-Plutão, e foi proclamado durante uma conjunção Marte-Plutão: isso interliga também o par de opostos Marte-Vênus. A Lua natal do rei está em exata oposição à Lua da proclamação, criando uma *polaridade simples*. Enfim, há uma *polaridade cíclica*, porque o Urano do rei está conjunto ao Marte da proclamação, enquanto o Marte

do rei está oposto ao Urano da proclamação; e uma *dupla polaridade simples*, porque o rei nasceu na oposição Júpiter-Urano, e seu Mercúrio está conjunto ao Sol da proclamação, conectando simultaneamente dois pares opostos (Mercúrio Júpiter, Sol-Urano).

As conexões entre Marte, Vênus e Plutão, e de Plutão como catalisador para a polaridade Sol-Urano, simbolizam a eclosão da Primeira Guerra Mundial durante o reinado de Jorge V. A oposição entre as Luas, mais o papel transformador de Plutão, simbolizam a renúncia



Elizabeth II da Inglaterra
 Carta Natal 50: Londres, 21 de abril de 1926, 2:40 (BST)

do rei a suas origens (Lua) alemãs, mudando o nome da casa real de Saxe-Coburg-Gotha para Windsor.

Ele foi sucedido por seu filho Eduardo VIII, que nasceu a 23 de junho de 1894 no Richmond Parir, e foi proclamado rei a 20 de janeiro de 1936. Havia fortes polaridades na ascensão de Eduardo VIII ao trono, a começar por uma *polaridade simples*, e extremamente poderosa, com a oposição do Júpiter natal do rei ao Júpiter da proclamação. Mas a assinatura celestial é mais complicada: o Júpiter natal do rei está conjunto ao Plutão natal, e o Júpiter da proclamação conjunto à Vênus da proclamação. Isso faz de Júpiter também o conector de uma *polaridade transmitida* entre Vênus-Plutão, com a agravante de que esses dois planetas estão em oposição (ou conflito aberto); a mediação de Júpiter neste caso apenas amplifica o conflito. Em troca, Plutão é o catalisador de outra *polaridade transmitida*, porque o Júpiter da proclamação está oposto ao Plutão do rei, enquanto o Mercúrio do rei faz conjunção com o Plutão da proclamação – ativando o par de opostos Mercúrio Júpiter. Enfim, a Lua do rei está conjunta ao Saturno da proclamação, adicionando uma *segunda polaridade simples*. Este foi um reinado breve: Eduardo VIII renunciou em dezembro de 1936 para casar-se com uma plebéia, Wallis Simpson.

O sucessor foi seu irmão mais jovem, Jorge VI, que nasceu a 14 de dezembro de 1895, e foi proclamado rei a 11 de dezembro de 1936. A comparação exhibe primeiro uma *polaridade accidental*, porque o Mercúrio natal do novo rei está conjunto ao Sol da proclamação, enquanto o Sol natal do rei está conjunto ao Mercúrio da proclamação. É provavelmente oportuno notar que, apesar do nome *accidental* que escolhi para descrever essa polaridade (no sentido de que ela não é *essencial*, para empregar os termos filosóficos), nada é realmente *accidental* no mundo manifesto: desses dois planetas acidentalmente conectados nas duas cartas comparadas, o Sol simboliza reis e Mercúrio simboliza irmãos. Jorge VI tornou-se rei (Sol) com a renúncia do irmão (Mercúrio).

Há duas outras polaridades de Jorge VI com sua proclamação real. Enquanto o rei nasceu com uma conjunção Lua-Marte, sua Vênus natal está em conjunção mundana com a Lua da proclamação: uma *polaridade transmitida* em que a Lua conecta o par de opostos Marte-Vênus. Enquanto o Netuno natal do rei está oposto ao Sol da proclamação, a proclamação ocorre durante a oposição Saturno-Netuno: *outra polaridade transmitida*, com Netuno conectando o par de opostos Sol-Saturno.

A atual rainha da Inglaterra, Elizabeth II, sucedeu o pai Jorge VI a 6 de fevereiro de 1952. Ela nasceu a 21 de abril de 1926. A comparação

das duas cartas mostra primeiro uma dupla e poderosa *polaridade simples*, com o Mercúrio natal da rainha conjunto ao Júpiter da proclamação, e o Mercúrio da proclamação em conjunção mundana com o Júpiter natal da rainha. Segue-se uma *polaridade sinódica*, com o Sol da proclamação conjunto ao Marte natal da rainha, e o Sol natal da rainha oposto ao Marte da proclamação. E uma *polaridade transmitida*, porque o Marte natal da rainha está oposto ao Plutão da proclamação, enquanto a Vênus da proclamação está oposta ao Plutão natal da rainha: Plutão é o elemento comum que une o par de opostos Marte-Vênus. Enfim, há uma *polaridade accidental* incompleta mas muito visível, com a Lua natal da rainha conjunta ao Plutão da proclamação, e a Lua da proclamação aproximando-se da orbe de conjunção com o Plutão da rainha: Lua-Plutão é uma combinação difícil, que significa crises (Plutão) familiares (Lua).

Ufa. Em nove séculos de história da realeza britânica, creio que o princípio da "atração" dos símbolos opostos na ascensão dos reis ao trono está repetidamente demonstrado – ainda que com o risco de aborrecer o leitor pela repetição. Mas será que vale apenas para a monarquia da Inglaterra?

O MÉTODO COM OS IMPERADORES ROMANOS

As polarizações entre o horóscopo dos governantes e o momento de suas escolhas, por quaisquer métodos, valem em qualquer lugar, e não apenas na Inglaterra. Vamos comprovar isso examinando agora os imperadores romanos e sua ascensão ao trono, a começar por Augusto César, o primeiro



para o qual dispomos de datas um pouco mais detalhadas. Por ser o primeiro "César", porém, no seu caso não temos uma data específica, porque ele chegou ao poder no Império Romano antes de ser sagrado imperador.

O momento em que Augusto se estabelece como o poder incontrastável em Roma é geralmente datado pelos historiadores de 2 de setembro de 31 a.C., quando ele derrota a esquadra de Marco Antônio defronte a Actium, na costa oeste da Grécia.¹ Nesse dia, o Mercúrio natal de Augusto está conjunto ao Netuno do

Busto do imperador Augusto César

Museus Capitolinos, Roma

Foto: Getulio Bittencourt

¹ Usando como principal referência geral a mais moderna biografia dos imperadores romanos, no livro de Chris Scarre, *Chronicle of the Roman Emperors*, Thames and Hudson, Londres, 1995.

evento, formando uma *polaridade simples*. Enquanto o imperador nasceu durante a conjunção Urano-Netuno, a batalha ocorre durante uma conjunção Sol-Netuno: isso cria uma *polaridade transmitida*, com Netuno (que rege o mar, campo dessa batalha) interligando o par de opostos Sol-Urano. Além disso, há uma *polaridade sinódica* com uma ponta incompleta, porque o imperador nasceu na oposição Lua Júpiter, e a batalha acontece com a Lua a um dia da orbe de conjunção com Júpiter.



Busto do imperador Calígula
Museus Capitolinos, Roma
Foto: Getulio Bittencourt

Augusto foi consagrado como César pelo Senado, formalmente, a 16 de janeiro de 26 a.C. Nesse dia, assumindo que a cerimônia aconteceu ao meio-dia, o Júpiter do imperador está em conjunção com o Fundo do Céu ou casa quatro do horóscopo do evento, enquanto o Meio-Céu ou casa dez do imperador está em conjunção com o Júpiter da cerimônia, criando uma *polaridade angular*. Mas o horário do meio-dia, embora provável, é especulativo. Vejamos o que mais havia. Enquanto Augusto nasceu durante a conjunção Urano-Netuno, como já vimos, a cerimônia aconteceu com Urano-Netuno em quadratura

(90 graus à parte), e portanto exibindo uma *polaridade sinódica* entre dois importantes planetas exteriores. Esta polaridade, como as que serão mencionadas a seguir, não é afetada pela hora da cerimônia como as que envolvem os ângulos do horóscopo do evento.

O imperador nasceu durante uma conjunção Marte-Saturno, e seu reconhecimento formal pelo Senado romano aconteceu durante uma conjunção Lua-Marte. Isso cria uma *polaridade transmitida*, porque Marte atua como catalisador para juntar o par de opostos Lua-Saturno. E isso de fato nem era necessário, porque naquele dia a Lua natal do imperador está conjunta ao Saturno da cerimônia, adicionando uma *polaridade simples*.

Enfim, no dia da cerimônia o Sol de Augusto está conjunto ao Netuno da cerimônia, enquanto a cerimônia ocorre durante uma conjunção Sol-Mercúrio. Há portanto outra *polaridade transmitida*, com o Sol interligando o par de planetas opostos Mercúrio-Netuno.

O sucessor de Augusto foi Tibério, que nasceu em Roma a 16 de novembro de 42 a.C., e ascendeu ao trono a 19 de agosto do ano 14 da nossa era. Enquanto o novo imperador nasceu durante uma oposição Júpiter-Urano, sua ascensão ocorre com uma oposição mundana entre esses dois planetas, gerando uma *polaridade acidental*. A comparação das duas datas mostra ainda duas polaridades simples, porque o Saturno natal do imperador está conjunto ao Sol da ascensão, e o Marte natal do imperador conjunto à Vênus da ascensão, formando dois pares de planetas naturalmente opostos (Sol-Saturno e Marte-Vênus), pois regem signos a 180 graus de separação. Enfim, há uma *polaridade transmitida*, porque o Plutão natal do imperador está oposto ao Netuno da ascensão, e o Netuno natal do imperador conjunto à Vênus da ascensão: Netuno funciona como catalisador para juntar o par de planetas opostos Vênus-Plutão, porque aspecta simultaneamente a ambos.

O sucessor de Tibério foi um dos monstros favoritos da história, Calígula, que nasceu em Antium (Anzio) a 31 de agosto do ano 12 da nossa era, e ascendeu ao trono com 24 anos, a 18 de março do ano 37 da nossa era. Há seis polarizações evidentes entre essas duas datas. A Vênus natal do imperador faz uma conjunção mundana com o Marte da ascensão, criando uma *polaridade simples*. O Sol natal do imperador faz conjunções com Saturno e Urano (os dois regentes de Aquário, o signo oposto ao Leão regido pelo Sol), adicionando mais duas *polaridades simples*. O imperador nasceu durante uma oposição mundana Saturno-Urano, e ascendeu ao trono durante a conjunção Saturno-Urano, o que resulta numa *polaridade sinódica*. O Júpiter natal de Calígula está oposto à Vênus da ascensão, enquanto o Plutão natal do imperador está em conjunção com Júpiter: isso gera uma *polaridade transmitida*, com Júpiter servindo de elemento comum para contatar o par de opostos Vênus-Plutão. Enfim, o Sol natal do imperador está oposto ao Sol da ascensão, provocando uma quarta *polaridade simples*.

Há mais. O relacionamento entre a conjunção do Sol natal de Calígula com a conjunção de Saturno e Urano na ascensão, mais a oposição mundana de Saturno-Urano no horóscopo natal do imperador, é complexo. Já identificamos aí duas polaridades simples e uma polaridade sinódica. Mas se pode adicionar mais duas *polaridades transmitidas* no topo

de tudo isso: a primeira porque o Sol de Calígula está conjunto ao Saturno da ascensão, enquanto o imperador nasceu com a oposição Saturno-Urano: Saturno é o elemento comum que ressalta o par de opostos Sol-Urano; e a segunda porque o Sol de Calígula está conjunto ao Urano da ascensão, e o imperador nasceu na oposição Saturno-Urano: agora Urano serve como catalisador para juntar o par de opostos Sol-Saturno. Todos esses relacionamentos reforçam as polaridades — que, neste caso, somam oito.

O imperador seguinte foi Cláudio, que nasceu em Lugdunium (atual Lyon, na França) a 1º de agosto do ano 10 a.C., e ascendeu ao poder a 24 de janeiro do ano 41 da nossa era. Há oito polaridades entre as duas datas, atraindo a vida de Cláudio e aquele momento no tempo em que se tornou imperador. Primeiro, cinco *polaridades simples*: o Sol natal do imperador está oposto ao Sol da ascensão; a Vênus natal do imperador, oposta à Vênus da ascensão; o Saturno natal do imperador, conjunto ao Sol da ascensão; a Lua natal do imperador, oposta à Lua da ascensão; e o Urano natal do imperador, também conjunto ao Sol da ascensão. Uma *polaridade accidental*, porque o Netuno natal do imperador está conjunto ao Saturno da ascensão; e o Saturno natal do imperador, conjunto ao Netuno da ascensão. E duas *polaridades transmitidas*. Uma, porque o imperador nasceu durante uma conjunção Lua-Plutão, e ascendeu ao trono com uma conjunção Lua-Vênus: a Lua é o elemento comum que une o par de opostos Vênus-Plutão; outra, porque Cláudio nasceu com uma conjunção Lua-Vênus, e ascendeu ao trono quando Marte estava oposto à Lua: aqui a Lua volta a interceder para conectar Vênus igualmente com seu outro planeta oposto, Marte.

Não pretendo entrar na comparação entre o horóscopo de um imperador e seu sucessor; vamos comparar dois horóscopos com um momento do tempo na discussão sobre eleições modernas mais adiante. Apenas noto de passagem que, enquanto Calígula nasceu na oposição Saturno-Urano, Cláudio nasceu durante a conjunção mundana entre esses dois planetas; e no caso de ambos, esses dois planetas estão interligados ao Sol da ascensão ao trono. Isso indica, por um lado, que pertencem ao mesmo tipo de ciclo; e por outro, que Cláudio tinha mais chance de sucesso porque nasceu na conjunção ao início do ciclo, e por isso fluía com ele na ordem natural das coisas (ou seja, a partir do começo). Calígula nasceu durante o pico do mesmo ciclo (a oposição), e talvez por isso avançou na contramão da história. Vimos exemplos similares no capítulo anterior, onde Elizabeth I é um claro sucesso e nasceu na

conjunção Urano-Netuno, enquanto seus sucessores que nasceram durante a oposição entre esses planetas amargaram drásticos períodos históricos: Carlos I foi decapitado por Oliver Cromwell, e Jorge I é o rei inglês que perdeu a colônia na América (ou seja, os EUA).



Busto do imperador Nero
Galeria Uffizi, Florença
Foto: Getúlio Bittencourt

Segue-se outro monstro da história: Nero. Ele nasceu a 15 de dezembro do ano 37 da nossa era, e ascendeu ao trono a 13 de outubro do ano 54 da nossa era. Quatro conexões parecem-me evidentes entre o imperador e o momento em que subiu ao poder. Primeiro, a conjunção da Vênus natal de Nero com o Plutão da ascensão, formando uma *polaridade simples*. Assumindo que a cerimônia aconteceu ao meio-dia, a Lua de Nero faz conjunção com o Vertex – um ponto sensível do horóscopo – da ascensão, enquanto a Lua da ascensão, faz conjunção com o Vertex de Nero: uma *polaridade*

acidental. Além disso, o imperador nasceu durante uma conjunção Sol-Plutão, e ascendeu ao trono com a conjunção Sol-Vênus: o Sol é o elemento comum que interliga outra vez o par de opostos Vênus-Plutão, agora numa *polaridade transmitida*. O Saturno natal de Nero está conjunto ao Mercúrio da ascensão, enquanto a ascensão ocorre durante uma conjunção mundana de Júpiter-Saturno: Saturno é o elemento comum que interliga o par de opostos Mercúrio Júpiter, criando nova *polaridade transmitida*. Além disso, o Mercúrio natal de Nero está conjunto ao Urano da ascensão, e o Sol e Mercúrio da ascensão formam uma conjunção mundana (ou seja, estão no mesmo signo – no caso, Libra): Mercúrio é o catalisador de mais uma *polaridade transmitida*, conectando o par de opostos Sol-Urano.

Dos três breves imperadores que o sucederam entre os anos 68 e 69, temos as datas de nascimento dos dois primeiros (Galba e Oto), e duas

datas incertas para o terceiro (Vit3lio), que por isso deixaremos de lado nesta pesquisa. Galba nasceu a 24 de dezembro do ano 3 a.C. perto de Tarracina, e assumiu o poder a 8 de junho do ano 68 da nossa era. Galba durou apenas sete meses no poder, e seu hor3scopo tem conex3es com a data da ascens3o ao poder, mas parecem fr3geis comparadas com as de seus antecessores: sua Lua natal est3 oposta 3 Lua da ascens3o, formando uma *polaridade simples*. E seu Saturno natal est3 conjunto ao Nodo Lunar Norte da ascens3o, enquanto a Lua da ascens3o est3 conjunta ao Nodo Lunar Norte do imperador, formando uma *polaridade transmitida*: nela o Nodo Lunar interliga o par de opostos Saturno-Lua.

Otho nasceu a 28 de abril do ano 32 da nossa era, e ascendeu ao trono a 15 de janeiro do ano 69 da nossa era. Existem duas conex3es entre o seu hor3scopo e o da subida ao poder: seu Merc3rio natal em conjun3o com o Netuno da ascens3o, criando uma *polaridade simples* entre o regente de Virgem e o co-regente do signo oposto, Peixes; e seu Saturno natal oposto ao Merc3rio da ascens3o, enquanto o Saturno da ascens3o est3 oposto ao seu Merc3rio natal, criando uma *polaridade accidental*.

A confus3o termina com a ascens3o de Vespasiano a 1º de julho de 69 da nossa era. Ele nascera a 17 de novembro do ano 9 da nossa era em Falacrinae, e reinou por dez anos. Quatro conex3es envolvem 12 planetas nesses dois momentos do tempo. Primeiro, o J3piter do imperador faz conjun3o com o Merc3rio da ascens3o, numa *polaridade simples*. Depois, Vespasiano nasceu numa conjun3o Sol-Merc3rio, e chegou ao poder numa conjun3o Sol-J3piter: isso cria uma *polaridade transmitida*, em que o Sol funciona como condutor para o par de opostos Merc3rio-J3piter. Porque o imperador nasceu durante uma oposi3o V3nus-Urano, e chegou ao poder numa conjun3o mundana entre seu Marte natal e o Urano da ascens3o, cria-se outra *polaridade transmitida*: Urano 3 o catalisador para interligar o par de opostos Marte-V3nus. Enfim, o Saturno de Vespasiano est3 oposto 3 Lua da ascens3o, e o Saturno da ascens3o oposto 3 Lua de Vespasiano, formando uma *polaridade accidental*.

Ele foi sucedido por seu filho T3to, que nasceu em Roma a 30 de dezembro do ano 39 da nossa era, e chegou ao poder como 3nico governante em 24 de junho do ano 79 da nossa era. H3 tr3s conex3es atraindo as duas datas. O imperador nasceu com a conjun3o entre a Lua e o Nodo Lunar Norte, e seu Saturno natal est3 conjunto ao Nodo Lunar Norte da ascens3o: isso forma uma *polaridade transmitida*, com o Nodo Lunar Norte interligando o par de opostos Lua-Saturno.

O Mercúrio do imperador está oposto ao Mercúrio da ascensão, numa polaridade simples. E enquanto Tito nasceu com uma conjunção mundana de Vênus-Plutão, chegou ao poder com uma oposição mundana entre Vênus-Plutão, o que forma uma *polaridade sinódica* dos dois planetas opostos.

Com a morte de Tito dois anos depois, assume o poder a 14 de setembro do ano 81 de nossa era seu irmão Domitiano, que nasceu a 24 de outubro de 51 da nossa era. Doze planetas estão vinculados nas três polaridades que conectam essas duas datas. O imperador nasceu durante uma oposição entre os planetas exteriores Urano-Netuno, e chegou ao poder com seu Netuno natal em conjunção com o Urano da ascensão: isso produz acidentalmente uma *polaridade sinódica*, interligando a influente dupla Urano-Netuno da conjunção à oposição. Tito nasceu com uma oposição entre Marte e Júpiter, e chegou ao poder com seu Mercúrio natal oposto ao Marte da ascensão: eis uma *polaridade transmitida*, em que Marte vincula o par de opostos Mercúrio Júpiter. Enfim, o Saturno natal do imperador está oposto à Vênus da ascensão, e a ascensão acontece durante uma conjunção Saturno-Plutão: outra *polaridade transmitida*, com Saturno interligando o par de opostos Vênus-Plutão.

O imperador seguinte, Nerva, nasceu a 8 de novembro do ano 35 da nossa era, e chegou ao poder no mesmo dia do assassinato de Domitiano, 18 de setembro do ano 96 da nossa em, com quatro conexões entre os dois momentos do tempo. Duas *polaridades simples*, porque o Júpiter natal de Nerva está conjunto ao Mercúrio da ascensão; e o Marte natal de Nerva, oposto ao Marte da ascensão. Uma *polaridade transmitida*, porque o Mercúrio natal do imperador está conjunto ao Nodo Lunar Norte da ascensão, e Nerva nasceu com a conjunção mundana de Netuno-Nodo Lunar Norte: a dupla de opostos Mercúrio-Netuno é interligada pelos aspectos comuns do Nodo Lunar. E enfim uma *polaridade sinódica*, pois o imperador nasceu com a oposição Sol-Urano, e chegou ao poder na conjunção mundana Sol-Urano.

Sete vigorosas polaridades interligam o imperador seguinte, Trajano, que nasceu a 18 de setembro de 53, e o momento de sua ascensão ao trono, a 28 de janeiro de 98. Ao todo, 17 planetas, luminárias e pontos sensíveis estão acionados entre os dois horóscopos. Primeiro, duas *polaridades simples*, pois o Marte natal do imperador está oposto ao Marte da subida ao poder; e o Urano natal do imperador, oposto ao Urano da subida ao poder.

Segue-se uma *polaridade acidental*, porque o Nodo Lunar Norte de Trajano faz uma conjunção mundana com o Mercúrio da ascensão, e o

Nodo Lunar da ascensão está em conjunção com o Mercúrio de Trajano. Três *polaridades transmitidas*, porque o imperador nasceu numa conjunção mundana de Vênus-Urano, e chegou ao poder quando o Sol e Vênus estavam conjuntos: Vênus é então o catalisador que junta o par de opostos Sol-Urano; enquanto o Mercúrio do imperador está conjunto ao Saturno da ascensão ao poder, o imperador nasceu na conjunção Saturno-Netuno: Saturno interliga assim o par de opostos Mercúrio-Netuno; e enquanto o Mercúrio do imperador está conjunto ao Saturno da ascensão ao poder, como vimos, o imperador nasceu também durante uma conjunção mundana de Saturno-Júpiter:



Busto do imperador Trajano
Museus Capitolinus, Roma
Foto: Getulio Bittencourt

Saturno portanto interliga também o par de opostos Mercúrio Júpiter. Uma *polaridade sinódica*, porque Trajano nasceu na conjunção de Júpiter-Netuno, e ascendeu ao poder durante a oposição Júpiter-Netuno. A experiência indica que os reinados que provocam maior impacto histórico são os que incluem polarizações entre os planetas exteriores — particularmente as do tipo sinódicas, que envolvem o ciclo natural desses planetas. No caso de Trajano, temos um exemplo do ciclo de Júpiter com Netuno: o imperador nasceu durante a conjunção, e chegou ao poder na fase de oposição.

O sucessor de Trajano foi Adriano, personagem das *Memórias de Adriano* de Margherite Yourcenar, que é considerado o homem mais sofisticado que já ocupou um trono imperial — o imperador astrólogo, o imperador arquiteto, o amigo dos filósofos. Ele reinou por 21 anos, e 12 planetas articulam-se em sete interconexões entre a data de seu nascimento, a 24 de janeiro do ano 76 da nossa era, e sua ascensão ao poder, a 11 de agosto do ano 117.

Temos em primeiro lugar quatro *polaridades simples*. O Sol natal do imperador está em oposição mundana ao Sol da ascensão; o Urano natal do imperador, em oposição ao Urano da ascensão; a Vênus natal do imperador está em oposição mundana à Vênus da ascensão; e o Júpiter natal do imperador, oposto ao Júpiter da ascensão. Além disso, uma *polaridade accidental*, porque o Sol natal do imperador está em oposição mundana ao Urano da ascensão, e o Sol da ascensão está em oposição mundana ao Urano do imperador. E duas *polaridades transmitidas*. Uma porque o Saturno natal do imperador está oposto ao Marte da ascensão, enquanto a ascensão ocorre durante uma conjunção Lua-Marte: Marte é o fator comum que energiza o par de opostos Lua-Saturno. Outra porque o imperador nasceu na conjunção Sol-Lua, e o seu Saturno natal está oposto à Lua da ascensão: a Lua é então o fator comum interligando o par de opostos Sol-Saturno.



do Sol estar conjunto a Mercúrio

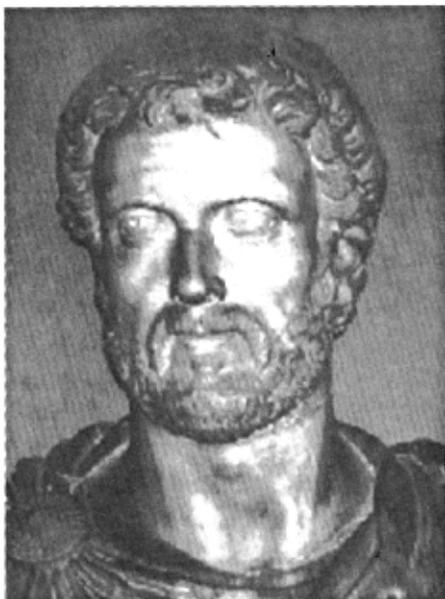
Busto do imperador Adriano
Galeria Uffizi, Florença
Foto: Getulio Bittencourt

O sucessor escolhido por Adriano foi Antonio Pio, que nasceu a 19 de setembro do ano 86 da nossa era, e chegou ao poder a 10 de julho do ano 138 da nossa era. Seu reino durou 23 anos, e começou com sete conexões relevantes em relação ao seu horóscopo natal. Primeiro, uma *polaridade simples*, com a Lua natal oposta à Lua da ascensão ao poder. Depois, quatro *polaridades transmitidas*, das quais uma com a segunda perna incompleta. As cinco completas derivam do fato do Saturno natal do imperador estar conjunto ao Júpiter da ascensão, e

no dia da ascensão: há uma dupla transmissão aqui, com o aspecto invertido entre dois pares de

opostos, Sol-Saturno e Mercúrio Júpiter. Depois, o imperador nasceu durante a oposição Mercúrio-Urano, e ascendeu ao poder com a conjunção

Sol-Mercúrio: Mercúrio é o elemento comum que interliga o par de opostos Sol-Urano. O Sol natal de Antonio Pio está conjunto ao Netuno da ascensão, enquanto a ascensão ocorre durante uma conjunção Sol-Mercúrio: agora o Sol é o elemento polarizador que interliga o par de opostos Mercúrio-Netuno. Enfim, enquanto o Sol do imperador está conjunto ao Netuno da ascensão, o imperador nasceu na conjunção mundana de Saturno-Netuno: Netuno portanto intermedeia o contato do par de opostos Sol-Saturno. A sexta polaridade transmitida vem com a oposição mundana entre Mercúrio-Urano no horóscopo natal de Antonio Pio, enquanto seu Júpiter natal está a 11 graus de separação (um a mais do que a orbe clássica de 10 graus) do Urano da ascensão: minha experiência pessoal na avaliação desses aspectos é a de que eles ainda são válidos, mas com um impacto menor do que os que estão em orbe.



Busto de Antonio Pio
Museus Capitolinus, Roma
Foto: Getúlio Bittencourt

O imperador Marco Aurélio, que foi também um filósofo estóico (autor de *Meditações*), vem a seguir. Ele nasceu a 26 de abril do ano 121 da nossa era, e chegou ao poder a 7 de março do ano 161 da nossa era. Onze planetas estão interligados nas quatro conexões entre as duas datas. Temos de início uma *polaridade simples*, com o Urano natal do imperador oposto ao Urano da ascensão ao poder. Duas *polaridades transmitidas* primeiro, porque o Júpiter do imperador está conjunto ao Saturno da subida ao poder, enquanto o Sol aproxima-se de uma conjunção com Júpiter na data da ascensão fora da orbe mínima de 10 graus,

mas em mútua recepção (o Sol está em Peixes, signo regido por Júpiter, e Júpiter está em Áries, signo da exaltação do Sol): isso faz de Júpiter um elo comum que vincula o par de opostos Sol-Saturno; e segundo, porque o Urano natal do imperador está

oposto ao Mercúrio da ascensão, enquanto Marco Aurélio nasceu durante uma conjunção mundana de Sol e Mercúrio: Mercúrio é então o catalisador para unir o par de opostos Sol-Urano. E enfim uma *polaridade sinódica*, talvez a mais poderosa de todas, porque o Júpiter do imperador está oposto ao Plutão da ascensão, e o Plutão da ascensão, conjunto ao Júpiter do imperador. A conexão entre Júpiter-Plutão é uma marca astrológica associada com sucesso, dinheiro e poder. Marco Aurélio marca o pico do Império Romano, que já está pressionado pelos bárbaros germânicos ao Norte ainda com ele vivo, e depois dele começa a cair – a partir, por sinal, de seu filho e sucessor Cômodo.



Busto de Marco Aurélio
Museus Capitolinus, Roma
Foto: Getulio Bittencourt

Nada menos que 16 planetas e luminárias estão envolvidos nas nove conexões entre a data do nascimento de Cômodo, a 31 de agosto do ano 161 da nossa era, e a de sua ascensão ao poder, a 17 de março do ano 180 da nossa era. Havia cinco *polaridades simples*. o Plutão natal do imperador estava conjunto à Vênus da ascensão; o Sol do imperador está em oposição mundana ao Sol da ascensão; o Mercúrio natal do imperador, oposto ao Mercúrio da ascensão; o Júpiter natal do imperador, em oposição mundana ao Júpiter da ascensão; e o Urano do imperador, em conjunção mundana com o Sol da ascensão.

Seguem-se duas *polaridades transmitidas*. o Marte natal de Cômodo está oposto ao Sol da ascensão, e Marte-Saturno estão conjuntos no dia da ascensão – Marte age como deflagrador para o contato do par de opostos Sol-Saturno; o imperador nasceu com uma conjunção Sol-Mercúrio, e seu Saturno natal estava conjunto ao Júpiter da ascensão, interligando os pares de opostos Sol-Saturno, Mercúrio Júpiter com os aspectos cruzados simultaneamente. E duas *polaridades acidentais* a Lua natal

de Cômodo está conjunta ao Plutão da ascensão, enquanto o Plutão de Cômodo está em conjunção mundana com a Lua da ascensão; e o Mercúrio natal de Cômodo está em oposição mundana ao Sol da ascensão, enquanto o Sol natal de Cômodo está em oposição mundana ao Mercúrio da ascensão.



Busto de Sétimo Severo
Galeria Uffizi, Florença
Foto: Getulio Bittencourt

Quatro polaridades garantiram apenas três meses de poder ao imperador seguinte, Pertinax. Ele nasceu a 14 de agosto do ano 126 da nossa era, e ascendeu ao trono no dia 14 de janeiro do ano 193 da nossa era. Havia duas *polaridades transmitidas* entre essas duas datas: uma, porque o imperador nasceu numa conjunção mundana de Saturno-Urano, e chegou ao poder na oposição Sol-Urano: coube a Urano funcionar como elemento comum para juntar o par de opostos Sol-Saturno; e outra, porque Pertinax nasceu com Mercúrio-Sol conjuntos, e chegou ao poder numa conjunção Sol-Netuno: o Sol conecta o par de opostos Mercúrio-Netuno ao aspectar esses dois planetas

simultaneamente. Havia também uma *polaridade sinódica*, porque o Júpiter natal de Pertinax está em conjunção com a Lua da ascensão, enquanto a Lua natal do imperador está oposta ao Júpiter da ascensão. E ainda uma *polaridade accidental*, porque o Netuno natal de Pertinax está oposto à Vênus da ascensão, e a Vênus natal de Pertinax oposta ao Netuno da ascensão.

Dídio Juliano, seu sucessor, durou 11 dias. Apenas uma *polaridade transmitida* servia para atrair a data de seu nascimento, a 30 de janeiro do ano 133 da nossa era, com a de sua ascensão ao poder, a 28 de março do ano 193 da nossa era. Ela emerge porque a Lua natal do imperador está conjunta ao Mercúrio da ascensão, enquanto a ascensão ocorre na

conjunção Júpiter-Saturno: isso interliga simultaneamente dois pares de opostos, Lua-Saturno e Mercúrio Júpiter. Mas era pouca

Já Sétimo Severo durou os 18 anos seguintes. Há 13 planetas envolvidos nas cinco polaridades – e um complexo alinhamento equivalendo a uma sexta – entre a data de seu nascimento, a 11 de abril do ano 145 da nossa era, e a da sua chegada ao poder no dia 9 de abril do ano 193 da nossa era. Duas são *polaridades simples*. o Marte natal do imperador está conjunto à Vênus da ascensão ao poder; e o Saturno do imperador, conjunto ao Sol da ascensão. Há também duas *polaridades transmitidas*. Uma, porque o Júpiter natal do imperador está em conjunção mundana com a Lua da ascensão, enquanto a ascensão acontece na conjunção Júpiter-Saturno: Júpiter é o elemento comum que interliga o par de opostos Saturno-Lua. Outra, porque o imperador nasceu com uma conjunção Marte-Vênus, e chegou ao poder na conjunção mundana de Marte-Plutão: Marte é a conexão comum para o par de opostos Vênus-Plutão. E ainda uma *polaridade sinódica* envolvendo dois planetas exteriores, porque o imperador nasceu na conjunção Saturno-Plutão, e ascendeu ao poder na oposição mundana entre Saturno-Plutão.

A complexa polaridade alinhada a que me referi consiste da oposição mundana de Plutão ao trio Lua-Saturno-Júpiter na data da ascensão, enquanto Sétimo Severo nasceu com uma conjunção Sol-Plutão-Saturno-Lua, e seu Urano natal faz conjunção com o trio Saturno-Júpiter-Lua da ascensão. Isso de um lado interliga o alinhamento de três planetas iguais nos dois campos (Lua, Saturno, Plutão) e o par de opostos Sol-Urano, numa poderosa combinação.

Os dois filhos de Sétimo Severo, Caracalla (este um ano mais velho) e Geta, sucederam-no como governantes conjuntos do Império Romano. Mas não por muito tempo, porque Caracalla conseguiu matar Geta com menos de dez meses no poder. As diferenças entre o horóscopo de ambos e da ascensão ao trono são interessantes, porque ilustram os pontos que discutiremos nos próximos dois capítulos, quando duas ou mais pessoas disputam a primazia num mesmo momento do tempo.

Vamos começar por Caracalla, que nasceu a 4 de abril do ano 188 da nossa era em Lyon, e ascendeu ao poder em 4 de fevereiro do ano 211 da nossa era. Os dois horóscopos mostram seis polaridades envolvendo 18 planetas. Duas são *polaridades acidentais*, porque o Plutão natal do imperador está conjunto ao Júpiter da ascensão, enquanto o Plutão da ascensão está conjunto ao Júpiter do imperador – uma poderosa combinação; e na outra, o imperador nasceu numa oposição Lua-Urano, e

ascendeu ao poder com a Lua separada de uma oposição a Urano por 10,25 graus, apenas 25 minutos de arco da orbe mínima.



Busto do imperador Caracalla
Galeria Uffizi, Florença
Foto: Getulio Bittencourt

Seguem-se quatro polaridades transmitidas: uma dupla, porque Caracalla nasceu na conjunção Mercúrio-Vênus, e seu Plutão natal está conjunto ao Júpiter da ascensão, o que interliga os pares de opostos Mercúrio Júpiter e Vênus-Plutão; depois, o Sol natal no imperador está conjunto à Lua da ascensão, enquanto a ascensão ocorre numa oposição Sol-Saturno: o Sol serve como deflagrador para a conexão do par de opostos Lua-Saturno; o imperador nasceu numa oposição Júpiter-Netuno, e a ascensão ocorre na conjunção Mercúrio-Netuno: isso faz de Netuno o catalisador na conexão do par de opostos Mercúrio Júpiter; e enfim o imperador

nasceu com uma oposição Vênus-Saturno, e ascendeu ao poder na oposição Marte-Saturno: agora Saturno age como elemento comum para conectar o par de opostos Vênus-Marte.

Apenas um ano de separação nos nascimentos faz enorme diferença neste negócio. Geta, que nasceu em Roma a 7 de março do ano 189 da nossa era, tem metade das polaridades que o horóscopo de seu irmão mais velho faz com a data da ascensão de ambos. São três *polaridades transmitidas*, o que parece refletir o fato de que ele deve o poder à influência da mãe, Júlia Domna; o pai, Sétimo Severo, havia escolhido apenas Caracalla para ser co-imperador em seus últimos anos de vida.

As conexões do horóscopo natal de Geta com o da ascensão começam com seu Júpiter natal oposto ao Sol da ascensão, enquanto seu Urano natal está conjunto ao Júpiter da ascensão: Júpiter é aqui o catalisador para conectar o par de opostos Sol-Urano. Na outra, o

imperador nasceu com Mercúrio separando-se (11 graus, 1 grau a mais que a orbe mínima de 10 graus) de uma conjunção com Vênus, e seu Netuno natal está conjunto à Vênus da ascensão: Vênus serve como elemento comum que interliga o par de opostos Mercúrio-Netuno, com uma das pernas incompleta. E finalmente, enquanto o Netuno natal de Geta está conjunto à Vênus da ascensão, a ascensão ocorre durante uma conjunção mundana de Marte-Netuno: Netuno serve como elo de ligação para o par de opostos Marte-Vênus.

As combinações dos imperadores romanos seguintes com o momento da ascensão ao poder continuam. Mas paro por aqui esperando já ter demonstrado com repetições suficientes a existência de um padrão, que é extremamente útil na comparação dos horóscopos de duas ou mais pessoas disputando uma mesma eleição. Vamos agora ver isso na prática.

O MÉTODO COM AS ELEIÇÕES ESTRANGEIRAS

A pesquisa sobre a relação das datas de nascimento das pessoas e da ascensão ao poder nos últimos 2.000 anos mostrou — para mim, e espero que também para o leitor — que existe uma forma de conexão celestial, baseada no princípio da atração entre os contrários e da repulsão entre os semelhantes. E igualmente que existe uma linguagem e uma gramática astrológicas que nos permitem aplicar esse conhecimento de forma prática, por exemplo, na antecipação dos resultados de eleições futuras.

Nossos exemplos nos dois últimos capítulos foram geralmente isolados, com base na comparação entre o horóscopo de uma pessoa e de uma ascensão ao poder — exceto no caso de Caracalla e seu irmão Geta. Ali está a primeira lição dessas comparações: *quem estabelece mais e melhores polaridades com um certo momento do tempo vence a disputa*. Nos exemplos seguintes vamos deixar claro o sentido de "melhores". A partir de agora teremos um quadro mais dinâmico, com análises de eleições presidenciais estrangeiras, que serão úteis em nosso estudo sobre o Brasil no capítulo final. E que país poderia ser melhor que os EUA para começar um estudo eleitoral?

O primeiro ponto a ressaltar é a importância dos quatro ângulos (Casa Um/Ascendente, Casa Quatro/Fundo do Céu, Casa Sete/Descendente, Casa Dez/Meio-Céu) na carta da eleição, e dos planetas situados nessas quatro casas, ou regendo os signos que estão na cúspide delas. São estes os pontos que geralmente decidem a eleição.

A primeira eleição americana envolvendo os atuais partidos Democrata e Republicano começou às 8:00 de 4 de novembro de 1856, disputada pelo democrata James Buchanan (que nasceu a 23 de abril de 1791) contra o republicano James C. Frémont (que nasceu a 31 de janeiro de 1813). Numa eleição presidencial, o que conta é o momento em que as urnas são abertas na capital. O vencedor foi Buchanan.

Vamos examinar se a teoria das polaridades sobrevive aqui, começando pela relação de Frémont com a eleição. É forte.

- O Urano natal de Frémont está oposto ao da eleição, e ambos conjuntos aos ângulos horizontais (Ascendente-Descendente) do horóscopo da eleição: temos aqui tanto uma polaridade simples quanto uma angular.
- O Urano de Frémont também está em conjunção mundana com o Sol da eleição: outra polaridade simples.
- O Marte natal de Frémont está conjunto à Vênus da eleição, e o Marte da eleição conjunto à Vênus de Frémont mais duas polaridades simples.
- O Júpiter natal de Frémont está em conjunção mundana com o Saturno da eleição, e Frémont nasceu na conjunção Mercúrio-Saturno: isso faz de Saturno o elemento comum que une o par de opostos Mercúrio Júpiter, numa polaridade transmitida.
- O Saturno natal de Frémont está em conjunção mundana com a Lua da eleição: nova polaridade simples.
- O Mercúrio de Frémont está conjunto à Lua da eleição, enquanto o Júpiter de Frémont está em conjunção mundana com o Saturno da eleição: uma dupla polaridade transmitida interliga aqui os pares de opostos Lua-Saturno, Mercúrio Júpiter.

Oito polarizações! Como é que ele perdeu a eleição?

Vamos examinar agora o horóscopo de Buchanan e o da eleição. O que temos?

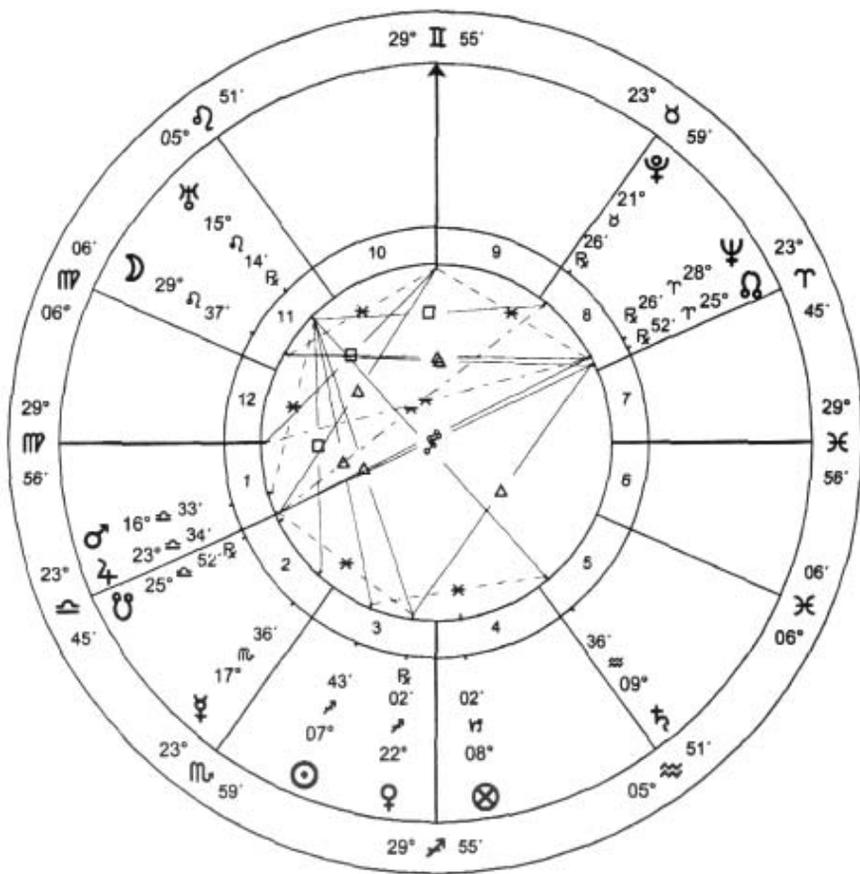
- Primeiro, a Vênus natal de Buchanan está oposta à Vênus da eleição, formando uma polaridade simples.
- A Vênus natal de Buchanan está também conjunta ao Descendente da eleição, formando adicionalmente uma polaridade angular. A Vênus de Buchanan é de fato o planeta mais angular no horóscopo da eleição (no sentido de que está mais perto de um dos ângulos), e o planeta mais angular tem importância frequentemente decisiva em astrologia.
- Buchanan nasceu com uma conjunção Sol-Marte, e a eleição acontece na oposição Marte-Saturno: isso faz de Marte o condutor para o par de opostos Sol-Saturno, numa polaridade transmitida.
- Buchanan nasceu na oposição Urano-Plutão, e sua Vênus natal está conjunta ao Urano da eleição: isso faz de Urano o condutor de outra polaridade transmitida, interligando o par de opostos Vênus-Plutão.

- Netuno natal de Buchanan está conjunto ao Mercúrio da eleição, formando uma polaridade simples.
- O Sol natal de Buchanan está oposto ao Sol da eleição, em nova polaridade simples.
- A Vênus natal de Buchanan está conjunta ao Urano da eleição, como já vimos; e o Sol natal de Buchanan está conjunto ao Plutão da eleição: uma dupla polaridade transmitida, em que aspectos trocados interligam dois pares opostos (Vênus-Plutão, Sol-Urano).
- A conjunção angular da Vênus natal de Buchanan com o Urano da eleição cria uma dupla polaridade transmitida pela segunda vez, porque ele nasceu na conjunção Sol-Marte: isso interliga com aspectos trocados os pares de opostos Sol-Urano, Marte-Vênus.
- O Júpiter de Buchanan, oposto ao Júpiter da eleição, no eixo dos ângulos verticais (Casa Quatro-Casa Dez): polaridade simples também.
- O Júpiter de Buchanan, envolvido na polaridade simples anterior, ainda está em orbe de conjunção (pouco menos de 10 graus) com o Meio-Céu da eleição, adicionando mais uma polaridade angular.

Buchanan soma, portanto, dez polarizações contra oito de Frémont. Mas nossa tarefa é mais complexa, e não apenas quantitativa, porque é preciso levar em consideração que nem todas as polarizações têm o mesmo peso. Quatro das oito polarizações de Frémont são criadas por aspectos mundanos, em que os planetas estão no mesmo signo, mas a uma distância de mais de 10 graus de separação: estes são aspectos mais fracos (menos intensos) que aqueles com 10 ou menos graus de separação. Este me parece um elemento mais bem enfraquecedor da posição de Frémont que a contagem de duas polaridades a menos.

Dois pontos convenceram-me da força de Buchanan nessa eleição. Primeiro, suas polarizações envolvem todos os quatro ângulos do horóscopo da eleição, enquanto as de Frémont envolvem só dois — ainda que com grande intensidade. Aqui quantidade importa bastante, porque se aplica de fato sobre qualidades (os quatro ângulos são os mais visíveis, e por isso os mais importantes). O segundo é a polarização criada pela oposição Vênus-Vênus, que geralmente contribui com pouco dinamismo para uma disputa. No caso de Buchanan, dois fatores ajudaram a reverter o caráter pouco competitivo dessa polaridade: sua Vênus natal é o mais angular dos trinta planetas e luminárias aplicados sobre o mapa da eleição, e está envolvida em outras polarizações mais dinâmicas graças a seu contato com o Urano da eleição.

As polarizações estavam presentes antes e depois dessa eleição, mas por razões de espaço e de respeito pela paciência do leitor, vamos inspecionar apenas algumas eleições. As duas seguintes são interessantes porque representam dois resultados surpreendentes do pós-Guerra, a começar pela derrota de Winston Churchill na Inglaterra, durante a eleição geral de 5 de julho de 1945. Quem poderia esperar por aquilo? O líder do mundo livre, do alto de sua maior vitória, com o nazismo a seus pés,



Winston Churchill

Carta Natal 51: Woodstock, 30 de novembro de 1874,1:30

rejeitado pelos eleitores que preferiram o apático trabalhista Clement Attlee. Este é outro exemplo que demonstra a importância da análise qualitativa.

Vamos começar examinando as polaridades de Clement Attlee (que nasceu a 3 de janeiro de 1883) com a eleição. São seis:

- O Plutão natal de Attlee está conjunto à Vênus da eleição. Polaridade simples.
- O Sol natal de Attlee está oposto ao Sol da eleição. Polaridade simples. Note-se que o Sol rege os governantes.
- A Lua natal de Attlee está em oposição mundana à Lua da eleição (a menos de 12 graus de separação; e há quem use, desde a Renascença, orbes de 12 graus para a Lua). Polaridade simples. Note-se que a Lua rege o eleitorado.
- O Saturno natal de Attlee está conjunto à Lua da eleição. Polaridade simples.
- O Saturno natal de Attlee está conjunto ao Marte da eleição, e o Marte natal de Attlee oposto ao Saturno da eleição. Polaridade sinódica.
- O Júpiter natal de Attlee está conjunto ao Urano da eleição, e o Júpiter da eleição conjunto ao Urano natal de Attlee. Polaridade accidental.

E agora as polaridades de Churchill (que nasceu a 30 de novembro de 1874) com a eleição. São quatro:

- O Urano natal de Churchill está conjunto ao Plutão da eleição, enquanto a Vênus natal de Churchill está oposta ao Urano da eleição: uma polaridade transmitida, em que Urano interliga o par de opostos Vênus-Plutão.
- Churchill nasceu durante uma oposição Saturno-Urano, e a eleição aconteceu com o Sol conjunto a Urano: polaridade transmitida, em que Urano interliga o par de opostos Sol-Saturno.
- O Plutão natal de Churchill está conjunto à Vênus da eleição. Polaridade simples.
- Churchill nasceu na oposição Saturno-Urano, e seu Sol natal está oposto ao Urano da eleição: Urano de novo interliga o par de opostos Sol-Saturno. Polaridade transmitida.

Numa breve análise qualitativa, devemos observar que Churchill é quem faz aspecto com o planeta mais angular aqui (o Plutão da eleição),

e isso lhe dá uma maior visibilidade (ele é de longe o mais conhecido dos dois). Este é o fator isoladamente mais importante. Mas três das quatro polaridades de Churchill são transmitidas; por envolver um terceiro fator, as polaridades transmitidas podem ser mais fracas que as simples ou sinódicas — exceto quando angulares. Por contraste, quatro das polaridades de Attlee são simples (ou seja, mais diretas), e duas envolvem fatores que podem ter peso tão relevante quanto os ângulos: o Sol que simboliza o governante, e a Lua que simboliza o eleitorado. Enfim, tanto Churchill quanto Attlee fazem aspectos de seu Plutão natal com a Vênus da eleição, a diferença sendo que o de Attlee é mais exato (seu Plutão está mais perto da Vênus da eleição que o de Churchill). Aspectos mais exatos predominam sobre os outros.

Há outro fator a se considerar nessa eleição. Não há fatores de rejeição — similaridades — entre o horóscopo de Attlee e o da eleição. Uma das polaridades de Churchill, porém, é tão repleta de atritos que pode funcionar contra ele: a que envolve Saturno oposto a Urano, de um lado, e o Sol oposto a Urano, de outro. Esta é uma polarização difícil não só por envolver duas oposições (o aspecto dos conflitos), mas sobretudo por dois dos planetas envolvidos: Sol oposto a Urano gera rejeição por ser uma *oposição de opostos* (que equivale a uma conjunção de similares). Este aspecto a meu ver anula, reverte ou reduz amplamente o efeito da polarização transmitida pelo complexo Saturno-oposto-Urano, Sol-oposto-Urano.

Em suma, a comparação parece-me deixar claro por que Attlee era o homem daquela hora, embora não se possa compará-lo com Churchill em todos os tempos.

A outra eleição surpreendente é a que marca a vitória de Harry Truman sobre Thomas Dewey, a 2 de novembro de 1948. Muitos jornais saíram no dia seguinte anunciando a vitória de Dewey, seguindo as pesquisas de opinião, que no entanto erraram por pequena margem. Este é também o caso clássico de erro das pesquisas de opinião em eleições presidenciais. Examinando-se os mapas envolvidos, dá para saber por quê.

Vamos comparar primeiro o presidente Harry Truman (que nasceu a 8 de maio de 1884) com a eleição. Há sete polaridades:

- O Sol natal de Truman está em oposição mundana à Lua da eleição, enquanto a Lua natal de Truman está conjunta ao Sol da eleição: uma polaridade sinódica. Note-se que a Lua (o eleitorado) e o Sol (a presidência) estão interligados nos dois horóscopos.

- O Sol natal do presidente está oposto ao Sol da eleição. Polaridade simples, e muito importante por interligar de novo os símbolos do que se disputa (a presidência).
- O Sol natal do presidente está conjunto à Sétima Casa ou ângulo Descendente da eleição, e o Sol da eleição está conjunto ao Ascendente ou Primeira Casa da eleição. Polaridade angular.
- O Ascendente do presidente está conjunto ao Netuno da eleição, e o Netuno do presidente conjunto ao Descendente da eleição. Outra polaridade angular. Netuno é também o planeta que confunde, torna a visibilidade difícil: *o ganhador era difícil de enxergar*.
- A Vênus natal de Truman está conjunta ao Urano da eleição, e o Urano natal de Truman está conjunto ao Vênus da eleição. Polaridade acidental.
- Um feixe de seis planetas natais de Truman (Sol-Netuno-Plutão-Mercúrio-Saturno) estão alinhados na Sétima Casa da eleição, com o Sol conjunto ao Descendente da eleição, como já vimos. Polaridade alinhada. O peso desses elementos costuma ser esmagador.
- O Mercúrio de Truman cai na Sétima Casa da eleição, e o Mercúrio da eleição cai na Primeira Casa de Truman. Polaridade angular.

Seu adversário Thomas Dewey (que nasceu a 24 de março de 1902) exhibe apenas três:

- O Urano natal de Dewey está oposto ao Urano da eleição. Polaridade simples, mas a orbe da oposição é distante (9 graus).
- O Mercúrio natal de Dewey está oposto ao Saturno da eleição, enquanto o Sol natal de Dewey está em oposição mundana com o Mercúrio da eleição. Polaridade transmitida, em que Mercúrio interliga o par de opostos Saturno-Mercúrio.
- Quatro planetas natais de Dewey (Mercúrio-Vênus-Júpiter-Saturno) se alinham em torno da Quarta Casa da eleição. Polaridade alinhada.

São sete polaridades de Truman contra três de Dewey. As polaridades de Truman são ainda mais exatas, mais angulares e mais fortes, além de vincularem freqüentemente o tema em disputa. Truman tinha, porém, um ponto fraco: a conjunção mundana de sua Lua com a da eleição. Isso sugere uma forma benigna de rejeição; primeiro, porque os contatos Lua-Lua são positivos (o que significa que rejeição havia, por causa da similaridade, mas não era forte por envolver as Luas); e depois, porque a conjunção é mundana (os dois símbolos estão a mais de 10

Embora por uma margem mais apertada que em sua eleição anterior, o general de Gaulle venceu.

As credenciais como mostradas pela comparação do horóscopo do general (que nasceu a 22 de novembro de 1890) e o da eleição são as seguintes:

- O Saturno natal de de Gaulle está oposto ao Saturno da eleição Polaridade simples.
- A oposição entre os dois Saturnos se dá nos ângulos verticais (Casa Quatro-Casa Dez) do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- O Meio-Céu do general está oposto à Lua da eleição, enquanto o Meio-Céu da eleição está em oposição mundana ao Saturno natal do general. Polaridade transmitida, porque os dois Meios-Céus servem de condutores para o par de opostos Lua-Saturno; e também polaridade angular, por envolver o Meio-Céu.
- O Sol natal do general faz oposição mundana ao Sol da eleição. Polaridade simples.
- O Marte natal do general faz conjunção com a Lua da eleição, e o Saturno do general está conjunto ao Marte da eleição: polaridade transmitida, em que Marte interliga o par de opostos Lua-Saturno.
- O general nasceu durante uma oposição mundana Lua-Urano; e seu Saturno natal está conjunto ao Urano da eleição: polaridade transmitida, em que Urano serve como elo de ligação para o par de opostos Lua-Saturno.

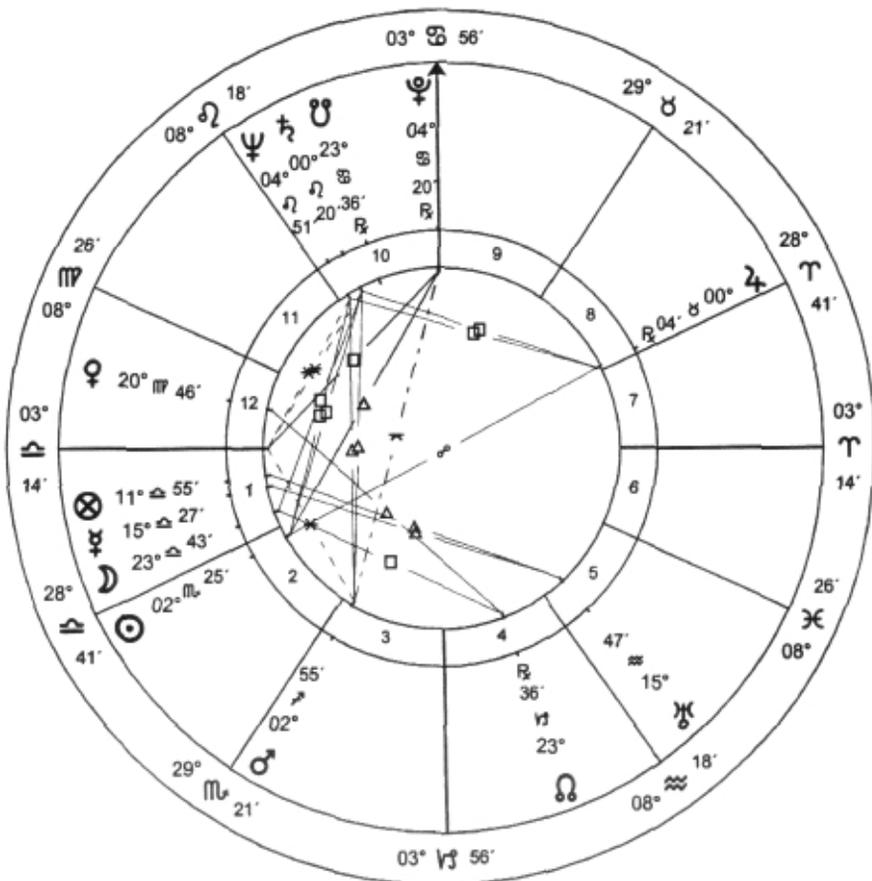
Sete polaridades. Seu adversário Mitterrand (que nasceu a 26 de outubro de 1916) tem apenas três polaridades com a eleição:

- O Sol natal de Mitterrand está oposto ao Sol da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal de Mitterrand está oposto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- Mitterrand nasceu com o Meio-Céu conjunto a Plutão, e a eleição acontece com Plutão oposto ao Meio-Céu da eleição. Polaridade angular.

Mitterrand apresenta também um fator de rejeição: ele nasceu durante uma oposição mundana entre Saturno-Urano, e a eleição acontece durante uma oposição Saturno-Urano. Tanto de Gaulle como Mitterrand têm aspectos com o Sol da eleição, e o de Mitterrand neste caso é mais exato. Mas de Gaulle tem mais polaridades (sete contra três), e Mitterrand

tem contra si uma rejeição. O general aparece como o claro vencedor.

O socialista Mitterrand voltou a perder uma disputa presidencial a 8 de maio de 1974 (data do segundo turno), desta vez contra Valéry Giscard d'Estaing. Vamos examinar os contatos polarizados nessa data, a começar pela comparação do horóscopo de d'Estaing (que nasceu a 2 de fevereiro de 1926) com o da eleição.



François Mitterrand
Carta Natal 53: Jarnac, 26 de outubro de 1916, 4:00

Seis polaridades levaram d'Estaing à vitória. São as seguintes:

- A Lua natal de d'Estaing está conjunta ao Plutão da eleição, enquanto o Plutão natal de d'Estaing está em conjunção mundana com o Saturno da eleição: polaridade transmitida, com Plutão servindo de condutor para o par de opostos Lua-Saturno
- Há igualmente uma polaridade angular, porque o Plutão de d'Estaing está conjunto ao Ascendente da eleição, e o Plutão da eleição está na Quarta Casa da eleição.
- A eleição acontece durante uma conjunção Marte-Saturno, e o Marte de d'Estaing está em conjunção mundana com a Lua da eleição: agora Marte reforça o contato do par de opostos Lua-Saturno em outra polaridade transmitida.
- A conjunção Marte-Saturno da eleição está também em conjunção com o Ascendente da eleição, acrescentando outra polaridade angular.
- O Meio-Céu de d'Estaing está conjunto ao Plutão natal de d'Estaing, enquanto a eleição acontece com Plutão oposto ao Meio-Céu da eleição. Polaridade angular.
- A eleição começa com o eixo vertical ocupado pelos signos de Virgem (na Casa Quatro) e de Peixes (na Casa Dez). E d'Estaing nasceu com uma conjunção Mercúrio Júpiter, ativando essa polaridade simples graças aos ângulos do horóscopo da eleição: Mercúrio rege Virgem, e Júpiter é co-regente de Peixes.

Mas Mitterrand, que perdeu por pouco, também apresenta seis polaridades com a data desta eleição:

- A Vênus natal de Mitterrand está em oposição mundana à Vênus da eleição. Polaridade simples.
- A oposição Vênus-Vênus se dá com a Vênus de Mitterrand conjunta ao Fundo do Céu ou Quarta Casa da eleição. Polaridade angular.
- O Sol natal de Mitterrand está conjunto ao Urano da eleição. Polaridade simples.
- O Sol natal de Mitterrand está em oposição mundana ao Sol da eleição. Polaridade simples.
- O Marte natal de Mitterrand está conjunto à Lua da eleição, enquanto a eleição acontece com uma conjunção Marte-Saturno: polaridade transmitida, em que Marte serve como o condutor da polaridade Lua-Saturno.
- A eleição tem Plutão na Quarta Casa, e a Vênus de Mitterrand está na Quarta Casa da eleição. Polaridade angular.

O número de polaridades é igual. Mas d'Estaing exibiu duas vantagens. Primeiro, seu Plutão natal é o planeta mais angular entre os trinta planetas e luminárias usados na comparação, em conjunção no mesmo grau do Ascendente da eleição, e ativa uma de suas polaridades transmitidas com a dupla de opostos Lua-Saturno. Isso reforça o princípio já anunciado de que *os contatos mais estreitos e mais angulares são também os mais relevantes*. Segundo, d'Estaing forma polaridades com os regentes dos quatro ângulos da eleição: duas vezes entre Lua-Saturno, com a Lua regendo o Ascendente em Câncer e Saturno o Descendente em Capricórnio, e uma vez com sua conjunção natal Mercúrio-Júpiter, regentes do eixo vertical do horóscopo da eleição. *Quem polariza os quatro ângulos da eleição dificilmente perde.*

A esquerda chegou a pensar, depois dessa eleição, que nunca chegaria ao poder na França. Isso nos leva ao segundo turno da eleição presidencial, a 8 de maio de 1981, disputada de novo por d'Estaing (buscando a reeleição) e Mitterrand. Só que desta vez o vencedor foi Mitterrand. Vejamos se as polaridades podem nos dizer por quê.

Mitterrand agora apresenta oito polaridades com a data da eleição. São elas:

- O Mercúrio natal de Mitterrand está em conjunção mundana com o Júpiter da eleição. Polaridade simples. Os signos no eixo vertical do horóscopo da eleição são de novo Virgem-Peixes, regidos por Mercúrio-Júpiter.
- O Júpiter natal de Mitterrand está em conjunção mundana com o Mercúrio da eleição. Outra polaridade simples com o mesmo par nos dois sentidos. Ambas são relativamente fracas por serem apenas mundanas, mas se fortalecem por serem duplas.
- A Lua natal de Mitterrand está em conjunção mundana com o Saturno da eleição. Polaridade simples.
- O Sol natal de Mitterrand está em oposição mundana ao Sol da eleição. Polaridade simples.
- O Plutão natal de Mitterrand está em conjunção mundana com a Lua da eleição, e a Lua de Mitterrand em conjunção com o Plutão da eleição. Polaridade acidental.
- Tanto o Plutão natal de Mitterrand como a Lua da eleição (a primeira perna da polaridade anterior) estão conjuntos ao Ascendente da eleição. Polaridade angular.
- A Vênus natal de Mitterrand está conjunta ao Júpiter da eleição, e o Júpiter natal de Mitterrand em conjunção mundana com a Vênus da eleição. Polaridade acidental.

- A primeira perna da conjunção anterior (Vênus de Mitterrand Júpiter da eleição) está na Quarta Casa da eleição, e a Vênus de Mitterrand faz conjunção com a cúspide dessa Quarta Casa, acrescentando uma polaridade angular.

Giscard d'Estaing apresenta apenas quatro polarizações:

- A Lua natal de d'Estaing está conjunta ao Saturno da eleição. Polaridade simples.
- O presidente francês nasceu com a conjunção Mercúrio Júpiter, uma polaridade simples, que rege o eixo vertical (Casa Quatro-Casa Dez) do horóscopo da eleição.
- O Plutão natal de d'Estaing está conjunto à Lua da eleição, e a Lua natal de d'Estaing em conjunção mundana com o Plutão da eleição. Polaridade acidental.
- A primeira perna da conjunção anterior (Plutão-Lua) envolve conjunções de ambos também com o Ascendente da eleição. Polaridade angular.

As polarizações de Giscard d'Estaing são apenas quatro, mas vitais: de novo envolvem os quatro ângulos do horóscopo da eleição, e o mais angular dos planetas. Estão em contato direto os quatro planetas que regem os quatro signos na cúspide ou começo de cada ângulo do horóscopo da eleição. A diferença é que desta vez Mitterrand tem oito polaridades contra quatro do presidente; e os quatro regentes do eixo vertical do horóscopo da eleição estão interligados no seu caso (o Mercúrio de Mitterrand e o Júpiter da eleição, o Júpiter de Mitterrand e o Mercúrio da eleição). Esses contatos deram-se entre o horóscopo de Mitterrand e o da eleição, e apesar de serem apenas mundanos, mostraram-se mais fortes que a conjunção natal de orbe estreita que d'Estaing tem entre Mercúrio-Júpiter, porque esta é interna, restrita apenas ao seu próprio horóscopo.

Vivendo e aprendendo, não?

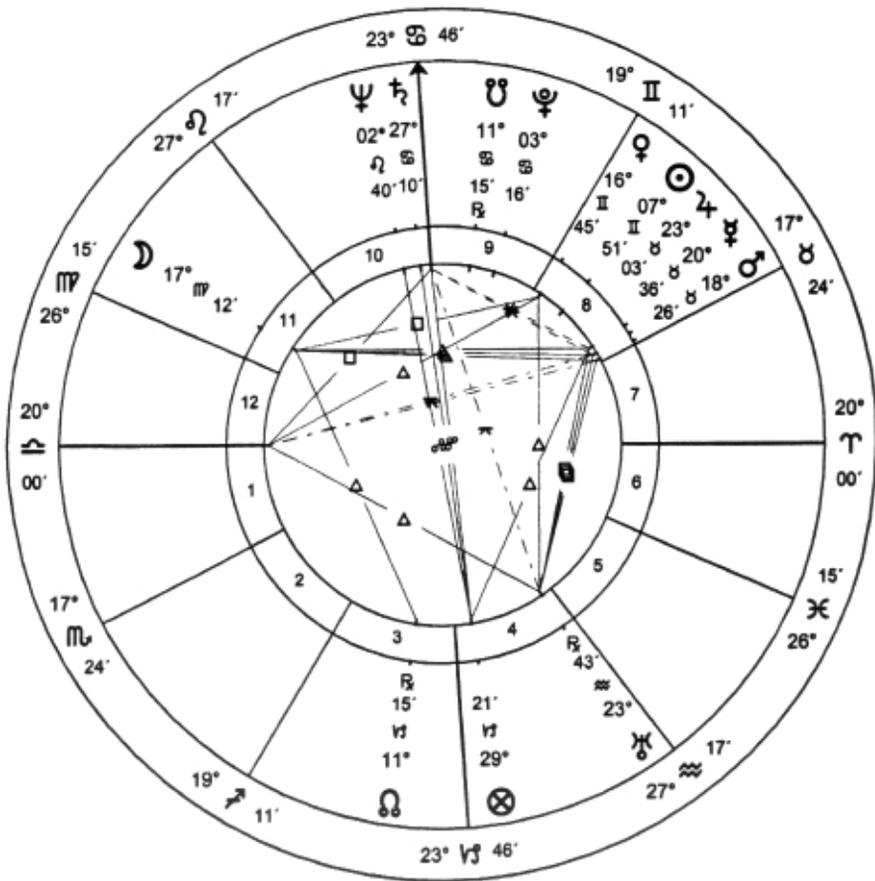
Comparemos agora os candidatos numa outra eleição famosa e apertada, em que John Kennedy derrotou Richard Nixon nos EUA, a 8 de novembro de 1960, por apenas 1% dos votos – a menor margem de uma disputa presidencial americana no século XX.

Kennedy tinha 14 polaridades natais com o horóscopo da eleição. São as seguintes:

- O Marte natal de Kennedy está oposto ao Sol da eleição, enquanto o

Sol natal de Kennedy está em oposição mundana à Vênus da eleição. Polaridade transferida, em que o Sol conecta o par de opostos Marte-Vênus.

- O Marte de Kennedy na polaridade anterior, assim como o Sol da eleição, estão conjuntos ao eixo horizontal (Ascendente-Descendente, ou Casa Um-Casa Sete) do horóscopo da eleição. Polaridade angular.



John F. Kennedy
Carta Natal 54: Brookline, 29 de maio de 1917,15:00

- O eixo vertical da eleição é ocupado pelos signos de Peixes (co-regido por Júpiter) na Casa Quatro e de Virgem (regido por Mercúrio) na Casa Dez, e Kennedy nasceu durante uma conjunção Mercúrio-Júpiter. Polaridade angular.
 - O Urano natal de Kennedy está oposto ao Urano da eleição. Polaridade simples.
 - A Vênus natal de Kennedy está oposta à Vênus da eleição. Polaridade simples.
 - O Mercúrio natal de Kennedy está oposto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
 - O Mercúrio de Kennedy citado na polaridade precedente está conjunto à Casa Sete do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
 - O Saturno natal de Kennedy está em conjunção mundana com a Lua da eleição. Polaridade simples.
 - Cinco planetas alinhados de Kennedy (Marte-Mercúrio-Júpiter-Sol-Vênus) estão conjuntos ou dentro da Casa Sete do horóscopo da eleição. Polaridade alinhada.
 - O Saturno natal de Kennedy está conjunto ao Marte da eleição, e o Marte natal de Kennedy está oposto ao Sol da eleição. Polaridade transmitida, em que Marte é o ponto comum unindo o par de opostos Sol-Saturno.
 - A Lua de Kennedy está conjunta ao Plutão da eleição, enquanto o Plutão de Kennedy está conjunto à Lua da eleição. Polaridade acidental.
 - A eleição tem o Sol em conjunção com o Ascendente ou Casa Um, e o Sol de Kennedy está na Casa Sete da eleição. Polaridade angular.
 - A Lua natal de Kennedy está conjunta ao Nodo Lunar Norte da eleição, e o Nodo Lunar Norte de Kennedy oposto à Lua da eleição. Polaridade sinódica.
 - A Lua natal de Kennedy está conjunta ao Nodo Lunar Norte da eleição, como vimos, e o Nodo Lunar Norte de Kennedy está conjunto ao Saturno da eleição: isso forma também uma polaridade transmitida, com o Nodo Lunar Norte interligando o par de opostos Lua-Saturno.
- Nixon tinha oito polaridades com a eleição. São as seguintes:
- O Sol de Nixon está conjunto ao Saturno da eleição, e o Saturno de Nixon oposto ao Sol da eleição. Polaridade sinódica.
 - O Saturno de Nixon e o Sol da eleição estão no ângulo horizontal do horóscopo da eleição. Polaridade angular.

- A Vênus natal de Nixon está oposta ao Plutão da eleição, enquanto o Plutão natal de Nixon está oposto à Vênus da eleição. Polaridade acidental.
- O Marte natal de Nixon está conjunto à Vênus da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal de Nixon está conjunto ao Júpiter da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal de Nixon está em conjunção mundana com o Saturno da eleição, e a eleição acontece com uma conjunção Sol-Mercúrio: polaridade transmitida, em que Mercúrio interliga o par de opostos Sol-Saturno.
- A Vênus natal de Nixon está oposta ao Plutão da eleição, como já vimos, e Nixon nasceu numa oposição Marte-Plutão: polaridade transmitida, em que Plutão interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- Um grupo de sete planetas de Nixon (Vênus-Lua-Urano-Sol-Júpiter-Mercúrio-Marte) alinha-se entre a Casa Dois e a Casa Quatro do horóscopo da eleição. Polaridade alinhada.

As polaridades apontam quantitativamente, portanto, para uma vitória de Kennedy: quatorze polaridades contra oito. E por que o resultado foi tão apertado? Ainda não descobri um método de "contar" o número de votos com astrologia. Creio ter identificado apenas um sistema de mostrar o vencedor numa disputa. Mas é possível avaliar alguns detalhes, com uma análise qualitativa dos contatos que acabamos de descrever.

Note, por um lado, que Nixon tem aspectos diretos, simples e intercargas entre os quatro regentes dos quatro ângulos da eleição: Marte-Vênus, que regem o eixo horizontal ocupado pelos signos de Escorpião (Marte) e Touro (Vênus), e Mercúrio Júpiter, regentes do eixo vertical ocupado, como já vimos, pelos signos de Peixes-Virgem. As outras coisas sendo iguais, essa dupla conjunção interligando os quatro ângulos da eleição geralmente aponta o vencedor. Nixon, além disso, forma polaridades vertical e horizontal com os planetas ocupando a Casa Dez da eleição (Plutão) e o Ascendente da eleição (Sol). Outro ponto fortíssimo a seu favor.

Por outro lado, a dupla conjunção Marte-Vênus e Mercúrio Júpiter entre Nixon e a eleição, que lhe dá controle sobre os quatro ângulos, acontece numa Casa fixa (a Casa Dois do horóscopo da eleição); elas

seriam ainda mais fortes se estivessem num dos quatro ângulos. Kennedy, por contraste, nasceu com uma conjunção Mercúrio Júpiter, o que também lhe dá controle sobre os ângulos verticais da eleição, mas menos que o de Nixon, porque o contato no caso de Kennedy é entre planetas de seu próprio horóscopo – e o de Nixon resulta de uma interação direta com o horóscopo da eleição. Mas Kennedy tem um benefício acidental: sua conjunção natal Mercúrio Júpiter está angular, em conjunção com o Descendente da carta da eleição, e inclui ademais os dois planetas ou luminárias mais angulares dos trinta usados na comparação (estão mais perto de um dos ângulos que qualquer outro símbolo, uma vigorosa dignidade acidental).

Nixon tem outros fatores importantes que o debilitam. Uma de suas polaridades com a eleição é marcada pelo ciclo sinódico do Sol com Saturno. No entanto, inclui numa de suas pernas uma oposição Sol-Saturno, que é uma "oposição de opostos", e conseqüentemente também produz alguma rejeição; isso enfraquece um pouco a polaridade sinódica. Outra polaridade de Nixon é uma do tipo acidental, que inclui duas oposições Vênus-Plutão. Note que são mais duas "oposições de opostos", que incluem igualmente fatores de rejeição. Na outra ponta, não há rejeições entre o horóscopo de Kennedy e o da eleição.

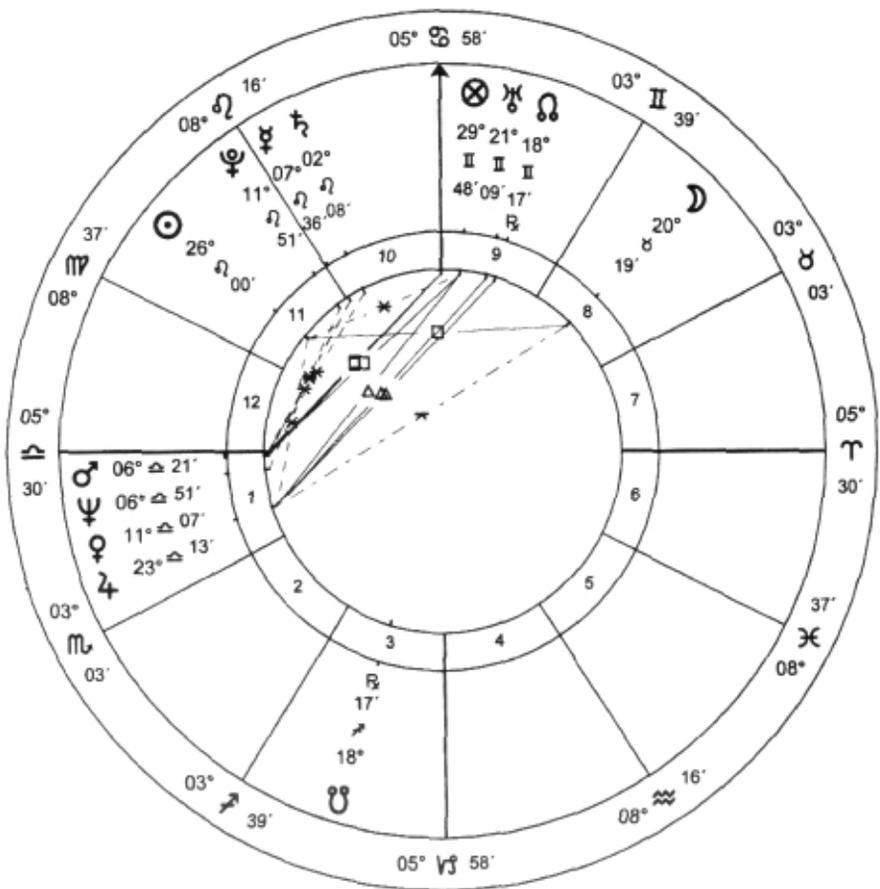
Assim, temos a vantagem quantitativa de Kennedy (quatorze polaridades contra oito); as interligações dos quatro ângulos, que favorecem mais Nixon; o planeta mais angular nas polaridades, que favorece Kennedy; o fato de a polaridade alinhada (talvez a mais poderosa de todas individualmente, por somar um grande número de energias) de Kennedy ser mais compacta, por envolver só dois signos contra quatro na polaridade alinhada de Nixon, e ser também mais angular que a do adversário; e as rejeições a Nixon, que o prejudicam.

Vamos encerrar o breve exame das eleições estrangeiras com outro caso clássico, a vitória de Bill Clinton contra o presidente George Bush e o candidato independente H. Ross Perot, na eleição presidencial de 3 de novembro de 1992. Este é um caso raro de eleição presidencial com três candidatos nos EUA.

Começemos por Clinton, que nasceu a 19 de agosto de 1946. Ele tem 11 polaridades:

- O Sol natal de Clinton está oposto à Lua da eleição, enquanto a Lua de Clinton está oposta ao Sol da eleição. Polaridade acidental, envolvendo os fatores em disputa: o Sol, que simboliza a presidência; a Lua que simboliza o eleitorado.

- O Sol e a Lua natais de Clinton, e o Sol e a Lua da eleição estão conjuntos aos quatro ângulos do horóscopo da eleição. Uma poderosíssima polaridade angular.
- Clinton nasceu com uma conjunção Marte-Netuno, e a eleição acontece com a oposição Marte-Netuno. Polaridade sinódica.
- A Lua natal de Clinton está oposta ao Plutão da eleição, e o Plutão natal de Clinton está em oposição mundana à Lua da eleição. Polaridade acidental.



Bill Clinton

Carta Natal 55: Hope, 19 de agosto de 1946, 8:50

- A Lua natal de Clinton está oposta ao Plutão da eleição, como já vimos, e o Plutão natal de Clinton está oposto ao Saturno da eleição. Polaridade transmitida, em que Plutão é o elo comum que interliga o par de opostos Lua-Saturno.
- A eleição começa com o par de signos Escorpião-Touro no eixo horizontal Casa Um-Casa Sete, e Clinton nasceu durante uma conjunção dos regentes desses dois signos, Marte-Vênus. Polaridade angular.
- Clinton nasceu com a Parte da Fortuna conjunta ao Meio-Céu natal, e a eleição acontece com a Parte da Fortuna conjunta ao Fundo do Céu da eleição. Polaridade angular.
- O Saturno natal de Clinton está em oposição mundana ao Saturno da eleição. Polaridade simples.
- A eleição acontece com Marte oposto a Urano, e o Urano natal de Clinton está oposto à Vênus da eleição: polaridade transmitida, em que Urano possibilita o contato do par de opostos Marte-Vênus.
- A eleição acontece com Plutão e Mercúrio na Casa Um do horóscopo da eleição, e Clinton nasceu com Júpiter e Vênus na Casa Um. Dupla polaridade transmitida, e angular.

Depois, o presidente Bush, que nasceu a 12 de junho de 1924, buscando a reeleição. Ele tem cinco polaridades:

- O Júpiter natal de Bush está conjunto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal de Bush está oposto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal de Bush, envolvido na polaridade anterior, está conjunto ao ângulo Descendente do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- A Vênus natal de Bush está conjunta ao Marte da eleição. Polaridade simples, envolvendo os regentes tradicionais dos ângulos no eixo horizontal do horóscopo da eleição (que são Escorpião e Touro, como já vimos).
- Bush nasceu durante a conjunção Vênus-Plutão, regentes dos ângulos no eixo horizontal do horóscopo da eleição (Plutão é co-regente de Escorpião com Marte).

Enfim, Ross Perot, que nasceu a 27 de junho de 1930. Ele também tem cinco polaridades:

- O Netuno natal de Perot está oposto à Lua da eleição, e a Lua de Perot oposta ao Netuno da eleição. Polaridade acidental.
- O Netuno natal de Perot, envolvido na polaridade anterior, está conjunto ao Meio-Céu da eleição. Polaridade angular.
- A Vênus natal de Perot está oposta ao Saturno da eleição, e Perot nasceu durante a oposição Saturno-Plutão: polaridade transmitida, em que Saturno aspecta ao mesmo tempo o par de opostos Vênus-Plutão.
- O Mercúrio natal de Perot está em oposição mundana ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- O Marte natal de Perot está oposto ao Plutão da eleição, e o Plutão natal de Perot está conjunto ao Marte da eleição. Polaridade sinódica.

O presidente Bush e Perot empatam no número de polaridades, mas Bush tem a vantagem dos aspectos entre os regentes dos quatro ângulos da eleição, e termina na frente de Perot. O contato entre os regentes dos quatro ângulos, porém, não é suficiente para que as cinco polaridades de Bush se confrontem com as onze de Clinton.

O MÉTODO COM AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS

As eleições brasileiras seguem consistentemente o mesmo padrão que identificamos nos exemplos da história mundial ao longo dos últimos 2.000 anos. Vamos demonstrar isso começando com dois exemplos históricos e pré-eleitorais, com a ascensão ao trono dos dois imperadores do Brasil, d. Pedro I e d. Pedro II. O primeiro, d. Pedro de Alcântara de Bragança e Bourbon, nasceu no Palácio de Queluz em Portugal, às 6:30 de 12 de outubro de 1798.¹ Ele foi aclamado imperador do Brasil no campo de Santana, Rio de Janeiro, a 12 de dezembro de 1822.

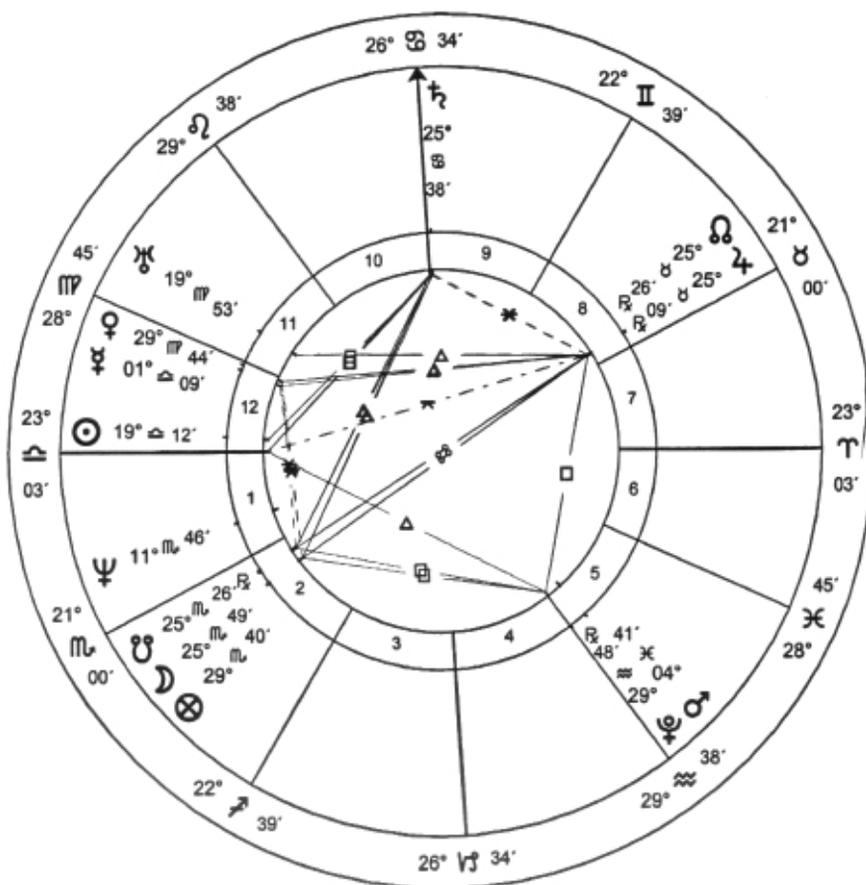
Havia cinco polaridades entre as datas de nascimento e da aclamação de d. Pedro I. São as seguintes:

- A Vênus natal do imperador está oposta ao Plutão da aclamação, e o imperador nasceu com Marte conjunção Plutão. Polaridade transmitida, em que Marte interliga o par de opostos Vênus-Plutão.
- Tanto a Vênus natal do imperador quanto o Plutão da aclamação, envolvidos na polaridade anterior, estão conjuntos aos ângulos verticais da ascensão. Polaridade angular.
- O imperador nasceu na conjunção Vênus-Urano, e foi aclamado na conjunção Marte-Urano. Polaridade transmitida, com Urano de elemento comum interligando o par de opostos Marte-Vênus.
- Cinco planetas natais do imperador (Urano-Vênus-Mercúrio-Sol-Netuno) alinham-se a partir da Sétima Casa da ascensão ao trono, enquanto sete planetas da aclamação (Marte-Urano-Netuno-Sol-Vênus-Lua-Mercúrio) alinham-se em torno do Meio-Céu da ascensão. Polaridade alinhada.

¹ Segundo a cronologia no livro-catálogo da exposição sobre a sua vida, de Simonetta Luz Afonso (diretora do Palácio Nacional de Queluz) e outros, *D. Pedro D'Alcântara de Bragança, 1798-1834 — Imperador do Brasil, Rei de Portugal*, Palácio de Queluz, 1988, pág 89.

- O imperador nasceu na conjunção Vênus-Urano, como já vimos, e foi aclamado durante uma conjunção Sol-Vênus. Polaridade transmitida, com Vênus servindo de catalisador para o par de opostos Sol-Urano.

Existem também três rejeições. Duas delas são fracas. Uma, por envolver a conjunção do Júpiter natal do imperador com o Júpiter da



D. Pedro I

Carta Natal 56: Queluz, 12 de outubro de 1798, 6:30

aclamação: os contatos Júpiter-Júpiter são sempre positivos, e aqui indicam que havia uma ligeira rejeição (conjunção de semelhantes) ao imperador, por ele ser estrangeiro (Júpiter rege estrangeiros). Outra, porque o imperador nasceu na oposição Lua Júpiter, e foi aclamado também numa oposição Lua Júpiter. Os dois planetas são positivos, as energias que vinculam mesmo nas oposições são benignas. A insistência do símbolo mostra que a rejeição podia ser ampla, mas não era profunda.

A terceira rejeição é bem pior, e reduz um pouco a validade da polaridade transferida Marte-Plutão/Vênus-Plutão, porque, como já vimos no capítulo anterior, uma de suas pernas inclui a oposição Vênus-Plutão, que é uma *oposição de opostos* e por isso também gera rejeição. O reinado brasileiro de d. Pedro I, como sabemos, foi breve e tumultuado.

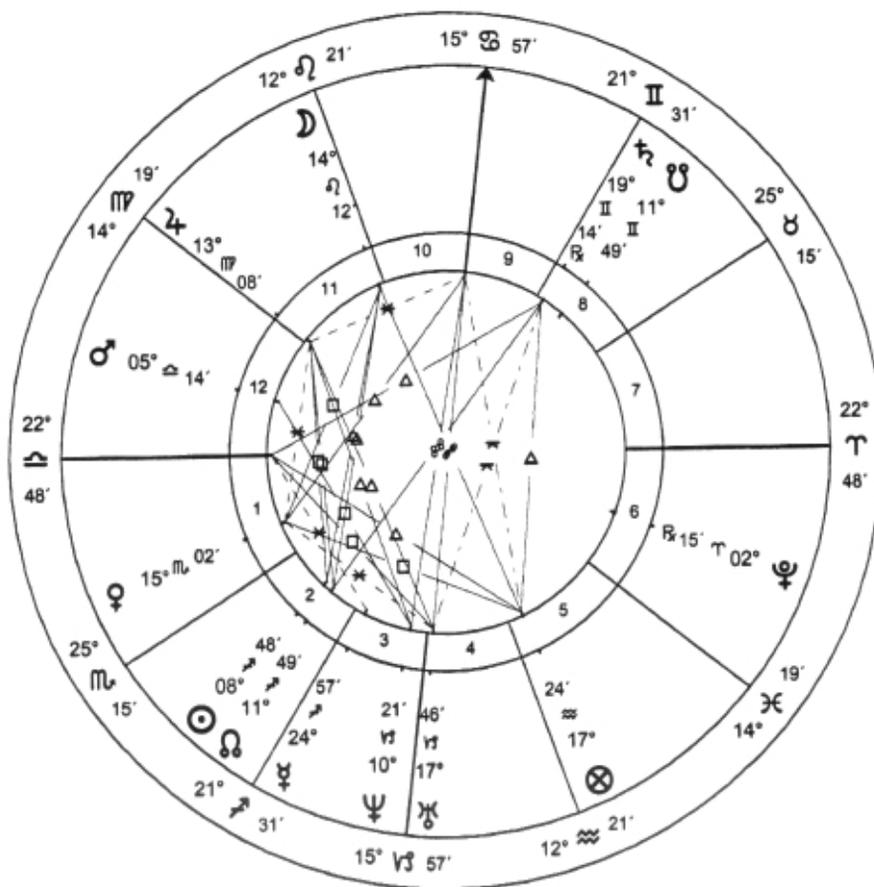
O sucessor foi seu filho d. Pedro II, que, segundo as biografias oficiais, nasceu no Rio de Janeiro às 2:30 de 1º de dezembro de 1825. Ele foi proclamado imperador do Brasil na data da abdicação de d. Pedro I, 7 de abril de 1831, mas tinha então apenas 5 anos e 4 meses de idade. Assume realmente o poder, no entanto, com a antecipação de sua maioridade a 23 de julho de 1840.

Havia sete polaridades entre as datas de nascimento de d. Pedro II e a declaração de sua maioridade. São as seguintes:

- A Lua natal do imperador está conjunta ao Mercúrio da maioridade, enquanto a maioridade acontece na oposição Lua Júpiter. Polaridade transmitida, com a Lua interligando o par de opostos Mercúrio-Júpiter.
- A oposição Lua Júpiter no horóscopo da maioridade, que integra a polaridade anterior, está no eixo vertical dos ângulos do horóscopo da maioridade. Polaridade angular.
- O Sol natal do imperador está conjunto ao Saturno da maioridade. Polaridade simples.
- A maioridade acontece com Vênus conjunta ao Meio-Céu, e o imperador nasceu com Marte conjunto ao Meio-Céu. Polaridade angular.
- O Saturno natal do imperador está oposto ao Saturno da maioridade. Polaridade simples.
- O imperador nasceu na conjunção Urano-Netuno, e a maioridade é declarada com uma oposição mundana entre Sol-Netuno. Polaridade transmitida, com Netuno conectando o par de opostos Sol-Urano.
- O Júpiter natal do imperador está oposto ao Urano da maioridade, e a maioridade ocorre numa conjunção mundana entre o Sol e

Mercúrio. Dupla polaridade transmitida, em que aspectos trocados conectam os pares de opostos Sol-Urano, Mercúrio Júpiter.

Ao contrário do pai, d. Pedro II reinaria por quase meio século. Não há rejeições entre o seu horóscopo e o da maioridade. A única rejeição visível é interna, dentro do seu próprio mapa, porque o imperador nasceu durante uma oposição Sol-Saturno. Este é um aspecto duro, difícil,



D. Pedro II

Carta Natal 57: São Cristóvão (RJ), 1º de dezembro de 1825, 2:30

mas neste caso indica que d. Pedro II teve que conviver a vida inteira com um sentimento *interno* de rejeição.

Muito bem, chegamos à República. Vamos extirpar a República Velha, com suas eleições falsificadas a bico-de-pena, e examinar as eleições que realmente podem ser consideradas modernas, a partir da democratização do país no pós-guerra. A primeira disputa é entre o marechal Enrico Gaspar Dutra e o brigadeiro Eduardo Gomes, dois generais — mas aqui tudo bem, porque disputando de fato o voto popular. O marechal Dutra venceu.

Havia sete polaridades entre a data de nascimento do marechal Dutra (18 de maio de 1889) e o horóscopo da eleição presidencial de 2 de dezembro de 1945. São elas:

- A Lua natal do marechal Dutra está conjunta ao Ascendente da eleição, e o Saturno da eleição está conjunto ao Descendente da eleição. Este é o único caso em que a oposição entre dois contrários (Lua-Saturno) se torna benéfica, excepcionalmente, porque o eixo dos ângulos horizontais do horóscopo da eleição está ocupado pelos signos Capricórnio (regido por Saturno) e Câncer (regido pela Lua). Aqui temos simultaneamente *o regente da Sétima Casa na Primeira Casa, e o regente da Primeira Casa na Sétima Casa*. Assim não há rejeição — apenas uma polaridade angular, e do tipo mais forte.
- A Vênus natal do marechal está em oposição mundana à Vênus da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal do marechal está oposto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- A Vênus natal do marechal está em oposição mundana à Lua da eleição, e o Saturno natal do marechal está conjunto ao Plutão da eleição. Dupla polaridade transmitida, em que aspectos trocados interligam os pares de opostos Lua-Saturno, Vênus-Plutão.
- O Urano natal do marechal está conjunto ao Júpiter da eleição, e o Mercúrio natal do marechal está conjunto ao Urano da eleição. Polaridade transmitida, em que Urano é o elo comum interligando o par de opostos Mercúrio Júpiter.
- O Urano natal do marechal e o Júpiter da eleição estão ambos conjuntos ao Meio-Céu da eleição. Polaridade angular.
- O Sol natal do marechal está oposto à Vênus da eleição, e o Marte natal do marechal oposto ao Sol da eleição. Polaridade transmitida, em que o Sol ativa o par de opostos Marte-Vênus ao aspectá-los simultaneamente.

No caso do brigadeiro Eduardo Gomes, que nasceu a 20 de setembro de 1896, há apenas três polaridades com a data da eleição. São elas:

- O Mercúrio natal do brigadeiro está conjunto ao Júpiter da eleição. Polaridade simples.
- Tanto o Mercúrio natal do brigadeiro quanto o Júpiter da eleição estão conjuntos ao Meio-Céu da eleição. Polaridade angular.
- O Saturno natal do brigadeiro está conjunto à Lua da eleição Polaridade simples.

As polaridades do brigadeiro da UDN são apenas três, mas duas delas são também as melhores: interligam os quatro planetas que regem os quatro ângulos do horóscopo da eleição, e estão ambas na Casa Dez da eleição. Mesmo sendo as mais fortes, não foram suficientes para contrabalançar as sete polaridades do marechal Dutra.

O marechal Dutra tinha contra si alguma rejeição do eleitorado, porque nasceu durante uma conjunção Marte-Plutão, e a eleição acontece numa outra conjunção desses dois planetas: esta é uma similaridade, que repele. Isso sugere que o eleitorado tinha uma certa crueldade (Marte-Plutão) que se refletia no marechal Dutra, e ninguém gosta de ver o reflexo do seu lado feio. Mas o brigadeiro também tinha um fator de rejeição: seu Netuno natal oposto ao Mercúrio da eleição, particularmente grave porque afetava o planeta que rege comunicação (Mercúrio). Neste caso o eleitorado rejeitava o que o brigadeiro dizia porque não o entendia direito (Netuno é o símbolo da confusão). O dano da rejeição ao brigadeiro parece-me pior.

A eleição presidencial direta seguinte, a 3 de outubro de 1950, foi disputada sobretudo pelo ex-ditador Getúlio Vargas e pelo brigadeiro Eduardo Gomes. Vargas venceu com 48,7% dos votos, seguido pelo brigadeiro em segundo lugar com 29,6%, e Cristiano Machado em terceiro, com 22,5%. Vamos concentrar nossa atenção nos dois principais concorrentes, porque esta disputa oferece ensinamentos importantes.

Vargas, que nasceu a 19 de abril de 1882, faz apenas três polaridades com a data da eleição:

- Enquanto Vargas nasceu na conjunção Júpiter-Plutão, a eleição acontece durante a oposição Júpiter-Plutão. Polaridade sinódica envolvendo os dois símbolos astrológicos para enorme sucesso, prestígio e poder.
- A conjunção Júpiter-Plutão de Vargas está em conjunção com o ângulo Descendente ou Casa Sete da eleição; a oposição Júpiter-Plutão

da eleição está em conjunção com os ângulos verticais do horóscopo da eleição (Casa Quatro-Casa Dez). Polaridade angular.

- Vargas tem nove planetas, luminárias e símbolos (Mercúrio-Sol-Saturno-Vênus-Netuno-Lua-Plutão-Júpiter-Nodo Lunar Sul) alinhados em torno da Sétima Casa do horóscopo da eleição. É o maior alinhamento e concentração simultânea de energias que já vi. Polaridade alinhada.

O brigadeiro Eduardo Gomes faz sete polaridades com a data desta eleição. São elas:

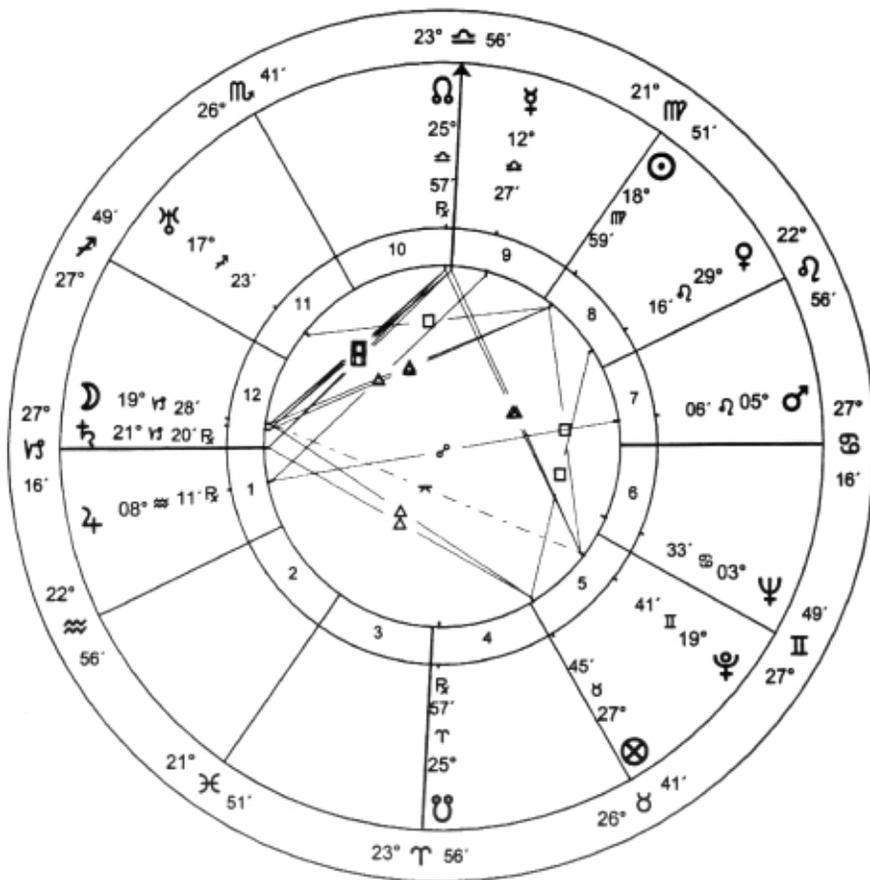
- O Júpiter natal do brigadeiro está oposto ao Júpiter da eleição. Polaridade simples.
- O Marte natal do brigadeiro está oposto ao Marte da eleição. Polaridade simples.
- O Sol natal do brigadeiro está conjunto ao Saturno da eleição. Polaridade simples.
- O brigadeiro nasceu com a conjunção Saturno-Urano, e a eleição acontece com uma conjunção Lua-Urano: polaridade transmitida, com Urano interligando o par de opostos Lua-Saturno.
- O Sol natal do brigadeiro está conjunto à Vênus da eleição, e a Vênus natal do brigadeiro conjunta ao Sol da eleição. Polaridade acidental.
- O Mercúrio natal do brigadeiro está conjunto ao Netuno da eleição. Polaridade simples.
- O Netuno natal do brigadeiro está oposto ao Marte da eleição, e a Vênus natal do brigadeiro conjunta ao Netuno da eleição. Polaridade transmitida, com Netuno servindo para conectar o par de opostos Marte-Vênus.

Duas das polaridades do brigadeiro ocupam os quatro ângulos da eleição (Marte-oposto-Marte está no eixo horizontal, Júpiter-oposto-Júpiter está no eixo vertical). Em condições normais, essas combinações seriam imbatíveis. O que esta eleição mostra é que o peso de um alinhamento de nove itens em torno da Sétima Casa do horóscopo da eleição — uma rara, monumental, concentração de energias — oblitera todo o resto, e provavelmente só perde para um alinhamento ainda maior. A polaridade angular Júpiter-Plutão de Vargas, o maior símbolo de sucesso no horóscopo, também ajuda a desequilibrar a eleição a seu favor. A eleição seguinte nos traz o modelo de presidente civil do Brasil no século XX, Juscelino Kubitschek de Oliveira, derrotando o marechal

Juarez Távora e Ademar de Barros na eleição presidencial de 3 de outubro de 1955. Vamos de novo concentrar nossa atenção apenas nos dois principais adversários, Juscelino e Juarez.

Há nove polaridades entre o horóscopo de Juscelino e o da eleição. São as seguintes:

- O Marte natal de Juscelino está conjunto ao Urano da eleição, e o Sol natal de Juscelino está conjunto ao Marte da eleição. Polaridade transmitida, em que Marte interliga o par de opostos Sol-Urano.



Juscelino Kubitschek

Carta Natal 58: Diamantina, 12 de setembro de 1902, 14:00

- A conjunção entre o Marte natal de Juscelino e o Urano da eleição, envolvida na polaridade anterior, está também conjunta ao Meio-Céu do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- O Júpiter natal de Juscelino está em oposição mundana ao Júpiter da eleição. Polaridade simples.
- O Júpiter natal de Juscelino, envolvido na polaridade acima, está conjunto ao Fundo do Céu no horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- Juscelino nasceu durante uma conjunção Lua-Saturno, e a eleição acontece durante uma oposição mundana Lua-Saturno. Polaridade sinódica.
- O Saturno da eleição, envolvido na polaridade anterior, está em conjunção com o Ascendente da eleição. Polaridade angular.
- O Urano natal de Juscelino está conjunto ao Nodo Lunar Norte da eleição, e o Nodo Lunar Norte de Juscelino está em conjunção mundana com o Sol da eleição. Polaridade transmitida, com o Nodo Lunar Norte servindo de catalisador para o par de opostos Sol-Urano
- Juscelino nasceu numa oposição Marte Júpiter, e sua Vênus natal está conjunta ao Júpiter da eleição. Polaridade transmitida, em que Júpiter associa o par de opostos Marte-Vênus.
- A Vênus natal de Juscelino está conjunta ao Plutão da eleição. Polaridade simples.

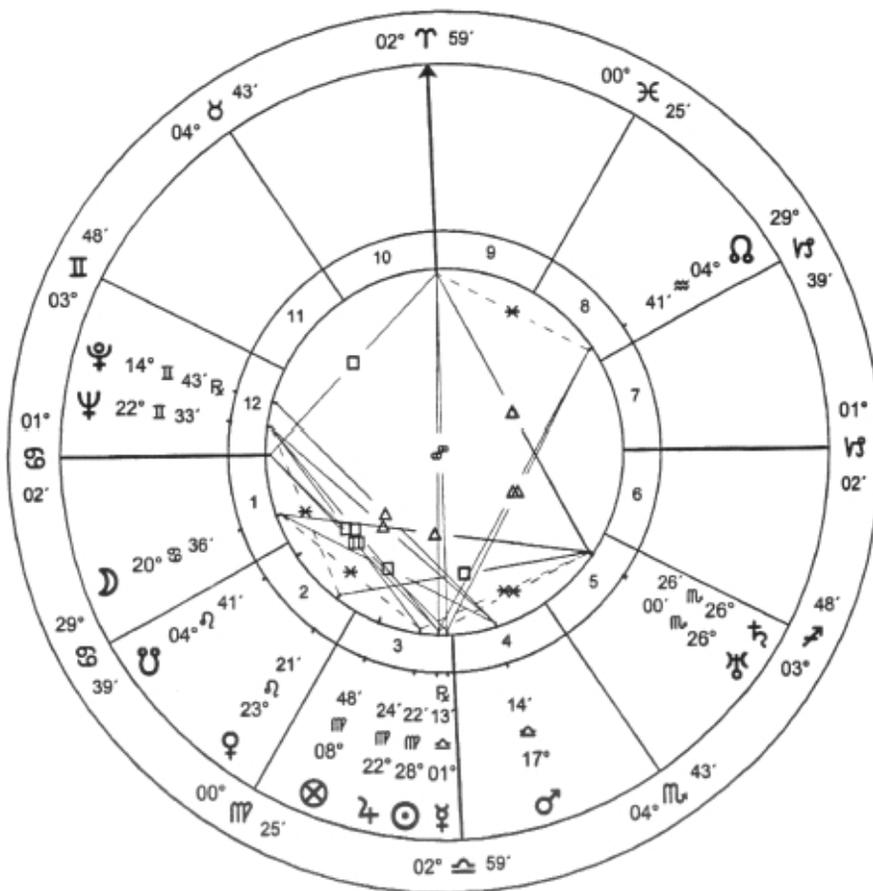
O marechal Távora, que nasceu a 14 de janeiro de 1898, faz apenas três contatos relevantes com o horóscopo da eleição:

- O marechal nasceu na conjunção Saturno-Urano, e a eleição acontece com uma conjunção mundana Sol-Saturno. Polaridade transmitida, em que Saturno interliga o par de opostos Sol-Urano.
- A conjunção Saturno-Urano do marechal está também conjunta ao Ascendente da eleição. Polaridade angular.
- O marechal nasceu na conjunção Netuno-Plutão, e a eleição acontece com a conjunção Vênus-Netuno: polaridade transmitida, com Netuno interligando o par de opostos Vênus-Plutão.

São nove polaridades de Juscelino contra três do segundo colocada. Não há nenhuma concentração massiva de energias nas polaridades do marechal que pudesse desequilibrar a clara indicação de vitória para Juscelino. As polaridades de Juscelino estão além disso interligadas com os regentes dos ângulos e com os planetas angulares da eleição.

O presidente eleito a seguir, Jânio da Silva Quadros, teve como adversário principal outro marechal (Henrique Teixeira Lott). A proporção de votos de Quadros foi de 48%, muito próxima da conseguida por Getúlio em 1950. O marechal Lott obteve 32%.

Quadros, cujo horóscopo foi apresentado no primeiro capítulo, exhibe cinco polaridades com a eleição:



Humberto de Alencar Castello Branco
 Carta Natal 59: Fortaleza, 21 de setembro de 1897, 00:10

- Seu Urano natal está oposto ao Urano da eleição. Polaridade simples.
- Seu Urano natal está igualmente conjunto ao Fundo do Céu da eleição. Polaridade angular.
- Seu Saturno natal está em oposição mundana ao Saturno da eleição. Polaridade simples.
 - Um grupo de nove planetas, luminárias e símbolos alinha-se em torno da quarta casa do horóscopo da eleição, formando outra enorme polaridade alinhada (a outra, também de nove pontos alinhados, foi a de Vargas com a eleição de 1950).
 - Quadros nasceu com uma conjunção mundana de Sol-Urano, os dois planetas que regem o eixo vertical (Leão no Meio-Céu, Aquário no Fundo do Céu) do horóscopo da eleição. Polaridade angular.

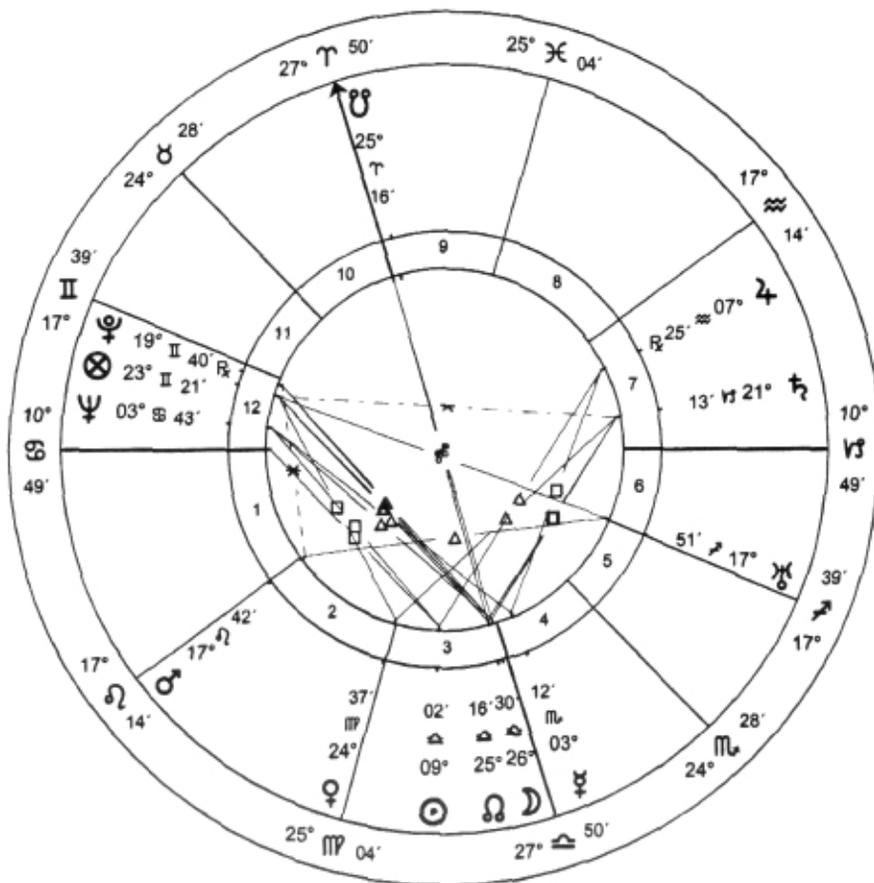
O marechal Lott, que nasceu a 16 de novembro de 1894, tem quatro contatos relevantes com o horóscopo da eleição:

- O Marte natal do marechal está em oposição mundana ao Sol da eleição, e o Sol natal do marechal em conjunção mundana com a Vênus da eleição. Polaridade transmitida, em que o Sol interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- O Sol natal do marechal, envolvido na primeira polaridade, está conjunto ao Ascendente da eleição. Polaridade angular.
- O Júpiter natal do marechal está conjunto ao Marte da eleição, e o Mercúrio natal do marechal conjunto à Vênus da eleição. Uma dupla polaridade transmitida, que interliga com aspectos trocados os pares de opostos Marte-Vênus, Mercúrio Júpiter.
- Cinco planetas natais do marechal (Sol-Vênus-Urano-Mercúrio-Saturno) alinham-se em torno do Ascendente da eleição. Polaridade alinhada. Esta explica para mim o volume relativamente alto de votos recebido por Lott.

Depois da renúncia de Jânio em 1961 e da deposição em 1964 do vice-presidente que o substituíra no posto, João Goulart, o Brasil passou 21 anos sob uma ditadura militar em que os presidentes da República viraram a quinta estrela nos ombros de generais de quatro estrelas (generais-de-exército). Já vimos em relação a imperadores romanos ou reis ingleses que esse tipo de escolha limitada passa pelo mesmo canal celestial, e por isso vamos também examinar brevemente a ascensão ao poder de cada um desses generais.

As biografias oficiais do primeiro deles, marechal Humberto de Alencar Castello Branco, dizem que ele nasceu em Mecejana, Ceará, a 29 de setembro de 1900; mas seu biógrafo americano, Foster Dulles, descobriu que de fato ele nasceu no final da noite de 20 para 21 de setembro de 1897, perto de Fortaleza.

Há cinco polaridades entre os horóscopos de Castello Branco e da posse na presidência — e duas delas têm o simbolismo relevante na época:



Arthur da Costa e Silva
 Carta Natal 60: Taquari, 3 de outubro de 1902, 1:00

- O Marte natal do marechal está oposto ao Marte da posse. Polaridade simples, envolvendo o planeta que simboliza os militares.
- O Marte natal do marechal está conjunto ao Fundo do Céu da posse, e o Marte da posse está conjunto ao Meio-Céu da posse. Polaridade angular, mostrando igualmente que os militares é que mandam.
- O Plutão natal do marechal está conjunto à Vênus da posse. Polaridade simples.
- O marechal nasceu durante um alinhamento de seis planetas seguindo a ordem Marte-Mercúrio-Sol-Júpiter-Vênus-Lua, e a posse se dá durante um alinhamento de seis planetas na ordem Marte-Sol-Júpiter-Mercúrio-Lua-Vênus. Polaridade alinhada.
- O marechal nasceu numa conjunção Saturno-Urano, e tomou posse durante uma oposição Saturno-Urano. Polaridade sinódica.

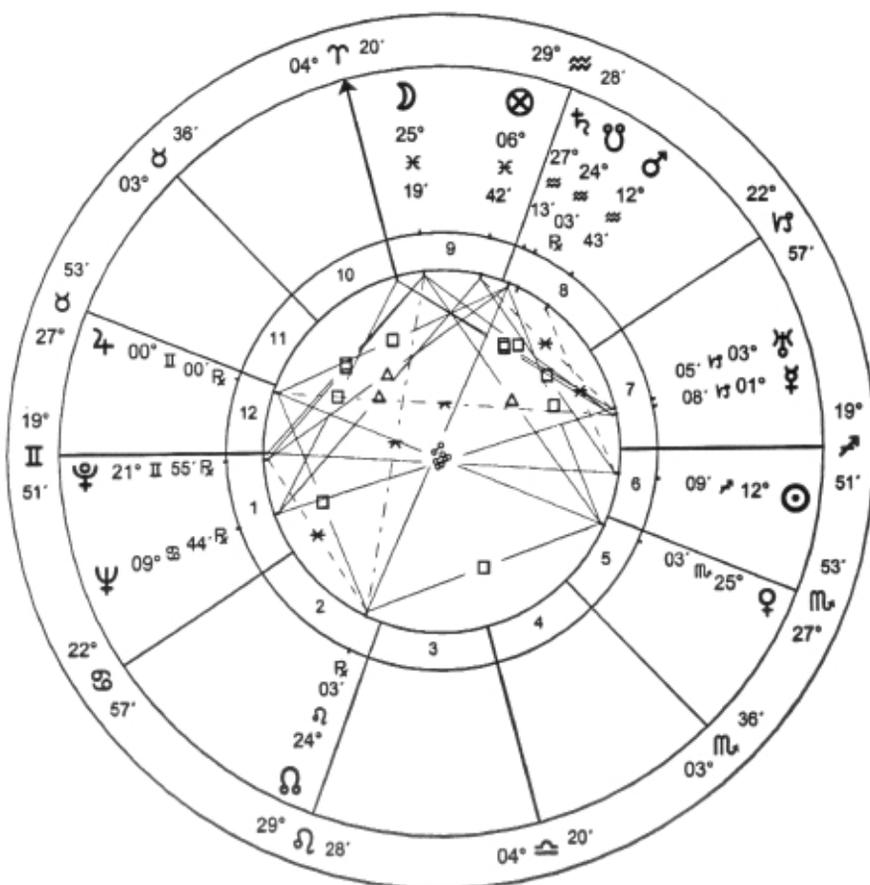
Seu sucessor, também indicado pelos militares (mais especificamente, pelo Exército), foi o ministro do Exército, marechal Arthur da Costa e Silva. De fato, o ministro impôs-se como sucessor ao presidente Castello Branco — ao viajar para o exterior, por exemplo, deu uma entrevista dizendo que viajava ministro e voltava ministra Ele nasceu a 3 de outubro de 1902, e tomou posse na presidência a 15 de março de 1967.

Há seis polaridades entre as datas de nascimento de Costa e Silva e sua posse na presidência. São elas:

- Costa e Silva nasceu durante a oposição Urano-Plutão, e foi eleito indiretamente ou imposto como presidente, além de tomar posse, durante a conjunção Urano-Plutão. Uma combinação rara, poderosa, mas destrutiva, entre dois influentes planetas exteriores. Polaridade sinódica.
- Tanto a oposição Urano-Plutão natal de Costa e Silva como a conjunção Urano-Plutão da posse ocupam ângulos no horóscopo da posse. Polaridade angular.
- A Vênus natal de Costa e Silva está conjunta ao Plutão da posse. Polaridade simples.
- A Vênus natal de Costa e Silva, que participa da polaridade anterior, está conjunta ao Fundo do Céu do horóscopo da posse. Polaridade angular.
- O Saturno natal de Costa e Silva está oposto ao Júpiter da posse, e Costa e Silva nasceu com uma conjunção Lua-Mercúrio. Dupla polaridade transmitida, em que aspectos trocados interligam os pares de opostos Mercúrio Júpiter, Lua-Saturno.

- O Mercúrio natal de Costa e Silva está conjunto ao Mercúrio da posse, e Costa e Silva nasceu durante uma oposição Marte Júpiter. Polaridade transmitida, em que Júpiter interliga o par de opostos Mercúrio Júpiter.

O marechal Costa e Silva é testemunho de quanto a combinação Urano-Plutão pode ser destrutiva. Ela estava no céu ainda em 1968, um



Emílio Garrastazu Médici
 Carta Natal 61: Bagé, 4 de dezembro de 1905, 20:00

ano que assistiu à revolta dos estudantes na França e outros lugares da Europa, e que corresponde a tentativas de revolta de estudantes no Brasil contra o regime militar, com rapto de embaixadores e outros incidentes dramáticos. Costa e Silva editou o infame Ato Institucional nº 5, que acabou até com o direito de defesa dos acusados, e morreu no poder.

Havia ainda fatores de rejeição a Costa e Silva, profundos neste caso porque de natureza militar, dado que ele tomou posse na presidência durante uma oposição entre Marte (militares) e Vênus.

O mais popular e o mais duro dos ditadores militares veio a seguir: Emílio Garrastazu Médici, um general (gaúcho como seu antecessor Costa e Silva e seu sucessor Ernesto Geisel) que veio da arma da Cavalaria. Ele nasceu a 4 de dezembro de 1905, e foi empossado na presidência a 30 de outubro de 1969. Seu governo coincidiu portanto com a conquista do tricampeonato de futebol pela seleção brasileira no México em 1970, e ele fez pleno uso do Ato Institucional nº 5, que herdou do antecessor, esmagando a maior parte do movimento de guerrilha da esquerda brasileira.

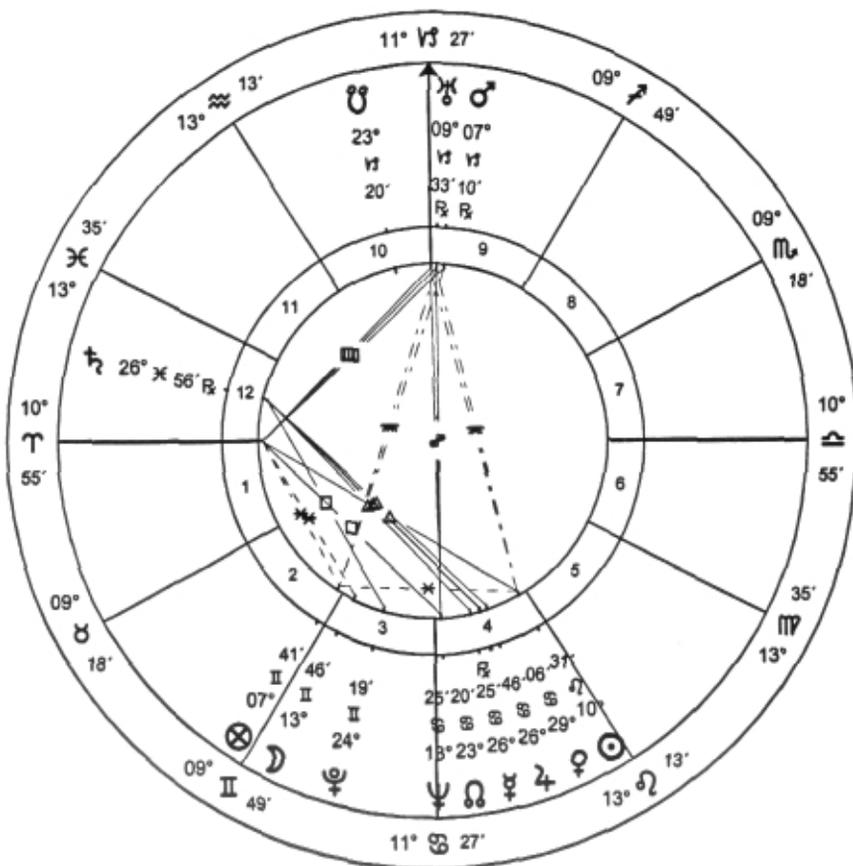
Há quatro polaridades entre o horóscopo natal e a posse de Médici. São as seguintes:

- O general nasceu numa conjunção mundana Marte-Saturno, e sua Vênus natal está em oposição mundana ao Saturno da posse. Polaridade transmitida, em que Saturno conecta o par de opostos Marte-Vênus.
- O Marte natal do general, envolvido na primeira perna da polaridade anterior, está em conjunção com o Ascendente da posse. Polaridade angular.
- O Netuno natal de Médici está em oposição mundana ao Marte da posse, e a Vênus natal de Médici está conjunta ao Netuno da posse. Polaridade transmitida, em que Netuno é o contato comum que interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- Médici nasceu com o alinhamento Marte-Saturno-Lua nesta ordem dos signos, e assumiu o poder com o alinhamento na ordem dos signos invertida de Lua-Saturno-Marte no horóscopo da posse. Polaridade alinhada.

A violência selvagem da ditadura Médici talvez esteja refletida na insistência com que os planetas Marte-Saturno interagem nas polaridades. No horóscopo de pessoas, a combinação desses dois planetas no mínimo significa um tremendo esforço, ou uma relação muito difícil

com o pai; e a partir daí pode simbolizar ossos quebrados, ou alguma forma de destruição. Na astrologia da Idade Média, esta é de longe a pior combinação possível dos símbolos do horóscopo.

Seu sucessor, Ernesto Geisel, é considerado o mais preparado dos presidentes militares. Foi ele quem restabeleceu a liberdade de imprensa no país, eliminou o Ato Institucional nº 5 e comandou o último grande programa brasileiro de substituição de importações no século XX.



Ernesto Geisel

Carta Natal 62: Bento Gonçalves, 3 de agosto de 1907, 22:30

Embora seus assentos militares indiquem que ele nasceu a 3 de agosto de 1908, a data real foi no ano anterior. No seu caso houve uma antieleição (indireta), com uma anticandidatura do presidente do MDB, Ulysses Guimarães, mas não era para valer — dada a esmagadora maioria do partido oficial, a Arena. Então, vamos direto ao que interessa, a comparação do nascimento com a posse do general.

Havia nove polaridades entre o nascimento e a posse de Geisel. São as seguintes:

- O Saturno natal de Geisel está conjunto ao Sol da posse. Polaridade simples.
- Tanto o Saturno de Geisel quanto o Sol da posse estão conjuntos ao Meio-Céu da posse. Polaridade angular.
- Geisel nasceu com uma conjunção Mercúrio Júpiter, e os quatro ângulos da posse estão marcados pelos signos regidos por esses dois planetas: Gêmeos (Ascendente, Mercúrio), Virgem (Fundo do Céu, Mercúrio), Sagitário (Descendente, Júpiter) e Peixes (Meio-Céu, Júpiter). Polaridade angular.
- A Lua natal de Geisel está oposta à Lua da posse. Polaridade simples.
- As duas Luas estão também conjuntas ao eixo vertical do horóscopo da posse (Casa Um-Casa Sete). Polaridade angular.
- Geisel nasceu com um alinhamento de seis símbolos no signo de Câncer: Sol-Vênus-Júpiter-Mercúrio-Nodo Lunar Norte-Netuno. E tomou posse com o alinhamento de Vênus-Vertex-Mercúrio-Júpiter-Parte da Fortuna-Sol em Aquário. Polaridade alinhada.
- A Lua natal de Geisel está conjunta ao Marte na Primeira Casa do horóscopo da posse, e a Lua da posse e o Marte natal de Geisel estão na Sétima Casa da posse. Polaridade acidental.
- O Marte da posse está na Primeira Casa do horóscopo da posse, como vimos, e o Marte natal de Geisel está na Sétima Casa da posse. Polaridade angular.
- O Plutão natal de Geisel está conjunto ao Saturno e ao Ascendente da posse, enquanto o Saturno natal de Geisel está na Décima Casa da posse, e o Plutão da posse está na Quarta casa da posse. Polaridade sinódica.

Geisel escolheu como sucessor o general João Figueiredo, que participara de todos os governos militares anteriores, exceto o de Costa e Silva — mas depois se decepcionou com a escolha. Também houve uma

- O Ascendente natal de Figueiredo está conjunto ao Descendente da posse. Uma forte polaridade angular.
- Figueiredo nasceu com Júpiter conjunção Descendente, e seu Mercúrio natal está na Sétima Casa da posse. Polaridade angular.
- O Netuno da posse está na Sétima Casa do horóscopo da posse, assim como o Mercúrio natal de Figueiredo. Polaridade angular.
- Figueiredo nasceu na conjunção Saturno-Netuno, e a posse ocorre na quadratura Saturno-Netuno. Polaridade angular.
- O Marte natal de Figueiredo está na Quarta Casa da posse, e o Marte da posse está em conjunção com o Meio-Céu. Polaridade angular, lembrando igualmente a origem militar do presidente.
- O Saturno de Figueiredo está oposto à Vênus da posse, enquanto a posse acontece durante a oposição Marte-Saturno. Polaridade transmitida, em que Saturno interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- A Lua natal de Figueiredo está em conjunção mundana com a Vênus da posse, e a posse ocorre numa conjunção Lua-Plutão. Polaridade transmitida, com a Lua interligando o par de opostos Vênus-Plutão.

As polarizações são menos intensas que as dos presidentes militares anteriores, e freqüentemente derivam de associações sem orbe de conjunção – indicando igualmente um governo mais fraco. Figueiredo foi o último dos presidentes militares escolhidos à força pelo Exército.

A disputa seguinte é nossa conhecida desde o capítulo 2: Tancredo Neves e Paulo Maluf, dois civis disputando a presidência pela primeira vez desde que eleições realmente democráticas foram instituídas em 1945. Foi uma eleição indireta, mas é ela que marca a volta do regime civil e democrático ao país, porque a definição básica do regime democrático é a daquele que permite o acesso da oposição ao poder – como de fato aconteceu. Mas já tratamos em detalhe dessa disputa indireta, de outro ângulo, por isso vamos saltar para a volta da eleição presidencial direta com a disputa entre Fernando Collor de Mello e Luiz Ignácio Lula da Silva, na eleição de dois turnos em 1989.

A comparação entre as datas de nascimento de Collor e do segundo e decisivo turno da eleição mostram sete polaridades. São as seguintes:

- O Urano natal de Collor está oposto ao Urano da eleição (oposição quase exata, no mesmo grau). Polaridade simples. No primeiro turno, essa polaridade estava nos ângulos horizontais do horóscopo da eleição.

- O Júpiter natal de Collor está conjunto à Vênus da eleição, e o Marte natal de Collor está conjunto ao Júpiter da eleição. Polaridade transmitida, em que Júpiter interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- O Marte natal de Collor e o Mercúrio da eleição, envolvidos na polaridade anterior, estão conjuntos aos ângulos horizontais do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- O Júpiter natal de Collor está em conjunção mundana com o Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- Collor nasceu com o alinhamento planetário seguindo a ordem Urano-Marte-Plutão-Sol-Mercúrio-Saturno-Vênus-Netuno-Nodo Lunar Sul, enquanto a eleição acontece com o alinhamento na ordem Plutão-Marte-Sol-Urano-Netuno-Saturno-Mercúrio-Vênus-Nodo Lunar Norte. Polaridade alinhada.
- O Marte natal de Collor está oposto ao Saturno da eleição, e Collor nasceu na conjunção mundana de Vênus-Saturno. Polaridade transmitida, em que Saturno interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- A eleição ocorre na conjunção Urano-Netuno; Collor nasceu na quadratura Urano-Netuno. Polaridade sinódica.

Lula é um problema mais difícil. Há duas datas de nascimento em circulação para ele. Sempre usei a primeira (Garanhuns, 6 de outubro de 1945, 3:00), justamente a que parece ser errada. A segunda (Garanhuns, 27 de outubro de 1945, 5:06) é a que parece ser correta – com a ressalva de que não tive a oportunidade de checar a informação com o líder do PT. Para não deixar dúvidas, examinemos as duas hipóteses.

Entre Lula-1 (6 de outubro) e o segundo turno há também seis polaridades. São elas:

- Lula nasceu com o alinhamento planetário de seis planetas (Plutão-Vênus-Netuno-Júpiter-Sol-Lua-Mercúrio), enquanto a eleição acontece com o alinhamento Plutão-Marte-Sol-Urano-Netuno-Saturno-Mercúrio-Vênus-Nodo Lunar Norte. Polaridade alinhada.
- Os dois alinhamentos na polaridade anterior são também angulares. Polaridade angular.
- Lula nasceu com um segundo alinhamento planetário, na ordem Urano-Nodo Lunar Norte-Marte-Saturno-Plutão, que está conjunto ao Descendente da eleição e oposto ao alinhamento planetário da eleição.
- O Saturno natal de Lula está em oposição mundana ao Saturno da eleição. Polaridade simples.

- Lula nasceu numa conjunção Mercúrio Júpiter, a eleição ocorre com uma oposição Mercúrio Júpiter. Polaridade sinódica.
- O Marte natal de Lula está conjunto ao Júpiter da eleição, enquanto Lula nasceu numa conjunção Júpiter-Vênus. Polaridade transmitida, em que Júpiter interliga o par de opostos Marte-Vênus.

Os dois têm seis polaridades cada, e as poderosas polaridades alinhadas são fortes nos dois lados: a de Collor espalha-se da Casa Dez à Casa Sete da eleição; as de Lula se dividem em duas, afetando os mesmos ângulos. Lula tem duas polaridades alinhadas menores que a de Collor, mas em compensação são mais compactas.

A principal diferença entre ambos é que uma das polaridades alinhadas de Lula inclui também uma *oposição de opostos* (o Urano de Lula e o Sol da eleição), um importante fator de *rejeição*— enquanto simultaneamente Collor mantém com o alinhamento da eleição uma polaridade simples, Urano-Urano, que é também quase exata (1°20' de separação) — um importante fator de atração. Não há fatores de rejeição entre o horóscopo de Collor e o da eleição. Seis polaridades para cada candidato, uma rejeição a Lula, nenhuma a Collor: essa é a descrição celestial para a apertada vitória eleitoral de Collor.

Entre Lula-2 (27 de outubro) e o segundo turno há o mesmo número de polaridades. A principal diferença é que a conjunção entre o Marte de Lula-2 e o Júpiter da eleição, que estava com orbe de pouco mais de 8 graus na hipótese Lula, agora é apenas mundana e por isso mais fraca. Dado que Lula perdeu a eleição, o mais provável é que a segunda data de nascimento (27 de outubro) seja a correta —é a que usaremos na próxima eleição.

Também já tratamos razoavelmente de Fernando Henrique Cardoso e sua brilhante vitória eleitoral no primeiro turno a 3 de outubro de 1994.

Vamos, partir então, para o exame da eleição presidencial marcada para 4 de outubro de 1998, estudando as possibilidades dos três principais candidatos no momento em que escrevo (5 de julho de 1998) — pelo menos do ponto de vista astrológico, porque um deles (Ciro Gomes) ainda não está visível nas pesquisas eleitorais. Há motivos celestiais para isso, como veremos adiante. Antes, ressaltemos que as relações descritas nestas polaridades podem igualmente ser representadas em termos matemáticos, com as distâncias entre os pontos do horóscopo — os aspectos significativos — convertidos em sinais aritméticos. Por exemplo, a conjunção "soma" (+), enquanto a oposição "subtraí" (-).

Seguindo a hierarquia, começaremos pela comparação entre o horóscopo do presidente Fernando Henrique Cardoso e o da eleição. Confesso que fiquei surpreso com o que vi. Existem quatro polaridades importantes entre ambas, ao mesmo tempo em que há três fatores importantes de rejeição, e duas conexões ambíguas, que podem ajudá-lo um pouco ou prejudicá-lo um pouco.

As quatro polaridades são:

- A eleição acontece durante uma conjunção Urano-Netuno, e o Urano natal de FHC está oposto ao Mercúrio da eleição. Polaridade transmitida, em que Urano interliga o par de opostos Mercúrio-Netuno. Isto pode-se ler assim também: Urano conjunção Netuno de um lado, e Urano oposto *ao planeta oposto* a Netuno, de outro lado.
- O presidente nasceu numa conjunção Júpiter-Plutão, e seu Mercúrio natal está oposto ao Plutão da eleição. Polaridade transmitida, em que plutão interliga o par de opostos Mercúrio Júpiter.
- A eleição acontece durante uma oposição mundana Mercúrio-Parte da Fortuna, e o presidente nasceu na oposição Netuno-Parte da Fortuna. Polaridade transmitida, em que a Parte da Fortuna interliga o par de opostos Mercúrio-Netuno.
- O presidente tem um alinhamento de planetas e luminárias de Marte-Netuno-Júpiter-Lua-Plutão-Sol-Mercúrio-Vênus espalhando-se da Casa Dez à Casa Sete da eleição. Polaridade alinhada.

As três rejeições são as seguintes:

- O Marte natal de FHC está conjunto ao Marte da eleição. Conjunção de similares, que produz rejeição. Os dois Martes estão em signos diferentes (o da eleição no final de Leão, o de FHC no começo de Virgem), e Marte simboliza ação. Pode-se interpretar isso como o eleitorado rejeitando (Marte conjunção Marte) o presidente por ações que ele não fez (os planetas estão em signos diferentes).
- A Vênus natal do presidente está oposta ao Plutão da eleição. Oposição de opostos, que gera rejeições como a conjunção de similares. Aqui o presidente vê valores (Vênus) onde o eleitorado só enxerga perdas (Plutão).
- O Urano natal do presidente está oposto ao Sol da eleição. Oposição de opostos.

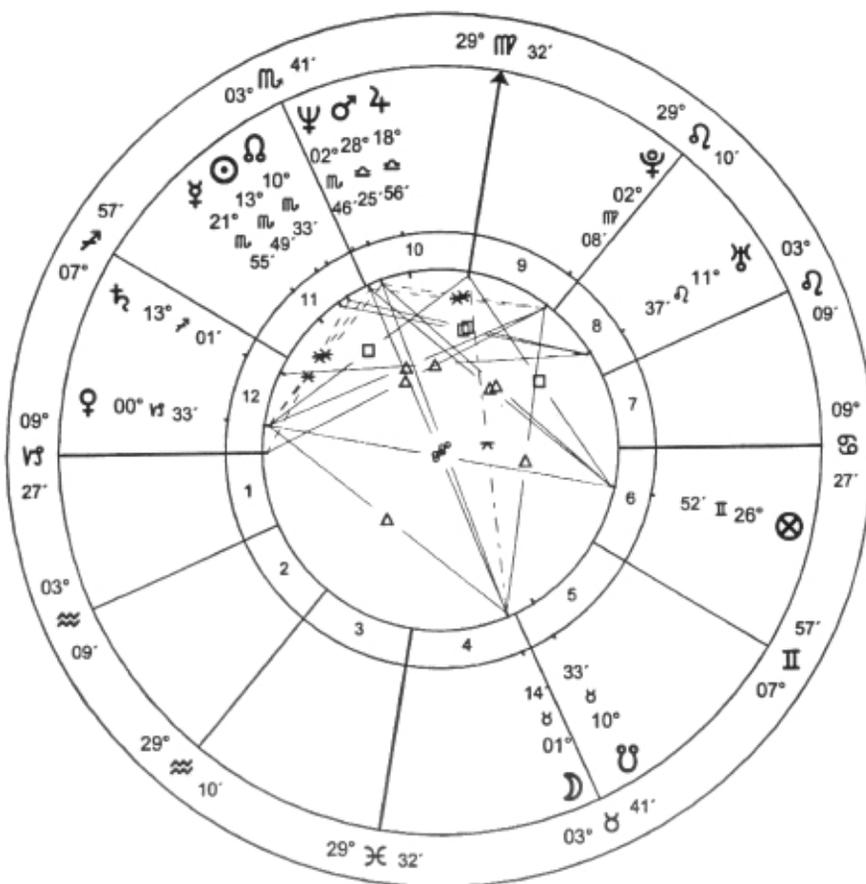
Os dois contatos ambíguos, e minhas razões para considerá-los assim, são:

- O presidente nasceu numa conjunção Lua Júpiter, e a eleição acontece também numa conjunção Lua Júpiter. Note-se que o Brasil tornou-se independente a 7 de setembro de 1822, quando Lua e Júpiter igualmente estavam em conjunção. Isso produz uma vinculação positiva entre FHC, o Brasil e essa eleição. As conjunções Lua Júpiter são combinações adoráveis, otimistas, positivas. É duro concatenar a noção de que sua repetição possa ser negativa, porque isso não combina com a natureza dos símbolos. Mas a história das polaridades que venho mostrando sugere que *tudo que é igual se repele* — até mesmo o que é bom. Existem algumas sutilezas, porém, que precisam ser testadas. Na conjunção natal do presidente, a Lua está dois graus *antes* de Júpiter; na conjunção da eleição, a Lua está menos de um grau *depois* de Júpiter. Poderia isso significar uma certa polaridade, porque num caso se trata da conjunção Júpiter-Lua, e no outro da conjunção Lua Júpiter? Possivelmente, mas, por não ter encontrado uma conexão assim antes, a resposta honesta é: não sei. De qualquer modo, porque nenhuma das conjunções é angular, também é duvidoso que sirvam para alterar o resultado da eleição. Podem significar, por exemplo, que o povo gosta do presidente, mas não vai votar nele.
- O presidente nasceu com o trio Vênus-Mercúrio-Sol em Gêmeos, e a eleição acontece com o trio Vênus-Sol-Mercúrio em Libra. Por um lado, notando que a ordem dos fatores é diferente, isso pode ser visto como uma pequena polaridade alinhada; e por outro, como tríplexes conjunções entre os mesmos fatores, e portanto como similaridades que se rejeitam. Também por falta de exemplos do passado, deixei esta relação em branco. Mas — dado o peso das polaridades dos outros dois concorrentes do presidente, descritas a seguir — contar estas ocorrências como polaridade alinhada pouca diferença faria no resultada

Existem 12 polaridades entre o horóscopo natal de Ciro Gomes e o do primeiro turno da eleição. São as seguintes:

- O Urano natal de Gomes está oposto ao Urano da eleição. Polaridade simples.
- Os dois Uranos estão conjuntos aos ângulos verticais da eleição. Polaridade angular.
- A eleição acontece com Urano-Netuno em conjunção, e Gomes nasceu com Urano-Netuno em quadratura. Polaridade sinódica.
- A Lua natal de Gomes está conjunta ao Saturno da eleição. Polaridade simples.

- O Júpiter natal de Gomes está conjunto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- O Meio-Céu natal de Gomes está conjunto à Vênus da eleição, e a eleição tem Marte no Meio-Céu. Polaridade angular.
- O Sol da eleição está no Meio-Céu de Gomes, e o Urano de Gomes no Meio-Céu da eleição. Polaridade angular.
- Gomes nasceu com Vênus conjunção Ascendente, e a eleição acontece com Plutão na Casa Um. Polaridade angular.



Ciro Gomes

Carta Natal 64: Pindamonhangaba, 6 de novembro de 1957, 9:00

- Nove símbolos planetas natais de Gomes (Urano-Plutão-Meio Céu-Júpiter-Marte-Netuno-Nodo Lunar Norte-Sol-Mercúrio) estão alinhados entre o Ascendente e o Meio-Céu da eleição. Dois deles (o Sol e Mercúrio) estão conjuntos ao Ascendente da eleição, mas cinco deles estão ocultos na Casa Doze da eleição — não admira, assim, que sejam difíceis de enxergar: a Casa Doze rege o que está oculto. Mas isso não quer dizer que não sejam efetivos. A eleição, enquanto isso, tem o alinhamento de Marte-Nodo Lunar Norte-Vênus-Sol-Mercúrio-Plutão-Netuno-Urano. Note que 14 dos 16 pontos alinhados são idênticos, e que ambos contatam pelo menos dois ângulos da eleição. Polaridade alinhada.
- A eleição acontece na conjunção Saturno-Parte da Fortuna, e Gomes nasceu com uma oposição mundana Saturno-Parte da Fortuna. Polaridade accidental.
- O Marte natal de Gomes está oposto à Parte da Fortuna da eleição, e Gomes nasceu com Vênus oposta à Parte da Fortuna natal. Polaridade transmitida, em que a Parte da Fortuna interliga o par de opostos Marte-Vênus.
- A eleição acontece com uma oposição mundana Sol-Parte da Fortuna, enquanto Gomes nasceu — como já vimos — com a oposição mundana Saturno-Parte da Fortuna. Polaridade transmitida, em que a Parte da Fortuna interliga o par de opostos Sol-Saturno.

Há também um fator ambíguo no caso de Gomes. Ele nasceu com a Lua oposta ao Nodo Lunar Norte, e a eleição acontece com uma oposição mundana da Lua com o Nodo Lunar Norte. Isso pode ser um ligeiro fator de rejeição (pela similaridade), ou um fator de atração, porque no horóscopo natal de Gomes a Lua está antes do Nodo Lunar, e no caso da eleição o Nodo Lunar está antes da Lua. Meu impulso inicial é de contabilizar esse tipo de ocorrência no lado positivo (como pólo de atração e não de rejeição), mas como no caso de FHC, preferi excluir esse fator, até que novos exemplos me permitam interpretar o simbolismo com maior segurança. Para concluir as ambigüidades, Lula também tem uma: a eleição acontece com a conjunção Saturno-Parte da Fortuna, e ele nasceu com uma conjunção mundana Saturno-Parte da Fortuna. A dúvida também vale no seu caso, porém, porque no caso da eleição a Parte da Fortuna precede Saturno, e no horóscopo natal de Lula, Saturno antecede a Parte da Fortuna.

Lula, usando sua data de nascimento que parece a correta (27 de

outubro de 1945), pois ele demonstra o magnetismo e a intensidade dos Escorpiões mas não a polidez e a elegância das pessoas de Libra, também está forte, embora com apenas seis polaridades. São elas:

- O Plutão natal de Lula está oposto ao Urano da eleição, e o Plutão da eleição está em oposição mundana ao Urano de Lula. Polaridade accidental.
- Tanto o Plutão de Lula como o Urano da eleição estão conjuntos aos ângulos do eixo vertical do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- Oito pontos do horóscopo natal de Lula (Plutão-Meio Céu-Parte da Fortuna-Lua-Marte-Saturno-Nodo Lunar Norte-Urano) alinham-se a partir do Meio-Céu do horóscopo da eleição. Polaridade alinhada.
- Seis pontos do horóscopo natal de Lula (Mercúrio-Ascendente-Sol-Júpiter-Vênus-Netuno) se alinham a partir do Ascendente do horóscopo da eleição. Polaridade alinhada.
- O Júpiter natal de Lula está conjunto ao Mercúrio da eleição. Polaridade simples.
- O Mercúrio natal de Lula está conjunto ao Netuno da eleição. Polaridade simples.

No segundo turno, marcado para 25 de outubro de 1998, a situação muda de figura, porque agora os três exibem fatores de rejeição.

Fatores de rejeição para Fernando Henrique no segundo turno (ambas angulares, mas com orbes maiores que as dos competidores):

- Vênus natal de FHC oposta ao Plutão da eleição. Oposição de opostos.
- Marte natal de FHC conjunto ao Marte da eleição. Conjunção de similares.

Fatores de rejeição para Ciro Gomes no segundo turno:

- Sol natal de Gomes conjunto ao Sol da eleição. Conjunção de similares. Orbe: 12°02'.
- Mercúrio natal de Gomes conjunto ao Mercúrio da eleição. Conjunção de similares. Orbe: 1°54'.
- O Sol natal de Gomes está em oposição mundana ao Saturno da eleição. Oposição de opostos. Orbe: 13°47".

Fatores de rejeição para Lula no segundo turno:

- Sol natal de Lula conjunto ao Sol da eleição. Conjunção de similares. Orbe: 1° 59'.

- Mercúrio natal de Lula conjunto ao Mercúrio da eleição. Conjunção de similares. Orbe: 1°.
- O Sol natal de Lula está oposto ao Saturno da eleição. Oposição de opostos. Orbe: 3°31'.

Mas nem todas as rejeições são iguais. Quanto menor a orbe dos aspectos, maior a intensidade da rejeição. Lula e Gomes apresentam fatores de rejeição iguais, porém *nos três casos os de Lula são mais intensos. A rejeição a Lula é maior que a rejeição a Gomes. As orbes nos dois fatores de rejeição de FHC são maiores que as de Gomes, e portanto sua rejeição seria menor, mas enquanto os dois fatores de rejeição de FHC são angulares (e mais visíveis, ou mais importantes numa eleição), só um dos fatores de Gomes é.*

Vejam os contatos favoráveis aos candidatos no segundo turno, a começar por Gomes. Ele tem agora 16 polaridades:

- Seu Urano natal está oposto ao Urano da eleição. Polaridade simples.
- Os dois Uranos estão conjuntos aos ângulos verticais da eleição. Polaridade angular.
- A Lua natal de Gomes está conjunta ao Saturno da eleição. Polaridade simples.
- O Saturno natal de Gomes está em conjunção mundana com a Lua da eleição. Polaridade simples.
- O Marte natal de Gomes está conjunto à Vênus da eleição. Polaridade simples. Esses dois planetas regem o eixo horizontal do horóscopo da eleição.
- Gomes nasceu com uma conjunção mundana de Marte Júpiter, e a eleição acontece com uma oposição de Marte Júpiter. Polaridade sinódica.
- O Sol natal de Gomes está em conjunção com o Mercúrio da eleição, e o Mercúrio natal de Gomes está em conjunção mundana com o Sol da eleição. Polaridade accidental.
- O Saturno natal de Gomes está conjunto ao Plutão da eleição, e a Vênus natal de Gomes conjunta à Lua da eleição. Dupla polaridade transmitida, em que aspectos trocados interligam os pares de opostos Lua-Saturno, Vênus-Plutão.
- O Saturno natal de Gomes está conjunto ao Plutão da eleição, como vimos, e a eleição acontece com Vênus oposta a Saturno. Saturno é o elemento de ligação para uma polaridade transmitida entre o par de opostos Vênus-Plutão.

- O Netuno de Gomes está conjunto ao Sol da eleição, e a eleição acontece na conjunção Urano-Netuno. Netuno interliga o par de opostos Sol-Urano numa outra polaridade transmitida.
- A eleição acontece na conjunção Urano-Netuno, e Gomes nasceu na quadratura Urano-Netuno. Polaridade sinódica.
- Os nove pontos alinhados no horóscopo natal de Gomes (Urano-Plutão-Meio Céu-Júpiter-Marte-Netuno-Nodo Lunar Norte-Sol-Mercúrio) se colocam entre o Meio-Céu e o Ascendente da eleição, com Urano conjunto ao Meio-Céu e Mercúrio conjunto ao Ascendente da eleição. Polaridade alinhada. A eleição tem dez pontos alinhados (Vênus-Sol-Mercúrio-Plutão-Lua-Parte da Fortuna-Netuno-Urano-Nodo Lunar Sul Júpiter) entre o Ascendente e a Quinta Casa do horóscopo da eleição; oito deles fazem polaridades com os nove pontos alinhados do horóscopo natal de Gomes.
- A Vênus natal de Gomes está conjunta à Lua da eleição, e a Lua natal de Gomes oposta à Vênus da eleição. Polaridade acidental. Esta é uma das três polaridades que escaparam ao meu exame visual nesta eleição, mas foram detectadas pela vigésima opção de impressão (Polarities/Polaridades) do programa especializado CCRS 92, escrita pelo autor do programa (Mark Pottenger) conforme minhas especificações – de acordo com o estado de minhas pesquisas sobre o assunto no início desta década.
- Enquanto a Vênus natal de Gomes está conjunta à Lua da eleição, como vimos, a eleição acontece com Saturno oposto a Vênus. Polaridade transmitida, em que Vênus serve como elemento de contato para o par de opostos Lua-Saturno.
- O Verta (ponto sensível do horóscopo) natal de Gomes está oposto ao Mercúrio da eleição, e o Júpiter natal de Gomes está oposto ao Verta da eleição. Polaridade transmitida, identificada pelo programa CCRS 92, em que o Vertex interliga o par de opostos Mercúrio-Júpiter.
- O Nodo Lunar Norte natal de Gomes está conjunto à Vênus da eleição, enquanto o Plutão natal de Gomes está conjunto ao Nodo Lunar Norte da eleição. Polaridade transmitida, em que o Nodo Lunar Norte interliga o par de opostos Vênus-Plutão.

Há de fato mais quatro polaridades de Gomes com o segundo turno da eleição, identificadas pelo programa CCRS 92, que elevariam seu total para vinte, mas que preferi desconsiderar, por estimar que

provavelmente sejam mais fracas — embora mereçam ser referidas aqui. Todas derivam do fato de a eleição acontecer durante uma *oposição de opostos*, Sol-oposição-Saturno. Isso significa que qualquer planeta ou símbolo do horóscopo dos candidatos que fizer contato com o Sol ou o Saturno da eleição imediatamente forma uma polaridade, porque estará também fazendo contato com a outra ponta (o Sol e o Saturno da eleição, em outras palavras, estão interligados: quem contatar um também contata o outro). Considero esse tipo de polaridade mais fraco, por envolver apenas uma energia dos candidatos e duas da eleição, mas posso estar errado, porque a oposição Sol-Saturno é um foco da maior importância nas energias da eleição. Lula faz dois contatos com essa oposição (contra quatro de Gomes), que também não foram contabilizados aqui; se fossem, ampliariam mais a distância a favor de Gomes. A distância entre ambos na eleição ensinar-nos-á o valor relativo desses contatos.

Lula tem cinco polaridades com o horóscopo do segundo turno. São as seguintes:

- O Plutão natal de Lula está oposto ao Urano da eleição, enquanto o Urano natal de Lula está em oposição mundana ao Plutão da eleição. Polaridade acidental.
- A eleição acontece com a oposição Marte Júpiter, e Lula nasceu numa conjunção Vênus Júpiter. Polaridade transmitida, em que Júpiter interliga o par de opostos Marte-Vênus. Esta polaridade compara-se com a de Gomes (que nasceu numa conjunção Marte-Júpiter).
- O alinhamento natal do horóscopo de Lula que inclui Plutão-Meio Céu-Parte da Fortuna-Lua-Marte-Saturno-Nodo Lunar Norte-Urano está disposto a partir da conjunção de Plutão com o Meio-Céu da eleição. Polaridade alinhada.
- O alinhamento natal do horóscopo de Lula que inclui Netuno-Vênus-Júpiter-Sol-Ascendente-Mercúrio está disposto a partir da conjunção de Mercúrio com o Ascendente da eleição. Polaridade alinhada.
- Se o horóscopo de Lula está realmente correto, ele nasceu com Vênus conjunção Ascendente (ou seja, Vênus pode ser considerada na Casa Um), e a eleição começa com Plutão na Casa Um. Polaridade angular.

Fernando Henrique exibe nove polaridades com o segundo turno da eleição:

- A eleição acontece numa oposição Marte Júpiter, e FHC nasceu numa conjunção Mercúrio-Vênus. Dupla polaridade transmitida, em que

aspectos trocados interligam os pares de opostos Mercúrio-Júpiter, Marte-Vênus.

- A eleição acontece com o Sol oposto a Saturno, e o Sol natal de FHC está oposto à Lua da eleição. Polaridade transmitida, em que o Sol interliga o par de opostos Lua-Saturno. Note que uma das pernas dessa polaridade, Lua-oposto-Sol, significa em português entre outras coisas "o eleitorado (*Lua*) contra (*oposto*) o presidente (Sol)".
- O Sol de FHC está oposto à Lua da eleição, como vimos, e FHC nasceu com a oposição Lua-Saturno. Polaridade transmitida, em que a Lua interliga o par de opostos Sol-Saturno.
- A eleição tem Mercúrio conjunto ao Ascendente, e o Mercúrio de FHC está na Casa oposta (a Sétima). Polaridade angular.
- A eleição acontece com Mercúrio e Plutão na Primeira Casa, enquanto Mercúrio e Vênus natis de FHC estão na Sétima Casa do horóscopo da eleição. Polaridade angular.
- O Mercúrio natal de FHC está oposto ao Plutão da eleição, e o Plutão natal de FHC está oposto ao Netuno da eleição. Polaridade acidental (Plutão é o termo comum interligando o par de opostos Mercúrio-Netuno) que havia escapado ao meu exame visual, mas foi identificada pelo programa CCRS 92.
- O presidente nasceu com o alinhamento Júpiter-Lua-Plutão, e a eleição acontece com o alinhamento Mercúrio-Plutão-Lua. Polaridade alinhada.
- A eleição acontece com a conjunção mundana Netuno-Parte da Fortuna, e o presidente nasceu na oposição Netuno-Parte da Fortuna. Polaridade sinódica.
- O presidente tem um alinhamento de planetas e luminárias de Marte-Netuno-Júpiter-Lua-Plutão-Sol-Mercúrio-Vênus espalhando-se da Casa Dez à Casa Sete da eleição. Polaridade alinhada.

É possível talvez incluir mais uma polaridade, que me escapou nos primeiros exames e para a qual não tenho paradigma anterior. Marte dista 40.43 graus de Júpiter no horóscopo natal de FHC (o que significa que não há aspecto natal entre ambos), e o ponto-médio entre ambos é 14.21 graus de Leão, a pouco mais de um grau do Meio-Céu no segundo turno da eleição, que está a 13.13 graus de Leão. Isto significa que o Meio-Céu da eleição ativa acidentalmente a dupla Marte Júpiter, que normalmente não faz aspecto no horóscopo natal de FHC, mas neste caso opera como se fizesse. Ao mesmo tempo, a eleição acontece com

Marte Júpiter em oposição. A combinação assim criada tem um extraordinário dinamismo; é ótima em disputas esportivas (o Brasil ganhou a Copa do Mundo nos EUA em 1994 com uma dupla conjunção Marte-Júpiter, nos dois sentidos do horóscopo da Independência e do horóscopo da final), mas provavelmente funciona bem em qualquer tipo de disputa. O problema é que não disponho de exemplos anteriores em que um aspecto inexistente na carta natal é criado acidentalmente pela intervenção de um ângulo do evento. Minha suspeita é de que deve funcionar positivamente (em outras disputas esportivas, este é um aspecto vencedor), mas é só uma suspeita.

Resumindo, o presidente tem nove polaridades provadas contra cinco de Lula. Ciro Gomes tem 16 polaridades. A quantidade não é sempre decisiva, mas é sempre um fator importante. Todos os três candidatos mostram fatores de rejeição pelo eleitorado, mas os de Lula são os mais intensos, e os de Fernando Henrique são tanto os mais angulares quanto os mais fracos.

O Brasil tem algumas razões astrológicas para se preocupar com o resultado dessa eleição de outubro de 1998, tanto no que se refere a Ciro Gomes, como no que se refere a Lula. É que algumas polaridades que eles exibem com os dois turnos das eleições significaram crises difíceis de resolver para governantes do passado.

Vamos começar com a que já nos referimos antes, a polaridade magnética, ativa mas instável criada pela oposição Urano-Urano de Ciro Gomes com os dois turnos da eleição. Antes dele, dois presidentes brasileiros foram eleitos com essa mesma oposição: Jânio Quadros, com os dois planetas no eixo vertical da eleição como Gomes, e Fernando Collor, com os dois planetas no eixo horizontal da eleição. Ambos renunciaram, talvez por razões diferentes, mas tendo algo em comum com Gomes: a busca de modernização e reformas com um partido pequeno e pouco apoio no Congresso.

Mas tradicionalmente — em condições diferentes de governo, é verdade —, a oposição Urano-Urano não significa renúncia ou ineficácia do governante. Três importantes imperadores romanos (Trajano, Adriano e Marco Aurélio) chegaram ao poder com esse aspecto em trânsito, como já vimos no capítulo 7, e não só foram efetivos como marcaram o ponto alto de suas dinastias. Os três tiveram que se defrontar com inimigos externos. Trajano e Adriano ficaram conhecidos por suas grandes obras e edifícios públicos. Marco Aurélio, como o último grande imperador romano.

Dois séculos depois de sua morte, Trajano continuava lembrado pelo Senado romano como o modelo entre os imperadores: senadores rezavam para que cada novo imperador tivesse mais sorte que Augusto, e fosse melhor que Trajano. Sua reputação chegou até a pena do poeta medieval vêneto Dante Alleghieri, pois é o único imperador pré-cristão que ganha um lugar no paraíso da *Divina comédia*. Já vimos que Adriano é considerado o homem mais educado que já ocupou um trono; apesar de excêntrico e às vezes violento, manteve o império estável e com fronteiras firmes por mais de vinte anos.

Dois reis ingleses ascenderam ao trono durante o mesmo aspecto Urano-oposto-Urano, como vimos no capítulo 6. Eduardo IV (1461-1470, 1471-1483) enfrentou dramática oposição política, que chegou a depô-lo por um ano, mas é descrito como um monarca capaz que encorajou o comércio e assinou vários tratados comerciais. E Maria I (1553-1558) conseguiu preparar algumas reformas que anteciparam o caminho para o luminoso reino de sua irmã Elizabeth I: reforma administrativa, melhoria na receita da alfândega, construção de estradas para melhoria das possibilidades de comércio.

Os temas comuns à oposição Urano-Urano, tanto em Roma como na Inglaterra, foram instabilidade, expansão das estradas e outras obras públicas de infra-estrutura, abertura comercial, modernização. A terceira repetição desse aspecto nas eleições presidenciais brasileiras em três décadas sugere que se trata de problemas que ainda não estão resolvidos.

A preocupação seguinte é com o duplo aspecto de Lula com os dois turnos da eleição: a violenta, repetida oposição Urano-Plutão. Um presidente brasileiro já se defrontou com metade disso antes, Artur da Costa e Silva, eleito com sua oposição natal Urano-Plutão sendo uma das pernas da polaridade sinódica que incluía a conjunção Urano-Plutão da data da posse. Ele morreu no posto (depois de ficar incapacitado com uma trombose), mas não sem antes preparar o caminho para a maior ditadura que o Brasil já teve, o Governo Médici armado com o Ato Institucional nº 5.

Nos últimos 3.000 anos, Urano fez oposição a Plutão no céu 23 vezes. Para se ter uma idéia dos efeitos com que o aspecto é associado, ficaram registrados em livros de história — nos períodos em que o aspecto está exato no céu — 34 guerras, do massacre dos tiranos de Esparta por Pelópidas e Epaminondas em Tebas (389 a.C.) até o início das táticas de guerrilha pelos boêres na China (1901). Apenas uma vez a oposição corresponde a um evento de paz: na assinatura do armistício de Jassey entre a Rússia e a Turquia em 1792.

O segundo evento mais freqüente com a oposição Urano-Plutão são as revoluções políticas: quatorze, da ascensão de Caio Graco ao posto de tribuno com a promessa de reformas que levaram a seu assassinato (Roma, 123 a.C.) à revolução inglesa de Oliver Cromwell, que levou à decapitação de Carlos I (1648); e da execução da rainha Maria Antonieta na Revolução Francesa (1793) ao assassinato do presidente americano William KcKinley por um anarquista (1901).

A dupla oposição angular Urano-Plutão caracterizou também a candidatura de Orestes Quércia na eleição presidencial de 1994, como a de Lula agora. Naquele episódio, Quércia ficou enfraquecido por disputas de poder (Plutão) pelo controle do partido (Urano), o PMDB. O mesmo pode ocorrer com Lula, que enfrenta dissidências no PT. Mas Quércia tinha ainda uma oposição de seu Saturno natal com o Sol da eleição, também quase dupla (doze graus separam os dois planetas no sentido inverso), e minha interpretação é de que a forte rejeição do eleitorado a sua candidatura estava simbolizada por isso.

As energias que se apresentam diante das eleições de outubro de 1998 no Brasil são, portanto, intensas e difíceis. Pelo menos se considerarmos que este longo levantamento realmente demonstra que o céu tem uma linguagem simbólica, que podemos interpretar e utilizar para a nossa evolução rumo a um mundo melhor – e portanto que a vida e o universo fazem sentida

Apêndice: FONTES DOS HORÓSCOPOS

Todos os horóscopos que ilustram este livro foram produzidos com arquivos gerados pelo programa de computador "Solar Fire" da Astrolabe Software, usando o sistema de casas Placidus.

1. Augusto César: Gaius Suetonius Tranquillus, *The Twelve Caesars*, Penguin Books, Londres, 1989, pág. 56. "Augusto nasceu imediatamente antes da aurora de 23 de setembro, quando Cícero e Gaio Antônio eram cônsules." Reproduzido e corrigido para 22 de setembro, para colocar a Lua em Capricórnio, na coleção de horóscopos eletrônicos de Arthur Blackwell, "The Blackwell Data Collection", Astrolabe Inc., Orleans, 1989.
2. Adriano César: Otto Neugebauer e H. B. Van Hoesen, *Greek Horoscopes*, American Philosophical Society, Filadélfia, 1987, págs. 90-91. Reproduzido e corrigido para "7h da manhã" em vez de "6h da manhã" por Blackwell, *op. cit.*
3. Luís XIV da França: Jean-Baptiste Morin, que assistiu ao parto, anotou "11h15 da manhã", conforme a reprodução do horóscopo em seu livro *Remarques Astrologiques sur le Commentaire de Centiloque de Ptolémée par Nicolas de Bordin*, Retz, Bibliotheca Hermetica, Paris, 1975, pág. 58. Blackwell, citando Morin, usa "11h11 da manhã". Numa biografia recente do rei francês, o horário citado é "11h20 da manhã": John Wolf, *Louis XIV*, W. W. Norton and Co., Nova York, 1968.
4. Georg Markgraf: J. D. North, "Georg Markgraf, an astronomer in the New World", em E. van den Boogaart (org.), *Johan Maurits van*

Nassau-Siegen 1604-1679 — Essays on the occasion of the tercentenary of his death, The Johan Maurits van Nassau Stichting, The Hague, 1979, pág. 421.

5. Jânio da Silva Quadros: comunicação pessoal ao autor em São Paulo, 1984. O filósofo e astrólogo Olavo de Carvalho dispunha de horário similar, obtido de outra fonte.
6. Tancredo de Almeida Neves: (a) livro da família Neves com o horário "3h20 da manhã", publicado pela imprensa; (b) comunicação pessoal de Tancredo a Thales Ramalho (em Brasília, 1984): "por volta das 4h da manhã", depois de conferir com uma irmã por telefone.
7. Paulo Salim Maluf: "2 horas da tarde", comunicação pessoal do governador ao autor em São Paulo, 1984.
8. Início do discurso de aceitação da candidatura presidencial de Tancredo pelo PMDB: anotação pessoal do autor cobrindo o evento para a *Gazeta Mercantil*, em Brasília, 12 de agosto de 1984, 14h09.
9. Horário inicialmente previsto para o começo da votação do Colégio Eleitoral em Brasília, 15 de janeiro de 1985, 15h: informação de Thales Ramalho ao autor em Brasília, 1984.
10. Horário modificado para o começo da votação do Colégio Eleitoral em Brasília, 15 de janeiro de 1985, 9h: anotação pessoal do autor cobrindo o evento para a *Gazeta Mercantil*.
11. Horário estimado para o discurso da posse de Tancredo Neves como presidente da República, 15 de março de 1985, 11h15 da manhã. Cálculo do autor com base no programa divulgado pelo Congresso Nacional.
12. Momento da internação de Tancredo Neves no Hospital de Base, Brasília, 14 de março de 1985, 22h25: anotação pessoal do autor cobrindo o evento para a *Gazeta Mercantil*.

13. José Sarney: (a) comunicação pessoal ao autor em Brasília, 1984: "por volta de 7h da manhã"; (b) Cartório do Registro Civil de Pinheiro (MA), informação ao autor por telefone: "7h20 da manhã."
14. Marly Sarney, informação pessoal da primeira dama ao autor em Brasília, 1987: "São Luís (MA), 4 de dezembro de 1931, 8h da manhã."
15. Roseana Sarney, informação pessoal da governadora ao autor em Brasília, 1987: "São Luís (MA), 1º de junho de 1953, 8h20 da manhã."
16. João Sayad, informação pessoal do ministro ao autor em Brasília, 1987: "São Paulo, 10 de outubro de 1945, 8h da noite."
17. Ivan de Souza Mendes, informação do Cartório de Registro Civil de Cordeiro ao autor em 1987: "Cordeiro (RJ), 23 de fevereiro de 1922, 2h da manhã."
18. Rubens Bayma Dennys, informação pessoal do general ao autor em Brasília, 1987: "Rio de Janeiro (RJ), 7 de junho de 1929, 3h da manhã."
19. Antônio Carlos Magalhães, informação pessoal do senador ao autor em Brasília, 1987: "Salvador (BA), 4 de setembro de 1927, 9:20 da manhã?"
20. Paulo Brossard, informação pessoal do ministro ao autor em Brasília, 1985: "Bagé (RS), 23 de outubro de 1924, 3h da tarde?"
21. Dílson Funaro, informação pessoal do ministro ao autor em Brasília, 1986: "São Paulo, 23 de outubro de 1932, 6h45 da manhã."
22. Francisco Osvaldo Neves Dornelles, informação do ministro ao autor em Brasília, 1985: "Belo Horizonte (MG), 7 de janeiro de 1935, 0h40 da manhã."
23. Luiz Carlos Bresser Pereira, informação do ministro ao autor em Brasília, 1987: "São Paulo, 30 de junho de 1934, 20h."

24. Maílson Ferreira da Nóbrega, informação do ministro ao autor em Brasília, 1987: "Cruz do Espírito Santo (PB), 14 de maio de 1942, 19h."
25. Ulysses Guimarães, informação do Cartório do Registro Civil de Rio Claro (SP) ao autor: "Rio Claro (SP), 6 de outubro de 1916, 21 h."
26. Leônidas Pires Gonçalves, informação pessoal do general ao autor em Brasília, 1987: "Cruz Alta (RS), 19 de maio de 1921, 10h da manhã."
27. Zélia Maria Cardoso de Mello, informação pessoal da ministra ao autor em Brasília, 1987: "São Paulo (SP), 20 de setembro de 1953, 18h30."
28. Bernardo Cabral, informação pessoal de Zélia Cardoso de Mello ao autor em Nova York, 1990: "Manaus (AM), 27 de março de 1932, 5h30 da manhã (horário de verão)."
29. Marcílio Marques Moreira, informação pessoal do ministro ao autor em Washington, 1988: Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1931, 7h30 da manhã (horário de verão).
30. Jarbas Gonçalves Passarinho, informação pessoal do ministro ao autor em Brasília, 1985: "Xapuri (AC), 11 de janeiro de 1920, 1h30 da manhã."
31. Itamar Augusto Gautiero Franco, informação atribuída à astróloga do presidente no programa *Fantástico*, da Rede Globo: "baía de Salvador (BA), 28 de junho de 1930, 23h." Data confirmada pelo músico e astrólogo Waldemar Falcão no site do Palácio do Planalto na Internet, em agosto de 1998.
32. Rubens Ricupero, informação pessoal do embaixador ao autor em Brasília, 1987: "São Paulo (SP), 1º de março de 1937, 18h30."
33. Fernando Henrique Cardoso: "meia-noite e 15", informação pessoal do então senador da República ao autor em São Paulo, 1984.
34. Início da eleição de 3 de outubro de 1994 em Brasília, informação do Tribunal Eleitoral: 8h da manhã.

35. Pedro Sampaio Malan, informação pessoal do ministro ao autor em Nova York, 1991: "Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1943, 10:10 da manhã."
36. Implantação do Plano Real, conforme informação da *Gazeta Mercantil*.
37. Anúncio do Plano Cruzado pelo presidente Sarney, anotação pessoal do autor cobrindo o evento para a *Gazeta Mercantil*. "Brasília (DF), 28 de fevereiro de 1986, 9h45 da manhã (horário de verão)."
38. Pérsio Arida, comunicação pessoal do economista à jornalista Angela Bittencourt: "São Paulo, 1º de março de 1951, 15h30 (horário de verão)."
39. André Lara Rezende, comunicação pessoal do economista à jornalista Angela Bittencourt: "Rio de Janeiro, 24 de abril de 1951, 11h45 da manhã."
40. José Serra, comunicação pessoal do ministro ao autor em São Paulo, 1985: "São Paulo, 19 de março de 1942, 2h da manhã."
41. Antônio Kandir, comunicação pessoal do ministro ao autor em Nova York, 1990: "São Paulo, 2 de fevereiro de 1953, 13h (horário de verão)."
42. Henrique II da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Mark Penfield, Compor' *Data*, Matrix Software, Big Rapids, 1988: 'te Mans, França, 5 de março de 1133, 23h55 (LMT)."
43. Edward Longshanks da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Penfield, já citada: "Londres, 17 de junho de 1239, 23h30)."
44. Henrique V da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Penfield, já citada: "Monmouth, 16 de setembro de 1387, 11h da manhã (LMT)."
45. Henrique VIII da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Penfield, já citada: "Greenwich, 28 de junho de 1491, 8h45 da

manhã (LMT)." Blackwell dá o mesmo horário, notando que é dos arquivos reais ingleses.

46. Elizabeth I da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Penfield, já citada: "Greenwich, 7 de setembro de 1533, 15h25 (LMT)." Blackwell cita Cyril Fagan, cuja fonte seriam os registros oficiais ingleses, com o horário "entre 3h e 4h da tarde".
47. Carlos I da Inglaterra, (a) na coleção eletrônica de horóscopos de Penfield, já citada: "Dunfermline, 26 de novembro de 1600, 23h18 (UT)." (b) O astrólogo inglês John Gadbury, nascido em 1627, usa o horário de "10h02:35" da noite em seu livro *The Nativity of King Charles*, James Cottrel, Londres, 1659, pág. 1 (cito a reprodução em fac-símile, 1974). (c) Blackwell usa o horário de "11h15 da noite" e lista duas outras fontes: (d) O horário é dado como "cerca de 11h da noite" no livro de David Calderwood, *True History of the Church of Scotland* (publicado em 1678); (e) O "Lloyd's Evening Post and British Chronicle", xi, 793 (do ano 1762) cita John Blinsele com o horário de nascimento para Carlos I "entre 11h e 12h da noite".
48. Jorge I da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Penfield, já citada: "Osnabrück, 28 de maio de 1660, 7h da manhã (LMT)."
49. Vitória da Inglaterra, no livro de Roger Elliot, *Astrology and the Royal Family*, Pan Books, Londres, 1977, pág. 31: "Palácio Kensington em Londres, 24 de maio de 1819, 4h15 da manhã (UT)."
50. Elizabeth II da Inglaterra, na coleção eletrônica de horóscopos de Blackwell, já citada, com base no anúncio oficial do escritório da casa de Windsor: "Londres, 21 de abril de 1926, 2h40 da manhã (BST, equivalente a 1h40 da *manhã UT*)." Elliot, no livro já citado, diz "1h40 da manhã" sem especificar o tipo de tempo usado.
51. Winston Churchill, na coleção eletrônica de horóscopos de Blackwell, já citada: "Palácio Blenheim em Woodstock, 30 de novembro de 1874, 1h30 da manhã (GMT)."

52. Charles de Gaulle, no livro de Catherine Aubier, *Dictionnaire Pratique d'Astrologie*, MA Editions, Paris, 1986, pág. 386: "Lille, 22 de novembro de 1890, 4h da manhã."
53. François Mitterrand, no livro de Gilles d'Ambra e Françoise Coppinger, *Les Signes d'Un President*, Fanval, Paris, 1987, pág. 36: "Jarnac (Charente), 26 de outubro de 1916, 4h da manhã."
54. John Kennedy, na coleção eletrônica de horóscopos de Blackwell, já citada, mencionando a certidão de nascimento do presidente: "Brooklin, 29 de maio de 1917, 15h." Em seu livro *Horoscopes of the U.S. Presidents*, American Federation of Astrologers, Tempe, 1971, pág. 149, Doris Chase Doane usa o horário de "15:15:28 da tarde", provavelmente retificado segundo sua opinião.
55. Bill Clinton, na coleção eletrônica de horóscopos Clifford, incluída no programa *Solar Fire*, Astrolabe, Brewster, 1997, com base nas informações da mãe de Clinton, Virginia Kelly, à astróloga Shelley Ackerman: "Hope, Arkansas, 19 de agosto de 1946, 8h51 da manhã"
56. D. Pedro I: conforme o livro de Simonetta Luz Afonso e outros, *D. Pedro D Alcântara de Bragança, 1798-1834 — Imperador do Brasil, Rei de Portugal*, Palácio de Queluz, Lisboa, 1988, pág. 89.
57. D. Pedro II: "1° de dezembro de 1825, às 2h30 da manhã", segundo a documentação do Palácio da Quinta da Boa Vista em São Cristóvão, no Rio de Janeiro.
58. Juscelino Kubitschek de Oliveira, informação do Cartório de Registro Civil de Diamantina ao autor: "Diamantina, 12 de setembro de 1902, 14h."
59. Humberto de Alencar Castello Branco, com base na informação de seu biógrafo americano Foster Dulles de que ele nasceu no final da noite de 20/21 de setembro de 1897.
60. Arthur da Costa e Silva, informação do Cartório de Registro Civil de Taquari ao autor: "Taquari, 3 de outubro de 1902, 1 h da manhã."

61. Emílio Garrastazu Médici, informação do Cartório de Registro Civil de Bagé ao autor: "Bagé, 4 de dezembro de 1905, 20h."
62. Ernesto Geisel, (a) data corrigida conforme informação do general-presidente a Maria Celina d'Araújo e Celso Castro (orgs.), no livro Ernesto Geisel, Fundação Getúlio Vargas Editora, Rio de Janeiro, 1997, pág. 17; (b) horário e data conforme informação do Cartório do Registro Civil de Bento Gonçalves ao autor.
63. João Figueiredo, conforme informação de seu arquivo transmitida ao autor pelo filósofo e astrólogo Olavo de Carvalho em 1985: "Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918, 2h08 da manhã."
64. Ciro Ferreira Gomes, informação do Cartório do Registro Civil de Pindamonhangaba (SP) ao autor em 7 de julho de 1998: "Pindamonhangaba, 6 de novembro de 1957, 9h da manhã." A mesma informação já constava anteriormente da página da astróloga Bárbara Abramo na Internet, citando um artigo do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Seja um Leitor Preferencial Record
e receba informações sobre nossos lançamentos.

Escreva para

RP Record

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20922-970

dando seu nome e endereço
e tenha acesso a nossas ofertas especiais.

Válido somente no Brasil.

Este livro foi composto na tipografia
Garamond em corpo 12/13 e impresso em papel
Offset 90g/m2 no Sistema Cameron da Divisão
Gráfica da Distribuidora Record.

A relação entre o estudo dos céus e o Brasil é muito mais antiga e profunda do que podemos imaginar. Poucos sabem disso, mas a astrologia brasileira tem a idade do país: o primeiro estudioso dos astros num tempo em que ainda não se separava a "logia" da "nomia" aqui chegou junto com Pedro Álvares Cabral. Mestre João de Castilha, médico, astrônomo, astrólogo e navegador, foi um dos primeiros ocidentais a usar o astrolábio como ferramenta de navegação astronômica, e por isso desempenhou papel importante no sucesso da expedição que aportou na costa da Bahia em 22 de abril de 1500. O responsável por sua inclusão na tripulação foi o Rei Dom Manuel, o Venturoso.

Os símbolos nacionais estão repletos de menções celestiais. A parte central da bandeira reproduz a posição do céu no instante da Proclamação da República. Nosso hino cita sóis brilhando no céu da pátria, lábaros estrelados e formosos céus onde a imagem do Cruzeiro resplandece, além do próprio verso que dá título a este livro.

Prestes a completar quinhentos anos de existência entre nós, este conhecimento tão polêmico e fascinante ganha uma contribuição inédita e fundamental. À luz do céu profundo é um dos mais completos e reveladores estudos sobre a relação entre astrologia e poder, escrito por alguém que vivenciou esta relação, primeiro como conselheiro informal, e depois como membro de uma equipe de governo.

Com seu texto claro e afiado por mais de trinta anos de jornalismo, Getúlio Bittencourt consegue traçar um panorama extenso da relação nem sempre amistosa entre astrólogos e políticos de todos os tempos. Numa linguagem que dispensa qualquer conhecimento prévio de astrologia, o autor conta sua dramática experiência como interlocutor do deputado Thales Ramalho, articulador da candidatura Tancredo Neves, e seu período como secretário de Comunicação Social do governo Sarney. Em seguida, já como espectador, lança seu olhar astrológico sobre os governos seguintes, chegando até o momento atual.

Uma qualidade primordial e digna de destaque em *A luz do céu profundo* é a maneira sutilmente revolucionária com que o autor aborda a questão das previsões astrológicas: com seu intelecto virginiano e portanto lógico e racional, Getúlio mostra como elas funcionaram no passado recente e no distante, e com isso desmonta uma leitura habitualmente mistificadora do papel do astrólogo na sociedade. Em vez de uma disciplina esotérica e misteriosa, a astrologia aqui está mais próxima de uma ciência social que procura estudar a interação do indivíduo e do coletivo com o universo que o rodeia a partir de uma ferramenta específica - o céu. Com isto, todas as revelações e previsões feitas ao longo do livro são apresentadas despojadas de qualquer caráter sensacional ou misterioso. São apenas astro-logia. A lógica dos astros. - Waldemar Falcão - Capa de Glenda Rubinstein

“Getulio me disse, meses antes, que Tancredo não tomaria posse a 15 de março de 1985.”

THALES RAMALHO
Deputado Federal
Ministro do Tribunal de Contas da União

“O meu horóscopo, que o Getulio me descreveu, é muito parecido comigo. Ele é também um dos mais talentosos jornalistas brasileiros de todos os tempos.”

JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República
Senador

“Ainda que cético, mas intrigado com os acertos de outras previsões do Getulio, não resisti e perguntei a ele se o Presidente Tancredo ia morrer em breve ou não. E, infelizmente, ele acertou até o dia.”

ROBERTO MÜLLER FILHO
Secretário de Ciência e Tecnologia de São Paulo (1993)
Chefe de Gabinete do Ministério da Fazenda (1986/1987)
Diretor de Redação de *A Gazeta* de Vitória, ES
Vice-presidente editorial do jornal *A Gazeta Mercantil* em 1985



05415/5